



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Centro de Humanidades
Mestrado em Sociologia

**VONTADE DE TER, VONTADE DE ACONTECER:
TRAJETÓRIAS E PROJETOS
DE JOVENS VINCULADOS A PROGRAMAS DE
POLÍTICAS PÚBLICAS**

MÁRCIA ASSUNÇÃO ARAÚJO

FORTALEZA – CEARÁ

2005

MARCIA ASSUNÇÃO ARAÚJO

**VONTADE DE TER, VONTADE DE ACONTECER:
TRAJETÓRIAS E PROJETOS
DE JOVENS VINCULADOS A PROGRAMAS DE
POLÍTICAS PÚBLICAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Léa Carvalho Rodrigues -
Universidade Federal do Ceará

FORTALEZA - CEARÁ
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

Título do Trabalho: **Vontade de ter, vontade de acontecer: trajetórias e projetos de jovens vinculados a programas de políticas públicas**

Autora: Márcia Assunção Araújo

Defesa em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Léa Carvalho Rodrigues - UFC
Orientadora

Prof^a. Dr^a. XXXXXXXXXXXX - UFC
Membro Efetivo

Prof^a. Dr^a. XXXXXXXXXXXX - UFC
Membro Efetivo

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Lynx e Leo,
estrelas-guia.

AGRADECIMENTOS

À Dra. Lea Carvalho Rodrigues, pela orientação a esse trabalho, mas, sobretudo pela paciência em lidar com meus argumentos. Também pela disponibilidade irrestrita e generosidade.

Aos Prof^{os}. Neyara Araújo, Domingos Abreu e Sulamita Vieira pela confiança depositada em minha proposta de pesquisa, por ocasião do processo seletivo para o Mestrado.

Ao Prof^o, Domingos Abreu pelas primeiras discussões sobre minha pesquisa, mas, sobretudo por ter sido o responsável pela minha iniciação à obra de mestre Bourdieu.

Aos prof^{os}. Auxiliadora Lemenhe, Daniel Lins, Domingos Abreu, Glória Diógenes, Irllys Barreira, Ismael Pordeus, Lucio Costilla, Linda Gondim, Lea Rodrigues e Neyára Araújo por terem contribuído para a minha formação durante o curso de Mestrado.

À Prof^a. Alba Pinho, pela generosidade nos primeiros momentos de construção do Projeto de Pesquisa.

À prof^a. Lucia Morales, por ter participado de seu curso sobre Geertz.

Ao Prof^o. José Machado Pais, exemplo de profissionalismo e sensibilidade, agradeço afetuosamente pelas sugestões ao meu trabalho e, sobretudo pela sua contribuição aos estudos sobre juventudes. Pela sua generosidade e produção científica, meus sinceros agradecimentos.

À Coordenação da Pós-Graduação em sociologia, em especial nas pessoas de Auxiliadora Lemenhe e Irllys Barreira, pelo compromisso com a gestão pública e os alunos, em especial.

Ao Aimberê e Socorro, pela presteza nas questões administrativas do curso de pós-graduação.

À Secretaria de Ação Social por ter me concedido licença para que eu pudesse cursar o mestrado.

À Coordenadora do Programa Somar, Ana Bandeira de Mello e meus colegas de trabalho sempre dispostos a contribuir por ocasião de minha pesquisa em campo.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

Aos meus colegas de turma, Alzira, Cícera, Irismar, Laécio, Vera, Vitória e Patrícia, companheiros desta aventura particular.

Ao João Marmelo, amigo recentemente encontrado em minhas viagens cibernéticas e já incorporado à minha lista afetiva. Em

especial pela contribuição a este trabalho me presenteando com a arte de Sísifo.

À minha irmã Mônica Gomes, pelo apoio e incentivo desde sempre e principalmente nesta fase final em que eu corria contra o tempo. Sem você tudo teria sido mais complicado. Obrigada pela generosidade e presteza.

À minha família, em especial meus filhos e sobrinhos, jovens que merecem um mundo mais justo.

Aos jovens do Programa Somar, que participaram da minha pesquisa, muitíssimo obrigada pela atenção e disponibilidade em conversar comigo. Em especial pelo entusiasmo e boa vontade com que compartilharam comigo suas estórias de vida.

A todos dedico esse poema de Maiakovski :

O Amor

**Um dia, quem sabe,
ela, que também gostava de bichos,
apareça
numa alameda do zôo,
sorridente,
tal como agora está
no retrato sobre a mesa.
Ela é tão bela,
que, por certo, hão de ressuscitá-la.
Vosso Trigésimo Século
ultrapassará o exame
de mil nadas,
que dilaceravam o coração.
Então,
de todo amor não terminado
seremos pagos
em inumeráveis noites de estrelas.
Ressuscita-me,
nem que seja só porque te esperava
como um poeta,
repelindo o absurdo cotidiano!
Ressuscita-me,
nem que seja só por isso!
Ressuscita-me!
Quero viver até o fim o que me cabe!
Para que o amor não seja mais escravo
de casamentos,
concupiscência,
salários.
Para que, maldizendo os leitos,
saltando dos coxins,
o amor se vá pelo universo inteiro.
Para que o dia,
que o sofrimento degrada,
não vos seja chorado, mendigado.
E que, ao primeiro apelo:
- Camaradas!
Atenta se volte a terra inteira.
Para viver
livre dos nichos das casas.
Para que doravante
a família seja
o pai,
pelo menos o Universo;**

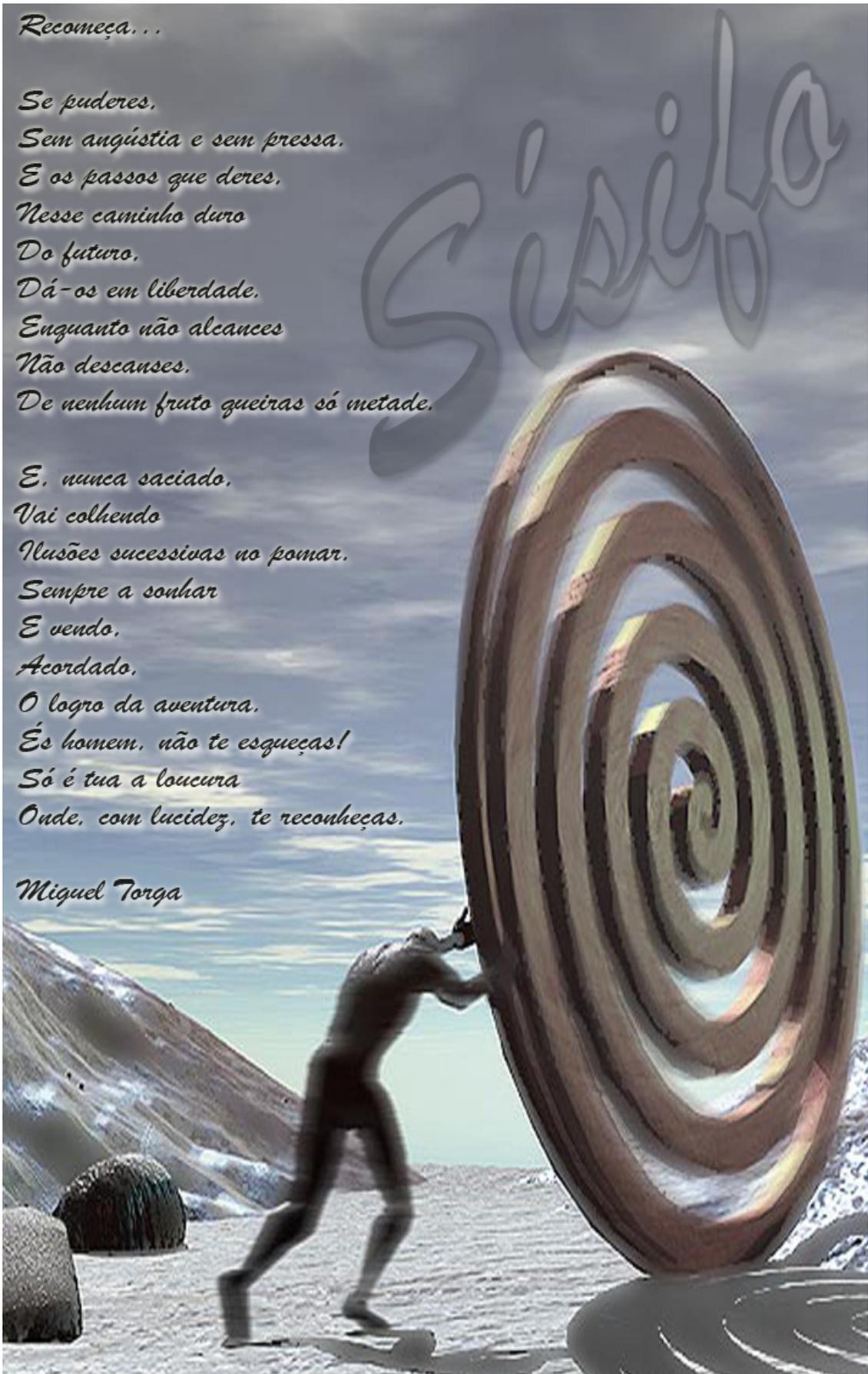
**a mãe,
pelo menos a Terra.**

Recomeça...

*Se puderes,
Sem angústia e sem pressa,
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanse,
De nenhum fruto queiras só metade.*

*E, nunca saciado,
Vai colhendo
Ilusões sucessivas no pomar.
Sempre a sonhar
E vendo,
Acordado,
O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças.*

Miguel Torga



RESUMO

Este trabalho é uma aproximação etnográfica aos modos de ser, pensar e agir de jovens vinculados a um programa de política pública de capacitação e inserção profissional. As temporalidades e as formas de passagem para a vida adulta são aqui discutidas tendo o trabalho como elemento estruturante nas trajetórias e projetos de vida juvenis. A pesquisa de campo foi realizada no Programa Somar – SAS, Fortaleza, Ceará, no período de abril a julho de 2004. Este Programa tem como proposta a qualificação profissional associada ao estágio em empresas públicas e privadas de jovens estudantes do ensino médio de escolas públicas, conforme legislação específica. A orientação metodológica apoiou-se em métodos e técnicas de caráter qualitativo, enfatizando os aspectos intersubjetivos dos fenômenos sociais. Foram realizados encontros com 11 jovens dentre estagiários e aprendizes, homens e mulheres. Observação participante e flutuante assim como entrevistas foram técnicas utilizadas para compreender e explicar o cotidiano de jovens trabalhadores e o impacto desta experiência na construção de seus projetos de vida e identidades. As análises das narrativas apontam para uma hibridização das formas de se operar os ritos de passagem para a vida adulta. O trabalho, como elemento estruturante dos projetos de vida desta parcela da população juvenil funciona como oportunidade de sobrevivência, mas também como espaço de sociabilidade, de significação subjetiva e construção de identidade. As considerações finais revelam as aproximações efetuadas ao cotidiano destes jovens e identificam elementos homogêneos quando se pensa a juventude segundo uma condição geracional, mas também que possibilitam interpretar esse segmento juvenil pelas especificidades do contexto em que estão inseridos.

Palavras chave: Juventude. Trabalho. Trajetória. Projeto de vida.

ABSTRACT

This work is an ethnographical approach to the way of being, thinking and acting of youngsters linked to a program of public policy of capacity and professional insertion. The temporality and the passageway to an adult life are discussed here having the work as the structuring element in the itinerary and projects of young lives. The field research was carried out in SOMAR PROGRAM – SAS, Fortaleza, Ceará, from April to July, 2004. This program has its aim the professional qualification associated with traineeship in public and private companies and young students of public high schools, according to specific legislation. The methodological orientation was based on methods and techniques of qualifying character, the inter-subjective aspects of the social phenomenon. The meetings were held with eleven youngsters. They were trainees and apprentices, men and women. Intermittent participation and observation as well as interviews were techniques used to understand and to explain the everyday life of young workers and the impact of that experience in the building of their projects of lives and identifies. The analyses of narratives point to a mixing of the forms of operation the rituals to the adult life. The work as a structural element of projects of life to this part of young population works not only as an opportunity of survival but also as a space of sociability, of subjective signification and building identity. The final considerations reveal the approximations realized in the everyday life of the young people and identify homogenous elements when we think of the young not only as a generational condition, but also as a segment which presents specifications of the context where they are inserted.

Keywords: Youth. Work. Trajectory. Project of life.

SUMÁRIO

RESUMO	ix
ABSTRACT	x
APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – PEREGRINAÇÕES METODOLÓGICAS	17
1.1 Perfis	30
CAPÍTULO 2 – O PROGRAMA SOMAR	51
2.1 O adolescente aprendiz	57
2.2 Estágio em empresas públicas.....	59
CAPÍTULO 3 – JUVENTUDE E TRABALHO	62
3.1 Crise do trabalho como questão social.....	65
CAPÍTULO 4 – JUVENTUDE E TEMPORALIDADE	72
4.1 Construção histórica de uma categoria	72
4.2 Ritos de passagem	80
4.3 Temporalidades juvenis	84
4.4 Identidades juvenis.....	86
CAPÍTULO 5 – PERSONAS	96
5.1 Trajetórias e família: múltiplas determinações	96
5.2 As descobertas e os encontros: sair para a vida	135
5.3 Projetos de vida: vocação e contingências	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	228

APRESENTAÇÃO

Este texto é resultado de minha pesquisa sobre o tema juventude e trabalho intitulada: **Vontade de Ter, Vontade de Acontecer: trajetórias e projetos de jovens vinculados a programas de políticas públicas**. Este estudo pretendeu compreender o cotidiano de jovens em experiências de trabalho e o impacto destas na construção de seus projetos de vida e identidades juvenis.

Algumas questões acerca do campo do trabalho configuraram os pressupostos iniciais da pesquisa que teve como recorte empírico jovens engajados no Programa SOMAR (P. S.), instituição vinculada à Secretaria da Ação Social do Estado do Ceará (SAS), cuja finalidade é atender jovens estudantes de escolas públicas, preparando-os para o mercado de trabalho formal.

O contexto atual de desemprego e de formas precárias de inserção no campo do trabalho atinge, em especial, os jovens. O ingresso de jovens pobres na condição de população economicamente ativa (PEA) ocorre, em geral, na faixa de 10 a 15 anos. Eles ocupam postos e atividades que são predominantemente incompatíveis com a frequência escolar, comprometendo, assim, as chances para ocupar postos mais qualificados, como parte das estratégias para alcançar uma mobilidade social ascendente.

O Programa SOMAR tem como proposta apoiar a qualificação profissional de jovens, ao mesmo tempo em que reforça a importância da frequência à escola. O paradigma da “empregabilidade” orienta as ações do Programa SOMAR, assim como as representações e práticas de uma parcela da população jovem, que a ele recorre em busca de um apoio individual para orientar suas trajetórias e projetos de vida.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) são considerados jovens, indivíduos cuja faixa etária se situa entre 15 e 24 anos. Esta definição, com ênfase no recorte etário, corresponde a um mecanismo arbitrário utilizado para fins de políticas públicas e censitárias.

Essa definição sugere uma homogeneidade fictícia que não dá conta da pluralidade de modos de vida juvenis, em função de outras variáveis, como região, classe social, nível de renda, gênero, capital cultural, escolar e social, estilo de vida e visão de mundo, etc.

O interesse desta pesquisa foi o de compreender o cotidiano de jovens que trabalham, ainda que na condição de estagiários. As abordagens sobre juventude oscilam entre uma visão que atribui a essa fase da vida uma transitoriedade com vista ao ingresso no mundo adulto, e outra que reconhece a juventude como uma condição social que ultrapassa a demarcação clássica, e a relaciona com uma visão de mundo e estilo de vida específico, que supera o seu “papel de limiar e passa a ser uma possibilidade que reponta ao longo da vida” (Ribeiro, 2004:27).

A pesquisa de campo foi realizada no período de abril a julho de 2004. A orientação metodológica apoiou-se em métodos e técnicas de caráter qualitativo, enfatizando os aspectos intersubjetivos dos fenômenos sociais. A observação participante e intemite¹ e as entrevistas foram às técnicas que favoreceram a atenção aos motivos, atitudes e pressupostos para compreender as trajetórias dos jovens. Este estudo não pretende ser exaustivo, e, longe de apontar generalizações, interessa interpretar as práticas juvenis em um contexto específico.

Foram realizadas 11 entrevistas com jovens vinculados às duas linhas de atuação do Programa SOMAR: estagiários e aprendizes. Procurei contemplar jovens de ambos os sexos. Os demais critérios para a seleção dos informantes, assim como o percurso metodológico está desenvolvido no primeiro capítulo.

Para efeito de apresentação, este texto foi estruturado da seguinte maneira:

No capítulo 1: PEREGRINAÇÕES METODOLÓGICAS – apresento a minha experiência no campo de investigação e os desafios para realizar o que eu chamo de um rito de passagem para o estatuto de pesquisadora social. Comento as técnicas e métodos de coleta de dados, e a opção em investigar a vida cotidiana de jovens, tomando o trabalho como um elemento estruturante em suas trajetórias de vida.

¹ A observação participante nas sociedades contemporâneas, notadamente quando se trata da mesma do observador, se dá muito mais como uma “observação flutuante e intermitente” já que o pesquisador não reside com os pesquisados por longo tempo, mas os acompanha regularmente em lugares e por períodos de tempo delimitados. A distância, nesse sentido, passaria a ser de caráter moral e não temporal ou espacial. Outro aspecto destacado por Goldman sobre a pesquisa nas sociedades contemporâneas seria a observação flutuante que, tal como a escuta flutuante do psicanalista, é mister estar o pesquisador sempre atento para os eventos que ocorrem no campo. Aqui, olhar e escuta, mas não somente, se misturam para compor a observação intermitente (Goldman, M. Anuário antropológico, 93. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995).

No capítulo 2: O PROGRAMA SOMAR – descrevo o perfil dos jovens atendidos pelo Programa SOMAR, assim como o Programa em si, destacando o contexto histórico de sua criação e as linhas de atuação.

No capítulo 3: JUVENTUDE E TRABALHO – apresento uma reflexão do tema a partir das categorias de Pierre Bourdieu. *Habitus*, campo do mercado de trabalho e o papel do Estado como agente singular na condução das políticas públicas com o objetivo de atenuar os riscos de exclusão que assombra esta parcela da população jovem.

Acrescento uma discussão acerca da crise do trabalho formal como decorrente da crise do modo de produção capitalista. Esta é parte da dimensão explicativa, conforme o “círculo hermenêutico”, do contexto no quais os jovens pesquisados estão inseridos. Aponto alguns indicadores sobre a questão ocupacional juvenil e as conseqüências da crise do campo do trabalho formal para a questão social.

Vale destacar que a prática do estágio implica no exercício de um trabalho, embora não seja considerado um emprego. Emprego é a função, o cargo ou a ocupação remunerada exercida por uma pessoa. A oferta total de emprego em um determinado sistema econômico está relacionada com aquilo que se produz, da tecnologia empregada como também da política econômica governamental e empresarial adotada.

Trabalho, por sua vez, é toda atividade humana voltada para a transformação da natureza visando à satisfação de necessidades. Na sua forma atual, o trabalho assume o caráter do assalariamento, isto é, a forma pela qual o indivíduo vende sua força de trabalho para sobreviver. O trabalho é um fator de produção e, por ser produtor de mercadoria, contribui para a produção de mais-valia, reveste-se de elemento essencial na medida de valor de uma determinada mercadoria².

Outro conceito aqui bastante utilizado refere-se a campo de trabalho. Recorro a Bourdieu (2002) para a definição dessa categoria. Segundo o autor, campo social seria o espaço onde se dão as relações objetivas dos indivíduos, de acordo com a posição que cada um ocupa em determinada interação. Sendo assim podem existir variados campos, conforme vão sendo realizadas estas relações sociais: campo intelectual, das artes, do trabalho, *etc.* (Bourdieu, 2002).

² Fonte: SANDRONI, Paulo. Dicionário de Economia. S. P.: Abril Cultural, 1985. 459p.

As principais questões acerca do tema e que serviram de orientação para a realização da pesquisa podem ser expressas nestas que chamo de questões norteadoras: *Qual o sentido da capacitação profissional e do estágio na vida destes jovens? Como vão sendo construídas suas identidades/identificações a partir destas práticas? Quais as especificidades destes jovens, no que se refere às culturas juvenis?*

A discussão sobre juventude e trabalho, embora esteja estruturada como uma abordagem teórica sobre os fenômenos sociais mais amplos, tem como objetivo elaborar um diálogo aproximado com as falas e as práticas dos jovens pesquisados.

No quarto capítulo: JUVENTUDE E TEMPORALIDADE – encontra-se uma breve sistematização da construção histórica da categoria juventude, como sendo um produto da modernidade. Aponto as discussões clássicas e contemporâneas sobre juventude como uma fase de transição para a vida adulta e os principais elementos que caracterizam o rito de passagem para a vida adulta.

As temporalidades juvenis são repensadas tomando como referência os tempos linear e cíclico como componentes das trajetórias juvenis e o impacto destas experiências com a temporalidade para a construção de seus projetos de vida.

As identidades juvenis são discutidas tendo como pressuposto que a constituição das subjetividades juvenis é decorrente de uma complexa negociação com diferentes esferas da vida social.

No quinto capítulo, PERSONAS – são apresentadas as narrativas dos jovens articuladas ao diálogo com autores que trazem luz às questões levantadas pelos jovens. São interpretações a partir das narrativas de vida e realizo uma aproximação etnográfica aos modos de vida de um segmento específico no âmbito das diversas culturas juvenis.

As considerações finais mais do que apontar respostas, pretendem revelar as aproximações efetuadas ao modo de vida cotidiana destes jovens e identificar elementos que possibilitem considerar aspectos homogêneos assim como a diversidade que encerra as vivências de cada jovem tomado em sua singularidade, isto é, dentro do que se denomina de “tipicamente juvenil” nas suas trajetórias e que se configurariam numa cultura juvenil específica. As análises apontam para uma hibridização das formas de se operar os ritos de passagem para a vida adulta. O trabalho, como elemento estruturante dos projetos e identidades desta parcela da população juvenil funciona como oportunidade de sobrevivência, mas também como espaço de sociabilidade, de significação subjetiva e construção de identidades.

A questão levantada pela presente pesquisa é a de delinear as singularidades da condição juvenil, ao mesmo tempo biológica e social, e, portanto, histórica, pois datada no tempo e num espaço específico. Em alguns aspectos ser jovem é abreviar o tempo do descompromisso, da moratória, e assumir estatutos atribuídos aos adultos. Por outro lado, a inserção em outros espaços de sociabilidade proporciona o delineamento de variadas dimensões da vida pessoal e social e conferem aos jovens uma constante negociação entre os seus projetos de vida e o contexto social.

1. PEREGRINAÇÕES METODOLÓGICAS

“Existe no estar perto
de homens e de mulheres,
e no olhar para eles
e em sentir o contato e o cheiro deles,
alguma coisa que faz bem à alma.
À alma todas as coisas fazem bem,
mas isso faz à alma um grande bem”.

Walt Whitman

A proposta inicial desta pesquisa foi compreender o cotidiano de jovens vinculados a programas públicos de inserção no mundo do trabalho e o impacto desta experiência na construção de seus projetos de vida e identidades juvenis. Procurei explorar, no sentido antropológico, os modos de vida específicos e as práticas cotidianas que expressam significados e valores de determinados comportamentos juvenis. De acordo com Pais (1993), culturas juvenis são resultados de processos de socialização, tanto no sentido de transmissão de normas quanto no sentido de reprodução/modificações destas normas:

“Cultura entendida como um conjunto de significados compartilhados; um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire um sentido. Esses significados compartilhados fazem parte de um conhecimento comum, ordinário, cotidiano” (Pais, 1993:56).

Para conhecer alguns aspectos da cultura juvenil tornou-se necessário estudar os jovens a partir de seu contexto de vida, nos aspectos cotidianos. É no curso de suas interações que os jovens constroem formas sociais de compreensão do mundo que se articulam com determinados contextos sociais.

Recorri a métodos e técnicas de investigação de natureza etnográfica, pois permitem a aproximação do contexto individual destes jovens em sua cotidianidade. Pretendi compreender os significados que os jovens conferem às suas práticas, pensamentos e representações acerca do trabalho e as diversas implicações que decorrem das interações entre os jovens e o contexto em que estão inseridos.

Os dados foram coletados por meio da observação participante, diário de campo e entrevistas individuais, assim como documentos e estatísticas, propiciando um registro amplo do contexto.

A opção de investigar os jovens na perspectiva da vida cotidiana assume o desafio de assegurar a pluralidade de variáveis referenciadas pelos jovens em suas narrativas. A perspectiva da vida cotidiana permite ver como a sociedade se realiza na dimensão dos indivíduos (Pais, 2003:123), e, dessa forma, revelar a dinâmica das “múltiplas realidades” (Schutz, 1997) que se apresentam aos jovens deste estudo.

A vida cotidiana é a vida do tempo cíclico, do ritmo diário de acordar, realizar atividades, como trabalhar, estudar, encontrar amigos, freqüentar a igreja, etc. É o tempo que se usa para se reproduzir, conforme destaca Heller:

“A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. [...] Nela colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade” (Heller, 1972:17).

Diz Heller que o homem já nasce enredado na cotidianidade, e o seu amadurecimento implica na sua capacidade de assumir, ao longo da vida, as habilidades imprescindíveis para viver a vida de forma autônoma. Realmente, existe uma expectativa da sociedade para que o jovem desenvolva as habilidades das funções atribuídas aos adultos, condição que sinaliza uma completa socialização.

Nesse sentido, a vida cotidiana condensa uma temporalidade em que as etapas das fases da vida são divididas segundo uma hierarquia de papéis sociais. Heller cita cinco atributos que definem a essência humana, segundo o ponto de vista do materialismo histórico. São eles: o trabalho, a socialidade, a universalidade, a

consciência e a liberdade. Estes atributos estão dados aos indivíduos apenas potencialmente, e se realizarão conforme a consciência dos homens seja capaz de romper com a cotidianidade para realizar a sua característica de “ser genérico”.

Escolhi abordar a vida cotidiana dos jovens, mais especificamente a partir de suas experiências com o trabalho, para, dessa forma, ressaltar os traços homogêneos que orientam suas ações como também as singularidades de cada estória de vida. Assim, seria possível observar características semelhantes entre estes jovens e ressaltar aspectos que em suas particularidades compõem as suas trajetórias de vida. Desse modo, aspectos subjetivos são percebidos ao mesmo tempo em que sinalizam um contexto histórico particular.

O período de coleta de dados e da experiência em campo durou cerca de três meses (abril a junho de 2004). Realizei observação em campo e entrevistas com doze jovens, sendo três estagiários e nove aprendizes. Procurei contemplar estagiários e aprendizes, homens e mulheres. Os estagiários eram aqueles lotados no Programa SOMAR (P. S.) e regidos pelas cláusulas que regulamentam estágios em instituições públicas conveniadas à Secretaria de Ação Social. Os aprendizes eram alunos dos cursos de Turismo e Auxiliar de Supermercado.

O início do trabalho de campo configurou-se numa verdadeira peregrinação, tanto no sentido de divagar, quanto no sentido de percorrer terras distantes e nunca visitadas. A demarcação do campo investigativo não se deu de imediato, conforme planejado anteriormente. Explico por que: inicialmente, pretendia investigar os jovens estagiários lotados em empresas, públicas ou privadas, com exceção do Programa Somar, ao qual eu sou vinculada, (embora estivesse afastada há cerca de um ano, para dedicar-me, exclusivamente, ao curso de Mestrado na UFC).

A decisão de excluir o espaço do P. S. para realizar a pesquisa de campo era uma forma de exercitar um estranhamento mais amplo com o campo, haja vista que, conhecendo a equipe do P. S. e a dinâmica das práticas dos jovens neste espaço, eu poderia desviar minha atenção para uma suposta análise de políticas públicas, por exemplo.

Em razão das férias de alguns servidores do P. S. e do recesso escolar dos estagiários, os meses de janeiro e fevereiro foram dedicados a buscar um campo que se apresentasse fértil ao mesmo tempo em que houvesse uma abertura, por parte da equipe de acompanhamento dos estagiários, para que eu pudesse freqüentar com certa desenvoltura, o espaço de trabalho dos jovens.

A sede da Secretaria de Ação Social parecia-me adequada para realizar a pesquisa, porquanto o fato de ser servidora desta Secretaria facilitaria o meu acesso às dependências do órgão. Nesse espaço aconteciam outras dinâmicas às quais eu não estava envolvida, e que poderiam ser relegadas a um segundo plano, posto que o meu interesse fosse acompanhar a rotina dos jovens estagiários e os significados destas práticas para a construção de seus projetos de vida.

A coordenação do P. S. considerou que, naquele momento, o acompanhamento dos jovens estagiários estava passando por uma avaliação e não seria um bom espaço para pesquisar. Estava explícita uma preocupação com a pesquisa como uma suposta avaliação do Programa, risco que os principais executores do Programa prefeririam evitar, e que me fez pensar em velhos ditados, como “Santo de casa não faz milagres” ou “Casa de ferreiro, espeto é de pau”. Por que a dificuldade em organizar primeiro o seu próprio espaço, para só então arriscar outros horizontes? Fica registrada a questão para aqueles que quiserem responder.

Retomei o processo de garimpagem para a escolha de um outro local que atendesse aos meus critérios, que, embora subjetivos, acreditava serem relevantes. Outras Secretarias de Estado foram cotejadas e descartadas, seja por questões internas a elas (ausência de servidores, por motivo de férias ou licença), seja por impasses administrativos que impediam a renovação dos termos de compromisso dos estagiários e a publicação em Diário Oficial das portarias que autorizavam a contratação de novos estagiários. Os impedimentos burocráticos provocavam uma quebra das atividades das Secretarias, assim como o reconhecimento da contribuição dos estagiários para a realização de tarefas. Os poucos jovens que ainda estavam estagiando estavam dispersos por vários setores e prédios e isso inviabilizaria uma articulação sistemática dos jovens para fins de pesquisa.

Foi sugerido, então, que eu investigasse os jovens engajados no Programa Aprendiz, recém implantado pela Secretaria de Ação Social. Estes jovens são contratados por empresas privadas para realizarem a parte prática dos cursos profissionalizantes ofertados pelo P. S. Ocorre que o número de aprendizes por empresa é reduzido e o acesso a estas empresas não poderia se dar livremente.

Ensaiei pesquisar os aprendizes lotados em uma empresa de ensino superior e outros lotados no setor administrativo de um grande *shopping center*. A empresa de ensino superior foi até muito receptiva com a minha proposta, ao passo que os responsáveis pelo shopping colocaram algumas dificuldades para que eu acompanhasse os jovens. Em ambos os casos senti que estavam sendo colocados os direitos destas empresas em não ter estranhos nas suas rotinas diárias.

O responsável pela primeira empresa pensou que minha presença seria tal como numa visita de supervisão de rotina, por parte dos técnicos do P. S. Em outra empresa, do setor público, depois que eu me identifiquei e expliquei meus propósitos, o responsável tomou a iniciativa de chamar um estagiário, indicou-me uma sala vazia e disse: “Pode conversar com ele à vontade”. Expliquei que não seria um contato rápido com os jovens, mas um período de convivência maior.

Esta proposta não foi bem vinda: pairava uma forte sensação de que eu estava sendo uma intrusa e que estes espaços, principalmente da área privada, não estavam disponíveis para serem “observados”, muito embora eu tenha deixado sempre bem claro que minha intenção era estudar exclusivamente os jovens e não a de realizar uma avaliação do Programa.

Estes impedimentos provocaram em mim uma crise. Pensei até em redirecionar minha investigação para os jovens que experimentam a precarização do trabalho em atividades de guardar carros ou limpar vidros nos cruzamentos de algumas ruas próximas à minha casa. Alguns destes jovens eu já conhecia e, com certeza, estariam mais receptivos para minha proposta do que estes representantes das burocracias, insensíveis às minhas questões. Cheguei a sondar alguns deles que de pronto aceitaram minha idéia de conversar sobre suas histórias. Aqui mais uma vez senti o quanto têm de interesse e necessidade de falarem de si e, no caso, para uma pessoa

que aparentemente tem tudo de diferente deles: faixa etária, situação econômica, cultural, *etc.*.

Voltei ao P. S. para tentar encontrar uma saída e resolvi reavaliar meus critérios para a escolha do campo. Decidi desprezar as influências que a minha familiaridade com o espaço do P. S. poderia ter. Para isso, retomei a leitura do meu projeto de pesquisa e de textos que problematizam a proximidade do pesquisador com o objeto de sua investigação. As noções de exotismo e familiaridade expressam os dilemas do pesquisador no seu encontro com culturas diferentes.

Esta discussão, clássica, e cara ao ofício de etnólogo, é retomada por Velho e Da Matta. As palavras de Da Matta, apoiadas num diálogo com Velho podem ser ilustrativas para o salto de sensibilidade que o pesquisador deve realizar, por ocasião da pesquisa em sua própria sociedade (e no meu caso, no meu local de trabalho, sem que ele esteja diretamente em foco, mas parte da minha prática, na qualidade de técnica do Programa):

“Posso mesmo argumentar que o sentido do familiar e do exótico é complexo, precisamente porque os dois termos não devem ter uma implicação semântica automática. Daí a necessidade de realizar a sua transformação para poder emergir a postura antropológica. Conforme indiquei acima, mas não custa elaborar um pouco mais, é preciso transformar o familiar no exótico (ou seja: é necessário questionar, como faz Velho, o que é familiar, para poder situar os eventos, pessoas, categorias e elementos do nosso mundo diário à distância) do mesmo modo que é preciso questionar o exótico (e fazendo isso, conforme sugere igualmente Velho, podemos muito bem ali descobrir o conhecido e o familiar). Mas devo observar tais questionamentos não são realizados pelo senso comum, mas pelo investigador munido de um conjunto de problemas que deseja submeter ao escrutínio da razão” (Da Matta, 1981:160).

Assim, realizei um processo de reinversão dos meus critérios anteriores. Conhecer o P. S. como técnica poderia implicar num certo grau de familiaridade no sentido de fazer parte de minha experiência profissional, mas nada garante que eu tenha esgotado todos os graus de familiaridade (acho mesmo que é impossível esgotá-los), ou que eu tenha conseguido sistematizar todos os eventos que este universo social pode onde ser um estudo exaustivo da condição juvenil. Longe de apontar generalizações, este estudo pretende lançar mão da análise interpretativa para compreender as práticas e visões de mundo de alguns jovens situados em um contexto específico.

A orientação, buscada na hermenêutica, foi a de tentar compreender os motivos pelos quais os jovens agiam desta maneira, e não de outra forma. Esta passou a ser o fio condutor de minhas observações e entrevistas. Interessava compreender as razões que os jovens atribuem às suas ações, os significados que estas têm para eles e que remetem a um dado contexto, produto da ação social.

A presença constante nas atividades do grupo significa um envolvimento do pesquisador. Nesse sentido, a observação participante é sempre ativa, já que não pode prescindir da interferência inevitável do observado que “maximiza sua participação, no sentido de obter uma melhor qualidade dos dados, e integra seu papel com outros papéis dentro da situação que observa participativamente” (Haguette, 2000:73).

A conquista da confiança por parte dos jovens deu-se principalmente pelo tempo dispensado para estar com eles, assistindo às aulas ou acompanhando suas atividades rotineiras. Desse modo, fui rompendo com uma premissa básica da pesquisa científica que é a de estabelecer uma distância mínima que garanta a objetividade (Velho, 1978:36). Optei por tentar “pôr-me no lugar do outro” sem, no entanto, transformar-me no outro, conforme sugere a clássica proposição de Malinowski (1978), e, desse modo, captar as estruturas do mundo da vida, nos termos de Schutz (Pais, 2003:135), dirigindo minha atenção para as intenções e os motivos que levam os jovens a adotar as práticas em que constroem suas trajetórias.

Segundo Cardoso (1997), a partir dos anos 80, as pesquisas das Ciências Sociais, passam a valorizar o estudo microscópico, em contraposição às grandes explicações estruturais que dominaram até a década de 70. A observação participante, técnica utilizada como parte da metodologia qualitativa, rompe com o pressuposto da neutralidade do pesquisador e reinventa a empatia como forma de compreender o outro. Assim, o momento da coleta de informações favorece a reformulação de questões norteadoras e, ao mesmo tempo, a redescoberta de novas pistas:

“Nesta relação o pesquisador se envolve completamente e por isso seus valores ou sua visão de mundo deixam de ser obstáculos e passam a ser condição para compreender as diferenças e superar o etnocentrismo” (Cardoso, 1997:102).

A observação participante, como aqui realizada, complementa os dados obtidos durante as entrevistas. Para entender as representações e as práticas dos jovens,

apenas o diálogo não é suficiente. Nesse sentido, observar a ação dos jovens, contribui para alargar o discurso. “É esta fala na ação que lhe permite captar o rotineiro, o decisivo, e o conflitivo, o que tem forma e o que não tem, o oficial e o espontâneo, o público e o privado” (Zaluar, 1997:102).

Observei assim, a indignação de um jovem aprendiz que, após um mês trabalhando numa instituição de ensino superior, viu sua carteira de trabalho ser assinada como auxiliar de serviços gerais, quando o que ele esperava, pela função que desempenhava como operador de fotocopiadora era ter o registro de auxiliar administrativo. Para este jovem, o registro de uma função mais elementar na hierarquia do trabalho poderia comprometer sua inserção no mercado de trabalho.

Iniciei a minha frequência ao P. S. transformando em “curiosidade científica” a familiaridade advinda de meu papel de servidora da instituição. Acompanhei as atividades da equipe de supervisão para entrar em contato com as questões que envolviam as rotinas de trabalho dos jovens. Este é o setor responsável pelo acompanhamento dos jovens nas empresas assim como pelo cumprimento das cláusulas acordadas nos convênios com as empresas. O conhecimento prévio da equipe não impediu o desencadeamento de um período crítico na minha estréia como pesquisadora. De repente, senti-me como que desamparada. Não sabia por onde começar. Os manuais de metodologia, as discussões na academia, tudo parecia se evaporar da minha memória. Por onde começar? Onde estavam as minhas “perguntas de partida”? (Quivy e Campenhoudt, 1992).

Aproveitei a familiaridade com alguns servidores para acompanhar as atividades de rotina. Aos poucos, os jovens foram se acostumando à minha presença e eu passei a estar mais tempo com eles. Assistia o desenrolar das atividades dos estagiários e às aulas dos aprendizes. Deixei de representar o papel de alguém “de fora” e passei a fazer parte integrante do lugar, mas não tanto: sempre aparecia alguém mais sagaz que perguntava de onde eu vinha e o que eu estava a fazer ali realmente.

Lembrei dos relatos de Malinowski (1978) sobre o seu desembarque na costa sul da Nova Guiné. Sentimentos de fracasso e desânimo o acompanharam até que conseguisse estabelecer um contato mais próximo com os nativos. O desafio da proximidade juntou-se ao dilema que eu já vinha experimentando, em função da

distância entre a minha idade e as dos sujeitos de minha pesquisa. Este fato foi despertado quando assistia pela TV à um seminário de políticas públicas para a juventude, e um jovem da platéia questionou a mesa - diga-se de passagem, formada por pesquisadores renomados no tema – sobre a prevalência de não-jovens na abordagem de questões de interesse direto de jovens.

Então, é preciso ser jovem para investigar jovem? Deveria eu mudar de tema? E se eu justificasse a mim mesma o velho ditado de que “juventude é um estado de espírito”? Esse argumento valeria para aprovar meu trânsito em um campo onde eu não invisto do mesmo status daqueles a serem investigados?

Geertz (2003) em seu ensaio: “Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico” aborda esse dilema. O autor recorre ao escândalo que irrompeu no meio científico, a publicação póstuma do diário de Malinowski. Nesse diário, Malinowski põe por terra o mito de que o pesquisador deve se tornar um “nativo”, para que possa conhecer a fundo uma cultura. Geertz ressalta que a contribuição de Malinowski para a antropologia foi menos uma questão ética e mais uma questão de natureza epistemológica. Como é possível ver a cultura do outro quando não se faz parte desse universo?.

Para Geertz, o antropólogo deve estabelecer uma conexão entre o ponto de vista do outro e a do pesquisador: “O que é importante é descobrir que diabo eles acham que estão fazendo” (Geertz, 2003:89). Assim, o que importa é a capacidade de “espectador” do antropólogo para entender o que eles estão fazendo e os significados destas experiências, segundo os seus próprios sistemas simbólicos:

“Em suma, é possível relatar subjetividades alheias sem recorrer a pretensas capacidades extraordinárias para obliterar o próprio ego e para entender os sentimentos dos outros seres humanos. Possuir e desenvolver capacidades normais para estas atividades é, obviamente, essencial, se temos esperança de conseguir que as pessoas tolerem nossa intrusão em suas vidas ou de que nos aceitem como seres com quem vale a pena conversar” (Geertz, 2003:106).

Importa então, mais do que uma preocupação em me metamorfosear em jovem, é desenvolver habilidades que facilitem estar com eles, compartilhando experiências e, para tanto, é imprescindível sentir-se aceita no grupo. Acho que consegui relativo êxito nessa empreitada. Todos se mostravam interessados em conversar comigo.

Muitas vezes, eu sentia que estar com eles era como estar participando de um jogo, cujas regras só vão sendo conhecidas à medida que se joga. Sentia que quando eu aparecia, eles lançavam mão de gestos e expressões para se fazer notar, tal qual um pavão por ocasião da corte. Este lance pode ser um indicador das estratégias que estes jovens adotam, no campo do mercado de trabalho, para enfrentar a competitividade. Fazer-se notar para adentrar em um campo ou, quem sabe para sair de um campo, no caso em questão, romper com a rotina das aulas e retirar-se para conversar um pouco comigo, como eu vinha fazendo com alguns?

Quando as aulas se tornavam interessantes, devido às dinâmicas ou trabalhos em grupos, os jovens participavam com maior entusiasmo. Nessas horas eu não teria êxito em retirar alguém da sala para conversar. Eram momentos lúdicos, em que eles se divertiam em representar papéis em pequenas peças teatrais ou confeccionar cartazes para apresentar ao grupo. Aproveitava então para observar os modos como eles negociavam a resolução das tarefas, as manifestações de seus pontos de vista sobre diferentes temas, como por exemplo, sexualidade, gênero, trabalho, enfim, sobre diversas formas de relações sociais. Estas impressões foram sendo confirmadas através da entrevistas individuais.

Eu observava, mas ao mesmo tempo, era observada. Esse aspecto reforça o ponto de vista daqueles que discutem a observação participante como uma técnica de interferência no meio social. Eu não poderia passar despercebida e eles interagiam conscientes da minha presença. A minha ausência também era percebida pelos jovens. Quando eu faltava por algum motivo, ou mesmo se eu não participava das atividades de um grupo, eles questionavam: “Onde você estava?” ou “Por que não ficou aqui ontem?”.

Eu não tinha uma função definida na rotina da instituição, mas havia uma expectativa, por parte destes jovens, sobre as minhas atividades: quem eu iria entrevistar? Por que escolhia estar um dia na recepção e outro dia no curso de turismo? Alguns chegavam a indicar colegas para as entrevistas. O que eu pretendia estando ali, conversando com uns e outros? Essa era uma questão que eles colocavam para si, mas que, aos poucos eu fui percebendo. A observação participante permite uma liberdade para praticar o campo conforme o ritmo dos acontecimentos.

Acompanhava o preenchimento, pelos jovens, dos termos de compromissos que celebravam o engajamento numa empresa. Esse era um momento de muita expectativa e os jovens demonstravam ansiedade para iniciar uma nova fase em suas vidas. A partir daí eles passariam a ter contato com pessoas diferentes, novas experiências e aprendizado, assim como a esperança de receber remuneração por uma atividade. Situação concreta de uma etapa em seus projetos de vida, ao mesmo tempo individual e familiar. Não era raro encontrar pais ou mães acompanhando os filhos neste momento, muito embora não fosse exigida a presença do responsável para o preenchimento dos termos (a assinatura de um responsável, no caso de filhos menores de dezoito anos, poderia ser efetivada em casa).

Convivi com a rotina de trabalho dos jovens estagiários lotados no P. S. Assisti a reuniões promovidas pelo serviço social, que se tratavam, em geral, de orientação sobre o desempenho no trabalho, frequência, assiduidade, pontualidade, etc. Observava a rotina de trabalho, conversava com eles e, sempre que possível, instigava-os sobre temas relacionados com minha investigação. Os jovens aprendizes foram acompanhados por mim durante os cursos que eles frequentavam, no horário da tarde.

A escolha dos informantes obedeceu a critérios que permitissem obter boas informações. Observava os jovens ao mesmo tempo em que era observada. Alguns demonstraram maior simpatia ou interesse em contribuir com minha investigação. Certa vez, no dia seguinte à minha ausência ao curso de turismo, um jovem dirigiu-se a mim afirmando ter sentido a minha falta, o que foi confirmado pela instrutora. Em vendo-o tão desenrascado, decidi convidá-lo para ser entrevistado. A entrevista foi proveitosa e reconheci que apostar em critérios subjetivos na escolha dos informantes pode ser um bom caminho.

A realização de boas entrevistas através de um discurso extraordinário já estaria, segundo Bourdieu, em gestação, pelas próprias condições de vida do entrevistado, especialmente quando ele se situa num contexto de múltiplas carências. Nesse sentido, o entrevistado apenas aguardava uma ocasião especial para oferecer seus testemunhos, e, dessa forma, ser uma expressão das estruturas objetivas que orientam as suas trajetórias. Assim, o entrevistado, longe de ser um instrumento do pesquisador, é o condutor da entrevista e realiza aquilo que Bourdieu denomina de “felicidade de expressão” (Bourdieu, 2001:704-5).

Assim, as entrevistas, com a maior parte dos jovens, foram acontecimentos. Os jovens se depararam com um espaço onde puderam organizar seus pensamentos e fazer avaliações acerca de suas práticas cotidianas. Os jovens manifestaram suas dificuldades para conciliar a rotina diária e os sentimentos ambivalentes decorrentes de suas escolhas. Outro jovem aproveitou a oportunidade para abordar os conflitos que vem enfrentando para assumir sua condição homossexual. Enfim, diversos aspectos das suas vidas foram abordados, quando, inicialmente, o foco era a trajetória em relação ao mundo do trabalho.

Realizei onze entrevistas com duração média de uma hora e meia. Os critérios para a escolha dos entrevistados foram:

1. Relação empática: aqueles jovens que se mostravam mais interessados na minha proposta de estudo e que se aproximavam voluntariamente, pois era importante que as entrevistas pudessem fluir livremente, sem muitas reticências...
2. Vínculo com o P. S.: interessava contemplar as duas áreas de atuação do P. S. para jovens estudantes de ensino médio, estagiários e aprendizes, como estratégia para perceber se existia percepções homogêneas, ou não, a partir da forma de inserção no trabalho;
3. Critério de gênero: contemplei meninos e meninas, numa tentativa de verificar se existem diferenças, determinadas pelo gênero, na construção dos seus projetos de vida.

As entrevistas aconteceram depois de um mês de trabalho de campo, quando eu já estava mais integrada à rotina e a curiosidade dos jovens, devido à minha presença, também já estava mais atenuada. Escolhi realizar as entrevistas numa sala desocupada, para dessa forma, evitar riscos de interferências ou constrangimentos. Esclareci sobre o caráter sigiloso de nossas conversas e da substituição de seus nomes por outros fictícios

Procurei criar um clima favorável que minimizasse a diferença de papéis – entrevistador/entrevistado – e possibilitasse que esse espaço fosse agradável a ambos, principalmente para o jovem que, por diversas ocasiões, vêem suas vidas sendo “invadidas” pelos técnicos da instituição.

Ao estabelecer esse espaço para os relatos dos jovens, cada entrevista se tornou única, refletindo a singularidade de cada um. As interferências se davam quando eu precisava de uma melhor explicação sobre algum fato. Esse espaço de escuta demonstrou ser bem-aceito pelos jovens. De um lado porque, falar de si, ser submetido ao poder do inquérito operado pelas instituições, conforme análise de Foucault (2003), já se tornou rotina em suas vidas. De outro lado porque a entrevista representa um momento/espço para o jovem se reconhecer e ser reconhecido. Algumas entrevistas assumiram um tom emocionado, assinalando o risco de que o momento da escuta fosse confundido como uma escuta terapêutica.

O estado emocional do informante, suas atitudes e seus valores são informações do senso comum e que, durante o processo de análise dos dados, devem ser considerados e distinguidas das construções teóricas que orientam a pesquisa (Cicourel, 1990:110).

Eu iniciava a entrevista falando um pouco do meu interesse de pesquisa, das minhas experiências de trabalho, inclusive ressaltando que, como eles, eu havia começado a trabalhar, ainda bem jovem, em estágios, etc. Pedia que eles falassem de suas trajetórias até chegar no P.S, das experiências de trabalho anterior, projetos de vida (se tivessem), sonhos, relações com a família, escola. Perguntava sobre o trabalho que eles estavam fazendo, suas rotinas na semana e as formas com que ocupavam o tempo livre e fins-de-semana. Em seguida, ligava o gravador e deixava-o falar à vontade. As interrupções se davam, em geral, para tentar esclarecer alguma coisa ou retomar o fluxo das idéias, reforçando, assim, o caráter dialógico desta relação.

As perguntas das entrevistas, e ao longo das conversas informais, tiveram sempre a intenção de buscar detalhes acerca das atividades e representações dos jovens sobre suas vidas cotidianas. As perguntas “por que” influenciariam as respostas dos jovens para justificativas e explicações, ao passo que, centrando as perguntas nos “como”, facilitaria a reconstrução de suas histórias de vida e parte do trabalho analítico dos discursos produzidos já estariam sendo interpretados pelos próprios jovens. Diz Becker a respeito das perguntas por ocasião dos encontros com os pesquisados:

“As perguntas que sondam em busca de detalhes concretos de eventos e suas seqüências produzem respostas que são menos ideológicas e mitológicas, e

mais úteis para a reconstrução de vivências e eventos passados” (Becker, 1997:164).

Realizei cerca de três entrevistas por semana, intercalando com observação participante das diversas atividades do P. S. A transcrição das fitas se dava logo em seguida. Era importante ter ainda bem “frescas” as sensações produzidas pelo encontro com os jovens. E, no caso de alguma dúvida ou esclarecimento, o contato, ainda recente, poderia ser retomado sem que isso se constituísse numa “chamada à realidade” tão brusca.

Optei por analisar cada entrevista separadamente com o objetivo de retratar a singularidade das trajetórias de cada jovem. Procurei destacar as narrativas de cada jovem como expressão das múltiplas subjetividades, ao mesmo tempo em que são representativas de um determinado contexto social.

1.1 Perfis

A pesquisa empírica realizou uma aproximação etnográfica aos modos de vida e às interpretações que os jovens elaboram acerca de suas vidas e se constitui no que Levi (1996) denomina de “ato dialógico”. Segundo o autor, o diálogo se realiza numa “comunidade de comunicação” que, pelo seu caráter hermenêutico, aponta para as estórias de vida dos jovens pesquisados como uma forma de narrativa a ser interpretada pelo autor e, vão sendo construídas na pesquisa como expressões de subjetividades que ultrapassam as informações sobre o contexto social que elas invocam.

O sujeito das narrativas não se constitui no único intérprete de sua própria vida e, o que se estabelece então é uma rede de intersubjetividades que vão sendo iluminadas e tramadas pelas diversas análises que autores, aos quais recorri, realizam acerca da realidade social.

Destaco, inicialmente, os perfis dos 11 sujeitos analisados nesta pesquisa para, em um momento posterior, colocar suas narrativas como ato interpretativo.

Acredito que, dessa forma, ao me referir à cada estória de vida, o leitor terá construído o retrato dos sujeitos pesquisados, evitando assim a repetição dos aspectos mais elementares que cada estória de vida é apresentada-representada aqui.

Ainda que seja impossível dar conta da diversidade e complexidade que as estórias de vida encerram para a pesquisa social e o conhecimento científico, as diversas abordagens biográficas tentam articular a vida dos indivíduos ao contexto social, reforçando a análise de Bourdieu de que não existe oposição entre indivíduo e sociedade (Bourdieu, 1990).

A “ilusão biográfica”, ensaio de Bourdieu (2002) sobre o tema argumenta que o ponto de vista do senso comum, que entende a vida e a sua narrativa são comumente representadas como um caminho, um trajeto linear, unidirecional, cujas etapas acompanham o ciclo da vida, pressupondo assim um começo, meio e fim. A ordem cronológica que pretende dar conta das histórias de vida é ao final uma forma de organizar os acontecimentos no âmbito de uma lógica em que a causa primeira e um objetivo a ser perseguido estabelecem relações inteligíveis (Bourdieu, 2002:184).

A propensão de tornar os relatos de vida significativos e obedientes a uma ordem cronológica foi também verificada por ocasião das narrativas de vida dos jovens desta pesquisa. Sem que lhes fosse solicitado uma ordem cronológica de suas estórias, ficou bem claro uma demarcação do tempo tendo o ingresso no P. S. como referente a um antes e um depois em suas trajetórias biográficas.

Por outro lado, a temporalidade linear fica suspensa quando algum jovem se detém em aspectos de sua estória de vida que estão necessitando estabelecer um campo de significação imediato para gerirem suas trajetórias. O caso de André e sua condição sexual, o caso de Miguel com sua família e sua arte, ou mesmo o dilema entre vida e morte vivido por Rita, como veremos no decorrer do texto, é bem ilustrativo de que as trajetórias de vida ocorrem por caminhos que se entrecruzam, por ruas sem saídas e pelas descobertas de novos atalhos para liberar o fluxo de suas caminhadas ao longo da vida.

As abordagens biográficas tratam em essência de apontar as articulações entre as estórias individuais e o contexto social da qual emergem. O interesse nessa

perspectiva foi de evidenciar as experiências dos jovens, sujeitos da pesquisa, e não a reconstrução de suas vidas. A narrativa empreendida por um sujeito, de sua estória de vida, é um recurso favorável à busca de significados sobre si e sobre o grupo social, assim como o tempo histórico que demarca suas estórias. Narrar sua vida pode ser uma forma do sujeito definir-se frente à vida, esteja ou não consciente disso.

Assim, a temporalidade inscrita nas narrativas dos jovens pode ser interpretada como atos manifestos em linguagem oral e gestual. Os sentidos atribuídos às suas vidas foram compartilhados comigo e reconhecido, tal como Bourdieu (2002), que se constituíram numa criação artificial de sentidos para as suas trajetórias e experiências de vida. Evocação e reflexão foram articuladas pelos sujeitos. Ao mesmo tempo, as estórias de vida são como um farol a iluminar a dimensão objetiva do contexto social e, portanto informam sobre a estrutura social.

Do ponto de vista epistemológico, a estória de vida é um produto do ponto de vista do sujeito em função da demanda do pesquisador. Nesse sentido, a neutralidade do pesquisador no campo é retirada de cena à medida que ele vai estimulando o sujeito a evocar memória, fazer reflexões que por fim, serão interpretadas. A abordagem biográfica aqui se situa no que Levi (2002) classifica de hermenêutica, primeiro porque toda estória de vida é uma forma narrativa e deve ser interpretada como tal. Segundo porque coloca em cheque a questão da autoria, no sentido de que as narrativas dos sujeitos aqui pesquisados são, em certa medida, interpretações que o pesquisador constrói sobre suas vidas.

Nos encontros para registrar as narrativas sujeitos tive a preocupação de delimitar suas narrativas em função das questões a serem respondidas na pesquisa, mas isso não foi impedimento para que outros aspectos de suas vidas fossem adquirindo relevo conforme a importância que cada evento significava para a reconstituição das estórias de vida de cada jovem. São, portanto interpretações pessoais de experiências articuladas ao contexto social vivido.

Ao longo das narrativas vou denominando-as de “estórias de vida” e não “histórias de vida” uma vez que se trata de pôr em relevo uma parcela da vida de cada sujeito segundo as questões propostas no tema da pesquisa. Segundo Kofes (1994), a estória de vida, tal qual abordada nas ciências sociais tem as seguintes características:

são relatos motivados pelo pesquisador, implicando num contato presencial entre pesquisado e pesquisador; é delimitada pelos conteúdos narrados pelos jovens, sem ter que necessariamente recorrer a outras fontes; é concernente aos eventos que estejam articulados ao tema da pesquisa.

Assim sendo, tive como preocupação metodológica recompor as singularidades das experiências dos jovens desta pesquisa para dessa forma articular as trajetórias individuais como via analítica para a produção do conhecimento social.

Perfil 1: Vitória

Vitória tem 17 anos, cursa 2º ano do Ensino Médio e é aprendiz do curso de supermercado. Ela trabalha diariamente em uma grande rede de supermercados. A família de vitória morava em um sobrado, no bairro do Meireles, próximo ao programa SOMAR. Os avós e tias, assim como um dos irmãos de Vitória, morava no andar de baixo e, no andar de cima, morava Vitória com os pais e mais dois irmãos.

Os pais estão separados há quase dois anos e Vitória foi, juntamente com seu irmão mais novo, morar com a mãe num bairro próximo e, recentemente, mudou-se para um bairro mais distante, mas que, segundo ela, com um aluguel mais barato e uma casa em melhores condições, na qual cada um possui seu próprio quarto.

A mãe sempre trabalhou como empregada doméstica. O pai de Vitória passou por diferentes profissões – pedreiro, porteiro, bombeiro hidráulico – até cair definitivamente no alcoolismo, resultando em instabilidades emocionais e financeiras que implicaram na separação destes.

Apesar do apoio dos avós paternos e tias, Vitória diz ter vivido sempre com muita dificuldade financeira. As constantes brigas dos pais deixaram os filhos abalados, também, emocionalmente e a separação dos pais foi, para Vitória, uma conquista da paz para ela, sua mãe e seu irmão, mesmo tendo que enfrentar maiores dificuldades financeiras.

Os dois irmãos mais velhos de Vitória passaram por experiências com drogas e um deles foi pai ainda na adolescência. Segundo Vitória, tudo decorrente de um ambiente familiar conflituoso. Ela e a mãe se voltaram a um movimento Católico, Shalom, e, por essa conversão Vitória entende que passou a enfrentar melhor as dificuldades da vida. Ela diz que nunca fugiu dos problemas nem da tentativa de resolvê-los. Assim, Vitória sempre apoiou a mãe pela sua dedicação e luta para criar os

filhos. Vitória ajudava nas tarefas domésticas, já que a mãe se ausentava todos os dias para o trabalho.

A vontade de “ter” foi, para Vitória, um propulsor para frequentar um curso oferecido à comunidade pela rede de supermercados em que sua tia trabalhava. Foi pelo bom desempenho de Vitória neste curso que ela foi encaminhada para o curso de aprendiz de supermercado de o Programa SOMAR. Apesar de não haver vinculação entre o curso e a vaga de aprendiz, Vitória não deixou escapar a chance de se destacar procurando ter um bom aproveitamento, que possibilitasse a conquista de uma vaga no mercado de trabalho. Essa atitude lhe rendeu comentários por parte dos colegas do curso, chamando-a de “puxa-saco”. Vitória considerou que empenho e dedicação seriam estratégicos para enfrentar a competição implícita entre os alunos.

Esse curso serviu para que vitória saísse dos limites de sua casa e escola. Segundo ela, foi a forma que ela encontrou para vencer a timidez e despertar nela a vontade de vencer e conquistar melhores condições de vida.

Percebi em Vitória esse desejo de vencer sempre baseado em sua trajetória sofrida, como o alcoolismo do pai e a revolta dos irmãos por não puderem ter o que queriam. Assim Vitória foi abrindo mão de seus desejos e de pedir coisas para si, priorizando sempre às exigências dos irmãos. Vitória diz que um de seus irmãos chegou a estudar em escola particular, tentou vestibular e não passou. O fracasso de seus irmãos por uma colocação no mercado de trabalho ou de seguir a carreira universitária são atribuídos por Vitória como desinteresse por parte dos irmãos já que, segundo ela, não lhes faltava competência para alcançar melhores condições de vida.

Nesse clima familiar instável Vitória afirma não ter tido tempo para passar pelas crises pelas quais os adolescentes geralmente passam. Enfrentar os problemas, abrir mão de algum conforto, a levou a superar seus limites e buscar aprendizado que lhe permita contribuir para melhoria nas suas condições de vida.

A rotina extenuante de Vitória não exclui uma participação efetiva no movimento Shalom, pelo menos duas vezes por semana ela frequenta reuniões e missas, administrando sem muitas queixas seu tempo tão corrido. Mesmo assim, Vitória deixou escapar um sentimento de tristeza e dor ao mesmo tempo em que alimenta o sonho de um dia poder cursar medicina. “Sempre teve dificuldade lá em casa, mas a gente sempre soube administrar isso.”

Vitória se veste de modo simples, sem muitos adereços nem indício de quem se dobra aos apelos das “ondas” que a moda produz. Ela é uma pessoa discreta e

não valoriza muito a aparência. Vitória tem um namorado que mora no mesmo bairro que seu pai. Seu namorado estuda, frequenta o Shalom e trabalha como comerciante de roupas na feira de artesanato da beira-mar. Esse ponto de venda era administrado pela mãe dele, mas, depois que o pai adoeceu de AIDS, a mãe passou essa atribuição ao filho. Isso não impediu, segundo Vitória, que seu namorado se dedicasse a cuidados com o pai sentindo, ao mesmo tempo, falta de apoio por parte da mãe. Vitória diz que seu namorado se sente sobrecarregado desde a morte do pai, pois foi designado pela mãe para garantir o sustento da casa enquanto a mãe se dedicava aos afazeres domésticos. Vitória comenta que a mãe de seu namorado é muito materialista e ele se sente pressionado a trazer diariamente uma apuração mínima para ser reconhecido pela mãe. Essa atitude da sogra para seu namorado é motivo de conflito e de uma avaliação negativa da sogra por parte de Vitória. Vitória e o namorado buscam, na religião, um apoio emocional para administrar os conflitos familiares.

Perfil 2: Gilda

Gilda tem 16 anos, cursa o 2º ano do Ensino Médio, e faz o curso de hotelaria no P. S. Seu estágio se realiza em um hotel na Avenida Beira-Mar.

A família de Gilda é composta pelos pais e um irmão um ano mais velho que ela. O pai de Gilda é analfabeto e, por isso, ela diz que ele experimentou em sua vida profissional, diversas atividades precárias. No momento, seu pai está ocupado em um bar de sua propriedade, adaptado à entrada da casa de Gilda. A mãe de Gilda tem o ensino Médio completo e trabalha, há alguns anos, como promotora de vendas de uma empresa que fornece brindes e abadas para eventos como o Fortal, por exemplo. Sua mãe tem rendimentos superiores a R\$1.800,00, segundo disse Gilda, mas para obter esses rendimentos sua mãe segue uma rotina estressante, saindo de casa bem cedo com as sacolas de demonstração dos produtos só retornando para casa à noite, já muito cansada. Gilda diz que devido ao ritmo de trabalho de sua mãe, o pai assumiu desde sempre os cuidados com a casa, cozinhar, limpar, lavar, tarefas tradicionalmente atribuídas às mulheres, se inverte na casa de Gilda porque sua mãe tem uma melhor colocação no mercado de trabalho que o seu pai.

Diz Gilda que os pais sempre se preocuparam com os estudos dos filhos para que eles não repetissem a trajetória limitada e precária do pai. A mãe, quando chegava em casa à noite, costumava verificar as tarefas dos filhos, atividade que o pai,

mesmo incentivando, não poderia arcar por conta de seu analfabetismo. Diz Gilda que já tentou por diversas vezes ensinar o pai a ler, mas que “ele é cabeça dura!”.

O bar do pai funciona com a contribuição de Gilda na preparação de lanches. A mãe ajuda aos finais de semana, como hostess, recebendo os amigos e clientes e procurando atendê-los nas suas solicitações. É no fim de semana que o movimento aumenta, e todos de casa ajudam, na preparação do churrasco, por exemplo. A família da mãe de Gilda costuma freqüentar a casa dela aos fins de semana, tanto movimentando o bar quanto a casa de Gilda. Diz Gilda que a mãe costuma oferecer fartos almoços à família e pelos quais não aceita contribuição financeira ou de mantimentos.

Diz Gilda que a mãe é “mão aberta”, generosa demais e que todo o dinheiro que ganha é gasto tendo em vista o conforto e o bem-estar da família. Nesse sentido a mãe de Gilda se nega a fazer uma poupança para o futuro e, pelo fato de seu pai ser dependente financeiramente da esposa, isso causa certa insegurança nos filhos. O irmão de Gilda manifesta, segundo ela, certa revolta por esta situação e buscou na religião evangélica um apoio emocional para sua rebeldia. Diz Gilda que agora ele está mais conformado, já que não reclama tanto do pai quanto antes, mas, por outro lado, deixou de lado uma perspectiva de trabalho para dedicar-se, exclusivamente, à Igreja. Diz Gilda que o seu irmão sonha em ir embora para a África para dedicar-se, como missionário, àqueles que sofrem com a fome.

Gilda tem um tipo físico esguio, é alta e magra, chama a atenção pelo seu jeito desinibido e de movimentos soltos e leves. Ela diz ter freqüentado curso de modelo e teatro e que seu sonho é cursar uma faculdade de artes cênicas. Dentre outras atividades, Gilda também confecciona bijuterias como forma de aumentar sua renda, já que sonha em morar fora do Estado. Segundo ela, a profissão de ator reclama um investimento muito alto, geralmente circunscrito aos jovens de classe média. Gilda iniciou um curso de teatro e interrompeu por não poder pagá-lo. Assim mesmo, Gilda não abdicou de seu sonho e preparou, inclusive, um álbum de fotografias, certificados na área de representação e modelo, tendo em vista se cercar de alguns requisitos básicos para o ingresso na área.

Enquanto seu sonho não se realiza, Gilda buscou o P. S. e freqüenta o curso de hotelaria. Ela diz estar aberta para aceitar qualquer oportunidade de trabalho e curso porque reconhece a necessidade de ter sua carteira de trabalho assinada indicando experiências para que ela possa mais adiante conquistar outras oportunidades no

mercado de trabalho. “... podia ser o que fosse, eu tinha de aceitar”. A questão financeira ou o apelo do mercado de trabalho? Como compreender as incursões de Gilda em tantas experimentações? A versatilidade de Gilda é traduzida nos seus gestos, na sua forma de se vestir e nas passagens por cursos ligados à representação. Outra experimentação de Gilda foi a de cantora em uma banda de amigos do bairro. Tocavam aos fins de semana nos restaurantes do bairro.

Esse modo de ser, de experimentar diversas *personas*¹ começou bem cedo para Gilda. Segundo ela conta, a rua e as brincadeiras de criança foram seu primeiro palco: “tenho caras e bocas”. Assim Gilda se define e sabe dos desafios para ocupar um espaço em que possa ser socialmente reconhecida. A conclusão do ensino médio, uma faculdade de artes cênicas e cursos de língua estrangeira estão entre os desafios de Gilda no momento, como condição, segundo ela, de “ser agregada socialmente”. É como se Gilda ainda não tivesse uma existência social enquanto não puder se definir por uma profissão de destaque entre seu leque de opções. Gilda diz ter sentido na pele o efeito da concorrência para conquistar um espaço no campo das artes cênicas, quando ela participou de uma seleção para atuar num filme, sendo eliminada, segundo diz, por não saber falar espanhol. Essa oportunidade de seguir a carreira artística, sua vocação, foi perdida, segundo ela, para “filhinhos de papai”, que, por terem tempo e dinheiro, puderam investir em cursos e viagens. Os pobres, segundo Gilda, m estão condenados aos postos de trabalho mais elementares e são impedidos de sonhar mais alto.

A avaliação que Gilda faz de sua condição social e daqueles que têm mais posses, opera, para Gilda, como uma “chamada à realidade” nos termos utilizados por Bourdieu, e, nesse sentido, ela está disposta a aceitar qualquer proposta de trabalho e emprego. A experiência no hotel é, para ela, uma forma de se “acostumar desde cedo” com um modo de vida e um ritmo que lhe toma todo o tempo, mas que serve como um aprendizado para a vida futura. Essa decisão de ter seu tempo ocupado para preparar-se enquanto trabalhadora não se dá sem conflitos, já que a diversidade de experimentações a faz perceber que não pode dedicar-se, como gostaria as suas atividades eletivas. Repentinamente Gilda passou a refletir sobre o seu tempo e o direcionamento que tem dado aos seus projetos. Escola e trabalho, segundo ela, atrapalham e impedem de seguir

¹ Segundo Elias, *persona* seria o equivalente do indivíduo moderno, palavra de origem latina que se afigura como as máscaras pelas quais os indivíduos se representavam (Elias, 1994). A noção moderna de *persona* seria bem recente, decorrente da modernidade e refere-se ao indivíduo em sua totalidade, aquele que tem conhecimento de si, indivisível, como substância e matéria, sujeito de direito, racional, consciente, humano (Mauss, 1974).

seus sonhos, mas opera como uma imposição da qual ela não escapa, ou escapou até o momento.

Perfil 3: Rita

Rita tem 16 anos, cursa 2º ano do Ensino Médio, é aluna do curso de hotelaria do P. S. e faz estágio em um hotel da avenida Beira-mar na função de recepcionista. Rita é uma menina bonita e muito vaidosa. Fala com uma voz mansa, está sempre bem-penteada e maquiada, destacando o colorido de seus olhos azuis e cabelos loiros.

Observando-a durante as aulas do curso de aprendiz em hotelaria, ela me chamava atenção por suas colocações sempre amadurecidas, demonstrando ser muito segura de si ao mesmo tempo em que revelava, sub-repticiamente um jeito de ser meigo sonhador. Rita demonstra ser o tipo de pessoa que acredita naquilo que faz e no que pode conseguir por esforço próprio.

Certa vez, quando a instrutora falava acerca da postura adequada ao trabalho, em especial para as mulheres, por serem as mais vulneráveis à sedução por turista, Rita se colocou como bem consciente dos riscos ao mesmo tempo que imune a esses assédios. Ela demonstrou certa descrença num sonho de Cinderela e uma crença num esforço pessoal para conquistar seu espaço no campo do mercado de trabalho.

Ao conversar com Rita e ouvi-la falar sobre sua vida, pude perceber o custo que foi para essa menina construir uma visão de mundo tão clara e descomplicada. Experiências de trabalho desde os dez anos de idade e ser portadora de uma doença genética que lhe implica em diversas internações hospitalares durante o ano, o risco iminente de morte, a perda recente de um irmão provocada pela mesma doença e a separação dos pais quando criança são elementos marcantes em suas narrativas de vida.

Os pais de Rita se separaram quando ela tinha nove anos, e seu irmão mais novo, cerca de três anos. A mãe já tinha dois filhos de um relacionamento anterior e tiveram, com o pai de Rita, mais três filhos. A separação dos pais de Rita foi provocada pela intolerância do pai em relação aos enteados, tratando-os de forma diferente dos seus filhos. O pai de Rita é evangélico e essa atitude foi analisada por sua mãe como sendo contraditória para um homem que se dizia tão religioso. Esse comportamento contraditório do pai provocou em sua mãe uma descrença em relação às religiões, principalmente as evangélicas. Rita pretendia, e ainda pretende seguir a religião do pai, mas é impedida pela mãe que alega que, enquanto estiver sob sua tutela exige de Rita

um afastamento de tais crenças. Rita conta que várias vezes ia para a igreja domingo à noite e, quando voltava para casa encontrava a porta fechada e ficava impedida de dormir em casa, causando-lhe o constrangimento de buscar abrigo na casa de amigas e vizinhas para só retornar para casa na manhã seguinte. Essa atitude da mãe de Rita passa a ser contraditória com o caráter “liberal” que Rita afirma que sua mãe tem quando se refere às suas saídas à noite para festas ou atividades extra-escolares, como piqueniques.

Segundo Rita, a mãe libera os filhos quando estes completam dez anos, isto implica que Rita e seus irmãos começaram a trabalhar nessa idade incentivados pela mãe, justificada pela necessidade de criar responsabilidade. Nesse sentido, para poder comprar roupas, sapatos ou participar de algum evento, os filhos são levados a trabalhar bem cedo. Rita já lavou louças e varreu casas de vizinhos para conseguir dinheiro para suas despesas, assim como para ajudar nas despesas domésticas. A mãe de Rita não trabalha e a pensão de alimentos do pai de Rita era insuficiente para cobrir todas as despesas. A cooperação pelo trabalho de cada filho resultou na ampliação da casa de Rita assim como na compra de móveis e eletrodomésticos.

A rigidez da disciplina imposta pela mãe foi bem ilustrada por Rita quando ela narrou uma dieta alimentar que todos da casa tiveram que seguir com o objetivo de perder peso. Essa decisão tomada pela sua mãe resultou para Rita a perda de seis quilos e não foi muito diferente para os demais da casa. Até mesmo o irmão pequeno perdeu peso. Esses “castigos” que a mãe imputa para todos em casa são, geralmente direcionados para um dos filhos, mas que são estendidos a todos para evitar diferenciações. São atitudes que criam uma rede de solidariedade entre os irmãos nos quais a “pena” foi distribuída. É interessante observar que Rita sempre avalia sobre o lado positivo essas atitudes radicais da mãe, e não é diferente o modo como Rita enfrenta outros aspectos de sua vida, como, por exemplo, sua frágil saúde.

A doença hereditária que Rita tem não a faz desistir de sonhar com o curso de medicina, assim como de casar e ter seus filhos: “eu quero construir minha vida para frente.” Com essas palavras Rita aposta numa trajetória exitosa e repleta de desejos, projetos e sonhos. Rita lembra que a religião a ajudou a distinguir o bem do mal e a traçar um projeto de vida sem muitos riscos, dos quais ela aponta a gravidez precoce. Para Rita, ver jovens, como ela, comprometidas ainda cedo com a maternidade reaviva sua decisão de planejar cada etapa de sua vida.

Rita descarta os queixumes dizendo que isso faz mal à sua saúde e evita chorar, mesmo tendo de enfrentar um tratamento de saúde em que as crises e

internações fazem parte de sua rotina. Rita diz que aproveita um dia de folga do trabalho para agendar sua transfusão de sangue, rotina mensal que ela evita tornar pública para não ser identificada como uma pessoa doente e, por isso, merecedora de atenção especial ou diferenciada.

A solidariedade entre vizinhos, por ocasião da morte de seu irmão, foi algo que deixou Rita muito emocionada. Diz ela que sempre contaram com a ajuda dos vizinhos, seja para conseguir um trabalho, seja para receber donativos para atenuar as dificuldades da família. Rita conta, inclusive, que seu trabalho na fábrica de cintos do bairro é uma manifestação da bondade de seu patrão: “ele não nega nada a ninguém...”. Rita trabalhou nessa fábrica à custa de um agravamento de sua saúde. O contato com produtos químicos utilizados no fabrico dos cintos lhe custou internações por anemia e problemas respiratórios. Ainda assim Rita entende como uma bondade do patrão essa oportunidade ainda quando tinha 12 anos.

Outras manifestações de solidariedade dos vizinhos são descritas por Rita em suas narrativas. Cestas básicas, doações em dinheiro, ainda acontecem mesmo tendo decorrido um ano da morte do irmão. Isso demonstra que a rede de solidariedade dos vizinhos tem uma permanência que ultrapassa o tempo de uma onda do mar.

Perfil 4: André

André tem 16 anos, cursa o 2º ano do Ensino Médio, frequenta o curso de aprendiz de supermercado e realiza seu estágio em uma rede cearense de supermercados, conveniados ao P. S.

A família de André é composta pelos avós maternos, a mãe, uma irmã de 15 anos e, por parte de outro relacionamento da mãe, o irmão mais novo de André, este com três anos. A mãe de André não trabalha e a renda familiar é composta de um salário mínimo, advindo da aposentadoria de sua avó. O avô vem pleiteando sua aposentadoria e não conseguiu por falta de documentos que comprovem sua existência social. Sim, falta ao avô de André uma certidão de nascimento assim como uma referência sobre o seu passado, que possa ser atestado por pessoas que o conheçam. Apesar do avô de André ter constituído duas famílias, ele não encontra em nenhum dos filhos um suporte para pleitear sua aposentadoria. O pai de André, assim como o pai de seu irmão mais novo não contribui para as despesas dos filhos e estão todos na dependência de uma renda insuficiente para cobrir com as despesas básicas.

Foi essa dependência financeira que levou André em busca de trabalho. Antes de chegar ao P. S. André ensaiou uma passagem pelo escritório de contabilidade de sua tia, mas não se identificou com a área. Agora, trabalhando em supermercado, André faz um esforço para adaptar-se em um ambiente em que ele se sente um estranho. Diz André que seu trabalho nada tem a ver com sua vocação, essa na área artística.

André fala com entusiasmo de seu interesse pelo teatro e por atividades de transformismo. André gosta de trabalhar como maquiador, ao mesmo tempo em que gosta de se transformar em mulher, recorrendo a maquiagens, perucas e roupas que o identifiquem com os signos do gênero feminino.

Esse contraste entre uma realidade que se oferece para André e a sua vocação o deixa em situação de constrangimento, tanto no ambiente familiar quanto no trabalho. André diz não se sentir bem em outro ambiente que não seja “entre seus iguais”. Daí estar sempre procurando ficar na casa de seus amigos durante nos fins de semana para evitar comentários da família.

André tem investido parte do dinheiro que recebe para comprar acessórios femininos e produtos de maquiagem, pois segundo diz, ele costuma maquiagem amigos e vizinhos e o que recebe por isso ele reinveste em mais produtos. André diz que gostaria de trabalhar com moda ou teatro vertentes que possibilitam uma performatividade, enquanto que seu trabalho em supermercado o deixa totalmente desmotivado.

André traz em sua sobrancelha um *piercing* usa lentes de contato azuis e suas roupas e acessórios denotam sua preocupação com uma estética que foge aos padrões de ambientes formais. Devido a seu estilo de ser André vem recebendo críticas, e isso reforça seu desejo de se afastar desses ambientes em que não se sente aceito. Ele sente-se pouco à vontade em casa, já que os avós o criticam pelas suas identificações com o gênero feminino. No trabalho, escola e curso, não são diferentes. Observei, durante o curso de auxiliar de supermercado, que André sente-se realmente constrangido, evita participar de debates para não ser alvo de chacotas e sempre que pode senta-se num canto isolado.

As narrativas de André colocaram muita ênfase na sua opção sexual e as dificuldades para sentir-se aceito em um mundo onde os papéis sexuais são definidos nos limites do masculino e feminino, com uma vinculação direta desses atributos às categorias sexuais: homens e mulheres. Assim, André busca refúgio entre pares que o aceitem e vai, aos poucos, realimentando a segregação social, e a vivência em guetos.

Perfil 5: Marcelo

Marcelo tem 16 anos, cursa o 2º ano do Ensino Médio, faz o curso de aprendiz em hotelaria e estágio em um hotel da orla marítima de Fortaleza.

Filho de mãe solteira, a família de Marcelo é composta, atualmente, pela mãe e o padrasto, este, engenheiro desempregado. A mãe tem um pequeno salão de beleza nas dependências de sua casa e faz planos de ampliar e regularizar seu empreendimento. O desejo da mãe de crescer profissionalmente e melhorar as condições de vida sempre foi uma preocupação para Marcelo. Desde criança Marcelo diz que tenta arranjar um trabalho, pois sente que está sendo um “peso para a mãe”, segundo suas palavras.

Marcelo não conheceu seu pai biológico e, logo que ficou adolescente, sua mãe lhe perguntou se desejava conhecê-lo, pois ela se mostrava disponível para apresentá-lo ao pai. Diz Marcelo que não tem desejo de conhecer o pai antes de completar a maioridade e de estar com a vida profissional definida. Segundo ele, sua preocupação se volta para o medo de ser rejeitado pelo pai que pode confundir seu interesse em conhecê-lo com uma possível reivindicação de paternidade.

Marcelo é um jovem bonito, magro e aparenta ter a saúde frágil. Seu ponto fraco é uma alergia respiratória que o acompanha desde pequeno e, durante nossas conversas, observava que ele respirava com dificuldade, sempre com as narinas congestionadas. Esse problema vinha lhe causando incômodo, principalmente no trabalho, pois tinha de se ausentar repetidas vezes para ir ao banheiro.

Marcelo tomou a iniciativa de pagar um médico, que atendia no seu bairro a preços populares, logo que recebeu a sua primeira remuneração do estágio. Diz ele que o serviço público não foi eficiente, lhe tomava muito tempo para ser atendido e que precisava urgentemente se ver livre desse problema que lhe causava constrangimentos no trabalho.

Marcelo é um jovem muito interessado em estudar e seguir a carreira de engenheiro mecânico, tendo feito dois cursos nesta área, promovidos pelo Sistema

Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Antes de ingressar no P. S., Marcelo já havia pleiteado estágio pelo SENAI, uma vaga como bilheteiro em uma rede de cinemas de um *shopping center*, além da promessa de sua namorada em conseguir uma colocação no mesmo local de seu trabalho. No entanto, foi no P. S. que Marcelo conseguiu sua primeira oportunidade de trabalho remunerado, desta vez como aprendiz numa área que foge de suas aptidões e projetos de carreira profissional.

Perfil 6: Isabel

Isabel tem 18 anos, cursa o 3º ano do Ensino Médio, é estagiária do P. S. há mais de um ano e dá aulas particulares a um grupo de crianças de sua vizinhança.

Isabel mora com a mãe na casa dos avós maternos, além de dois tios solteiros e alguns “agregados” que permanecem durante a semana na casa dos avós. São amigos da família que moram em uma cidade do interior, mas passam a semana em Fortaleza para trabalhar. Os tios de Isabel não trabalham, assim como sua mãe. Os amigos dos avós não contribuem com as despesas da casa e, tudo isso somado à falta de espaço e liberdade em casa faz com que Isabel se sinta incomodada por não ter, desde a separação dos pais, há cerca de cinco anos, um espaço próprio para morar com sua mãe.

Nesse contexto, Isabel tomou a iniciativa de assegurar rendimentos, seja como estagiária, seja como professora. O dinheiro, diz Isabel, é prioritariamente para uma poupança com a qual ela pretende comprar um espaço para morar com a mãe. Assim, Isabel não se deixa seduzir pelo consumo imediato e, sempre que deseja alguma coisa costuma comprá-la à vista e assim ir poupando seu dinheiro para realizar seu sonho. Diz Isabel que “é vivendo hoje, pensando no amanhã” que ela traça suas metas e faz seus projetos para o futuro.

Isabel diz que se admira por ter essa determinação já que desde pequena era tratada pelo pai como uma princesa e que não deveria se ocupar jamais de tarefas domésticas e sim se preparar para ter uma vida profissional. A princesa acordou de seu sonho quando teve que lutar desde muito cedo por um espaço no campo do mercado de trabalho, condição necessária já que o pai se negou a conceder uma pensão e sua mãe não se fixou em nenhum trabalho remunerado.

Isabel diz que os conflitos familiares advindos de sua condição dependente vêm sendo atenuados desde que ela conseguiu mostrar sua dedicação ao trabalho e sua vontade de ganhar dinheiro. O trabalho serviu inclusive para que Isabel pudesse ocupar

seu tempo livre da forma que melhor lhe conviesse. Atualmente Isabel tem dedicado seu tempo livre em participar de um grupo de jovens da paróquia de seu bairro. A partir desse grupo Isabel tem articulado sua sociabilidade, como os seus passeios, assim como os namorados que ela já teve.

Perfil 7: Glória

Glória tem 18 anos, cursa o 3º ano do Ensino Médio, faz estágio no P. S. e participa de um programa de arte-educação em uma ONG no seu bairro, o Mucuripe.

A família de Glória é composta pelo pai, porteiro de um condomínio no bairro do Papicu, a mãe, que se ocupa dos afazeres domésticos, sua irmã de 27 anos, recém empregada em uma padaria e de uma sobrinha de 10 anos, filha do irmão de Glória. O irmão de Glória é casado e mora na casa da sogra, juntamente com a esposa e um filho pequeno. Sua filha mais velha ficou morando na casa dos avós como forma de dividir as despesas já que o irmão de Glória estava desempregado e morava temporariamente na casa da sogra. Assim, sua sobrinha foi ficando em casa até que passou a ser praticamente “adotada” pelos avós.

A renda familiar é composta basicamente pelo salário mínimo que seu pai recebe. A irmã desempregada intermitente não assegura por muito tempo uma contribuição e Glória foi em busca do estágio para contribuir com as despesas de casa.

Primeiramente Glória foi aluna de um curso de capacitação oferecido pela Escola de Aprendizes Marinheiros (EAM) em convênio com o P. S. Após a conclusão do curso Glória foi encaminhada como estagiária, sendo lotada no P. S. Glória demonstra ser uma pessoa bem controlada nos seus gastos. Durante o período na Marinha ela comprou juntamente com a irmã um aparelho de TV e um aparelho de som para sua casa. Agora, como estagiária, Glória comprou pares de óculos para ela e seu pai. O restante da bolsa ela entrega à sua mãe que trata de aplicá-lo nas despesas de casa, como pagamento de contas de luz ou do mercadinho.

Glória se diz tranqüila por não ter o controle de sua bolsa, pois sabe das necessidades de sua família. Até mesmo os objetos de consumo pessoal são decididos pela mãe e Glória diz estar de acordo, pois sua mãe “conhece os meus gostos”.

Glória diz achar importante ter seu tempo totalmente preenchido para não ficar ociosa. O lazer de Glória está associado aos eventos articulados no próprio bairro, como quadrilhas juninas, festas e idas à praia. Sempre acompanhada de suas amigas de vizinhos que conhece desde pequena, mas nem por isso isenta de uma vigilância paterna

rigorosa. O pai controla suas saídas de lazer e o fato de trabalhar e contribuir com as despesas domésticas não lhe confere independência para sair com os amigos. Vale lembrar que Glória, aos 18 anos, diz buscar a independência com o trabalho, mas isto ainda não ocorreu. Assim, manter-se sempre ocupada foi a maneira de Glória estar ausente de casa, seja na escola, seja no trabalho.

O trabalho no P. S. e a participação no programa de arte-educação estão sendo vistos por Glória como uma forma de fugir da timidez e do controle excessivo do pai. Esse controle paterno é o responsável por constantes desavenças com seu pai, mas, por outro lado, Glória teve o apoio e o reconhecimento por parte de sua mãe de que ela deve se voltar um pouco mais à diversão, já que tem uma rotina tão puxada.

Glória se veste de modo simples, pois não teve seu dinheiro disponível para si. Embora sua mãe compre suas roupas e até mesmo as peças íntimas, Glória se diz satisfeita, pois a mãe sabe seus gostos. Daí que podemos ver em Glória alguns signos das culturas juvenis como uma calça jeans adquirida recentemente na qual toda a parte da frente é rasgada e desfiada; novo em forma de velho, eis aqui algo valorizado nas vestimentas juvenis.

Perfil 8: Leonardo

Leonardo tem 16 anos, cursa pela segunda vez o 1º ano do Ensino Médio e é aprendiz do curso de Hotelaria no Programa Somar. Seu estágio é na área de manutenção em uma rede de hotéis de grande porte na Beira-Mar.

Leonardo é filho de mãe solteira e sua mãe experimentou diversos empregos precários e de curta duração. A renda de sua família é garantida pela avó, lavadeira em sua própria residência. A mãe de Leonardo ajuda a avó quando tem muito serviço para ser entregue, mas sonha em ter seu próprio negócio: um pequeno comércio no bairro Meireles, numa quadra de casas populares denominada “Campo da América” vizinho ao P. S.

Leonardo é um caso da política de boa vizinhança do P. S. A instalação do P. S. num bairro de alta renda *per capita* tendo como finalidade atender jovens moradores de bairros periféricos passou a ser questionado: Por que não instalar esse programa numa área mais central? Dada a contradição, o P. S. voltou o atendimento prioritário aos moradores da circunvizinhança e dos bairros pobres do litoral, mas atende qualquer jovem, indiscriminadamente, de outros bairros. A renda familiar e os

riscos sociais são avaliados no ato da inscrição e o local de moradia é privilegiado quando do encaminhamento à empresa para o estágio. Isso não impede que os jovens façam uma grande viagem diariamente pela cidade, principalmente os alunos do curso de aprendiz, por ocasião das aulas teóricas.

Leonardo tem voz forte e grave e, por isso, sonha em ser locutor. Ele diz ter muita facilidade em comunicar-se, mas enquanto essa oportunidade não chega ele vai tentando outras formas de ganhar dinheiro. Após o curso de informática, Leonardo distribuía seu currículo em vários locais e conseguiu, depois de muita insistência, uma vaga no P. S., por onde já haviam passado três de seus primos.

Leonardo freqüentava com assiduidade a Igreja Adventista, mas o ritmo teve de ser alterado em função do trabalho e dos cursos (hotel e escola). Na Igreja, Leonardo participava de uma banda musical, inclusive tocando músicas de sua autoria. Esse sonho de ser músico ou locutor teve de ser adiado em função da necessidade de ter um rendimento para contribuir com as despesas familiares.

Assim, o fim-de-semana de Leonardo era aproveitado como descanso, por que segundo ele “ninguém é de ferro” e sua rotina semanal é bastante extenuante. Sua função no estágio do hotel exige, segundo ele, muita responsabilidade e ele vem se dedicando ao máximo por que quer ser reconhecido, o que evidencia que Leonardo tem uma grande perspectiva de ser contratado. A experiência no hotel, segundo ele, lhe abrirá portas para futuros empregos, caso não consiga uma vaga no hotel. Pela sua facilidade em comunicar-se, Leonardo aposta no mercado de trabalho com grandes chances de ser absorvido e, por isso, tem dedicado suas energias, inclusive se diz satisfeito por ter saído de uma rotina casa-escola-igreja para a rotina desafiadora do trabalho. Responsabilidade e reconhecimento são os grandes trunfos perseguidos por ele.

Perfil 9: Paulo

Paulo tem dezenove anos, cursa o 3º ano do Ensino Médio e integra o grupo de estagiários do P. S desde quando este definia em dois anos o tempo máximo para estágio, ou a conclusão do ensino médio. Desde 2003 o tempo máximo de estágio passou a ser de um ano por que o número de jovens aguardando oportunidade estava além da capacidade de absorção dos órgãos públicos conveniados.

Paulo mora com a avó, uma tia, a mãe e dois irmãos, um de 21 anos e o outro de três anos, filho de um segundo relacionamento de sua mãe. A mãe trabalhou por mais de 20 anos em uma empresa que fechou e está recentemente desempregada. A avó recebe uma aposentadoria de um salário mínimo e o irmão de Paulo, após passagem pelo P.S., está trabalhando na área de apoio administrativo na equipe particular de um político local, emprego esse conseguido através de seus contatos pela instituição (P. S.).

A trajetória de Paulo até chegar ao P. S., não foi planejada. Segundo ele, tudo correu de forma natural, primeiro o irmão mais velho e, após seu desligamento, a entrada de Paulo. A mãe, diz ele, sempre o incentivou a seguir os passos do irmão assim como para que ele assegurasse alguma forma de trabalho.

Primeiramente Paulo ingressou no curso profissionalizante da EAM/P.S. e, após, o retorno ao P. S. e a vaga no programa, exercendo atividades de apoio administrativo. Paulo diz ter gostado deste tipo de trabalho e pretende seguir nessa área. Seus planos incluem uma contratação, ainda que terceirizada, pelo P. S., assim como a vontade de chegar, um dia a ser o coordenador deste programa. E parece que ele vai longe mesmo! Paulo, por algum tempo dividiu sua jornada diária entre dois trabalhos e a escola. Em um supermercado Paulo exercia a função de empacotador, no P. S. apoio administrativo e, nesse ritmo Paulo foi fazendo uma poupança que lhe permitiu, entre outras coisas, a compra de um carro para passear com os amigos aos fins de semana, ainda que sem ter habilitação.

Paulo faz o tipo do rapaz que gosta de agarrar todas as oportunidades que lhe aparecem. Sua determinação o faz se destacar no trabalho e, por isso já tem promessas de ser contratado após o término do estágio, pelo P. S., como secretário da coordenação do programa. A ambição de Paulo, em chegar a ser, um dia, um servidor público e o diretor de uma unidade, está sendo orientadora de sua trajetória. Paulo tem se dedicado ao ofício de tal forma que, na sua ausência, os funcionários costumam lhe ligar para resolver pendências e solicitar serviços. Ele vem se tornando assim, aquele trabalhador indispensável, com quem todos gostam de contar. Paulo é muito cooperativo e demonstra uma sagacidade que lhe rende reconhecimento por parte de todos os funcionários, chegando inclusive a despertar ciúmes em alguns.

Paulo diz ter sonhos de crescer profissionalmente e reconhece sua habilidade para as tarefas que lhe são designadas. O outro trabalho, que durante um ano, dividiu sua jornada, era na área de empacotamento em supermercado. Esse serviço não era muito bem vindo por Paulo, que sempre sonhou em ter empregos que lhe rendessem

status. Assim mesmo, Paulo aceitou o desafio do trabalho porque tinha o interesse em ganhar mais dinheiro, e isso só seria possível, no momento, acumulando empregos, ainda que precários.

Paulo diz gostar de viver certa irresponsabilidade, de se aventurar de carro aos fins de semana pelas praias, de beber com amigos, e sair com sua namorada. Paulo ainda encontra tempo para fazer, diariamente, caminhadas no calçadão da avenida Beira-mar assim como se encontrar diariamente com a namorada. “Aventura é comigo mesmo!”, diz. Tendo esse gosto pelo prazer Paulo encontra energia para investir em seus projetos de futuro e tem em mente que o importante é não desistir nunca e seguir com determinação o seu sonho.

Perfil 10: Daniel

Daniel tem 16 anos, cursa o 2º ano do Ensino Médio, é aluno do curso de aprendiz em hotelaria e faz seu estágio em um hotel da Beira-Mar. Durante muito tempo ele estudou em escolas particulares, tendo ingressado numa escola pública apenas no ensino médio. Daniel fez um percurso inverso daqueles que pretendem seguir uma carreira universitária, já que os cursos particulares são reconhecidos como os que melhor preparam para o ingresso na universidade. A decisão de mudar para escola pública foi de sua parte, um meio para ingressar no P. S. e conseguir um estágio. Interessava a Daniel ter experiências de trabalho assim como ganhar seu próprio dinheiro.

Daniel diz ter uma família “super estruturada”, mora com os pais e uma irmã de 13 anos em uma casa própria, construída pelo pai, e onde funciona, na parte térrea a oficina de marcenaria de seu pai e, na parte superior, sua residência. O pai, um bom marceneiro, conforme avaliação do filho segue a religião adventista e, desde cedo, Daniel foi socializado freqüentando a igreja e os eventos por ela promovidos, como por exemplo, os acampamentos, festas e jogos esportivos.

Daniel diz que gosta de enfrentar desafios e, dentre as atividades que lhe dão prazer estão o camping, o mergulho e, agora, o trabalho no hotel. Daniel vem sendo instigado, a partir do trabalho, a conhecer outro idioma, pois pretende estar preparado para seguir carreira própria, diferente do ofício do pai. Ele diz que aprender um idioma tem sido para ele “uma questão de honra”, e tem consciência da informação como um valor indispensável para um trabalho que o faça ascender socialmente. Ele poderia estar

seguindo o ofício do pai, pois por algum tempo ficou na sua oficina ajudando-o. No entanto, Daniel pretende seguir uma carreira de maior destaque. Ele disse não ter preocupações com o dinheiro, pois sempre o teve, isto é, nunca passou por dificuldades. Ainda assim ele diz que os desafios são para serem enfrentados, pois não se deve nunca se sentir “colocado para baixo”. Ele diz que quer ser reconhecido por fazer algo “admirável” e foi com essa perspectiva que ele foi procurar seguir sua trajetória de trabalho independente do pai, assim como os desafios colocados pelos esportes e *hobbies* que pratica.

Daniel diz valorizar a solidariedade e, que foi aprendendo esse seu jeito de ser pelos anos de convivência na igreja. Aprender a partilhar as dificuldades, desenvolver a confiança no outro fazem parte do “jogo fraternal” que ele define como sendo seu modo de viver. Esses valores convivem, ao mesmo tempo, com uma sedução pela aventura. Daniel diz gostar de desafios e aventuras. Mergulhar, dirigir o carro ou a moto do pai, assistir filmes de aventura, estão entre suas atividades de lazer mais prazerosas. “Adrenalina”, essa é a sensação que a aventura lhe proporciona, ao mesmo tempo em que se dedica com a mesma intensidade, nas atividades rotineiras, como o trabalho. A competitividade, por isso, está como um valor desprezado por Daniel, que já passou por experiências de trabalho e na vida pessoal, que o desagradaram porque estavam assentadas em interesses que procuravam destruir o outro para se alcançar os objetivos.

Perfil 11: Miguel

Miguel tem 17 anos, cursa o 2º ano do Ensino Médio, é aprendiz do curso de auxiliar em supermercado e faz estágio em um supermercado. Miguel, como a maior parte dos jovens do P. S., cruza a cidade Fortaleza para cumprir a jornada diária de escola, curso e trabalho. Não é raro ver que portam mochilas para conter tudo o que precisam para estar o dia todo na rua.

Miguel não é diferente. Ele sai diariamente, muito cedo de sua casa e retorna, em geral, por volta das 23 horas. Essa foi a opção escolhida por Miguel para estar fora dos conflitos familiares ao mesmo tempo em que a necessidade o chamou para o trabalho ainda muito cedo, por volta dos 11 anos.

Miguel mora com a mãe e três irmãos, sendo os dois mais novos, ainda crianças, filhos de outro companheiro de sua mãe, separada deste há bem pouco tempo.

Miguel conta que aos 3 anos foi seqüestrado pelo pai e passou sua infância viajando e morando em diversas cidades por onde o pai se estabelecia para dar golpes no mercado. Miguel fala da profissão do pai como sendo a de estelionatário e que faz esse trabalho muito bem, pois nunca foi preso. O reconhecimento do êxito nos golpes no comércio provocou em Miguel uma instabilidade emocional muito grande e, por vezes, o pai fugia em busca de outro local para aplicar seus golpes, deixando Miguel nas mãos de madrastas inescrupulosas.

Miguel foi crescendo e sentindo uma solidão e desamparo que o levaram a desenvolver a habilidade do desenho e da pintura. E, tem sido esse veículo a principal forma de Miguel expressar-se e dar vazão a todos os seus fantasmas de uma infância sem família. Miguel foi percebendo o comportamento transgressor do pai e passou a questioná-lo. Isso motivou seu pai a vir deixá-lo de volta com a mãe, mesmo ele tendo sido criado com uma imagem negativa da mãe. Assustava a Miguel permanecer com o pai, assim como a retornar para sua mãe, da qual não tinha nenhuma lembrança. Aos 11 anos Miguel retorna à Fortaleza e passa a descobrir uma mãe e uma família que ele sonhava ter, mas que, na realidade, o priva também de afetos.

Diz Miguel que a mãe se interessa por ele apenas como um provedor da família e que seu valor está naquilo que pode proporcionar de bens para ela e os filhos. Assim, Miguel se sente desvalorizado por não ter sua arte reconhecida em casa. Ele disse que chegou a expor todos os seus quadros dentro de casa e os retirou porque não recebiam boas energias.

Miguel sente-se feliz de ser reconhecido na escola e no trabalho pela sua capacidade artística. Na escola ele foi chamado para ser monitor de arte e no trabalho, muitas vezes é chamado para fazer cartazes, abandonando temporariamente o posto de empacotador. Para ele, empacotar tem um lado positivo, que é o de receber gorjetas, exigência diária de sua mãe para as pequenas despesas do dia a dia.

Miguel teve sua primeira experiência de trabalho aos 13 anos, fabricando casquinhas de sorvete. Já passou pela experiência de feirante, muito extenuante para ele e, por isso largou logo que pode para ir atrás de outro trabalho. Exigências por parte da mãe o levaram a trabalhar, mas Miguel tem se mostrado muito determinado em seguir a carreira artística, já tendo, inclusive, participado de mostra além de fazer trabalhos de decoração para vitrines de lojas.

Os fins de semana de Miguel são ocupados em diversas atividades. Ele dá cursos de pintura, tem um grupo de estudo com amigos que desejam se preparar para a

carreira de marinheiro, além de estar com sua namorada, pessoa esta que lhe garante uma afeição não correspondida em casa e, muitas vezes motivo de conflitos com a mãe que sempre aponta defeitos na jovem, numa tentativa de desmanchar esse vínculo tão prazeroso para Miguel.

2. O PROGRAMA SOMAR

O reconhecimento da importância do trabalho para jovens e das dificuldades de acesso ao mercado de trabalho formam a justificativa que a Secretaria da Ação Social - SAS adotou para inaugurar programas voltados para esse público. As ações são voltadas especialmente para jovens entre dezesseis e dezenove anos de idade, em situação de vulnerabilidade social (por fatores como pobreza, baixa escolaridade, escasso capital social e cultural), e, por isso, com poucas chances de competir no mercado de trabalho.

No contexto histórico de publicação da nova Constituição Brasileira e do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990), foi criado, em 1991, o Projeto NITE (Núcleo de Iniciação ao Trabalho Educativo). Baseado no artigo 68 do E.C.A. privilegiava o trabalho educativo para adolescentes, entendido como “uma atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo” (E.C.A., artigo 68, §1º). Assim, a ocupação dos jovens em atividades administrativas, nas empresas conveniadas ao Projeto, visava principalmente aspectos socializadores (técnicas, habilidades e atitudes), como estratégia que servisse como credencial para o acesso ao mercado de trabalho formal.

Durante a vigência deste Projeto, foram sendo criados diversos impasses junto à Delegacia Regional do Trabalho (DRT) e à Procuradoria Geral do Trabalho (PGT). Estes órgãos exigiam a cobertura dos direitos trabalhistas e previdenciários dos jovens por parte das empresas. Associavam, portanto, o trabalho educativo como um trabalho profissional. A ausência de uma legislação específica que regulamentasse o trabalho educativo provocou a necessidade de reestruturação do programa.

No ano de 2000, o Projeto NITE deu lugar ao Programa NITEC (Núcleo de Iniciação ao Trabalho Educativo e Capacitação). Este programa estava respaldado pela Lei Federal N. 87.497/82 e Decreto Estadual Nº 26.765 que regem a prática de estágio para estudantes de ensino médio. Por outro lado o grande fluxo de jovens (entre 16 e 19 anos de idade), estudantes do ensino fundamental fez com que o NITEC atuasse com duas categorias de jovens.

Os jovens estudantes do ensino médio das escolas públicas tinham a oportunidade de estágio na área administrativa das empresas, conforme legislação específica: jornada de 20h semanais por no máximo dois anos com remuneração em forma de bolsa-auxílio, seguro contra acidentes.

Os jovens estudantes de ensino fundamental eram encaminhados para instituições militares conveniadas, para fazer cursos de capacitação e orientação disciplinar. Eles recebiam, também, bolsa auxílio e seguro contra acidentes. Os cursos duravam entre seis e oito meses, geralmente, nas áreas de informática, marcenaria, pintura e manutenção de eletrodomésticos. O foco disciplinar das instituições militares tinha como objetivo proporcionar um processo de socialização: a defasagem escolar estava relacionada, predominantemente, a comportamentos transgressores que precisavam ser redimensionados como condição para o ingresso no mercado de trabalho.

Em ambos os casos, o foco das ações priorizava jovens de famílias de baixa renda. Outros aspectos, diagnosticados pelos cadastros dos jovens, asseguravam a vinculação ao programa: risco social e econômico e envolvimento em práticas transgressoras.

A avaliação deste programa pelos órgãos judiciários (DRT-CE e PRT-CE) apontou algumas falhas. Constava no relatório de avaliação que o “treinamento em serviço” que caracterizava o estágio era insuficiente para assegurar aos jovens a igualdade de chances para competir no mercado de trabalho.

Em decorrência desta avaliação pelos órgãos do judiciário, o Programa SOMAR (P. S.) é instituído em julho de 2003, e representa um re-ordenamento dos programas anteriores para superar as limitações apresentadas no diagnóstico realizado

pelos parceiros do judiciário. O Programa SOMAR está inserido no âmbito de uma política pública de trabalho e de proteção social, tendo como desafio a promoção de igualdade de oportunidades no mercado de trabalho para jovens, garantindo o aprendizado profissional e a aquisição de experiências através do estágio.

O novo formato do Programa SOMAR compõe-se de três linhas de atuação:

1. Iniciação profissional para adolescentes de 16 a 18 anos estudantes do ensino fundamental. Esses cursos têm duração de seis a oito meses e são realizados em parceria com instituições militares.
2. Estágio regulamentado e supervisionado para adolescentes de 16 a 21 anos, estudantes do ensino médio. O estágio é respaldado pelo Decreto Estadual nº 26.725, orientando a prática de estágio nas empresas públicas.
3. Aprendizagem Profissional para adolescentes de 16 a 18 anos, estudantes de ensino médio. Baseada na Lei nº 10.097 de 19/12/2000, amplia o Estatuto da Aprendizagem da CLT, desenvolvida até então pelos Serviços Nacionais de Aprendizagem (SENAI, SENAC, SENAT e SENAR).

Nesse sentido, o Programa SOMAR passa a ser uma entidade de formação profissional e, em parceria com empresas privadas, encaminha os jovens para formação prática. São garantidos os direitos trabalhistas, limitando-se, contudo, sua jornada de trabalho a trinta horas semanais.

O empenho da Secretaria de Ação Social em implementar programas de proteção social tendo o trabalho como elemento de inclusão social, reflete o reconhecimento de uma concepção de jovem como ator social e cidadão, na medida em que se respeita o seu direito ao trabalho, ao estudo, à qualificação profissional e à participação social.

A questão ocupacional é parte do contexto atual do Brasil e vem atingindo principalmente a população jovem. Conforme dados da Organização Internacional do Trabalho, havia, em todo o mundo, em 1997, um terço da População Economicamente Ativa (PEA) vivendo em situação de subutilização da capacidade de trabalho, o que correspondia à cerca de um bilhão de pessoas. Desse total, cerca de 150 milhões de

pessoas estavam na situação de desemprego aberto e, na faixa etária de 10 a 24 anos, 60 milhões de trabalhadores jovens eram desempregados (Pochmann, 1998).

A partir dos anos de 1980 foi se delineando uma nova realidade, em escala mundial, na qual o Brasil se insere na condição de legitimador de políticas neoliberais que visam uma reestruturação nos âmbitos da produção e do trabalho. No Brasil são cerca de 34 milhões de brasileiros com idade entre 16 e 24 anos que compõem a população economicamente ativa, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em relatório divulgado em 2005, denominado de “Tendências Globais de Emprego Para a Juventude 2004”.

Os últimos resultados da Pesquisa Mensal de Empregos, divulgadas pelo IBGE em junho de 2005, dão conta de que, enquanto para os adultos presentes no mercado de trabalho oito em cada 100 estava desempregada, a população jovem disparava com um dado ainda mais inquietante: de cada 100 desempregados, cerca de 24,5 eram jovens. (Branco, 2005:130)

O sistema de proteção das políticas sociais gestadas a partir do século XIX, decorrentes das conquistas dos trabalhadores vai sendo paulatinamente enfraquecido, surgindo o que Castel (1999) denomina de nova questão social. Esta surge a partir dos anos 70 do século XX nos países de industrialização mais avançadas e vem se expandindo por todos os países vinculados às forças econômicas do capitalismo ocidental.

A expansão do consumo de massas propiciado pelo incremento da industrialização nos países ricos e a distribuição de bens e serviços promovida por um Estado de Bem Estar Social entra em declínio. Surgem novas questões sociais como o fim do ideal do pleno emprego, da redução das ofertas de políticas sociais que garantam a efetividade dos direitos sociais básicos e um patamar mínimo de bem-estar, segundo Pereira - Pereira (2004).

Os impactos da adoção de caráter neoliberal vêm atingindo parcelas significativas daqueles que vivem do trabalho (Oliveira, 2005). A participação da iniciativa privada na condução das questões sociais vem substituindo, precária e paulatinamente, o que por muito tempo foi papel atribuído ao Estado. Observa-se o

esvaziamento das políticas sociais como direitos de cidadania, assim como a privatização das responsabilidades públicas e a precarização dos direitos sociais (Pereira-Pereira, 2004:33).

Pereira-Pereira (2004) fala de um pluralismo de bem-estar que compreende o bem-estar social, o bem-estar fiscal e o bem-estar ocupacional. O bem-estar social refere-se aos serviços sociais, como transferência de renda, cuidados com a saúde, serviços sociais pessoais, trabalho, emprego, serviços de educação.

O Programa SOMAR (P. S.) faz parte do que Pereira-Pereira (2004) denomina de bem-estar social e o Estado já não assume o posto de condutor das políticas sociais, recorrendo a parcerias com a sociedade civil e o mercado para solucionar ou minimizar os efeitos decorrentes das políticas de reajuste econômico. Pobreza e exclusão social marcam esse novo momento, diz Pereira-Pereira:

“Em vista disso, está-se diante da construção de uma fórmula pragmática e asséptica de solução dos problemas sociais, que não prevê responsabilidades cativas ou obrigações exclusivas e, muito menos adesões ideológicas. Seu grande intento declarado consiste em incrementar índices de emprego, reduzir a pobreza e a exclusão social com imaginação e conjunção de atores e recursos. Com isso inaugura-se um novo ‘pacto social’ em que as classes sociais, subsumidas que estão nos conceitos amorfos de estado, mercado e sociedade, perdem a identidade ou a razão de ser” (Pereira-Pereira, 2004:34).

O Programa SOMAR, definido segundo proposta da Secretaria de Ação Social do Estado, como Projeto de Inclusão Social do Adolescente, justifica a parceria Estado e sociedade civil organizada para o compartilhamento de responsabilidades para executar a proposta de “desenvolvimento da autonomia do indivíduo”, conforme documento interno:

Partindo desse pressuposto, o Programa SOMAR pautará sua proposta educativa pela arte e pelo trabalho. Portanto o Projeto executará seu trabalho através de duas linhas de atuação:

1. Iniciação profissional para adolescentes na faixa etária de 16 a 18 anos, cursando o ensino fundamental, em parceria com as Forças Armadas, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e Centros Comunitários.

2. Projeto Adolescente Aprendiz, para adolescentes na faixa etária de 16 a 18 anos, cursando o ensino médio, em parceria com a Delegacia Regional do Trabalho (DRT), e as empresas públicas e privadas, de acordo com a Lei nº 10.097 e o Decreto nº 26.725.

A justificativa do Projeto deixa claro que “as exigências da sociedade industrial e tecnológica” não vêm sendo acompanhadas pelas escolas regulares e reconhece a necessidade de melhor preparar os jovens para o ingresso no mundo do trabalho. Estas seriam as causas do ingresso precoce de crianças e adolescentes às ruas em busca de sobrevivência. O contingente de subempregados, trabalhadores informais e vínculos precários seriam decorrentes da falta de capacitação para enfrentar um mercado de trabalho exigente e competitivo.

É também levado em conta pelo Projeto, o fenômeno da ociosidade entre crianças e adolescentes associada a comportamentos transgressores como “integração em gangues, prostituição e/ou envolvimento com drogas”. O Projeto de Inclusão Social do Adolescente – Programa SOMAR – pretende democratizar oportunidades para que os jovens atendidos tenham um bom desempenho profissional através da capacitação, da aptidão e das habilidades indispensáveis para “enfrentar uma realidade complexa” como a do mercado de trabalho. O foco no desenvolvimento de habilidades que permitam aos jovens um processo contínuo de “saber aprender” seria a melhor estratégia para competir em melhores condições no mercado de trabalho.

A justificativa do Projeto é ainda mais ousada quando afirma a necessidade de “romper com a barreira da pobreza” ao integrá-lo em ambientes que proporcionem o desenvolvimento de habilidades, tanto no aspecto cultural quanto no aspecto interpessoal, “contribuindo na formação de uma juventude mais comprometida, atuante e responsável.”.

Dentre os objetivos do P. S. destaca-se a formação técnico-profissionalizante dos jovens e que seja compatível com seu desenvolvimento físico e psicológico e assim propiciar sua inclusão social e econômica. A proposta visa à construção de um comportamento solidário e ético, promovendo o exercício da cidadania, do equilíbrio ecológico e de justiça social, sempre articulado ao trinômio família – escola – adolescente.

Por ocasião da publicização do P. S., foram divulgadas algumas metas a serem atingidas, como por exemplo, a preparação de 300 alunos para inserção anual nas empresas privadas, além da capacitação e encaminhamento de 1270 adolescentes para o ingresso em estágios a serem realizados nas empresas públicas. E, por fim, a qualificação de 350 adolescentes/ano através dos cursos nas unidades militares.

2.1 O adolescente aprendiz

O Adolescente Aprendiz inclui aqueles jovens que são encaminhados às empresas privadas, monitorados pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT) e é uma ampliação do antigo sistema “S”, antes restritos às confederações nacionais da indústria, comércio, transporte e setor rural. São, portanto, diferentes metas para atender às especificidades dos jovens beneficiados pelo Programa SOMAR.

A Lei nº 10097/00 assegura ao aprendiz a anotação na Carteira de trabalho e Previdência Social (CTPS) do contrato de trabalho por parte da empresa e a inscrição em programa de aprendizagem em instituição qualificada em formação técnico-profissional metódica, contemplando tanto aulas teóricas quanto as atividades práticas.

A Secretaria de Ação Social assume a parte de formação teórica, que deve coincidir com o período das atividades práticas nos locais conveniados previamente indicados e selecionados pela DRT. Ambas as atividades são monitoradas pelo Ministério do Trabalho visando à compatibilidade entre os desenvolvimentos biológico, psicológico e social dos jovens.

A DRT se encarrega de fiscalizar as empresas e relacioná-las conforme o percentual obrigatório de vagas para o sistema de aprendizagem, comunicando ao P. S. Este deverá firmar o convênio com as empresas para efetivar o processo de aprendizagem.

As cláusulas do contrato estabelecem as obrigações e os direitos de cada parte envolvida: empresa – SAS – adolescente. O contrato de aprendizagem tem a duração de um ano e jornada diária de 6 horas/dia ou um total de 30 horas semanais.

Os adolescentes aprendizes fazem os cursos profissionalizantes conforme a demanda das empresas privadas. No caso do P. S., a área do varejo requer jovens com aptidão para lidar como apoio às atividades de caixa, reposição de mercadorias e apoio administrativo. Os cursos são assim direcionados para atender às especificidades da empresa com o objetivo de preparar e adequar o curso à etapa prática.

Já os hotéis têm suas demandas específicas e o conhecimento básico de uma língua estrangeira, a rotina de um hotel, as noções básicas do contexto histórico e o potencial turístico da cidade e os serviços prestados aos clientes devem ser tema dos cursos de aprendizagem.

A frequência à escola pública de ensino médio é uma cláusula imprescindível para o ingresso do jovem no P. S. assim como para o encaminhamento à empresa. Os cursos de aprendiz têm duração média de 500 horas e não ultrapassam em vinte horas semanais a jornada da parte teórica. Os cursos são ofertados segundo a natureza das empresas e suas demandas. Os cursos de hotelaria, apoio administrativo, auxiliar de supermercado e contabilidade estavam sendo ministrados durante o período de minha coleta de informações para esta pesquisa.

O acordo estabelece que as atividades dos adolescentes fiquem restritas à semana, preservando assim os fins de semana para descanso e lazer. Essa cláusula sofre adaptações conforme a natureza da empresa. No caso dos supermercados, os jovens aprendizes são mais requisitados para o trabalho aos fins de semana, sendo compensados por folgas durante a semana. O curso e o estágio de aprendiz ficam estipulados em um ano seu tempo máximo, não podendo ser prorrogado.

Os recursos para o pagamento da bolsa-auxílio dos jovens aprendizes são de competência de cada instituição privada, ficando sob responsabilidade do P. S./SAS o custeio dos cursos profissionalizantes. As empresas privadas são mais flexíveis no tocante às vantagens adicionais aos adolescentes. Custeio de vale-transporte, vale-alimentação, ou mesmo o direito de fazer refeições no local de trabalho estão entre os

benefícios adicionais aos jovens aprendizes. O desconto em folha de uma parcela da bolsa para poupança faz parte de uma cláusula obrigatória a ser cumprida pelas empresas privadas, mas não estendida às empresas públicas.

O contrato de aprendizagem pode ser extinto por decisão de qualquer uma das partes, sem prejuízo, e deve ser observada, para fins de desligamento compulsório a idade máxima de 18 anos ou conclusão do ensino médio.

2.2 Estágio em empresas públicas

As atividades de estágio nas empresas públicas, destinadas aos jovens estudantes de ensino médio, não estão sujeitas à mesma legislação do sistema de aprendizagem. A legislação que regulamenta o estágio nas empresas públicas (Lei nº 6494/77, Decreto 87.497/82 e Decreto Estadual n 26.725) não exige o cumprimento de aulas teóricas, dispensa o depósito de FGTS, o pagamento de 13º salário e férias. Não é obrigatório o registro em CTPS, assim como outros benefícios como vale-transporte e vale-refeição, mas em todas as formas de estágio é exigida a cobertura de um seguro de vida contra acidentes pessoais em favor dos adolescentes.

Para o encaminhamento ao estágio são firmados dois tipos de acordos. Um chamado de Acordo de Cooperação, é firmado entre a empresa e o P. S. e o outro denominado de Termo de Compromisso envolve a instituição de ensino, a empresa concedente do estágio o P. S. e os adolescentes e seus responsáveis legais.

O P. S. definiu como carga horária semanal um total de 20 horas para estágio. Enquanto outra agência de integração prevê até 40 horas semanais para estágio, o P. S. justifica a redução desta carga horária em favor de um bem-estar para os jovens que ainda têm como jornada diária a frequência regular à escola. São levados em conta, ainda, o tempo gasto com locomoção, estudos e lazer.

O estágio nas empresas públicas está relacionado às atividades de caráter administrativo, como por exemplo, recepção, apoio administrativo, digitação, etc. As

duas linhas de atuação do P. S., estágios e aprendizes são supervisionados por uma equipe de técnicos da instituição com o objetivo de adequar a proposta educativa do P. S. com os interesses e expectativas das empresas, considerando os aspectos legais e o bem estar dos adolescentes.

O P. S., no seu papel de agente de integração não tem fins lucrativos, tratando-se, pois, de uma instituição de caráter público. Sua função é de promover a integração entre as empresas, as escolas e os estudantes de nível médio das escolas públicas. A proposta do P. S., tanto do adolescente aprendiz quanto dos estagiários, é proporcionar ao jovem a vivência em situações concretas do processo de formação e capacitação de mão de obra qualificada para enfrentar o mercado de trabalho assim como a garantia de um futuro profissional.

As empresas públicas conveniadas recorrem ao recrutamento de estagiários para suprir deficiências em seus quadros e que não são repostas por seleção pública. Tratando-se basicamente de funções básicas, não existe disponibilidade de concursos e, por isso, a alocação dos jovens resulta em uma estratégia de menor custo em se tratando de curto prazo. Atividades como de *office-boy* interno, recepção, apoio administrativo são atividades em geral designadas aos jovens estagiários. O compromisso com a questão social passa a ser conveniente para essas empresas que não estão renovando os quadros elementares.

Os recursos para o pagamento da bolsa-auxílio são de competência de cada instituição e, em geral, corresponde à metade do salário base de um servidor de nível médio em fase inicial.

A condição para o ingresso no P. S. é a análise da situação sócio-econômica da família do jovem. O contrato dos jovens estagiários tem duração de um ano, podendo ser prorrogado por mais um ano, conforme avaliação realizada no final do primeiro período. Em decorrência do grande fluxo de jovens inscritos e a não correspondência de oferta de vaga nas empresas públicas, ficou decidido que não haveria, provisoriamente, renovação do contrato. Essa decisão visa dar maior rotatividade aos estagiários embora seja uma questão que não vem agradando muito aos contratantes, pois a rotatividade exige sempre um tempo de aprendizagem e disponibilidade de ensinar o ofício que não encontra muita adesão entre os servidores.

Assim, por não haver um rigoroso critério para a inscrição e encaminhamento dos jovens, no sentido de que a declaração do beneficiário deve ser creditada como verdadeira, alguns aspectos são avaliados por ocasião das entrevistas com o jovem. A ocupação dos responsáveis pelo grupo familiar, a renda familiar, aspectos físico e material da moradia (tipo de casa, mobília, eletrodomésticos, etc.); composição da família, vínculo do grupo familiar com outros programas sociais, aspectos comportamentais como casos de doença, drogadição ou atitudes transgressoras do jovem, dentre outros elementos que compõem a configuração do beneficiário - ou melhor, cliente, como se vem denominando recentemente - são os critérios a serem avaliados por ocasião de inscrição assim como para a priorização de encaminhamentos..

3. JUVENTUDE E TRABALHO

O atual padrão de inserção na economia mundial incide diretamente sobre a estrutura produtiva do país, com reflexos no mercado de trabalho, especificamente o mercado de trabalho juvenil, registrando maiores instabilidades, o que acentua as desigualdades sociais.

O ciclo de industrialização nacional das décadas de 1930 até a de 1980 possibilitou o rápido crescimento da economia, garantindo ampla oferta de emprego, que favorecia a mobilidade social. Esse período, contudo, não impediu a constituição de um cenário de desigualdades: o jovem pobre ingressava precocemente no mercado de trabalho, em empregos precários, sem ter completado, na maioria das vezes, o período escolar obrigatório, ao passo que o jovem da classe média, ou de família rica, permanecia maior tempo em atividades escolares, o que lhe conferia a capacidade de ingresso em postos de trabalhos mais elevados nas principais atividades econômicas, tanto do setor privado quanto do setor público (Pochman, 1999).

A partir dos anos 80, o padrão de inserção ocupacional vem passando por uma forte reestruturação associado ao baixo crescimento econômico, cujo quadro é de compressão da renda *per capita*, altas taxas de desemprego, desassalariamento, geração de trabalhos precários e baixa mobilidade social. Neste contexto, os jovens são os mais prejudicados por não disporem de condições iguais de competição no campo do trabalho (Antunes, 2000; Castel, 1999; Offe, 1989; Gorz, 2003; Mandel, 1990; Leite, 1994; Quadros, 1994)⁴.

Em seu livro “A Inserção Ocupacional e o Emprego dos Jovens”, Márcio Pochman afirma estar se configurando um novo padrão de inserção ocupacional do jovem, a partir dos anos 90. Ele compreende o conceito de padrão de inserção ocupacional “como a trajetória predominantemente traçada pelo segmento juvenil da POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA (PIA) na transição da inatividade para o mundo do trabalho” (Pochman, 1998:17). Essa trajetória permite indicar as condições de acesso ao campo do mercado de trabalho formal por parte dos jovens, assim como as repercussões na dinâmica da oferta de emprego e na concorrência no mercado de trabalho formal. Pochman (1998) enumera quatro segmentos da dinâmica de inserção profissional dos jovens e da heterogeneidade do mercado de trabalho formal:

1. O mercado profissional que contrata o jovem em função de uma certidão de qualificação específica;
2. O segmento interno que contrata para emprego estável a partir de concurso ou seleção rígida;
3. O segmento externo com contratação instável, sem critérios rígidos, associados às empresas privadas (pequenas e médias);
4. O segmento não organizado que inclui as relações de trabalho abaixo dos parâmetros mínimos, com utilização ilegal de mão-de-obra, inclusive.

Por exemplo, os jovens atendidos pelo Programa SOMAR são inseridos, predominantemente, no segmento externo: as empresas contratam estagiários como estratégia de redução dos custos e, por isso, não investem em programas de

⁴ Sobre centralidade do trabalho ver: Antunes (2000); Castel (1999); Offe (1989); Gorz (2003); Mandel (1990). Sobre as transformações tecnológicas e o impacto nas relações de trabalho ver: Leite (1994); Quadros (1994).

qualificação, o que restringe as possibilidades destes jovens alcançarem outros segmentos mais organizados do campo do mercado de trabalho.

Ao término do estágio, os jovens podem permanecer nas empresas mediante contratos temporários, terceirizados ou vão para setores não organizados do mercado de trabalho. Em ambos os casos, os jovens terão que conviver com a precariedade e a instabilidade. Estes jovens se deparam com a crescente seletividade e concorrência do mercado de trabalho formal: a redução da oferta de vagas para estágio e o baixo índice de contratação pelas empresas após o estágio são indicadores da ausência de lugar no mercado de trabalho a despeito de qualquer escolaridade ou qualificação.

O Brasil passou a conviver com altas taxas de desemprego nos anos 90. A taxa de desemprego dos jovens, em especial, atinge patamares nunca antes verificados no país. Em 1997, por exemplo, a taxa de desemprego aberto dos jovens foi de 13%, quase três vezes superior à de 1980 que foi de 4,8%⁵.

Além do crescimento nacional da taxa de desemprego juvenil, a partir dos anos 90, de acordo com a Fundação IBGE e a Pesquisa Nacional por Amostras Domiciliares (PNAD/2001), todas as regiões brasileiras registram expansão significativa do desemprego dos jovens. Entre 1986 e 1996, por exemplo, o desemprego juvenil cresceu 171,1% na região Nordeste. Em 1996, a região Nordeste apresentou uma taxa de desemprego de 24,7%, abaixo apenas da região Sudeste, cuja taxa foi de 48,7%. Em relação à taxa de desemprego por faixa etária, foi mais expressiva a faixa de 15 a 19 anos (onde estão situados os estagiários/aprendizes do SOMAR), taxa de desemprego de 7,7% em 1989 e de 13,9% em 1996.

A demanda de trabalho, no período de 1989 a 1996, revela um acirramento na competição no mercado de trabalho formal, com prejuízos para a população jovem: o estoque de empregos com jovens entre 10 e 24 anos foi reduzido em cerca de 862 mil postos, o que equivale a dizer que em cada ano, em média, foram perdidas 123,1 mil vagas que poderiam ser ocupadas por jovens. Para o segmento juvenil entre 15 e 19 anos houve, neste período, segundo fontes Fibge-Pnads-ajustadas, uma compressão de

⁵ Fonte: IBGE/Pnads ajustadas ano 2001.

498,4 mil postos de trabalho, representando 54,5% do total de empregos juvenis perdidos (Pochman, 1998).

Essa escassez de postos de trabalho para jovens remete ao fenômeno do desassalariamento e de ocupações não assalariadas que estão em crescimento, completando, assim, o quadro de precariedade a que estão submetidos os trabalhadores, em especial os jovens. Ocupações instáveis em termos contratuais, com baixa remuneração e maior precariedade configuram-se no novo padrão de inserção ocupacional do jovem.

Pochman (1998) aponta três modalidades de trabalhadores jovens sem emprego: o primeiro, seria o desemprego recorrente que atinge principalmente os trabalhadores com menor faixa etária e que se ocupa por curtos períodos, em atividades diversas e precárias. Em geral são os segmentos externos e não organizado que absorvem estes jovens.

O segundo tipo seria o desemprego de reestruturação causado, sobretudo, pela inovação tecnológica e por novos programas de gestão da produção e de organização do trabalho.

O terceiro tipo seria o desemprego de exclusão que envolve o jovem que não se insere no mercado de trabalho, em especial no setor organizado da economia. Compreende, em geral, os jovens com baixa escolaridade, tendo, portanto, sua capacidade de empregabilidade comprometida.

Essa caracterização serve para demonstrar o grau de heterogeneidade e complexidade da questão ocupacional hoje e que suscita o questionamento sobre a viabilidade de se pensar o trabalho como elemento de emancipação que assegure a passagem dos jovens para a vida adulta.

3.1 Crise do trabalho como questão social

O avanço das políticas neoliberais acentua as tendências de desemprego, desigualdade social e exclusão, próprias ao processo de desenvolvimento do

capitalismo, tornando frágeis os vínculos de integração social. Dentre as justificativas, apontam-se a desordem monetária internacional e a crise fiscal dos estados como responsáveis pelo rompimento com o compromisso com o pleno emprego (Antunes, 2000; Pochman, 1998).

Os argumentos em defesa do capital apontam a intervenção estatal como responsáveis pelas falhas do mercado, gerando o problema da exclusão social. Assim, algumas análises defensoras de um ajuste das políticas macroeconômicas propõem a liberdade do mercado, a desregulamentação e a flexibilidade como propiciadores para a geração de empregos. No entanto, não houve, nas últimas décadas, o desempenho propagado pelo mercado de auto-ajuste. As consequências são o desemprego e a precarização com suas diversas formas de incorporação social possíveis, dentre elas a informalidade (Pochman, 1999).

Acentuam-se as disparidades entre níveis de renda de setores dinâmicos, que ainda preenchem todos os seus postos de trabalho, e aqueles que empregam trabalhadores de segmentos mais baixos da escala de rendimentos. Estes se apresentam com relações de trabalho precarizadas, implicando num processo de exclusão e denunciando o discurso não realizável do pleno emprego.

O fenômeno da exclusão social, historicamente determinado pela dinâmica da crise estrutural do capital, reflete a dissolução dos laços que articulam as formações sociais construídas no pós-guerra e conhecidas como anos dourados do capitalismo. Se durante o pós-guerra, o padrão de integração estava associado ao pleno emprego e à segurança socioeconômica, com o rompimento deste padrão de integração, embora não generalizável, parcelas cada vez maiores da população deixam de ter acesso aos bens e serviços básicos que se davam, historicamente, pela via do emprego formal.

No Brasil, vale destacar, o desenvolvimento do capitalismo ocorreu decisivamente a partir da intervenção estatal, bem diferente dos países centrais. A partir do início da década de 1970, a crise mundial do capital e a inserção do Brasil no mercado mundial acentuaram ainda mais o fenômeno da exclusão social e da pobreza, produzindo novas formas de vulnerabilidade social, com repercussão na atualidade.

Se antes, ser excluído e fazer parte de “bolsões de pobreza” constituía “anormalidades” para as quais as políticas públicas dirigiam seu foco, hoje a exclusão, como consequência da crise da relação capital/trabalho, alcança uma dimensão perversa na sociabilidade. Os jovens pesquisados são exemplares de pessoas que investem parte de seu tempo e energia para trabalhar e estudar, quando na realidade as chances de mobilidade ascendente se encontram reduzidas (Laurel, 1997)⁶.

A lógica de enfrentamento da crise do capital condiciona a restrição à criação de empregos regulares e predomina a condução de políticas públicas geradoras de uso e remuneração de mão-de-obra desregulamentadoras, comprometendo assim, o estabelecimento de uma cidadania desejada, como assevera Pochman (1999). Ele destaca que esta maior flexibilidade no uso e remuneração da mão-de-obra como mecanismo necessário à promoção de mais emprego, inspirado em Hayek⁷, é insuficiente para o enfrentamento do problema do emprego e tem promovido as desigualdades sociais e a exclusão social:

“Assiste-se à conformação de um padrão de sociedade dual, entre aqueles que se encontram plenamente incluídos, por meio de uma ocupação regular e de boa qualidade, e os demais, os precariamente incluídos (subemprego, ocupações atípicas, parciais) e os excluídos (sem emprego por longa duração). A incapacidade de as instituições (sindicatos, partidos, Estado) darem suporte adequado aos que se encontram marginalizados não estaria revelando uma simples falha do funcionamento de mercado, mas também das próprias instituições sociais” (Pochman, 1999:22).

Pochman levanta hipóteses de que as novas vulnerabilidades sociais estariam associadas tanto à exclusão do mercado de trabalho formal quanto à inclusão precária que impediriam o acesso aos programas de proteção social. Porquanto, o combate ao desemprego, via crescimento econômico e aumento do gasto público,

⁶ Ver mais sobre essa questão na Revista Brasileira de Educação, n.6, ANPED, 1997.

⁷ Friedrich August von Hayek (1899-1992), economista, de orientação neoliberal, prêmio Nobel de economia em 1974. Crítico radical da intervenção do Estado na economia.

exigiria uma redefinição do papel do Estado na promoção de um novo padrão de integração social.

A crise do capital e suas derivadas, como a crise nas relações de trabalho e no emprego, suscita a discussão em torno da qualificação e da competência como estratégias utilizadas pelo sistema econômico para selecionar sua força de trabalho, ao mesmo tempo em que promove um quadro de exclusão, atribuindo ao indivíduo as falhas que se encontram no sistema produtivo (Castel, 1999; Enguita, 1997; Paugam, 2003).

Ocorre que a tão propalada qualificação se destina a uma pequena minoria da classe trabalhadora, mas se reveste de um valor disseminado socialmente e que se encontra hoje em todos os discursos sobre o tema trabalho:

“Tais exigências são peças de um discurso que serve para difundir a idéia de que a “culpa” pela não obtenção de “mais e melhores” empregos cabe aos detentores da força de trabalho. Ou porque têm baixa escolaridade e/ou não se prepararam profissionalmente para as novas tecnologias” (Oliveira, 2003:8).

Portanto, transfere-se do social para o individual a responsabilidade pela inserção no mercado de trabalho formal: “A empregabilidade converte-se, neste caso, num corolário de conhecimentos, habilidades e esforço individual de adequação” (Paiva, 2001:59).

O Programa SOMAR em sua proposta de inserção do jovem no campo de trabalho, via estágio, dá ênfase na preparação para o enfrentamento da concorrência, através de cursos profissionalizantes e de desenvolvimento de atributos e habilidades pessoais. As estratégias de programas como o Programa SOMAR, parecem privilegiar as estórias individuais como pré-requisito para a inserção social e como elemento discriminatório para o ingresso no mercado de trabalho formal: “Assim, os indivíduos são levados a definir, eles próprios, sua identidade profissional e a fazer com que seja reconhecida numa interação que mobiliza tanto um capital pessoal quanto uma competência técnica geral” (Castel, 1999:601).

Novas formas de sociabilidade são requeridas para fazer frente às vicissitudes da esfera econômica e da ausência do Estado na regulação deste quadro de “anomia”, que Castel denomina de “individualismo negativo” cujo modelo extremo ele atribui ao jovem toxicômano de subúrbio na atualidade:

“É completamente individualizado e super exposto pela falta de vínculos e de suportes em relação ao trabalho, à transmissão familiar, à possibilidade de construir um futuro (...) seu corpo é seu único bem e seu único vínculo, que ele trabalha, faz gozar e destrói numa explosão de individualismo absoluto” (Castel, 1999:603).

A adesão ao Programa SOMAR revela a estratégia utilizada por jovens em busca de uma ajuda individualizada (Castel, 1999) como forma de escapar ao contexto de uma coletividade obtendo resposta do Estado de forma pontual e localizada, porque este se retirou como ator principal na regulação dos conflitos produzidos pela economia fundada no mercado. Contudo, o Estado ainda é tido como o *locus* privilegiado para minimizar as tensões econômicas e o processo de fragmentação social:

“O poder público é a única instância capaz de construir pontes entre os dois pólos de individualismo e impor um mínimo de coesão à sociedade. Um Estado até mesmo protetor porque, numa sociedade hiper-diversificada e corroída pelo individualismo negativo, não há coesão social sem proteção” (Castel, 1999:610).

Recorrer ao Estado, pelos programas de qualificação e inserção profissional sinaliza o apelo crescente de um segmento juvenil que aposta na via do trabalho como fundante de suas sociabilidades e identidades. O grande desafio para programas deste gênero é o de ser capaz de realizar a melhoria das condições de vida dos jovens contemplando-os em sua dimensão mais ampla enquanto sujeitos e cidadãos.

Para a configuração do tema de minha pesquisa, o espaço onde se desenvolvem as interações entre os jovens e os demais agentes será denominado de campo do mercado de trabalho. Segundo Bourdieu, um campo se define como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisados independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas) (Bourdieu, 1983:89).

Esse espaço estruturado de posições implica que existem objetos de disputas e interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e de interesses em outros campos. Neste campo específico do mercado de trabalho, deve-se observar a

interação entre os diferentes agentes e instituições envolvidas: jovens engajados no Programa SOMAR, na disputa por um espaço no mercado de trabalho.

O Estado, como o órgão responsável pela implementação de políticas públicas e pela regulamentação das políticas econômicas que favorecem o desenvolvimento da economia – com repercussões no mercado de trabalho; as empresas que conduzem o fluxo e as exigências para a inserção ocupacional; as escolas, pelo seu papel de reprodutor do conhecimento; a família, como espaço primeiro de produção do *habitus* para o trabalho. Fazendo-se necessário explicar como ocorrem essas interações, segundo o método de Bourdieu (2002:66).

Para tanto, é preciso elencar quais são as propriedades específicas de cada agente e instituição, assim como as leis invariantes da estrutura do campo, os diferentes tipos de capital, investimentos, ganhos (Bourdieu, 2000:69) e as especificidades de funcionamento deste campo, isto é, os diferentes segmentos do mercado de trabalho, as aptidões requeridas, as experiências adquiridas, o papel do Estado como interlocutor, *etc.:*

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir (Bourdieu, 2000:69).

A estrutura do campo reflete a relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta a partir de um capital específico acumulado em lutas anteriores orientando as estratégias futuras. Para Bourdieu, o campo é o espaço onde ocorrem disputas, lutas, e implica que os agentes e instituições estão em posições diferenciadas e, portanto, com interesses diferenciados: a alguns interessam a conservação da estrutura do mercado de trabalho.

Por um lado, pela lógica capitalista, o aumento da demanda da força de trabalho propicia a redução dos custos com salários, por exemplo, não implicando que a empresa tenha de enfrentar desafios para contornar a queda do poder de consumo e que vem afetando os seus lucros. De outro lado, o Estado, através do Programa SOMAR, tenta reduzir as desvantagens, de uma parcela da população, em relação à empregabilidade, criando leis de incentivo fiscal; para incrementar a produção e o

consumo, com vistas à conciliação de interesses dos diferentes agentes e, ao mesmo tempo, à garantia de sua legitimidade.

Tanto as empresas quanto o Estado têm, conforme Bourdieu, o “monopólio da violência legítima”, isto é, uma autoridade específica que visa à “defesa da ortodoxia” (Bourdieu, 1983:90). Esta estratégia de conservação garante a manutenção da “ordem” e a capacidade de impor regras para o funcionamento do campo.

Um outro aspecto que vale destacar no campo do mercado de trabalho é a cumplicidade entre os agentes envolvidos, não obstante a disputa entre eles. Isto revela a existência de interesses fundamentais em disputa:

Os que participam da luta contribuem para a reprodução do jogo contribuindo (mais ou menos completamente, dependendo do campo) para produzir a crença no valor do que está sendo disputado (Bourdieu,1983:91).

A crença no valor do que está sendo disputado é a crença na centralidade do trabalho como elemento fundante da identidade coletiva (Castel, 1999:531). No entanto, não apenas os jovens que reclamam pela entrada neste campo, mas os diferentes agentes e instituições, demonstram que este campo está ainda por ser feito, no sentido de que a crise do trabalho, o aumento da pobreza e a queda no padrão de consumo vêm abalando a estrutura deste campo e reclamando por outras regras de ajuste para a sua conservação:

O campo se define não apenas pelos objetos de disputa mas também pelas pessoas nele engajadas e dispostas a disputar o jogo, “ dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa, *etc.* (Bourdieu,1983:97).

Muito embora os críticos do capital venham apontando para a precarização das formas de inserção no campo do mercado de trabalho, ocorrem metamorfoses no campo do trabalho no sentido de acentuar o estranhamento deste como atividade verdadeira, isso é, o meio pelo qual o homem operaria sua inscrição social em busca da realização (Antunes, 2000:132).

Constato assim que mudou o caráter do trabalho quando não é mais ou tão somente na esfera da produção que o indivíduo se realiza, mas na esfera do consumo, em especial os jovens que buscam se apropriar de símbolos de identificação, via consumo, para afirmar e construir suas identidades (Araújo, 2005).

4. JUVENTUDE E TEMPORALIDADE

4.1 Construção histórica de uma categoria

A definição de juventude, para fins de programas de políticas públicas, se dá pelo recorte etário. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) jovem é o indivíduo cuja faixa etária se situa entre 15 e 24 anos. Esse critério parece ser insuficiente face à heterogeneidade que a condição juvenil sugere, haja vista a pluralidade de jovens com diferentes atitudes comportamentais em função de outras variáveis como região, classe social, capital cultural e escolar, gênero, visão de mundo, estilo de vida, etc. Bourdieu lembra que se constitui num “abuso de linguagem envolver, num mesmo conceito, universos sociais que praticamente não possuem nada em comum” (Bourdieu, 1983:114).

A categoria social juventude surge no pensamento intelectual ocidental como um produto da modernidade. A divisão social do trabalho e a racionalidade, entre outros elementos, possibilitaram a emergência do indivíduo como construção cultural. Ariès (1981), Elias (1994) e Foucault (1984; 2003) são autores a que eu recorro para descrever a emergência do indivíduo moderno e da cristalização das fases da vida e seus respectivos atributos. A distribuição de papéis sexual e social (Áries, 1981) marca as etapas da vida como configurações específicas por meio das quais operam os dispositivos da sexualidade e da disciplina (Foucault, 1984), com a finalidade de produzir indivíduos aptos para o convívio social. Elias (1994) chama atenção para os “passos lentos” do processo civilizador em que as etapas bio-psicológicas dos indivíduos passam a ser permanentemente observadas e controladas, tendo em vista assegurar o modo de vida inaugurado pela burguesia européia. Regras de cortesia, higiene e postura passam a serem veiculados em publicações e discursos e atentam para regras de comportamento a serem adotadas, segundo as faixas de idade e a classe social, primeiramente pela burguesia e, aos poucos, pelas demais classes sociais.

Peralva (1997:16) afirma que a cristalização das idades na modernidade é resultante das transformações no âmbito da instituição familiar, da demarcação dos espaços públicos e privados e da progressiva exclusão das crianças do mundo do trabalho. O foco das prescrições normativas e das injunções do poder se dá, sobretudo

nas crianças e jovens e tem como objetivo assegurar a formação de adultos adequados à ordem burguesa emergente que passa a operar como um padrão a serem seguidas pelas demais camadas sociais.

Vale destacar que a sociologia da juventude foi se desenvolvendo em torno de duas questões centrais: uma que ressaltava o caráter de transitoriedade e outra que se fundamentava em torno do caráter de classe como determinante das culturas juvenis. O prolongamento do tempo de frequência à escola e a dependência econômica em relação à família são alguns dos fatores que contribuíram, nas sociedades urbanas, para a extensão do período reservado à preparação para a assunção dos papéis de adulto. A ruptura com a fase da vida denominada infância e a ausência de elementos que autorizam/legitimam/proclamam a mudança de estatuto para a inserção na fase adulta fazem com que essa fase da vida seja vivida, em alguns grupos sociais, em especial nas grandes cidades, como uma condição de status temporário (Bourdieu, 1983:114), em que a juventude está relativamente situada como “fora do jogo”.

Alguns estudiosos associam a fase transitória da juventude a um período de incertezas, angústias, medos, crises e até mesmo de esperanças. A sociologia funcionalista associa esse período transitório da juventude a uma fase crítica no âmbito do processo de socialização. Este é entendido como um processo pelo qual o jovem adquire os elementos de sua cultura e estaria apto a assumir os papéis atribuídos ao adulto. O par continuidade/descontinuidade dos valores, normas e comportamentos são vistos à luz de um conflito intergeracional. Sob essa ótica, as práticas dos jovens são analisadas com referência aos valores da geração adulta (Pais, 1993:40).

Davis (1968:31) representante desta linha de pensamento que confere à juventude uma fase de reprodução dos valores sociais, argumenta que o jovem “bem adaptado” tenderia a agir conforme as expectativas do grupo social pela necessidade de obter aprovação e prestígio.

Matza (1968:85) no seu artigo sobre as tradições ocultas da juventude, afirma que determinadas manifestações de revolta são coincidentes a um determinado grupo etário, como a juventude, em decorrência da vulnerabilidade intrínseca a essa fase da vida. O autor explica, portanto o efeito sem se deter nos fenômenos que produzem a vulnerabilidade da juventude. Segundo o autor, as tradições ocultas da juventude

(delinqüência, radicalismo e boêmia) sempre existiram e, sugere que, ninguém, em sociedade alguma, é completamente socializado ou integrado às expectativas da sociedade e, conseqüentemente, estas tradições são sempre vistas sob o prisma da ambivalência: em algumas épocas podem variar de uma relativa indulgência ou tolerância simpatizante a uma desaprovação radical.

A juventude na sociedade moderna passa a ser tematizada como problema na medida em que são confrontados os padrões de socialização vigentes. O comportamento excêntrico, desviante e contestador ou anormal são atribuídos a grupos de jovens sempre que estes sinalizam rupturas com os padrões instituídos pelas gerações precedentes (Abramo, 1994:8).

Valitutti (1968:125) analisa o movimento juvenil alemão, cuja origem ele remete ao final do século XIX, e afirma que este representava, desde então, reivindicações de autonomia em relação às gerações mais velhas. Esse movimento se insere no âmbito da tradição alemã como uma manifestação de revolta aos apelos da racionalidade moderna que ameaçavam valores tradicionais, associados a uma “natureza” espontânea e rural e que se tornavam imprescindíveis, para estes jovens, sua preservação. Esse movimento é uma expressão do romantismo alemão e do amplo debate entre *kultur* e *zivilisation* (tema desenvolvido por Elias em O Processo Civilizador (1994), publicado originalmente em 1939). Este é um claro exemplo das várias formas que o posicionamento dos jovens pode assumir frente às mudanças culturais: avanços e retrocessos são possibilidades buscadas pelos jovens para afirmar visões de mundo.

Flittner analisa os grupos juvenis no período entre - guerras europeu. Parte dos jovens que viveu a turbulência das guerras manifestavam uma visão pessimista com relação aos radicalismos. Estes jovens assumiram uma postura marcadamente objetiva e aderiram aos ritmos e formas de vida importadas dos Estados Unidos. O *way of life* americano preconizava que o “andamento de trabalho, mecanização, ritmos de vida mais apressados. Estes são aceitos por esta geração do mesmo modo que a ideologia da civilização e as formas de dança, moda e distração importadas dos Estados Unidos” (Flittner, 1968:65).

Os traços gerais em que se apóiam estes estudos, aqui delineados parcialmente, correspondem a uma visão da juventude em função da transitoriedade, como uma fase marcada por crises e conflitos intergeracionais que, em última instância, problematiza a própria ordem social (Abramo, 1994:14). Abramo ressalta que, segundo a perspectiva funcionalista, a falha na integração faz com que grupos juvenis desenvolvam comportamentos desviantes. Esse foi também o argumento desenvolvido pela denominada Escola de Chicago, cujas teses associam a delinquência como decorrente das condições sociais anômalas em função da ausência de planejamento urbano. Trasher, pesquisador da Escola de Chicago, descreveu em sua tese de doutorado, em 1927, que as gangues surgem como consequência do processo de “guetização” em que a população pobre se encontra cujo perfil é, predominantemente, caracterizado pela origem imigrante, o baixo rendimento escolar, o desemprego e a moradia em subúrbios degradados. Essas condições de vida não oferecem, segundo o autor, meios para que os jovens desenvolvam uma reafirmação positiva em suas vidas. O comportamento delinqüente, segundo o autor, desenvolve também fortes traços de reconhecimento através das artes gráficas e/ou musicais. Em última instância, essas práticas delinqüentes visavam construir uma identidade social e individual assim como demarcar o espaço intersticial, geográfico e social em que estes jovens se encontram (Coulon, 1995:65).

Essa relação de causa e efeito demonstrada pelas pesquisas para justificar comportamentos desviantes não foi empiricamente observada em minhas pesquisas com os jovens do Programa SOMAR. Muito embora estes jovens sejam pobres, moradores de bairros degradados tenham famílias compostas de diversos arranjos/visões de mundo e submetidos aos apelos consumistas, como veremos adiante, eles demonstram interesse em superar as dificuldades por meio de projetos de vida que os identifique como trabalhadores e batalhadores. Suas práticas não estão comprometidas com uma ruptura à ordem social, mas antes, a uma forma de se adequar a um padrão de comportamento socialmente aceito e valorizado.

A condição de transitoriedade também é destacada por Mannheim. Em seu célebre ensaio sobre a juventude, publicado originalmente em 1954, o autor alerta que o potencial inovador da juventude está relacionado diretamente com a natureza concreta da sociedade. Juventude e sociedade devem ser consideradas em termos de

reciprocidade total. Segundo o autor, as sociedades primitivas desconhecem os conflitos com a juventude porque não existe uma separação radical entre as normas familiares e as do mundo do adulto, isto é, as normas do grupo social mais amplo. No ocidente, a juventude dos anos pós-guerra, foco das análises de Mannheim, caracteriza-se pela reserva vital de que é portadora. A natureza do potencial da juventude deve-se ao seu caráter de incompletude, no sentido de não estar ainda totalmente enredada no *status quo* da ordem social. Essa condição de estranhamento à ordem social instituída faz com que a juventude esteja potencialmente pronta para qualquer nova oportunidade. A juventude seria então, para o autor, a categoria apropriada para reverter o caos europeu. O caráter desbravador da juventude poderia ser a solução ante a inércia dos povos subjulgados da Europa e das massas vibrantes da América, que não estavam preparados para sacrificar seu *status quo* em defesa de uma organização planificada, como apostava o autor, que seria o melhor desfecho para a Europa do pós-guerra.

O caráter de reprodução social nas correntes que enfocam a transitoriedade destaca o processo de socialização e os conflitos decorrentes das relações intergeracionais. Uma outra vertente na abordagem da juventude atribui uma relevância ao caráter classista na determinação das culturas juvenis. A abordagem classista, por sua vez, destaca a reprodução social em função do pertencimento a uma determinada classe social. Assim, as culturas juvenis poderiam ter efeito das condições objetivas, tais como, a posição que a família ocupa na estrutura de produção e os valores decorrentes desta posição. A transição dos jovens para a vida adulta estaria pautada pelas desigualdades sociais e as formas de inserção social seriam uma reprodução da estrutura de classe.

Bourdieu (1983) adverte que as divisões de classe de idade são produzidas pelo poder de divisão que manipula a luta entre jovens e velhos cujo efeito é impor limites às posições que cada um ocupa em campos específicos. Esse é o argumento que prevalece nas abordagens da condição juvenil, em que um dado biológico acaba por subsumir numa mesma unidade social diferentes formas de se viver a juventude. Nesse sentido, a forma que um jovem vai viver sua “suspensão” das normas que pautam os comportamentos dos adultos, vai ser diferente, conforme sua classe social. Um jovem pobre que ande “a esmo” pela cidade vai ser um suspeito, em

potencial de alguma transgressão, enquanto um jovem pertencente a uma classe social mais elevada terá uma diferente abordagem por parte dos “vigilantes” da ordem:

Por exemplo, poderíamos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, o orçamento do tempo, etc. dos “jovens” que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado as condições do universo econômico real, apenas atenuada pela solidariedade familiar; do outro, as facilidades de uma economia de assistidos quase-lúdica, fundada na subvenção, com alimentação e moradia e preços baixos, entradas para teatro e cinema a preço reduzido, etc. (Bourdieu, 1983:113).

Muito embora a realidade francesa seja substancialmente diferente da brasileira, aqui não experimentamos um Estado – Providência como o francês, por exemplo, pode-se observar que um jovem pertencente a uma classe social que assegura o seu desenvolvimento pleno, (sem precisar induzi-lo a um trabalho precoce, porque comprometeria sua futura inserção no mercado de trabalho em postos mais elevados), vive diferentemente de um jovem pobre que, premido pela necessidade de sobrevivência, não pode dedicar-se a um pleno desenvolvimento intelectual e cultural. São assim, dois extremos de um campo de possibilidades que faz com que jovens orientem suas trajetórias em função da posição ocupada na estrutura de produção/classe e que, em última instância, delimitam os seus desejos e suas aspirações tendo em vista a reprodução e a mobilidade social.

O conflito entre gerações é uma forma de apaziguar o conflito de poderes e as disputas por privilégios nos diferentes campos da vida social. Os comportamentos juvenis que vierem a tornar visíveis as contradições das diferentes formas de se viver a juventude e de se fazer reconhecido socialmente são sempre apontados como dissonantes e, portanto, discriminados. As culturas juvenis, sob a ótica classista, são sempre vistas como formas de resistência ou de manifestações visando estremecer ou questionar o ponto de vista ou a ideologia dominante.

Esse breve panorama das principais abordagens sociológicas da juventude deverá ser desenvolvido posteriormente tendo em vista destacar as ambigüidades que conformam as discussões em torno desta fase da vida, em que o jovem se despede de um corpo e um estatuto infantil, mas ainda não se incorporou por completo na fase

adulta. Nos jovens sujeitos desta investigação, quais os traços de suas práticas e representações que são possíveis associar a uma fase da vida e quais são os traços que reafirmam uma visão de mundo construída pelo pertencimento a uma condição de classe? Isto veremos de forma pormenorizada no próximo capítulo.

O caráter ambíguo que reveste as diferentes formas de representar a juventude é fundamentado pela condição de transitoriedade, segundo Abramo:

“Assim como os limites de início e término dessa transição não são claros nem precisos, nem demarcados por rituais socialmente reconhecidos, na sociedade moderna, esses direitos e deveres não são explicitamente definidos nem institucionalizados, imprimindo-se à condição juvenil uma imensa ambigüidade” (Abramo, 1994:11).

Para além da questão da transitoriedade e da condição de classe, observa-se que a fase da juventude começa a ser reconhecida como a fase em que são tornadas visíveis as identidades/identificações com traços culturais próprios, que não podem ser atribuídos exclusivamente a nenhuma esfera da vida social, mas que operam uma síntese de variados estilos de vida. A noção do vir-a-ser (Abramo, 1994:14), da continuidade e ruptura com a ordem social não é suficiente para compreender a diversidade de modos de vida que pautam os comportamentos juvenis. Assim, para além do caráter reprodutivo das culturas juvenis, faz-se necessário reconhecer o caráter produtivo que os comportamentos juvenis imprimem nas relações sociais. Fala-se, inclusive da conversão do humano em jovem (Ribeiro, 2004:27) quando alguns ideais socialmente valorizados são pautados pelo modo de ser jovem: liberdade, cuidados com o corpo, flexibilidade para lidar com as situações mais variadas, etc.

Já para Morin (2001, 2002), a juventude é um produto da sociedade de massas e emerge, a partir dos anos de 1950, como um novo contingente social orientado essencialmente para o consumo. A “cultura juvenil” universal, a que Morin se refere, é favorecida pelo desenvolvimento econômico, pelo prolongamento da escolaridade e a disseminação de novos signos culturais por parte da indústria cultural. Muito embora o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo tenha a tendência a subsumir as diversidades culturais pela prevalência das relações produtivas, esta postura de Morin deve ser relativizada para que seja possível conferir às subjetividades formas particulares de interpretar e resignificar os fenômenos sociais. Assim, os produtos da

indústria cultural e de massa são transformados em signos onde cada grupo empresta sentidos conforme o “seu estoque de conhecimento à mão” (Schutz, 1979).

Seguindo o argumento de Morin, as instituições sociais tradicionais, como a família e a escola, teriam perdido o poder da influência sobre a socialização dos jovens e, neste sentido, lembra Pais (1993:90) acerca deste argumento: a juventude teria se transformado numa extensão ou apêndice da cultura de massas e, por isso, sem qualquer poder de influência de outras esferas sociais, tais como os determinantes de classe, etc.

Para Morin, a noção de classe de idade contém uma ambivalência: a transitoriedade como uma metáfora de fluxo, movimento, se contrapõe à noção de classe, esta como uma categoria estável, e a emancipação dos jovens só estaria garantida quando assegurados os mesmos direitos atribuídos aos adultos. As culturas juvenis emergem inicialmente nos Estados Unidos, e se propagam para os demais países, podendo trazer consigo traços de segregação a respeito do mundo adulto, ao mesmo tempo em que uma recusa a um estatuto hierarquicamente inferior ao do adulto.

A juventude faz emergir também, segundo Morin, a discussão em torno do envelhecimento. A tendência de juvenilização inaugura um novo modelo de homem, aquele que busca a auto-realização através do amor, do bem-estar, da vida privada. Amor, beleza e juventude formam uma nova trindade em contraponto ao tédio burocrático herdados pela tecnocracia. Assim, para o autor, “... a cultura de massa desagrega os valores gerontocráticos, acentua a desvalorização da velhice, dá forma à promoção dos valores juvenis, assimila uma parte das experiências adolescentes” (Morin, 2002:157, v.1).

Assim, vemos que a juvenilização e a moratória são atribuídas à fase da juventude como se essa fosse uma categoria homogênea. No entanto, pelas narrativas que compõem as histórias de vida dos jovens pesquisados, verifiquei que essas noções também podem ser sentidas como abreviadas, cortadas, desvalorizadas, sublimadas quando eles têm o imperativo do trabalho como forma de viver a juventude. Estranha

ambigüidade que comporta essa noção uma vez que a juventude representa o vigor para transformações e realizações ao mesmo tempo em que é impedida, pelo contexto e pelas regras às quais se submetem de vivê-la em sua plenitude.

4.2 Ritos de passagem

Diversos autores destacam que as sociedades “tradicionais” ou tidas como “arcaicas” efetuavam ritos de passagem da infância para a idade adulta. Esses ritos bastante demarcados e publicamente referenciados, e operavam uma ruptura brusca com o cotidiano. Nas sociedades ocidentais também são definidas formas rituais para demarcar passagens, muito embora utilizem outros elementos para significar a mudança de estatuto. Morin afirma que os ritos nas sociedades “tradicionais” efetuavam uma passagem brutal para a fase adulta, não cedendo espaço para uma fase de adolescência tal qual a modernidade confere. Nas sociedades modernas, o conceito de juventude não está ligado estritamente ao processo de maturação biológica (puberdade).

Algumas análises apontam que os jovens estão ingressando cada vez mais cedo nessa fase liminar e saindo, cada vez mais tarde, para adentrar no mundo adulto. Ribeiro afirma que a condição liminar e a duração da juventude já não são os únicos fenômenos que caracterizam a condição juvenil. Segundo o autor, a juventude passa a ser uma possibilidade que acompanha o indivíduo ao longo da vida. Seguindo a argumentação de Morin, Ribeiro afirma que certos valores e representações associados à juventude vêm perseguindo o ideal de vida dos indivíduos adultos: liberdade pessoal, cuidado com o corpo, assim como a abertura para adotar diversos “recomeços” na vida – amoroso, profissional, etc. - e rompem, assim, com a perspectiva linear em que se baseavam as trajetórias de vida (Ribeiro, 2004:27).

Para Morin (2001:138), a cultura juvenil que emerge a partir dos anos de 1950, caracteriza-se pelo consumo. Filmes, músicas e personagens produzidos pela indústria cultural passam a serem representativos de um segmento que procura afirmar a sua identidade em contraposição aos valores burgueses, como por exemplo, o

individualismo de propriedade. Interessava aos jovens reafirmar um novo estilo de vida que, embora também pautado pelo individualismo, visava à fruição e a exaltação dos sentidos e a adesão a um consumo diferenciado e diferenciador.

O contexto em que emerge “uma cultura juvenil universal”, segundo a análise de Morin, é o de países que vivenciaram, em sua mais clássica acepção, o desenvolvimento da indústria de massa, o pleno emprego, a proteção de um Estado de Bem-Estar. Estes elementos promoveram o acesso, de significativa parcela da população, a bens de consumo diferenciados, tanto de bens culturais quanto de bens duráveis. Os fenômenos de pleno emprego, e, em decorrência, o aumento da renda familiar favoreceram o consumo de bens simbólicos e materiais de grande parte da população ao mesmo tempo em que eram ofertados produtos específicos para diversos segmentos da população, dentre os quais, destacam-se os jovens.

A indústria passa a disputar um mercado cada vez mais promissor, a juventude, criando necessidades que vão expressando, para além do valor de uso, o caráter simbólico e comunicativo dos objetos de consumo. Assim, a tônica da fruição e do consumo simbólico são aspectos representativos da juventude como uma fase que ultrapassa os limites biológicos e congrega aspectos simbólicos como expressão de um modo de vida.

Kehl (2004) entende que a transformação do adolescente em “fatia” de mercado consumidor trouxe alguns benefícios para o segmento juvenil, mas também contradições. O adolescente passa a ser idealizado segundo um padrão de beleza, liberdade e sensualidade que se estende para as demais faixas etárias. A fruição destes valores faz com que os jovens sejam poupados – no plano real e simbólico – de quase todas as responsabilidades:

“Todos os adolescentes se identificam com o ideal publicitário do jovem hedonista, belo e sensual. O que favorece, evidentemente, um aumento exponencial da violência entre os que se sentem incluídos pela via da imagem, mas excluídos das possibilidades de consumo” (Kehl, 2004:93).

Assim, os objetos de consumo desejados pelos jovens, sejam eles comprados em lojas de *shopping centers*, ou em camelôs, funcionam como ritos de passagem para reinscrever os corpos dos jovens no estatuto de adulto. Segundo a autora,

esses ritos de consumo são as formas que as sociedades atuais encontraram para substituir os ritos de passagem das sociedades “tradicionais”.

Acredito que existem, em nossa sociedade, outras formas de conferir passagens para a vida adulta. O ingresso no mercado de trabalho, formal ou informal, ou num curso superior, assim como o casamento, é revestido de uma ritualidade que funciona como ancoragem para novos espaços de identificação, mas nem sempre asseguram a autonomia requerida pelos jovens e esperada pelos pais e o grupo social mais amplo.

Os ritos de passagem para a vida adulta foram objetos de estudo de vários antropólogos e sociólogos, dentre os quais serão destacadas as análises de Van Gennep, Turner, Durkheim, Mauss, e Bourdieu. Esses autores serão discutidos para fundamentar o debate em torno da passagem para a vida adulta e os significados culturais que assumem para demarcar os indivíduos como partes de uma totalidade.

De acordo com Van Gennep (1978), a vida social se funda em rituais para demarcar tempo e espaço. O rito, como fenômeno social envolve um conjunto de mecanismos que formam uma seqüência com a finalidade de demarcar passagens, de um indivíduo ou um grupo, para outro status social. As seqüências rituais comportam três fases:

“Uma fase de separação com a fase anterior, marcada por ritos preliminares; uma fase marginal, onde o indivíduo ainda não está investido em sua nova posição, marcada por ritos liminares e, na terceira fase, a de agregação, em que o indivíduo é investido em suas novas atribuições...” (Rodrigues, 1991:24).

No caso dos jovens vinculados ao Programa SOMAR, o rito de passagem para a vida adulta, por meio do trabalho, não se dá de forma tão demarcada como os ritos de passagem das sociedades não ocidentais, objeto de estudo de Van Gennep, muito embora concorde com o autor que a vida individual consiste em passar de uma situação a outra, num processo contínuo:

As manifestações rituais são uma ruptura com o cotidiano. Os ritos se decompõem em três estados: separação, margem e agregação (Van Gennep); preliminares, liminares e pós-liminares (Turner). As principais passagens nas sociedades tradicionais são o batismo, o casamento e a morte. Para Segalen (2002:57), o

caráter público destas encenações já não tem tanto vigor em sociedades em que o individual prevalece sobre o coletivo. Assim, segundo ela, cada um decide, segundo o seu estilo de vida, as manifestações rituais e as celebrações que lhe conferem sentido. A razão atribuída por Segalen para o desaparecimento de alguns rituais é devida à pulverização das diferentes esferas sociais que não permite marcar um “antes” e um “depois” com relação aos ritos de passagem.

O direito à sexualidade, sem o necessário vínculo com o casamento, à autonomia financeira e/ou a mudança do local de moradia não implicam, necessariamente, na aquisição do estatuto de adulto (Segalen, 2002:67). Pode-se acrescentar a esse contexto, as experiências vivenciadas pelos jovens pobres cuja inserção social, precária e instável não são suficientes para conferir um estatuto de adulto, podendo suas escolhas ser reversíveis.

Os rituais contemporâneos, muito embora recorram à tradição, revelam uma plasticidade que visa ajustar os efeitos das forças sociais a que estão submetidos e das temporalidades específicas, sendo, pois, expressões de um contexto social específico (Segalen, 2002:150).

O rito é uma forma de fixar na memória coletiva um acontecimento ou uma experiência. O lugar, o tempo, os símbolos, os gestos e o envolvimento da coletividade são os elementos que compõem uma definição antropológica de ritual (Segalen, 2002:97). Os rituais contemporâneos se realizam de forma descontraída, até mesmo lúdica, conforme as referências sociais, identitárias e sagrada. Segalen conclui que os rituais contemporâneos são uma síntese de elementos simbólicos díspares que reinventados, restauram um conjunto de crenças compartilhadas:

“Cada indivíduo pode vivê-las em referência ao seu sistema de valores, realizando uma síntese de suas diversas afiliações. Assim, não existem rituais ‘novos’, apenas rituais ‘contemporâneos’, na medida em que o estoque de referências simbólicas em que se abasteciam está acabado, na medida em que também eles supõem sempre uma estrutura com um começo e um fim” (Segalen, 2002:151).

Concordo com Bourdieu quando ele afirma a função social da passagem. O rito de passagem, segundo o autor é um rito de instituição, no sentido de fazer conhecer e reconhecer qualidades novas a um indivíduo e que se fundamentam na crença de todo um grupo (Segalen, 2002:51). As formas que uma sociedade reserva para reafirmar

valores comuns, através dos ritos, podem sofrer transformações, mas estão presentes como forma de reinventar tradições ou assegurar, pela repetição, a confiança no tempo futuro (Rivière, 1997:79).

Pais (2003) afirma que atualmente a transição para a vida adulta não se dá de forma linear e uniforme. As passagens pelas quais uma pessoa, tradicionalmente, assumia determinado estatuto não se dão mais de modo irreversível. A pulverização das diferentes esferas sociais não permite marcar um “antes” e um “depois” com relação aos ritos de passagem. O direito à sexualidade, a autonomia financeira e/ou a mudança do local de moradia não implicam necessariamente na aquisição do estatuto de adulto. Ainda mais porque estas situações são vivenciadas, por parte de muitos jovens, de forma instável e precária, podendo se tornar reversíveis.

As vias tradicionais pelas quais o jovem, nas sociedades urbanas, assumia o estatuto de adulto, já não são suficientes para lhe conferir autonomia. Contemporaneamente, o caráter reversível dos indicadores tradicionalmente utilizados para definir a passagem para a vida adulta faz com que estes jovens sejam representados, metaforicamente, por Pais, como a geração “yo-yo” (Pais, 2003:73). Acrescentaria ainda, na esteira do pensamento de Pais (2003) que as trajetórias juvenis são um constante tatear em busca de caminhos que apresentem saídas às suas expectativas. Seus caminhos se constroem, marcadamente, pelo contorno do ziguezague.

São múltiplas as formas de se viver a juventude e o prolongamento desta fase se dá, sobretudo, pelo indefinido processo de idas e vindas em diversas esferas da vida cotidiana na tentativa de assegurar independência e autonomia. O prolongamento da escolaridade, o apelo dos cursos profissionalizantes para enriquecer currículos e garantir empregabilidade, as condições precárias de trabalho, o fantasma do desemprego, as baixas remunerações, tudo isso corrobora para que o jovem prolongue sua dependência com a família de origem mesmo que ele já tenha antecipado sua função reprodutora.

4.3 Temporalidades juvenis

As novas formas de se viver a juventude no contexto contemporâneo suscitam a observação aos modos como os jovens atribuem sentidos ao lidar com o tempo, diferentemente das gerações anteriores. O tempo linear que assegurava as passagens para a vida adulta se cruza com o tempo cíclico, o tempo do eterno retorno, onde o destino é colocado como um alerta ao projeto de vida, no sentido de apontar limite para as escolhas. Assim, o sonho de mobilidade social, de conquistas, de decisões, tal como foi alardeada pela modernidade, cuja marca era a ênfase na capacidade reflexiva do sujeito, tudo isso é confrontado com o tempo cíclico da imutabilidade e da resignação.

O tempo linear caracteriza as sociedades que se baseiam no progresso; é um tempo que pressupõe uma continuidade entre um passado e um futuro. Já as sociedades “tradicionais” orientam-se no presente e representam o tempo como uma repetição cíclica. O sentido do projeto, do futuro, do relógio, do tempo dramático em que o desfecho pressupõe uma decisão dos sujeitos, o tempo homogêneo e vazio, da submissão da natureza à cultura, do infinito, são expressões de um tempo linear que, segundo Maffesoli (2003:60), se contrapõe à astúcia dos que valorizam a descontinuidade dos instantes vividos, à repetição ritual de viver o retorno do mito, do reencantamento do mundo, da ênfase no presente. O trágico do instante é representado como uma sucessão de atualizações que se esgotam no próprio ato, que não se economizam, mas se gastam no instante (Maffesoli, 2003:51).

Considero que essas duas representações do tempo devem ser levadas em conta quando da análise das trajetórias dos jovens e de suas implicações na construção de seus projetos de vida. Qual a relação que estes jovens estabelecem com o tempo? Como o futuro é representado por estes jovens quando eles falam de seus projetos de vida? Existe uma continuidade histórica entre suas trajetórias de forma que eles atribuam sentidos a um passado e um futuro projetado?

Velho (1981) discute a noção de projeto como parte da problemática da individualidade suscitada pelas sociedades complexas. O processo de individualização é valorizado nas sociedades tradicionais, mas tão somente enquanto parte de um todo. Os rituais são mecanismos que tentam dar conta da ambigüidade entre fragmentação e totalização (Velho, 1981:25).

Clastres (1990:125) ao descrever os ritos de passagem dos jovens *guaiáqui*, mostra que estes se revelam não somente uma oportunidade para que o jovem demonstre o seu valor individual, pela capacidade de resistência, mas também uma forma de inscrição do *ethos* tribal, isto é, a maneira que uma sociedade encontra para conferir um pertencimento social.

A individualidade é conferida em nossas sociedades, pelo recurso da nomenclatura. Conforme exemplifica Velho, o prenome indica uma individualização que é complementada pelo sobrenome, este um atestado de pertencimento a um grupo social. Essa relação ambígua entre a individualidade e a coletividade aponta para a prudência em relativizar os limites de um projeto individual, no sentido de que, aí estão também algumas expectativas geradas pelo grupo quanto aos caminhos a serem trilhados individualmente. Uma ação com objetivo predeterminado, implicaria uma noção de projeto, conforme definição de Schutz e retomada por Velho. No entanto, um projeto nunca é formulado exclusivamente pelo sujeito já que ele se encontra vinculado a um campo de possibilidades, segundo as condições históricas e culturais.

Interessa, pois, circunscrever as trajetórias dos jovens pesquisados no âmbito de seus campos de possibilidades e tecer as relações entre o caráter subjetivo de seus projetos de vida e o contexto familiar e social. O fato de eles elegerem o trabalho como o aglutinador de suas experiências cotidianas deve ser pensado como expressão das suas subjetividades, mas também como produto das condições objetivas. É na articulação destas duas arenas que os jovens vão traçando suas trajetórias e conferindo sentido às suas ações: “os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades (Velho, 1999:46)”. Assim, as trajetórias dos jovens investigados devem ser compreendidas como formas de continuidades e rupturas com as suas condições socioeconômicas e visão de mundo.

4.4 Identidades juvenis

É próprio da modernidade conceber a identidade do sujeito, como portadora de capacidades humanas fixas e sentimentos estáveis. Essa concepção herdada do pensamento cartesiano vai sendo aos poucos reconsiderada. Alguns estudiosos, dos quais destaco Bourdieu e Elias, tentam romper com essa visão estática do sujeito e

apontam para o caráter interativo que se estabelece entre o “eu” e a sociedade. Elias fala de uma “sociedade de indivíduos” para mostrar a interdependência entre o indivíduo e o grupo social (Elias, 1994). Diz Elias que os indivíduos desenvolvem, ao longo de seu aprendizado (social), um ideal de ser, ter ou realizar algo diferente: “É algo sumamente pessoal, mas ao mesmo tempo específico de cada sociedade” (Elias, 1994:118).

Os indivíduos, segundo Elias, estão submetidos a um conflito, ao longo de sua existência, mas principalmente durante a juventude, entre ser diferente dos demais, se distinguir e, ao mesmo tempo, conformar-se aos limites sociais. Essas discrepâncias revelam o abismo, (e que é preciso aprender a negociar), entre o “mundo interno” do indivíduo e o “mundo externo” da sociedade. O “eu” e o “nós” estariam em constante interação e, o desencontro entre a orientação individual e as possibilidades sociais poderiam resultar em fracassos para a construção da identidade individual.

A rede de interdependência que se estabelece entre o indivíduo e a sociedade realiza uma crescente individualização do social ao mesmo tempo em que uma hiper-socialização da experiência individual (Carrano, 2003:118). Essa tendência permite pensar que a experiência e a construção das identidades jovens estão inter-relacionadas. O jovem hoje, se depara com múltiplas dimensões do espaço/tempo, e pode experimentar diversas formas de expressar suas competências, habilidades e identificações. Elaborar escolhas reconhecer-se com múltiplas possibilidades de ser e estar, sempre em busca de reconhecimento social.

Ao longo da minha peregrinação no campo, verifiquei que os jovens parecem confirmar os múltiplos “eus” de que se compõem suas identidades. Os jovens, mais do que em outra fase da vida, estão experimentando jogar com diferentes papéis – sem que isso incorra num risco de cisão do “eu” - conforme exijam as circunstâncias. Goffman e Velho são autores que contribuem para confirmar as evidências empíricas desta investigação.

Os conceitos de Bourdieu também podem contribuir para a compreensão das identidades juvenis. O conceito de *habitus* pode explicar as práticas dos indivíduos, assim como a incorporação das estruturas objetivas, reafirmando a dimensão do indivíduo como “história feita natureza” (Bourdieu, 2003:58).

Hall (2003), afirma que nas sociedades da modernidade tardia, o sujeito vai descobrindo a fragmentação de sua identidade única e se deparando com as várias identidades, muitas vezes contraditórias, que compõem a sua subjetividade. Existe um deslocamento do sujeito, que se recompõe em uma pluralidade de posições, conforme vão sendo requeridas pelas relações sociais. A estrutura das identidades fica, assim, aberta a novas possibilidades, conforme a rede de relações que o indivíduo estabelece ao longo da vida.

O descentramento do sujeito, segundo a análise de Hall, se deu através de uma série de rupturas com o modelo cartesiano. Entre os pensadores que contribuíram para a ruptura com o modelo cartesiano, Hall cita a genealogia do sujeito moderno, empreendida por Foucault e a descoberta do inconsciente por Freud, que entende a identidade como um processo duradouro, mas não-consciente, indicando que a identidade nunca está completamente acabada. Assim, melhor seria pensar em processos de identificação para dar conta do movimento pelos quais as identificações vão sendo construídas (Hall, 2003).

Carrano (2003), em seus estudos sobre jovens em Angra dos Reis, destaca que ser humano é fazer-se em relações e por isso o “eu” é relacional e móvel. No atual contexto de mundialização, da multiplicidade de tempos sociais, de possibilidades e escolhas, o processo de identificação deve ser capaz de ser redefinido continuamente. Carrano se apóia nas análises de Melucci para se referir ao processo de construção do “eu” relacional, tarefa que exige do sujeito o empenho em conciliar a unidade do sujeito e a continuidade da história individual e coletiva. Diz Carrano:

“O sujeito sente que a certeza de uma direção final lhe escapa, porém é impelido a escolher. Essa necessidade de escolher, quase sempre, num quadro de escassez de tempo, pode tornar ameaçador esse destino de escolhas. Nesse sentido, a aquisição de uma identidade adulta pode ser entendida como a capacidade continuada de produzir nova identidade, integrando passado e presente, na unidade e na continuidade de uma biografia individual” (Carrano, 2003:125).

Assim, a perspectiva temporal da juventude, nas sociedades urbanas contemporâneas, envolve os jovens em múltiplas experiências que deverão compor suas histórias de vida e definir seus papéis sociais. A amplitude de experiências e de ofertas de escolhas faz com que a fase da juventude seja vivenciada como um caleidoscópio de incertezas. Se, nas sociedades tradicionais as trajetórias dos indivíduos estavam

relativamente definidas em função do grupo social, sociedade com ênfase no individualismo, ao mesmo tempo em que dispõe de um gama de possibilidades para serem perseguidas, sobrecarregam o jovem com a responsabilidade de decidir pela sua trajetória.

Melucci (1997) aponta que a pluralidade das relações sociais que os jovens estabelecem com o meio gera informações que reclamam formas específicas de reações e respostas. Desta forma, construir biografias fica sendo um empreendimento cada vez mais incerto. O tempo não se reveste mais de seu caráter linear e os indivíduos devem produzir novos sentidos para suas vidas. Diz Melucci:

“Nomadismo e metamorfose parecem constituir respostas para essa necessidade de continuidade através da mudança. A unidade e a continuidade da experiência individual não podem ser encontradas em uma identificação fixa com um modelo, grupo ou cultura definidos. Deve, ao invés disto, ser baseado na capacidade interior de ‘mudar a forma’ de redefinir-se a si mesmo repetidas vezes no presente, revertendo decisões e escolhas. Isso também significa acalentar o presente como experiência única, que não pode ser reproduzida, e no interior da qual cada um se realiza” (Melucci, 1997:11).

A experiência no campo, assim como as entrevistas apontam para as características de nomadismo e metamorfose destacadas por Melucci. Embora os jovens estejam manifestando uma unidade de escolha, por meio de um projeto de vida que tem o trabalho como estruturante de suas trajetórias, outros elementos também compõem seus campos de interesse. Escola, religião, esporte, amigos, festas, músicas. Em cada esfera de suas vidas são requisitados diferentes papéis que os jovens desempenham segundo os seus repertórios. São traços de experiências singulares que as análises das entrevistas tentaram revelar.

O planejamento de suas vidas, no quadro geral de uma estratégia que não despreza os condicionamentos, indica que estes jovens estão preparando ações futuras, recuperando o passado e construindo uma narrativa em torno de suas histórias de vida. Os “múltiplos eus” dos jovens foram emergindo ao longo das entrevistas. Outras dimensões da vida cotidiana, como religião, família, *hobbies*, etc. foram sendo trazidas para as suas narrativas e parecem confirmar uma complexa composição de elementos na estruturação das identificações/identidades individuais e coletivas destes jovens.

Acrescento ainda a afirmação de Giddens (2002) de que a tendência a observar nos indivíduos os “múltiplos eus”, pode incorrer em engano. Para o autor, o

indivíduo deve estar preparado para interagir em variados ambientes e adotar posturas adequadas para cada um. As escolhas de estilo de vida e o planejamento da vida são formas de construir a experiência pessoal e resultam da “extremamente complexa divisão moderna do trabalho” (Giddens, 2002:80).

Desta forma, se o trabalho é um importante condicionante para a constituição de um estilo de vida e envolve um conjunto de hábitos e orientações que remetem a certa unidade, por outro lado, a pluralidade de mundos da vida - noções trabalhadas por Schutz (1979) e Berger (2003) - indicam que os ambientes da vida social moderna estão cada vez mais diversificados e segmentados e a opção por um estilo de vida implica na tendência do indivíduo em aprofundar-se naquele estilo e sinalizar uma diferença em relação a outros grupos.

Posso pensar que o trabalho para estes jovens (ao mesmo tempo em que representa uma escolha e um produto das condições objetivas) é um elemento estruturante para suas vidas e identidades, conforme as categorias de Bourdieu (2003).

O indivíduo está enredado num processo de construção de identificações a partir das relações que ele estabelece socialmente. Não é pertinente pensar numa identidade fixa, quando elementos externos, como princípios religiosos, e parentesco, determinavam a identidade dos sujeitos. Contemporaneamente, a identidade deve ser entendida como expressão das relações intersubjetivas e envolve um processo dinâmico pelo qual os sujeitos que vão construindo identificações conforme as contingências. Segundo Fortuna,

“Eminentemente relacional e interativa, perante a crescente complexificação das sociedades, a identidade moderna mostra-se contingente e remete-nos para uma estrutura pessoal, afetiva e cognitiva que é progressivamente e continuamente (re) construída pelos sujeitos” (Fortuna, 1997:128).

O trabalho passa a assumir diferentes significados que vão além do seu caráter instrumental. Ao mesmo tempo em que o trabalho é um meio reconhecido para garantir sobrevivência, é também revestido de significados como aprendizado, experiência, reconhecimento, estilo de vida, autonomia, sociabilidades, etc.

Goffman (2002:29) fala de fachadas as formas expressivas, usadas pelo indivíduo, intencional ou inconscientemente, durante suas representações e atividades

diante de um grupo de observadores que podem exercer alguma influência sobre ele. Velho (1999:47) fala de metamorfose a capacidade do indivíduo mudar de papel conforme o contexto e que exige dos sujeitos um empenho para negociar constantemente com a realidade. Estas atitudes podem ser encontradas nos jovens durante o desempenho de suas atividades no estágio ou no curso. Algumas atitudes e posturas que lhes são exigidas são respondidas pelos jovens como parte de um acordo implícito para participar das regras impostas pelo campo (Bourdieu, 2003).

O trabalho é, assim, visto como um campo de aprendizado, inclusive das regras básicas de convivência, de um modo específico de inserção social e de construção de identidades. A busca de reconhecimento que estes jovens esperam obter pela adesão ao papel de trabalhador é também uma forma de reafirmar uma posição em relação aos “outros”, aos que são diferentes deles, àqueles que não se encontram no campo do trabalho, qualquer que seja a justificativa.

Zaluar (2000) identificou em sua pesquisa com populações pobres no Rio de Janeiro, que a imagem de trabalhador respeitável não é a única referência de trabalho para os jovens. O dilema destes jovens entre a escolha de uma identificação positiva com o trabalho é acompanhada pela visão do trabalho no que ele traz de negativo. Neste sentido, o trabalho pode ser visto também como algo que escraviza e impede, portanto, uma possibilidade de mobilidade ascendente, e quase mágica, propalada pela ideologia do crime (Zaluar, 2000:90).

Quando uma jovem disse, durante a entrevista, do seu esforço para ser reconhecida como alguém que tem qualidades e competências, ela quis afirmar a discriminação e os desafios que estão colocados pela sua condição objetiva (pobreza): “ser negra e pobre... eu preciso mostrar mais que os outros jovens que eu tenho competência...”.

A rotina dos jovens, durante a semana é bastante puxada. Pela manhã, esses jovens vão para as empresas, cumprir com as atividades práticas. À tarde, o curso de turismo atende a parte teórica. Existe uma grade teórica com módulos voltados para a administração hoteleira. Ao longo de quinhentas horas de curso, os jovens deverão aprender noções básicas relacionadas ao ramo de atividade ao qual estão vinculados. O mesmo ocorre com os jovens aprendizes lotados em supermercados.

Nos hotéis, os jovens são lotados no setor de manutenção, auxiliar de governança e recepção. Nos supermercados, eles realizam atividades de repositor de mercadorias, auxiliar de caixa, e de apoio administrativo. As vinte horas semanais de estágio e mais cinquenta e oito horas mensais de aula teórica (exclusivamente para os aprendizes), além da frequência diária à escola (todos de nível secundário), transformam os dias destes jovens em uma rotina extenuante. Ainda assim, podia-se verificar o esforço com que tentavam cumprir com suas atividades. Às vezes, as aulas se tornavam, segundo avaliação dos jovens, um pouco maçante e alguns ensaiavam um cochilo ou uma conversa com seu vizinho. Outros pediam para ir beber água ou mesmo sair mais cedo, alegando alguma justificativa plausível.

Faltar ao curso é também uma estratégia para driblar a vida estafante. Essa estratégia estava se tornando visível por parte da equipe do P. S. Apesar de haver uma cláusula que prevê o desconto na remuneração do jovem aprendiz, esta ainda não estava bem regulamentada entre a equipe da empresa e a do P. S. Assim, alguns faltavam ao curso, como um exemplo das táticas ensaiadas por eles para escapar da “ordem estabelecida pelo forte”, no sentido que De Certeau (2002:102) caracteriza as práticas ordinárias. Esses acontecimentos já estavam reclamando uma solução mais rígida por parte do P. S. e o desconto em folha seria uma forma de “educar” os jovens para o cumprimento de seus compromissos. Segundo a lógica do P. S. as faltas poderiam indicar um desinteresse pelo Programa e deveria haver uma punição exemplar para que os descomprometidos cedessem lugar para aqueles que estavam na fila de espera por uma chance de trabalho.

As posturas, os gestos e o modo como estes jovens se apresentam parecem delinear um estilo de vida que caracteriza uma forma de expressão (Abramo, 1994:87). Abramo salienta que um estilo de vida pressupõe uma escolha consciente na adoção de traços culturais que sirvam para formar um conjunto homogêneo capaz de ressaltar distinções em relação a outros grupos sociais. Os jovens são orientados a adotar um padrão de comportamento e aparência física tal qual são requeridos pelos analistas de seleção e recrutamento de mão de obra. As meninas devem estar vestidas com roupas discretas, levemente maquiadas e, de preferência com os cabelos presos. Os meninos devem estar com calças bem comportadas, cabelos curtos e unhas e barbas bem feitas.

O uso de uma camiseta com o logotipo do P. S. e uma calça jeans constitui-se numa solução para uniformizar os jovens e evitar os riscos de extravagâncias (isso, segundo a ótica institucional). Algumas empresas oferecem uniforme para ser usado, exclusivamente, durante o trabalho. Em geral, este uniforme deve ser guardado na própria empresa.

A questão da aparência faz parte do discurso institucional para construir, nestes jovens, uma imagem típica de “trabalhador”, em que traços exóticos ou referentes a alguma “tribo” juvenil passam a serem mal vistos. Alguns exemplos podem confirmar este empenho por parte das instituições envolvidas e o relativo êxito verificado nos estilos destes jovens:

1º exemplo: Um jovem, do curso de turismo, tem lindos cabelos longos. Tendo iniciado o curso juntamente com os demais colegas, assiste a contratação de muitos, enquanto ele nunca é bem sucedido nas entrevistas. Isso começa a incomodá-lo. Ele vê seus colegas envolvidos com o trabalho, felizes por estar recebendo dinheiro e ele sendo eliminado nos processos seletivos. Alguns colegas, os instrutores e os técnicos do P. S. tentam alertá-lo sobre o seu cabelo como o mote para o insucesso nos processos seletivos. Inicialmente ele insiste em manter seus cabelos grandes, mas o dispêndio com transportes, comprometendo o orçamento familiar, parece ter falado mais alto. Certo dia procurei por ele e os colegas responderam que ele havia faltado para ir cortar os cabelos. Demonstrei surpresa e até certa pena de ver aquele lindo cabelo ser cortado e, interessante foi ter a reação daqueles jovens concordando com a necessidade dele cortar os cabelos. Uma de suas colegas disse-me que os hotéis recebem muitos executivos ricos e aquela aparência poderia comprometer a boa imagem de um hotel: “ainda que fosse um hotel só de turistas de férias...” reforçou outro jovem.

2º exemplo: uma jovem do curso de turismo é chamada para ser entrevistada em um hotel. A instrutora orienta para que ela venha mais “arrumadinha” no dia seguinte, quando deveria pegar o encaminhamento para se apresentar à empresa. Eis que ela chega no dia seguinte, toda feliz e pronta, ou melhor, “montada”, segundo a gíria deles. A instrutora falou que ela havia se aprontado como se fosse para uma festa à noite. Saia curtíssima, blusa transparente e decotada, além de uma maquiagem bem carregada. Ela estava exatamente como não deveria estar... Ironia. O que para esta jovem consistia em estar bem arrumada não tinha o mesmo sentido para o ponto de vista da empresa

contratante. Os signos que representam uma adequação de posturas em relação ao ambiente fazem parte de um processo de socialização e são transformados em aprendizagem para estes jovens. A instrutora arranhou uma camiseta nova do P. S. para ela colocar por cima da sua roupa, de maneira que fosse evitado, tanto um vexame quanto o seu não-comparecimento para a entrevista.

3º exemplo: um jovem do curso de supermercado resolve fazer um *piercing* sobre a sobrancelha. Chegando ao curso, todo feliz com o seu novo visual, ele é objeto de reprovação por parte dos funcionários do P. S. e até mesmo de alguns colegas. Tentam convencê-lo a retirar esse acessório sob pena de comprometer sua reputação no trabalho (forma sutil para dissuadi-lo, como se fosse uma questão contingencial e não generalizada). Este jovem encontrou uma solução que contemplasse os diversos interesses envolvidos: durante o curso e o trabalho, ele aplicava um curativo por sobre a sobrancelha. Mascarando assim, temporariamente o que para ele tem um sobre-significado (Le Breton, 2003:28). Diz Le Breton que o corpo, na contemporaneidade, representa a imagem que o indivíduo pretende dar aos outros. A impossibilidade deste jovem em significar a si mesmo publicamente pode ser representativa de um fenômeno que Le Breton destaca como a profusão de desordens de personalidade múltipla “isto é, uma sucessão de personalidades que habitam o mesmo indivíduo e que se impõe a ele, levando-o a ações que em seguida ele não reconhece” (Le Breton, 2003:29). Assim, reproduzindo a afirmação de Paul Valéry (citado por Le Breton) de que “a pele é o mais profundo de um *self*” (op.cit. P.29), esse jovem parece ter de re-aprender novas formas de expressão que não sejam censuradas pela “moral do trabalho” e, por enquanto, vai tendo de se dividir em imagens que sejam adequadas ao ambiente. O traço distintivo que este jovem escolheu para assegurar o seu pertencimento a um grupo social é também uma marca de comunicação. Diz Pais:

“No próprio corpo se torna legível o respeito pelos códigos ou os desvios em relação a determinados sistemas de comportamento. Como observam Guiard e Mayol, o corpo é sempre acompanhado de uma ciência de representação cujos códigos são mais ou menos reconhecidos” (Pais, 1993:101).

Muitas outras práticas dos jovens investigados são expressões de uma adesão a um código que prescreve um perfil de trabalhador. Formas de se comunicar e de se dirigir ao outro são temas de conversas e palestras dirigidas aos jovens. Alguns deles destacam que foi através da experiência no P. S. que aprenderam a usar as regras básicas de convivência, as chamadas “palavrinhas mágicas”, do tipo “bom dia”, “com

licença”, “pois não”, etc., e essas regras foram facilitadoras de novas interações que exigem uma postura mais cordial e formal, isto é, a interação no espaço público.

Outros signos são também comunicados por eles. Os gostos culturais, os objetos de consumo desejados e efetivados, tipo telefone celular, aparelhos de som e TV, roupas, todos esses signos compõem os “mapas de significação” que expressam os *habitus* destes jovens (Pais, 1993:103).

Os modos como usam o “tempo livre”, seja para encontrar amigos, divertir-se em espaços de lazer e consumo cultural, freqüentar a igreja, são fenômenos experimentados com grande intensidade pela juventude e passam a incorporar um imaginário sobre o modo de ser jovem. Como ficará claro adiante, para os jovens pesquisados existe uma ambivalência entre o trabalho e o tempo livre, na medida em que o primeiro é buscado como meio para financiar consumos e lazeres. No entanto, o ritmo diário não favorece uma ruptura com a cotidianidade através de práticas regulares de atividades lúdicas. Seja pela limitação do orçamento, seja pelo cansaço do corpo que pede um fim de semana para descanso e reposição de energias.

A primeira orientação é marcada por estratégias de mobilidade social ascensional. O tempo é concebido de forma linear, com uma orientação para o futuro, tendo em vista a realização de projetos. A segunda orientação é marcadamente fundada sobre o presente, pelo desfrute do cotidiano. O futuro não é valorizado como uma decorrência de investimentos no presente, mas algo contém elementos de surpresa, típicos de um acontecimento com sua lógica própria, a qual não cabe despendar nenhum sacrifício que venha a comprometer o presente.

São, portanto, duas formas extremas dentre diversas combinações que os jovens tendem a adotar para conduzir suas trajetórias. A noção de projeto requer um investimento no presente com condição para tornar possível a realização de suas expectativas. Os jovens desta investigação parecem comprometidos com uma trajetória de vida linear, em que se torna necessário percorrer etapas sucessivas para assegurar um “futuro”. Por outro lado, o investimento no futuro não se dá numa oposição radical ao tempo presente. Dessa forma, estes jovens tentam conciliar o dispêndio de energias no presente, aproveitando ao máximo as oportunidades que se apresentam sem que tenham, necessariamente, abdicar de um projeto de vida.

5. PERSONAS

Não há dois lugares,
nem talvez duas horas,
em parte alguma,
exatamente iguais.
Quão diferente é o cheiro do meio-dia
Do da meia noite,
O cheiro do outono do cheiro do inverno,
O momento de brisa de outro de calma!
O mundo é na verdade
Um festim da vida!

Walt Whitman

5.1 Trajetórias e família: múltiplas determinações

Miguel tem 17 anos e cursa o 2º ano do ensino médio no turno da manhã, em uma escola no centro da cidade. À tarde, de 2ª a 4ª feira, ele frequenta o curso de aprendiz de supermercado, e à noite, de 2ª a sábado ele trabalha como atendente de caixa de um supermercado no bairro da Serrinha. Ele mora com a mãe e três irmãs no bairro Parque Genibaú.

Rotina extenuante! Miguel cruza diariamente a cidade para dar conta de suas atividades que inclui também a monitoria em artes plásticas em sua escola. Aos sábados pela manhã e, aos domingos pela manhã, Miguel participa de um grupo de estudos, com outros três colegas, com o objetivo de se prepararem para o concurso da Escola de Aprendizes de Marinheiros.

A estória de vida de Miguel é marcada por eventos de riscos e insegurança, conforme ele vai sugerindo ao longo das narrativas. Aos três anos de idade, foi raptado por seu pai que o levou consigo numa jornada que incluiu vários estados pelo Brasil. Diz Miguel que antes morava com o pai, a mãe e uma irmã recém-nascida, no bairro do Genibaú. Após uma discussão entre os pais, o pai saiu de casa. Certo dia, quando Miguel estava em casa com a irmã, o pai chegou com um comprador para a casa e os objetos, realizou a transação, entregou a pequena na casa dos avós maternos e fugiu com Miguel para uma aventura pelo Brasil que durou cerca de oito anos:

“Ele deixou minha irmã com minha avó, já tinha arranjado um comprador para as coisas da casa. E o meu pai não é das pessoas mais bem indicadas para criar um filho, não. Ele tem uma vida errada”.

Segundo Miguel seu pai era vendedor em uma editora e, após ser demitido, passou a vender vários tipos de coisas por conta própria. Ao ver que não obtinha bons resultados, iniciou uma trajetória de atos ilícitos por vários estados do Brasil. O pai tornou-se estelionatário por “profissão” e aplicava golpes em várias cidades, o que levou Miguel a ter uma vida, bastante instável, geográfica e emocionalmente, durante oito anos:

“O máximo de tempo que eu passei em uma escola por um ano, foi em Anápolis, Goiás, foi na 2ª série. Eu sofria, porque se fosse medir realmente o tempo que passei com meu pai não levaria a dois anos e meio. Eu ficava com minhas madrastas. Porque em cada Estado ele tinha uma. As de quem eu mais sofri foi no Pará. Porque lá era cruel. Ele só aparecia de ano em ano ou então nem aparecia. Ele me deixava com uma mulher, vamos dizer, no Pará, e ia para outro lugar e conhecia outra mulher e ia me buscar ou mandava alguém me buscar. Ele queria que eu seguisse a mesma vida errada que ele”.

Esse depoimento de Miguel, dizendo que seu pai só aparecia de “ano em ano” contradiz suas afirmações iniciais de que “o máximo de tempo que eu passei em uma escola foi um ano”. Essas falhas na memória indicam que a revisitação do passado busca resgatar uma lógica narrativa que dê conta dos sentidos atribuídos ao presente. O que Miguel parece querer mostrar com a seleção de experiências passadas é uma reconstrução deliberada que possa “justificar” seu presente. As memórias são seletivas e afetivas e não constituem um registro neutro do que evocam, conforme lembra Pais (2003:107). Os elementos invocados por Miguel compõem seu estilo de vida que, segundo Velho (1999:97), implicam na adesão plena de significados que contribuem para marcar fronteiras e elaborar identidades sociais.

Assim, Miguel segue narrando o período que vivia com seu pai. Foram experiências desagradáveis, como por exemplo: ser acordado, no meio da noite, com um revólver apontado para sua cabeça por homens a procura de seu pai, em geral lesados pelas falcaturas cometidas em seus trajetos marginais:

“Eu entendia tudo que estava acontecendo e tinha plena consciência e, por isso ele voltou e me entregou à minha mãe. Primeiro ele fez minha cabeça para eu não ver minha mãe como mãe. Dizia que minha mãe era uma coisa totalmente diferente do que eu tô vendo hoje. É tanto que quando ele queria me ameaçar, ele dizia: ‘vou entregar você para sua mãe’. Aí, quando eu vim, ele disse: ‘você vai passar três dias com a sua mãe, no máximo’. E já está no sexto ano que eu estou morando com a minha mãe”.

Apesar de anos antes ter vindo a Fortaleza, Miguel não manifestou interesse em visitar a mãe porque, segundo ele, o pai “fazia a cabeça” dele para que ele não quisesse saber quem era sua mãe. Agora, morando com a mãe, o contato com o pai está cada vez mais raro, apesar de que ele manda algum amigo visitar Miguel para ter notícias suas. O afastamento do pai se deu, segundo Miguel, por ele constatar que a mãe não era tão perigosa quanto o pai “pintava” para ele.

A avaliação que Miguel faz de seus pais, comporta ambigüidades. Com relação ao pai, estabelece hierarquias de suas práticas delituosas quando diz que o pai não tinha fragilidades com drogas porque diz “ele é muito esperto”, assim como, não tinha envolvimento com mortes. Para Miguel existe uma gradação entre os atos delituosos do pai. Envolvimento com mortes ou mesmo o uso de drogas comprometeriam ainda mais a trajetória errática do pai. Ser esperto, na visão de Miguel, é não fazer uso de comportamentos que sirvam de suspeitas contra seu pai e o impeça de realizar seus “golpes”. Mesmo tendo chegado a passar fome nas mãos de algumas madrastas, Miguel diz que seu pai vivia relativamente bem:

“Tudo que ele levantou, ele deixou nos nomes dos filhos, da mulher, nada no nome dele, para evitar que alguém... Ele já chegou a ter boa situação, principalmente em Anápolis, Brasília. Ele dava golpes com cheque, cartão de crédito falsificado, e nunca foi preso, e continua fazendo isso”.

Miguel disse ter tentado sempre se adaptar ao tipo de vida que levava. Procurava sempre estudar apesar do ambiente não lhe ser muito favorável:

“É tanto que, na minha família quando dizem que dentre os meus irmãos o pior deveria ser eu, por tanta experiência ruim, mas nem por isso eu sou. É tanto que a mais problemática é a minha irmã. Mulher... assim, não é porque seja mulher, mas assim, ela tem as amigas dela, as amigas dela têm uma situação financeira boa, e ela tenta acompanhar... tenta fazer certas coisas que não dá para ela e acaba se envolvendo... ela estuda no Colégio Militar da Polícia, é uma das melhores alunas, é da assessoria de imprensa de lá. Ela fez a prova quando estava na 2ª série e está lá até hoje. Vai seguir carreira... Nós dois temos essa coisa, o lucro de nosso pai mesmo é essa vontade de fazer as coisas de nunca parar...”.

Deste trecho pode-se destacar a expectativa do grupo familiar de Miguel quanto ao seu comportamento. Embora uma conduta errático-problemática fosse justificada em função de sua infância de abandono e insegurança, Miguel soube muito bem usufruir positivamente dessas experiências, assim como sua irmã. Quando as contingências indicavam uma tendência para seguir trajetórias erráticas, Miguel e sua irmã avaliaram as atitudes dos pais como exemplos que não deveriam seguir e, de certa

forma, buscaram superar essa ausência de referência em valores existentes em outros grupos e espaços sociais, como escola, parentes, *etc.*

Pais (2003:117) elabora uma classificação de cursos de vida a partir do processo ontológico da formação da auto-imagem e define as estratégias antitéticas como aquelas em que as situações desfavoráveis da infância não impedem o sucesso à custa de sacrifícios pessoais, força de vontade, *etc.* Miguel e sua irmã, apesar de não terem partilhado uma infância comum, parecem se enquadrar neste contexto de formação de auto-imagem.

A formação da auto-imagem não funciona de forma passiva. Lahire defende que a subjetividade “não funciona por simples empilhamento ou estocagem de conhecimentos e experiências” (Lahire, 2002:19). O indivíduo vai adquirindo ao longo de suas experiências alguns códigos a serem adotados conforme vai se identificando. São filtros pelos quais a vida cotidiana passa a ser traduzida conforme um elenco disponível e simbolizado num amplo espectro de critérios conforme o estilo de vida e os pontos de vista adotados pelo sujeito.

Contemporaneamente, os indivíduos têm oportunidades de transitar por diferentes grupos sociais, diferentes situações e valores que os levam, muitas vezes, a superar ou ultrapassar os códigos compartilhados no grupo familiar, este que é o responsável pela socialização primária.

A estória familiar de Vitória também está marcada por eventos capazes de suscitar sentimentos de insegurança. A separação dos pais, provocada pelo alcoolismo do pai imprimiu marcas em todos de sua família. Envolvimento com drogas e paternidade precoce em um de seus irmãos, ausência de perspectivas de trabalho em outro, revolta e imobilização da parte de seus irmãos são alguns dos fatos relatados por Vitória.

Muito embora a separação dos pais de Vitória não tenha favorecido diretamente uma melhoria nas condições materiais, Vitória diz que a separação foi muito positiva para ela, sua mãe e seu irmão mais novo. Os três passaram a viver certa tranquilidade, ou ausência de turbulências decorrentes da instabilidade familiar de antes.

Administrar as dificuldades. Esse foi o aprendizado de Vitória. A separação dos pais e o reinício de uma nova atitude perante a vida são saldos positivos, segundo avaliação de Vitória. Ela diz:

“Hoje eu não torço pra voltar porque foi uma coisa muito sofrida. Eu me lembro que... Assim, porque entre meus irmãos e eu, eu sempre tive maior consciência das coisas. Meu irmão mais velho, que era pra estar em casa ajudando, ele sempre foi de fugir. Até porque ele era muito nervoso, aí eu não, eu sempre gostava de enfrentar as coisas, até porque, pela minha conversão, isso me ajudou muito a não ter de fugir dos problemas”.

A separação dos pais de Vitória, os arranjos familiares decorrentes dos ajustamentos de novas figuras compondo os grupos familiares podem ter acentuado a vulnerabilidade no aspecto material, mas também podem ter representado novas formas de experimentar relações solidárias no grupo familiar. Diz Sarti (1996:45) que o fracasso no casamento e das formas tradicionais de distribuição dos papéis sexuais pode trazer vulnerabilidades ainda mais acentuadas para as famílias pobres. Acrescento ainda que as novas formas de arranjo do grupo familiar engendram uma redefinição dos papéis assim como o desafio de se buscar um acolhimento em espaços antes conflituosos.

Outras histórias narradas apontam para um constante repensar e redefinir estratégias para refazer o ideal de “lar”. Isabel, diz que levava uma “vida de princesa” até o momento em que os pais se separaram, precisando, então rever sua história e direcioná-la de forma a se ajustar às contingências. Não daria mais para ela representar a si mesma como princesa. As experiências de Isabel, na tentativa de reconduzir sua vida familiar ao lado da mãe, apontam para arranjos precários e desagradáveis, segundo suas narrativas. Isabel mora com os avós, dois tios solteiros e a mãe. A renda da família é composta pela aposentadoria dos avós que recebem cada um, um salário mínimo. Um dos tios, que é pescador eventual, contribui esporadicamente, pois compromete seu rendimento na compra de bebidas alcoólicas e lanches nos botecos que frequenta na vizinhança.

O *ethos* do trabalho é visível em Isabel. Talvez pelo fato de se encontrar numa situação de dependência dos avós e ver os tios vivendo, segundo ela, “uma vida mansa”, Isabel tem planos de sair da casa dos avós e construir um lar para morar com sua mãe. A crítica que faz aos tios (mas não à mãe, que mantém uma prática semelhante

à de seus irmãos, para quem o trabalho não é uma preocupação imediata), é uma crítica aos que não se enquadram no mundo do trabalho:

“Tenho dois tios, um tem 38, 39 anos. Acorda de manhã, toma o café e sai para jogar na casa de amigos. Chega na hora do almoço, dorme, acorda 3 horas, tem lá uma merendinha, aí come e vai assistir TV na casa dos amigos. Depois volta de novo, janta e vai para a casa dos amigos. Tem o outro que é pescador, só que esse é a mesma coisa que nada. Ele pesca e o dinheiro que ele pega é só para beber. Chega, dorme, e pronto”.

O cotidiano dos tios, alheios à situação da casa, assim como a abertura para novos “hóspedes” são motivos para que Isabel reclame da passividade dos avós frente às dificuldades financeiras:

“Porque chega as pessoas, comem, dormem, merendam, comem tudo, só com a aposentadoria deles. Não dão nada, praticamente, não dão nada, nada, nada, nada. Minha mãe briga com meu avô por causa disso”.

Isabel se queixa da forma como se dão os gastos familiares. O avô costumeiramente aposta em jogos de azar, restando muito pouco para pagar as contas de luz, telefone e água. A avó se encarrega de custear os alimentos para a família. O mantimento não perecível, a cesta básica, é comprado para o mês, e, diariamente algum membro da família encarrega-se de comprar a “mistura”, isto é, as carnes para compor as refeições.

A mãe de Isabel não trabalha fora de casa, e tem por incumbência administrar as despesas familiares bancadas pela aposentadoria dos pais. O grupo familiar conta ainda com a presença de dois parentes dos avós durante a semana. Eles saem de suas residências numa cidade próxima para vir trabalhar em Fortaleza, um como garçom em um restaurante no bairro Aldeota e outro como vendedor de pescado. Estes parentes utilizam a casa como “dormitório” já que não dispõem de tempo e dinheiro para o deslocamento diário para suas cidades distantes cerca de 50 quilômetros de Fortaleza.

Isabel justifica que são muitas “bocas” em casa para tão pouca receita e, por isso, no final do mês ela sempre acrescenta o seu dinheiro para as despesas domésticas. O fato de morar com os avós e de sua mãe não contribuir com a renda familiar é fator de disputa e crítica por parte dos tios que reclamam ter que dividir o dinheiro de seus pais com a irmã e a filha. A idade dos tios, superior a trinta anos, não justifica, segundo Isabel, a dependência dos pais.

Por outro lado, a dependência da mãe em relação aos pais é apenas atenuada pelo fato de ela cuidar da casa e dos pais. O avô de Isabel se aposentou como pescador e a avó, em função da idade. Os tios e a mãe, com experiências esporádicas de trabalho, demonstram um descrédito para com a categoria trabalho. Eles não vêem boas razões para uma vida de sacrifício, diz Isabel.

A mãe de Isabel tem ainda outra filha, mais velha e já casada. Esta irmã de Isabel é filha de um namorado de sua mãe e, desde pequena, foi criada pelos avós maternos. A mãe de Isabel casou anos depois com quem viria a ser o pai de Isabel. Até os 13 anos Isabel morava com os pais, e seu pai era o responsável financeiro pelas despesas da casa. Isabel disse que durante o casamento dos pais a mãe se dedicava apenas aos cuidados domésticos e nunca foi cogitada a possibilidade de ela exercer trabalho remunerado:

“Ela [a mãe] nunca trabalhou porque meu pai era machista – mulher é prá ficar em casa. E ela fez o que meu pai mandou. Aí ela começou a se acomodar a ficar em casa”.

“Acomodar”, explica a disposição de sua mãe para o trabalho, que, mesmo após a separação, ficou vivendo por alguns anos da pensão alimentícia da filha, que segundo Isabel era “farta” até que seu pai saiu de casa e passou a conviver com outra companheira, negando-se a pagar a pensão. Recentemente sua mãe ensaiou uma entrada no mercado de trabalho que foi interrompida por problemas de saúde da avó:

“Minha mãe, ela tava trabalhando, mas minha avó teve doente, com infecção intestinal, minha mãe faltou alguns dias, aí colocaram ela para fora como se ela tivesse abandonado. Minha mãe telefonou, mas, mesmo assim, por que lá é por produção, né, na fábrica de biscoitos, aí uma pessoa já fazia falta”.

O trabalho formal requer disponibilidade e regularidade. Pelo que Isabel narra, sua mãe parece não se sentir seduzida pelas regras que um emprego formal lhe impõe, já que motivos corriqueiros eram usados para justificar sua ausência ao trabalho. Isabel, ao contrário da mãe e de seus tios, demonstra uma disposição para a disciplina como parte das estratégias de enfrentamento das dificuldades vividas cotidianamente. Horários preenchidos por atividades variadas, desde cursos, escola, trabalhos e, outras formas de sociabilidades juvenis como a participação em grupo religioso e lazer (estes bem menos privilegiados, mas que representam um valor reconhecido por Isabel).

Se com os pais, Isabel experimentou moradia em três bairros diferentes, o desamparo que se seguiu fez com que mãe e filha passassem a morar em uma casa de propriedade de um terceiro tio na periferia de Fortaleza. Apesar de morarem sozinhas, Isabel reclamava da incursão diária dos primos em sua casa. Estes alegavam que a casa era deles dando-lhes o direito de usufruir a comida, o som, o televisor *etc.* Isabel indignava-se já que tudo o que possuíam tinham fora conseguido com muita dificuldade, visto que ambas não trabalhavam. Além disso, segundo Isabel, os primos controlavam suas amizades e a chamavam de namorada, fazendo-a reagir constantemente contra este controle e abuso dos primos na casa em que moravam:

“A casa pode ser do seu pai – minha mãe brigava comigo porque eu falava né – mas as coisas que tem aqui não é dele não. Aí minha mãe não gostava, os filhos dele passavam na cara...”.

“Passar na cara” é uma experiência que vem perseguindo Isabel. Essa expressão significa os abusos que Isabel e sua mãe passaram por ocasião do período em que viveram na casa do tio de Isabel, cedida, temporariamente, por empréstimo. Essa situação deu margem para que os primos de Isabel fizessem uso da casa em que elas moravam como parte de uma dívida para com o tio de Isabel. Essa humilhação diária foi incomodando Isabel e contribuiu para que ela redefinissem formas de superar essa dependência em relação à família. Se até então Isabel afirma ainda estar sobre essa dependência é porque nem tudo parece estar ao seu alcance apenas. Se, por desentendimentos com o pai, ela perdeu o lar, não conseguir refazê-lo quando foi morar numa casa do tio, resultou numa experiência frustrante. Agora, morando com os avós, revive essa mesma experiência. O fato de não ter autonomia financeira abre espaço para que os parentes imponham uma espécie de submissão a qual Isabel não suporta:

“Lá em casa todo dia é discussão, briga. Eu quero sair daquela casa. Não tenho nada contra, mas é uma coisa chata você viver assim. Não pode levar amigos, meu avô diz que eu tenho dez namorados, eu não gosto muito dessas coisas, dele falar isso, né”.

A família de Gilda, composta pelos pais e um irmão, seria o que tradicionalmente se chama de uma família nuclear. Ocorre, no entanto, entre seus pais uma inversão na divisão sexual do trabalho esperada socialmente. Por ser analfabeto, o pai de Gilda passou por diversos trabalhos precários até se estabelecer num pequeno comércio em casa. A mãe de Gilda chegou a completar o ensino médio e tem um

emprego que lhe rende o suficiente para sustentar a casa sem terem que passarem por grandes dificuldades.

Diz Gilda que o pai reconhece uma ausência de lugar no mercado de trabalho assim como no espaço privado. Cabe à mãe de Gilda determinar o que cada um deve fazer em casa. Sua mãe, pelo que ela diz, exerce uma espécie de liderança no grupo familiar. A mãe de Gilda parece ter resolvido bem a questão da inversão dos lugares ocupados na divisão sexual do trabalho. O que tradicionalmente vem sendo construído como posição a ser ocupada socialmente por cada indivíduo segundo o sexo vai sendo alterado conforme as necessidades e as chances de cada um. A estabilidade e o ganho financeiro conferiram à sua mãe o espaço público e o reconhecimento, por parte de todos da família, por seu esforço. Assim, por ficar a maior parte do tempo em casa, cabe ao pai de Gilda assumir as tarefas domésticas. O sentimento de inferioridade que, no princípio, atingia seu pai, segundo Gilda, foi aos poucos sendo assimilado como uma negociação plausível.

Esse modo de conciliar interesse e perspectiva de vida não foi bem aceito pelo irmão de Gilda. Diz ela que ele se queixava e se mostrava bastante revoltado com a situação de dependência e inferioridade do pai em relação à mãe. Apenas depois que o irmão se converteu a uma religião evangélica Gilda diz terem minimizado os conflitos em casa. Diz Gilda:

“A minha mãe, por mais que ela não diga, ela gosta muito do meu pai, então ela faz isso mais por amor mesmo. Aí, quando eu era pequena, eu não falava nada porque não entendia, mas hoje em dia... ela [referindo-se à mãe] falou ‘poxa, já sustentei a vida todinha, ele já está idoso, 54 anos...’ Aí, ele faz tudo dentro de casa, lava roupa, cozinha, lava, tudo ele faz, porque ela sabe também o que é cuidar de uma casa, então ela deixa por isso. Ela também não vai abandoná-lo porque a família dele todinha mora em São Paulo, Minas Gerais, Paraíba. De cada 4 ou 5 anos, ela dá dinheiro para ele ir visitar a família dele. Ela faz isso porque gosta mesmo dele”.

Esse trecho da narrativa de Gilda está rico em categorias sociológicas, no sentido lembrado por Durkheim e depois retomado por Da Matta. São conceitos que pretendem dar conta daquilo que a sociedade pensa, incluindo seus códigos de valores e idéias (Da Matta, 1997:14).

A separação espacial, segundo os atributos conferidos a cada sexo, tem sido traduzida no âmbito do senso comum através de ditados populares como “lugar de

mulher é em casa”. São discursos do senso comum que mascaram a realidade plausível que é o incremento do número de mulheres com trabalhos remunerados. Por outro lado, a contribuição dos homens na esfera doméstica ainda vem carregada de suspeitas e preconceitos. Daí que para muitos homens, afirmar que fazem serviços domésticos vem sempre acompanhado do verbo “ajudar” (no sentido de não ter para si a responsabilidade).

Em nossa sociedade, a forma tradicional dos homens lidarem com o aspecto reprodutivo, do trabalho doméstico (labor, no sentido de Arendt, 2000) vêm sendo transformados aos poucos, em geral em decorrência do trabalho remunerado da mulher. Durkheim (1983) enfatiza que a divisão do trabalho entre os sexos tem uma função moral uma vez que a partilha de funções estabelece relações de amizade e solidariedade. Diz Durkheim:

“É a divisão do trabalho sexual que é a origem da solidariedade conjugal, e aí está porque os psicólogos fizeram justamente notar que a separação dos sexos tinha sido um acontecimento capital na evolução dos sentimentos; é que ela tornou possível talvez a mais forte de todas as tendências desinteressadas” (Durkheim, 1983:27).

O autor, ao enfatizar a solidariedade entre os sexos como um sentimento desinteressado e responsável por uma solidariedade mecânica, não levou em conta as condições estruturais nas quais as relações conjugais são efetivadas, como um espelho que reflete, no âmbito familiar, as contradições das relações que se estabelecem na estrutura produtiva.

O que justifica para Gilda a inversão dos tradicionais atributos construídos culturalmente para cada sexo é o amor que a mãe sente pelo pai. Aqui o amor é uma justificativa para rever os códigos de conduta para cada membro do grupo familiar. O rendimento da mãe, superior ao do pai, legitima a ausência relativa da mãe de seus papéis tradicionais. O conflito vivenciado pelo irmão de Gilda é expressão de sua não aceitação face às alterações na configuração familiar. A relação dos pais, definida pela vida prática, faz parte de um amplo espectro de negociações que cada família vai redefinindo, de acordo com suas oportunidades e prioridades. A lealdade e as obrigações mútuas são as estratégias que devem servir de base ao grupo familiar para o enfrentamento dos desafios colocados pela vida cotidiana, nos quais a sobrevivência tem um valor preponderante (Sarti, 1996:32).

Assim, o que mobiliza essas famílias em busca de um bem estar e uma sobrevivência mais próxima da família sonhada, idealizada conforme os elementos que povoam e sobrevoam o imaginário social se realiza no âmbito das práticas, mas revela-se sustentada por diversos elementos simbólicos, como o amor, a compaixão, a solidariedade, *etc.*

As atribuições de cada um no grupo familiar estão pautadas por representações do senso comum que conferem determinadas atitudes conforme a posição e o gênero que ocupam no grupo, mas também em relação aos grupos com os quais interagem na vida cotidiana. Isabel e sua mãe podem servir de exemplo para o que é ainda socialmente esperado de grande parte das mulheres no tocante à vida profissional e dos papéis no âmbito doméstico. Isabel diz ter sido poupada pelo pai de assumir tarefas domésticas. Essa atitude do pai, justifica Isabel, era para prepará-la melhor para seguir uma carreira profissional. Dedicção aos estudos deveria ser prioridade, diz Isabel. A mãe de Isabel, pelo contrário, exercia o papel tradicionalmente requerido para a mulher, muito embora isso soe contraditório para as camadas pobres que têm o trabalho como forma de sobrevivência. Esse comportamento da mãe de Isabel parece ser expressão de uma desmotivação ou descrença no trabalho, já que ela, por não ter se preparado para um ofício específico, corria o risco de ocupar vagas em formas de trabalho precárias.

A socialização e a construção de papéis direcionados ao gênero feminino estão também reveladas nas narrativas de Vitória. Aprender o ofício do pai, de bombeiro hidráulico ou eletricitista se deve a sua proximidade afetiva, espacial e contingencial. Ela diz que por ficar em casa fazendo tarefas para poupar sua mãe de um terceiro turno de trabalho, ela foi adquirindo o *habitus* que a profissão do pai requeria. Por outro lado, ela questiona o desinteresse dos irmãos homens pelo aprendizado destas habilidades que poderiam servir não só profissionalmente como também na vida prática. Vitória, no entanto, não assumia para ela a possibilidade de seguir esta profissão por ser tipicamente masculina. Veja a apreciação de Vitória sobre esse fato:

“Eu sempre aprendi as coisas em casa, então, como filha única, fica mais em casa, fica mais reservada, não me deixavam sair muito, apesar de que quando eu saía era por mim mesmo. Eu sempre fui muito privada dessas coisas. Até minha tia falou que tinha esse curso, eu resolvi sair e buscar os meus objetivos. Eu sempre pensava em trabalhar, no sentido de que eu sempre tinha vontade de ter aquilo que não estavam podendo me dar. Então eu

pensava em trabalhar mas eu pensava em aprender para ter pelo menos uma base, ter uma qualificação, aprender pra daí começar a trabalhar. Eu era muito tímida, muito tímida. Ave Maria! Hoje eu posso dizer que tive uma evolução muito grande!”.

O recolhimento e a timidez de Vitória são percebidos por ela como decorrente de sua posição no grupo familiar: ser a única filha mulher, ter a mãe trabalhando fora para sustentar os filhos, a desocupação do pai e os problemas de alcoolismo fazem parte do contexto vivenciado por Vitória. Sair para a rua, ter outros contatos para além das referências primárias, possibilitou à Vitória a superação da timidez e a determinação de perseguir seus objetivos, surgidos pelas condições objetivas de seu cotidiano.

O contexto familiar de Marcelo também pode ser um dos motivos pelo qual ele decidiu, ainda cedo, procurar uma carreira para seguir. Filho único de mãe solteira, Marcelo foi se adaptando bem na convivência com o padrasto. Essa convivência teve início ainda na sua infância e pelas suas narrativas existe uma preocupação da parte de Marcelo em não causar constrangimentos à sua mãe e ao padrasto. Nesse sentido, Marcelo procura evitar ser “um peso” para ambos, e não é diferente sua atitude em relação a ser reconhecido pelo pai biológico. Diz Marcelo:

“Eu tenho vontade de conhecê-lo, mas só mais tarde, lá pelos meus 20 anos. Eu só sei o nome dele. Ela [a mãe] já me falou dele e perguntou se eu tinha interesse em conhecê-lo, mas vou ver se vou procurar... Porque agora, penso que ele vá pensar que eu vou atrás dele por algum interesse, e eu não vou, quero procurar ele quando eu tiver uma família, quando eu tiver mais cabeça pra saber o que falar com ele. Porque agora eu acho que ainda não tenho muita cabeça para falar com ele. Eu não saberia dizer o correto para ele. Vou esperar até os 20 anos, mais ou menos, porque aí eu vou estar estruturado...”.

As falas de André são também ilustrativas para se pensar os laços de solidariedade e as expectativas geradas no grupo familiar em relação a cada um de seus membros. André, que mora com a mãe e os dois irmãos na casa dos avós maternos, inicia a descrição de sua família que inclui até mesmo um periquito. Aos poucos André vai colocando os conflitos familiares e sua sensação de ser estranho perante aqueles que ele esperava ter reconhecimento e acolhimento. A mãe, que já teve dois companheiros vive hoje numa situação de dependência em relação aos pais e isso impede que André possa se sentir em espaço próprio e isso lhe custa uma falta de sentimento de pertença ao grupo familiar.

A questão da homossexualidade está presente na fala de André como sendo a causa destes conflitos. Isso aponta para o que Collange (1994) destaca como os requisitos necessários para desabrochar o sentimento de pertença e a cumplicidade que deveria acentuar sobre as relações dos grupos familiares. Os laços consangüíneos parecem não serem suficientes para desabrochar os sentimentos de pertença. Faz-se necessário construir laços afetivos a partir de histórias comuns, dentre os quais as expectativas e os valores do grupo servem como base para este trabalho de instituição. Lembra Collange:

“As lembranças que povoam as memórias, os personagens que compartilham as nossas preocupações e os nossos afetos, os projetos de uns que interessam aos outros, o código do humor compartilhado e quase secreto que só faz rir ‘o pessoal lá de casa’” (Collange, 1994:48).

André sente que compartilha desses afetos quando vai para a casa de um amigo, também homossexual, mas que é bem aceito pela mãe. André diz que se sente bem aceito e valorizado pela mãe de seu amigo, sempre pronta a fazer elogios e reconhecer aspectos positivos no filho e nos seus amigos. Se antes o periquito fazia parte de sua família, aos poucos o sentido de família vai sendo restringido por André para aqueles que são capazes de corresponder, por códigos e símbolos, os afetos e as identificações tais quais os que André compartilha com seu grupo restrito de amigos. Para compreender o que é família, faz-se necessário considerar o que cada sujeito define como sendo o seu modelo de família.

A história de Miguel também está preenchida pelas suas concepções do que seja família. Prosseguindo com as narrativas de Miguel, exponho aqui o seu encontro, aos 11 anos, com a mãe. Esse encontro foi cercado de expectativas, porque segundo conta, ele não conseguia elaborar uma imagem positiva da mãe:

“Quando eu a encontrei foi assim, ela tinha uma lanchonete no Quintino Cunha, eu cheguei, ele [o pai] me deixou sozinho, eu cheguei e pedi um refrigerante. Ela não me reconheceu de imediato, quem me reconheceu foi a minha tia, porque ela sabia que eu estaria lá. Minha mãe só pensava que eu ia chegar quatro horas depois, só que eu cheguei antes. Foi interessante, foi legal. Até agora está sendo... como, logo depois, com pouco tempo ela já trocou de parceiro duas vezes, aí fica essa coisa assim... por eu nunca ter apoiado nem meu pai, também nunca me meti... mas agora somos só eu e ela e os meus três irmãos, que só estudam. Aí a situação financeira é eu e ela. Os problemas que têm ainda é a parte financeira... aquele interesse que é meio chato ainda. Apesar da gente se conhecer a seis anos, mas a gente ainda está se adaptando ainda, tem certas coisas que a gente não conhece, eu não conheço minha mãe, ela ainda não me conhece”.

Apesar de Miguel afirmar não ter conseguido criar uma imagem positiva da mãe, devido à influência de seu pai, Miguel construiu para si uma imagem ideal de mãe. Pelo descrito neste trecho, ele esperava e ainda espera, conforme indicam as narrativas, encontrar nesse novo lar, agora ao lado da mãe, um refúgio, que pudesse servir de compensação à experiência anterior. Miguel demonstra certa decepção por não ser essa a vida em família que gostaria de ter. Se, no início da sua fala, ele diz que conhecer sua mãe “foi legal, até agora está sendo...” ele logo destaca o que vem dificultando essa aproximação. Quando diz “agora somos só nós dois...” ele pretende significar que esta relação está centrado em cima das questões financeiras, o que no seu ponto de vista não facilita uma aproximação afetiva, principalmente por parte da mãe.

Manter sua capacidade de contribuição financeira na despesa familiar é imperativo e condicionante, segundo Miguel, para obter a aceitação por parte de sua mãe. Essa circunstância pode estar indicando, na visão de Miguel, a não correspondência das expectativas geradas em torno da afetividade que ele esperava encontrar na convivência materna.

Miguel parece estar vivendo, com a mãe, uma fase que Gilberto Velho denomina como um processo de definição e negociação da realidade (Velho, 1999:47). Mãe e filho têm trajetórias e experiências particulares, que não foram partilhadas há até pouco tempo e, este momento de suas vidas está sendo fundamental para o estabelecimento de uma relação de convivência a partir de alguns códigos que vão sendo apreendidos.. Ambos estão se conhecendo e demonstrando seus objetivos e expectativas de vida.

Outro aspecto que posso destacar deste trecho da fala de Miguel é sobre as representações que afirma ter sobre juventude, quando se refere ao comportamento “galinha” de sua mãe. O fato de ela não ter aproveitado sua juventude para se divertir e adquirir experiências fez com que ela o fizesse numa fase mais “madura” quando é esperado de uma mãe outro tipo de comportamento, tais como estabilidade emocional e responsabilidade para com a prole.

Nas entrelinhas, Miguel pode estar significando para si, enquanto jovem, esta autorização para ter as responsabilidades relativamente suspensas para que ele possa aproveitá-la de forma mais livre ou criativa. Principalmente porque Miguel se

considera um artista plástico e tem nessa habilidade sua força de vida, ou melhor, um elemento que orienta sua trajetória de vida, a despeito da premência econômica.

Esse tempo de juventude, que para Miguel é sobrecarregado pela rotina de trabalho e cursos se chocam com sua representação de juventude como tempo para brincar, isto é, o tempo de “irresponsabilidade provisória” que caracterizaria um modelo de juventude que é coletivamente reconhecido, como diria Bourdieu (2003:126), uma ficção bem fundamentada.

O período de convivência com a nova família é também um período no qual estão sendo construídas afetividades. Conhecer e amar os irmãos, conforme se espera que ocorra no interior do grupo familiar, é algo que está acontecendo num momento mais avançado na vida de Miguel. Assim, o que seria esperado como um desenvolvimento “natural” deve ser fundamentado em um “trabalho de instituição” (Bourdieu, 2003:129) que possa fortalecer os laços de união a despeito das flutuações de sentimentos e humores.

As histórias narradas por Rita também apontam para uma relação conflituosa com a mãe. Ela justifica o jeito fechado e pouco afetuoso da mãe como decorrentes do casamento de seus pais causando nela uma rigidez na condução do processo educativo dos filhos. Rita diz que recebe mais afeto de sua tia, irmã de sua mãe e que mora com a família desde que seu pai foi embora.

“A tia é uma pessoa legal. Ela mora lá em casa desde que a gente era pequena. Ela cuidou de nós tudinho. Eu gosto mais dela do que da minha mãe. Porque ela conversa com a gente, porque minha mãe, ela é muito fechada. Meu pai fez ela sofrer muito, não de bater, mas quando minha mãe casou com meu pai... ela casou não, se juntaram, ela já tinha três filhos e meu pai judiou muito com eles. Aí eu acho que é assim, né, o que meu pai fez com eles, com os três filhos mais velhos, ela quer às vezes descontar na gente...”.

Rita narra um episódio em que todos de casa passaram por uma dieta de emagrecimento por decisão da mãe, que achava estarem todos muito gordos. Rita chegou a perder 8 kg. Mesmo que um castigo seja para um dos filhos, a mãe de Rita costuma estender para todos e assim vai impondo sua autoridade sem aceitar questionamentos: “Quando a mãe castiga assim um, tem que ser pra tudinho, por isso que em certa parte une a gente”. Se, por um lado sua mãe é rígida, Rita encontra

justificativas que a faz destacar os aspectos positivos decorrentes desses acontecimentos.

Daniel também narra um episódio de sua família que teve, segundo sua avaliação, uma consequência positiva. Diz Daniel que sua família morava na casa dos avós paternos e durante uma discussão entre seu pai e o avô, o pai decidiu sair de casa com a família e instalar-se precariamente em um terreno. Da necessidade, diz Daniel, o pai foi erguendo a casa própria na qual hoje habitam e que, segundo Daniel é tão confortável que ele sente que “é um mal que veio para o bem, né. Porque meu pai podia ter se acostumado com aquela vida, né, e graças a Deus, hoje nós estamos muito bem de vida”. Para esses jovens, rupturas e crises familiares são avaliadas pelos seus aspectos positivos. Outros já não vislumbram alternativas senão a conquista da independência, seja financeira, seja através da saída de casa e/ou da formação de uma família para que seja possível engendrar relações mais prazerosas.

Daniel nasceu em Fortaleza e morou, juntamente com a família, na casa dos avós paternos até cerca de seus oito anos, quando, enfim, o pai decidiu mudar-se para um espaço próprio, desta vez em um outro bairro. Diz Daniel, que a decisão do pai em mudar-se se deu bruscamente, devido um desentendimento entre ele e seu avô. Mudaram-se, então, para um terreno que o pai havia comprado há algum tempo, mas que só tinha levantado as paredes e construído um muro bem alto. A construção da casa se deu durante o período em que já estavam habitando lá. Mesmo assim, o pai conseguiu erguer uma boa casa, revestida de cerâmica, inclusive. A família ocupa o andar de cima. A parte térrea foi reservada para a oficina de marcenaria do pai. O desentendimento entre o pai e o avô foi causado por um motivo fútil, segundo avaliação feita por Daniel, mas que resultou num benefício para a família:

“Vamos dizer que é um mal que veio para o bem, né, porque meu pai podia ter se acostumado com aquela vida, né, e graças a Deus, hoje nós estamos muito bem de vida, podemos dizer assim, né, com a crise que nós passamos, comparado com o que estamos hoje, né. Tá com 12 anos que eu moro lá, fui para lá com 4 anos. Lá eu já conheço a vizinhança todinha, a redondeza, chego, todo mundo fala comigo”.

A relação de proximidade que Daniel estabeleceu com o bairro faz com que ele se sinta reconhecido, e este processo de reconhecimento e de identificação permite que ele amplie sua rede de relações para além do espaço privado de sua casa. A esse respeito Mayol teoriza:

“Ora, o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (Mayol, 2002:40).

O espaço público do bairro, tido em geral, como anônimo, se constitui pelo tempo de moradia e de seu uso cotidiano, como um “espaço privado particularizado” (Mayol, 2002:40). É pelo movimento de percorrer, diariamente, o bairro que os moradores vão identificando uns aos outros e constroem classificações sobre eles. È assim que se vão sabendo quem está trabalhando, vadiando ou articulando alguma rede de sociabilidade. Os comportamentos que se publicizam e os benefícios simbólicos que se obtém nas práticas cotidianas do bairro apontam para a interdependência que funda as práticas culturais.

A relação que se estabelece no bairro, reproduz valores e práticas culturais que se realizam no âmbito privado, a casa. O pai de Daniel já se tornou uma referência no bairro, devido à sua oficina de marcenaria. O bairro é, para a família de Daniel, não só o espaço de moradia, mas também o espaço em que seu pai realiza seu trabalho e desta forma, sua família foi definindo uma marca/referência para o bairro.

O grupo familiar de Daniel é, na sua avaliação, muito coeso. Inclusive, com relação ao desentendimento entre o pai e o avô, Daniel diz que isso faz parte do passado. Daniel afirma que hoje eles são grandes amigos e que seu pai ajuda financeiramente o avô, pois sua aposentadoria de um salário-mínimo não é suficiente para sua manutenção. Daniel demonstra um grande orgulho de sua família:

“Minha família é super estruturada. Lá, meus pais não discutem. Em todo o tempo que eu estou lá em casa, só vi eles discutindo uma vez. Converso muito com meu pai. A gente viaja junto, almoça fora junto, no final de semana...”.

Já para Miguel, a oscilação de humor de sua mãe é responsável por desencadear conflitos no grupo familiar. As incursões no campo do adultério – um caso de irresponsabilidade conflitando com o tempo, segundo sua avaliação, – provocaram a separação de sua mãe e do companheiro, que é pai dos dois irmãos mais novos de Miguel. O casal brigava freqüentemente e, por fim chegou a envolver os filhos em situações de violência doméstica. Miguel decidiu interferir numa situação que, a princípio, não caberia fazer, mas o fez para preservar a paz familiar:

“Assim, começou nela [os casos de agressão física], aí começou a bater nos próprios filhos, aí, quando começou a bater na minha irmã [da linhagem paterna], eu avisei: ‘oh, vamos combinar, vocês dois eu não dou bulhufas, agora, não se meta...’ Aí, ele veio engrossar comigo, aí o bicho pegou. Porque aí entrou os meus tios, que são os irmãos dela, porque meus tios não apóiam absolutamente nada do que ela faz e me apóiam. É tanto que um tio meu diz que eu sou o filho que ele não teve. Aí eu disse[referindo-se ao padrasto]: ‘vamos combinar: não mexa com os dois, porque se você mexer aí o bicho pega...’ Isso se referindo a mim e à minha irmã. Aí ele se aquietou e viu que não tinha mais como viver naquela dentro daquela família, aí ele resolveu se retirar. Isso porque uma vez ele extrapolou, eu pedi que ele se retirasse, ele não se retirou, eu o coloquei para fora, tranquei o portão e pedi que viessem uns amigos meus que são da Companhia de Choque [Polícia Militar] lá do bairro. Aí, eles conversaram com ele e ele resolveu se retirar de vez. Ele é marceneiro, ganha bem, vive bem, ele é um cara legal, só que no direito dele, ele fez a coisa certa que era ter ido embora. Porque a situação não dava prá ele não. Não por ele, mas por ela”.

Miguel não concorda com a relação violenta do padrasto, mas entende que a mãe não se comportou adequadamente. A traição, por parte da mãe, provocou o desencadeamento de agressões físicas, destruição dos objetos da casa, e, por fim, a retirada de um membro que vinha contribuindo com as despesas da casa. Miguel está insatisfeito com o desenrolar dessa crise e por isso decidiu transformar sua casa em um local exclusivo. Miguel procura passar o mínimo de tempo em casa e, só vai lá para trocar de roupa e dormir. Ele sai logo cedo, por volta das 6h e 30 min, faz todas as refeições fora, inclusive o desjejum, e só retornando por volta das 23 h, já para dormir. Ele diz que o mínimo de tempo que passa em casa é para não se envolver com as “oscilações de humor” da mãe.

A violência, física e emocional, não foi suprimida quando de sua chegada à casa da mãe. Esta costuma bater em Miguel que, a despeito de seus 1,75m, freqüentemente apresenta hematomas. Ele diz que não reage e deixa que ela “descarregue” sua raiva até se cansar:

“Eu vim conhecer o que seria direito, eu tava com 12 anos. Foi com uma professora, que ela gostava muito de mim, e a gente gostava de conversar, e teve uma vez que minha mãe acochou o pau em cima de mim. Que foi que eu tinha feito? Ah! Ela mandou eu pegar água pro meu irmão, aí ela me deu uma surra! Legal... [num tom sarcástico]. Aí, eu comentando com minha professora, e tal, e ela disse: ‘você tem direitos e isso não pode acontecer não’. Porque eu cheguei lá cheio de hematomas. Nas outras escolas eu sempre fiz questão de esconder. É como eu digo, ele [o pai] sempre teve um grau de responsabilidade comigo; ele nunca aceitava que ninguém batesse em mim. Tanto que elas [as madrastas e/ou empregadas] só batiam quando ele não estava. Ele viajava muito, então elas sempre aproveitavam... aí, quando ele chegava e sabia, ele trocava sempre de mulher, porque ele não aceitava”.

Se quando morava com o pai, as madrastas eram penalizadas pelos maus-tratos cometidos contra ele, o mesmo não acontece na relação com sua mãe. É como se Miguel atribuísse à mãe uma autorização sobre seu corpo. Mesmo sabendo, tardiamente, que tem direito a ter direitos, isso não é suficiente para que Miguel se rebelasse contra esses abusos. Miguel parece querer adiar uma decisão de sair da dependência da mãe, apesar de ter revelado que seus tios maternos já se ofereceram para acolhê-lo. Certa vez, ele ameaçou denunciar a mãe na Delegacia da Criança e do Adolescente e ela retrucou: “Pois bem, eu morro prá você”. Assim Miguel vai relevando os desencontros de afetividades com a mãe:

“E, ela, como é mãe, né, apesar dela fazer as macacadas dela, eu entendo ela como mãe. Eu tenho carinho por ela e eu já deixei bem claro para ela que eu não tenho medo. Imagina um homenzarrão, um rapagão deste tamanho [referindo a si próprio] se tocar nela...”.

Miguel compartilha, desse modo, de um conhecimento do senso comum que justifica a violência de pais contra filhos como inerente à relação de autoridade. Alguns ditados são, inclusive, indutores de certa acomodação a este tipo de relação, como, por exemplo, o de que “pata de galinha não mata pintinho”. E, é nesse caminho que a exacerbação da autoridade dos pais vai encontrando espaço para as práticas de violência:

“Minha mãe não vê direito como direito. Ela vê isso como uma forma de eu me defender de uma outra pessoa e não dela. Ela vê isso só assim. Porque se eu for depender do direito para me defender, ela não quer ver. E, prá mim, contanto que ela não extrapole, por mim... eu... se eu tiver errado, tudo bem. Não adianta conversar com ela. Ela não escuta. Ela gosta de falar e não de escutar”.

Qual o limite para um ato violento? “Que pode o corpo?” A partir da publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, os casos de violência doméstica podem ser mais bem apurados, porque amparados em legislação específica. No entanto, os corpos frágeis de crianças e jovens têm sido objetos de intervenção por parte dos diversos saberes que foram se constituindo ao longo da era moderna e fazem parte de estratégias, bem analisadas por Foucault (2003), que visam, em última instância, a produção de corpos saudáveis e produtivos.

Que pode o corpo? Lapoujade (2002:81) afirma que esta questão deve buscar sua resposta na capacidade do indivíduo transformar-se em “larva”, para desse modo buscar meios para “suportar o insuportável”, e, tal qual um oleiro que age sobre o

barro, agir sobre a dor, abandonar a passividade e ser capaz de resistir à condição primeira do corpo, que é sofrer:

“Dito de outra forma a questão: que pode o corpo? Só é possível e só faz sentido a partir desse sofrimento primeiro. O cristianismo sabe bem quem nos torna doentes de não agir este sofrimento. Pois a questão é: que pode o corpo em face deste sofrimento que é a sua condição? Ou se preferirmos: como um corpo detém ativo? A primeira condição, como já vimos, consiste em sentir este sofrimento, o ‘Eu sinto’ que é um ‘Eu não agüento mais’, pois esta exposição ao fora é insuportável. O corpo deve primeiro suportar o insuportável, viver o inviável. É o sentido do Corpo-sem-órgãos em Deleuze: que o corpo passe por todos os estados de torção, de desdobramentos que um organismo desenvolvido não suportaria” (Lapoujade, 2002:87).

Assim, os mecanismos de defesa para enfrentar a dor vêm acompanhados de uma exposição ao sofrimento para que seja possível aumentar a potência de agir dos corpos. A potência dos corpos faria uma operação que consistiria num paradoxo da fraqueza do forte, e que Nietzsche aponta como o regime da prudência, consistindo na exposição às feridas mais grosseiras para ter acesso àquelas mais sutis, para só assim reconhecer que existem coisas mais sérias na vida (Lapoujade, 2002:88).

A resistência de Miguel, para os sofrimentos que acumula em sua vida, pode ser formadora de uma pele dura, de um organismo que o impeça de negociar com os elementos que compõem sua história de vida. No entanto, ele demonstra uma capacidade de resiliência em saber lidar com tantas adversidades e, mesmo assim, ainda conseguir elaborar um projeto de vida.

Os valores religiosos, compartilhados pelas famílias de Daniel e Leonardo (protestante), Isabel, Glória e Vitória (católicos), e as iniciativas de seguir uma religiosidade independentemente de suas famílias, como nos casos de Isabel e Rita são aqui referidos como um aglutinador dos laços familiares, mas também pela sua capacidade de estabelecer hierarquias, designando a cada um o que lhe cabe no espaço da família.

O pedido de bênção, prática observada entre os católicos praticantes é um costume na sua família e para Glória, não ser abençoada pelo pai, como nos dias em que estão “de ponta”, faz com que ela se sinta insegura. Assim, o trabalho, por si só, ou o fato de ter 18 anos, não confere à Glória a autonomia que a legitime entrar no mundo dos adultos. Outros aspectos, emocionais, culturais e simbólicos, compõem a trama

onde se deve buscar compreender os códigos que regem as condutas de cada membro do grupo familiar. Diz Glória:

“Então minha família é assim, né, tem a hora boa e a hora ruim, né. Meu pai se preocupa com a gente, até mesmo com meu irmão que é casado, só que às vezes já é demais, né. Antes a gente não saía porque não tinha dinheiro, mas agora a gente tem, não que a gente tenha dinheiro... Mas pode se divertir, né, ele [o pai] não quer, quer que a gente fique só em casa. Porque ele diz que senão a gente vai fazer igual às meninas lá da rua, que estão tudo grávida. Só que não é assim, né. Aí ele pensa que eu vou fazer o mesmo, né, mas eu já me afastei delas, né, também porque eu trabalho e aí não tem tempo pra amizade, a gente se vê só no colégio”.

A família, neste sentido, está submetida, tanto à pressão de ordem econômica quanto à pressão de ordem simbólica, e estes aspectos devem ser considerados na análise dos grupos familiares aqui enfocados. Se a família utiliza estratégia para sobreviver, que incluem o trabalho daqueles que deveriam adiar sua entrada no mercado de trabalho em detrimento da aquisição de um maior capital escolar, é porque nestas relações estão implícitas lógicas de obrigação ou de gratidão. Diz Bourdieu:

“Mas, para que as trocas entre as gerações continuem apesar de tudo, é necessária também a intervenção da lógica da dívida como reconhecimento e a constituição de um sentimento de obrigação ou de gratidão. As relações entre as gerações são um dos lugares por excelência da transfiguração do reconhecimento da dívida em reconhecimento, piedade filial, amor” (Bourdieu, 2003:179).

Assim, a diversidade de influências pelos quais os indivíduos são submetidos configura uma mistura de valores e códigos. Ora são os valores religiosos, ora a premência material que define as regras e práticas do grupo. As relações sociais nas grandes metrópoles são mediatizadas pelo dinheiro que, nas análises de Simmel, funciona como um equivalente geral e caracteriza-se fundamentalmente pela anulação dos aspectos qualitativos de uma relação em detrimento dos aspectos quantitativos, ao mesmo tempo em que privilegia a ausência de afetividade nos vínculos sociais. A avaliação que Miguel faz da sua relação com a mãe – e pela qual se mostra decepcionado - parece obedecer a essa lógica denunciada pelo autor, conforme destacado abaixo:

“Sendo o equivalente a todas as múltiplas coisas de uma e mesma forma, o dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores. Pois expressa todas as diferenças qualitativas das coisas em termos de ‘quanto?’. O dinheiro, com toda a sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca

irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade” (Simmel, 1979:16).

Foi recorrente nas narrativas dos jovens a queixa que têm em relação à família no sentido de exigirem deles a prontidão para o trabalho para a obtenção de uma renda. Eles concebem esse traço de sua socialização como uma concepção materialista por parte dos pais, em especial nas famílias em que apenas a mãe é a chefe de família ou que o pai é o único provedor.

Miguel foi bem enfático quando se refere ao poder que o dinheiro que ele recebe pode ser susceptível de influenciar o comportamento da mãe. A ironia e o sarcasmo com que Miguel analisa as situações domésticas demonstram uma capacidade de apreciação da realidade e de busca de alternativas para agir sobre o seu cotidiano. O mundo externo de Miguel vai sendo, aos poucos, re-significado, embora aponte certa confusão sobre as relações com os seus pais, por exemplo. Assim mesmo, Miguel parece articular as capacidades necessárias para responder às adversidades e definir novos trajetos de vida. Miguel mostra estar consciente dos limites que a sua relação familiar encerra:

“Eu já fiz a cabeça dela [da mãe] uma vez. Foi quando eu recebi meu dinheiro. Botei na mão dela e ‘agora a gente vai conversar’. Juro que eu fiz isso. Meu padrasto deitado, peguei meu pagamento, botei na mão dela e comecei a conversar. E ela me escutou. Eu falei para ela parar de fazer as macacadas dela e parar de abusar tanto da autoridade como mãe. Ela gosta muito de abusar. Ela, quando pega minha irmã, só falta matar. Aí, eu conversei com ela mas no dia seguinte, ela aprontou a mesma coisa, eu fui falar com ela, do que a gente tinha combinado e ela ‘não interessa!’. Baixei minha cabeça e saí de perto. Eu fico meio constrangido quando ela faz essas coisas com meus irmãos, mas eu não me meto porque eu sei que ela também parte prá cima de mim. Ela é irônica e bem cruel. É, minha mãe é meio cruel, ruim, mas eu tenho respeito como mãe”.

O fato de Miguel trabalhar e o ato de segurar a mão da mãe com o dinheiro como forma de ter acesso a ela, de se fazer escutado, não logrou bons resultados e confirma que o trabalho não conferiu a Miguel o acesso ao mundo adulto, no sentido de ter uma igualdade de posição para argumentar com a mãe. Neste sentido, Miguel continua numa relação de dependência que caracterizaria uma parte da juventude focada neste estudo. O fato de trabalhar e contribuir com as despesas da casa não implica numa alteração na hierarquia do grupo familiar. Ele, como filho, acredita no seu dever de respeitar a autoridade da mãe, e, submisso, portanto, às regras de convivência estabelecidas pela mãe o que caracteriza o tipo familiar de papéis sociais rígidos.

Miguel reclama do caráter materialista de sua relação com a mãe. Ele diz que só vale em casa pelo que ganha. Ele diz que encontra felicidade na mãe quando ela tem dinheiro na mão para gastar e isso o deixa deveras decepcionado, já que esperava maior acolhimento. Em alguns aspectos Miguel assume o papel de provedor, enquanto que em outros, está submetido à autoridade da mãe. Essa relatividade nos papéis familiares parece confundir, ou vir à tona, para esses jovens como uma contradição difícil de desenrolar. Diz Miguel:

“Está valendo o quanto eu ganho. Porque minha mãe é materialista. Apesar dela não aceitar, ela não percebe, mas ela é. Então, se você tem você vale, se não tem, não vale. Esse último companheiro dela até que ajudava direitinho só que minha mãe é meio bagunçada. Acho que quando ela era uma adolescente não brincou o suficiente. Aí ela pensa em brincar agora! A última separação dela foi realmente galinhagem, aí o parceiro percebeu e, sinceramente, se fosse comigo, eu não queria...”

O episódio de expulsão do padrasto de sua casa consistiu num ensaio de autonomia que foi consentido pela mãe por questões de conveniência. Miguel avalia o período de convivência com o pai, e, agora com a mãe, de forma ambígua, ou talvez, pela sua capacidade de resiliência, procura absorver e transformar as adversidades em aspectos positivos para o seu amadurecimento:

“Tudo tem o seu lado bom, o lado ruim. Então, é melhor ver só o lado bom, porque se você for ver o lado ruim, você fica doido. E daí, para não ficar tão pesado, prá não ficar aquele clima tão pesado... daí a minha ausência dentro de casa. Prá não ter tanta ligação, prá não ter tanto ‘rala’. Porque eu penso de um modo e ela pensa de um modo totalmente diferente”.

Assim, o lar, como espaço acolhedor, não se realiza para Miguel. Pela sua fala percebo que o aspecto material suprime a capacidade de estabelecer laços afetivos. Em não encontrando esse espaço da casa conforme sua representação de família ideal, ele escolhe preencher a sua rotina de forma a permanecer o mínimo de tempo em casa. Assim, Miguel preenche seu tempo de forma a permanecer o mínimo possível em casa, seja trabalhando, estudando, criando seus quadros ou mesmo se divertindo com sua namorada, que segundo ele, é uma excelente pessoa apesar de não ter caído na “graça” da mãe, que insiste para que ele termine o namoro.

Isabel, Rita, Glória são, também, expressões de jovens que, pelos conflitos familiares, procuram estabelecer outras relações que vão tendo prioridade em suas vidas e, a ausência de casa, justificada por diversas atividades, vai sendo esquadrihada em busca de novas experiências que sejam positivas e proveitosas.

A importância que o trabalho tem para os jovens vai submergindo quando eles revelam planos e sonhos de melhorar a capacidade de consumo. Leonardo se orgulha do valor de sua bolsa de aprendizagem no valor de R\$ 260,00. Ele está disposto a contribuir com as despesas domésticas. Se isso não acontece diretamente, o trabalho destes jovens pode ser um alívio para o orçamento doméstico assim como “livrar”, temporariamente, o trabalho de um adulto. O valor da bolsa destes jovens representa muitas vezes o equivalente de um salário recebido por um membro adulto de sua família em empregos precários que muitas vezes não ultrapassam o salário mínimo por até dez horas por dia de trabalho.

Gilda, Marcelo e Daniel, são representativos do modelo de jovem que trabalha para aliviar o orçamento doméstico sem que suas bolsas estejam, necessariamente, vinculadas ao orçamento doméstico ou à liberação de trabalho de um membro adulto.

André utiliza sua bolsa para a compra de roupas e acessórios, objetos de consumo desejados por ele. Sua contribuição em casa é facultativa e, quando se refere ao pai de seu irmão pequeno, diz que ele não é padrasto porque não contribui com as despesas de casa. O fato de o padrasto morar em outra cidade não o impediria, segundo argumenta André, de contribuir com as despesas já que tem um filho pequeno. Essa situação agrava ainda mais a dependência de sua família em relação aos avós. Diz André:

“Não digo que ele é padrasto porque não ajuda em nada com a gente. Porque quem sustenta a casa é meus avós, minha avó, porque meu avô não tem aposentadoria. Ele é mais velho mas os documentos dele parece que perdeu, ou tem a data de nascimento errada. Quando a mãe dele faleceu ele não teve contato com mais ninguém, agora é só ele. Ele tem filhas, não é somente minha mãe e minha tia de filha. Ele tem filhas de outro casamento. Ninguém sabia que ele tinha mais filhas, só quem sabia era minha avó. Aí, uns dois anos atrás, uma das filhas dele foi para o Recife, mas antes ela morava perto lá de casa, e só então a gente ficou sabendo. Só quem sabia era minha avó... mulher, acho que nem ele sabia... A gente ficou sabendo depois que foi pro aniversário da minha tia, que foi lá na casa dessa filha dele”.

Esse trecho da fala de André aponta para a diversidade de províncias de significados (Schutz, 1979) que contém a categoria família. Continuando a discussão sobre família e afetividade, a família passa a ser questionada por ser o *locus* privilegiado das trocas afetivas, mas não garante efetivamente que seja capaz de estabelecer essas trocas, haja vista que são constantes as queixas e questionamentos por partes dos jovens

sobre os espaços vazios deixados pela convivência familiar. A forma de compor uma família não implica necessariamente numa aproximação afetiva. Pode-se inferir que os laços de solidariedade mecânica, nos termos de Durkheim (1978) encontram-se fragilizados e contribuem para a ruptura dos laços comunitários e societais, com riscos de se instalar o que Nascimento (2000) denomina de nova exclusão social:

“A nova exclusão social se constrói num processo múltiplo, simultaneamente econômico (expulsão do mundo do trabalho), cultural (representação específica de não reconhecimento ou negação de direitos) e social (ruptura dos vínculos societários e, por vezes, comunitários)” (Nascimento, 2000:68).

A precariedade e o afrouxamento dos laços de solidariedade são visíveis na família de André. O pouco contato com parentes e filhas de uma relação anterior postergou a aposentadoria do avô de André assim como outros eventos que vão sendo destacados por ele, dão conta de um relativo abandono e frouxidão dos laços de consangüinidade e afetividade do grupo familiar e a ausência sentida de políticas públicas capazes de atender demandas primárias que proporcionaria ao mínimo a coesão social. O fato do avô de André não ter conseguido acesso à aposentadoria por falta de comprovante de sua existência civil, a perda das referências familiares por ocasião da morte de sua mãe, o fraco elo entre ele e as filhas de uma união anterior, são elementos que indicam um processo de exclusão no sentido amplo utilizado por Nascimento.

A ausência de proteção social, garantias e direitos são visíveis na família de André, mas passa também por outros grupos familiares dos aqui abordados. A ausência de participação em coletivos que constituam uma identidade social para cada indivíduo torna o processo de exclusão cada vez mais visível. O grupo familiar de alguns destes jovens parecem ser característicos do que Castel denomina de individualismo negativo. Esse termo consiste na definição, por parte de cada membro do grupo social, de buscar recursos próprios, capital pessoal e competência técnica para orientar suas trajetórias sem que estejam necessariamente garantidos por nenhuma inscrição em coletivos. Estamos, segundo Castel, frente a uma territorialização dos indivíduos. Estes estão cada vez mais individualizados, autônomos e, ao mesmo tempo, desprotegidos de uma coletividade que em tempos de sociedade salarial serviam como referenciais (Castel, 1999:601).

Sarti (1996) destaca a família do pobre pela sua importância na mediação com o mundo social mais amplo. Muito mais do que mera instituição de consumo, a

família se constitui como portadora de códigos de lealdade e obrigações mútuas e por isso, passa a ser substrato da identidade social dos pobres. Diz Sarti:

“Sua importância não é funcional, seu valor não é meramente instrumental, mas se refere à sua identidade de ser social e constitui o parâmetro simbólico que estrutura sua explicação do mundo. Como as espécies animais do totemismo, de acordo com a análise de Lévi-Strauss, a família para os pobres é ‘boa para pensar’” (Sarti, 1996:33).

Em função da incapacidade das instituições públicas em promover o bem-estar da população como um todo, a família passa a ser a instituição onde as questões ligadas à sobrevivência e ao bem-estar são colocadas e negociadas. A família é a arena primária para a manutenção dos laços de solidariedade mecânica (Durkheim, 1978). Caso esses laços se esgarcem a família corre o risco de anomia com ameaças que se estendem à coletividade.

A família de Gilda, por outro lado é ilustrativa do esforço para reunir os membros em torno de uma referência comum. A reunião familiar, em torno da mesa farta que a mãe de Gilda oferece aos domingos para reunir os irmãos, demonstra o apreço para com esse grupo e evidencia que os elementos de consangüinidade estão intrincados aos afetivos. A consangüinidade assim como o reforço de uma memória coletiva favorece aos integrantes a construção de identificações e afinidades, assim como os laços de solidariedade (Durkheim, 1981:74).

A dimensão moral da família como base estruturante dos vínculos afetivos e sociais não impede que alguns indivíduos se sintam estranhos ao grupo. Ocorre, muitas vezes, a ausência de um projeto de vida em comum e cada indivíduo, procura, à sua maneira e com os meios que dispõe, seguir uma trajetória individualizada.

André fala de sua necessidade de ter confiança na sua mãe, do respeito que deve aos avós, de suas afinidades com a irmã adolescente no tocante a ouvir música e dançar, etc. Ao mesmo tempo, ele se sente “um estranho no ninho” quando está em casa porque sabe que não tem aceitação devido à sua opção sexual. Esse clima vem lhe causando conflitos e o fazendo repensar suas trajetórias e seus projetos independentes de sua família. Diz André:

“É muito complicado viver com meus avós, porque são pessoas totalmente diferentes do que eu gosto de fazer. Eu gosto de sair, eu gosto de teatro, eu tava num grupo chamado Tradições cearenses, você já ouviu falar?. Aí meu

avô não gostava, minha avó reclamava, foi antes de eu começar a trabalhar... . Aí tinha toda aquela briga antes das apresentações, chegava tarde em casa, de madrugada, eles não gostavam. Quando eu perguntava se podia dormir fora eles não gostavam. Teatro, eles respeitam mas não gostam. Nunca foram de bater não. Eles ameaçam mas não fazem nada. Atualmente, a pessoa mais forte lá em casa é a minha avó, ela é que tem o poder de dizer ‘você não vai fazer isso...’. Aí eu converso com ela, converso, mas é o seguinte, minha avó não é de muita conversa, não. Eu sou uma pessoa totalmente diferente de minha família. Eu tenho uma opção sexual diferente e tudo o mais. Não gosto de tá passando pras pessoas uma coisa que realmente não sou. Eu sou natural, gosto de brincar, gosto de conversar, gosto de sair. Mas a minha vida eu não gosto de conversar sobre ela com todo mundo. Com quem eu converso mesmo é com minha amiga, Daniele, que a gente se conhece desde pequeno. É minha vizinha, meus avós foram padrinho de casamento dos pais dela. Eu converso muito com ela e também com minha mãe. Antes eu era meio assim com minha mãe porque ela não era muito chegada a mim, ele era mais com minha irmã. Nunca fui de conversar com minha avó ou meu avô”.

Essa reserva em não contar sua vida privada para todo mundo é algo muito esperado numa sociedade onde cada indivíduo se transmuta em *persona* pra representar papéis socialmente valorizados segundo as normas de cada grupo. Quando se trata de pessoas com escolhas sexuais que fogem aos modelos de masculinidade e feminilidade, existe uma expectativa de que eles se revelem para todos. Interessa, sobretudo, em se tratando de homossexuais, que eles sejam pessoas que façam rir, que sejam objeto de chacota. A reprovação à condição homossexual se reveste numa apologia do discurso público, do divertimento.

Antes do meu encontro com André, já ouvia falar dele. Funcionários da unidade se encarregavam de transformar André num mito. Diziam que André tinha um “caso” com um homem bem mais velho e bastante rico, e que o presenteava com objetos de grande valor, como roupas, sapatos, relógios, *etc.* Essa estória ia sendo passada em surdina e funcionava como crenças coletivas capazes de se afigurarem como verdades, sendo por isso integradoras de um grupo. Diz Elias que um grupo, quando bem integrado, é capaz de fazer circular a fofoca de modo tão eficaz que ela seja capaz de sobreviver mesmo que, “num nível mais racional, o indivíduo chegue à conclusão de que ela é falsa e venha a rejeitá-la” (Elias, 2000:128).

A cada dia surgia uma nova estória em torno do “mito” André. Questionavam o porquê de sua adesão ao P. S. se ele era capaz de ganhar bem mais sem precisar de nenhum “esforço”. O conto de Cinderela (ou o mito faustiano do embate entre o bem e o mal?) ao qual André estava associado me despertou curiosidade em conversar com ele. Para definir mito, recorro a Watt: “Mito é uma história tradicional

largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns dos valores básicos de uma sociedade” (Watt, 1997:16).

Fui contaminada pelo “mito” André. Perguntava eu, tal qual os demais funcionários, porque, afinal, André se submete a uma rotina extenuante, se já havia encontrado quem financiasse suas despesas? Estaria ele, utilizando-se de uma estratégia de não se descuidar do futuro, ainda que o presente lhe estivesse sendo favorável? O valor da bolsa de estágio de André no supermercado era de R\$120, 00, além do vale-transporte. Entre os funcionários irrompiam comentários de que André fazia diariamente seu percurso aos três compromissos (escola, curso e trabalho) de táxi. Calculei que, assim fazendo, devido à distância entre os três locais, André gastaria por dia quase o valor de sua bolsa.

Enfim, isto me deixava curiosa. Estaria André vivendo um conflito entre o “princípio da realidade” e o “princípio do prazer”, discutidos por Elias sobre a vida de Mozart? Segundo a análise de Elias, Mozart viveu o conflito entre submeter-se aos ditames da corte européia e a ambição de criar, conforme sua imaginação musical, obras que rompessem com o padrão em vigor à sua época. Assim, a sobrevivência de Mozart poderia ser comprometida pelo ideal de ser reconhecido como criador e não como reproduzidor das demandas dos cortesãos (Elias, 1997). No caso de André, ele precisava viver o conflito entre ser um trabalhador formal em postos de trabalho que fugia às suas expectativas e afinidades, posto que estas não contemplassem as convenções do seu grupo familiar e do que é socialmente prescrito.

No dia combinado para nossa conversa gravada, aguardava que ele me revelasse seu lado “obscuro”. Ao longo de mais de duas horas de gravação, André foi revelando sua estória como totalmente diferente daquela que supunha. Estaria ele mentindo? Ou as estórias sobre ele eram pura criação? O que tinha de racional e o que seria apenas fruto da imaginação? Existia um simbolismo em torno destas estórias que implicavam a descoberta de significados. Assim, ultrapassei o discurso sobre verdades e mentiras. Passei a me interessar sobre a narrativa que ele construía sobre si. Vislumbrando ser por aí que deveria começar a buscar os significados.

André, segundo ele mesmo disse, foi demonstrando sua insatisfação com o trabalho em supermercado, o sentimento de rejeição por parte da família, que para ele está associado à sua homossexualidade e, principalmente, sobre sua decepção amorosa com um namoro recente.

Os jovens são particularmente sensíveis às atitudes discriminatórias visto que é na perspectiva da vida cotidiana que eles vão construindo identificações, forjadas, como Pais afirma na dialética entre singularização e dependência (Pais, 1983:117). As resistências que os jovens vão criando para fazer frente às normas dominantes são reações na tentativa de produzir novas expressões culturais ao mesmo tempo em que esperam ser aceitos pelas suas peculiaridades. Assim, eles são agentes e vítimas de discriminação, entendida aqui como construções coletivas que visam apontar aqueles que são diferentes dos padrões dominantes.

A sociedade ocidental moderna desenvolveu uma ciência da sexualidade que, segundo Foucault (1984), consiste numa imbricação entre poder e sexualidade. Se o poder visa à construção de corpos dóceis e preparados para atender às exigências de um novo modo de organizar a produção de valores, a sexualidade passa a ser um foco privilegiado. Segundo análise do autor, em seu primeiro volume da história da sexualidade, *A hipótese repressiva*, a sexualidade passa a ser um segredo que deve ser confessado, publicizado. O sentido das diversas técnicas que foi sendo desenvolvida visava à organização, classificação e localização espacial dos indivíduos conforme sua conduta e sua utilidade.

Compartilhar com alguns poucos amigos suas identificações, em particular as de caráter sexual, não são suficientes para que André se sinta aceito. Para ele a aprovação da família seria tranquilizador. André sabe que seria difícil aceitação por parte dos avós; a distância geracional foi a justificativa que André recorreu para compreender as atitudes dos avós pela não aceitação de comportamentos que fogem do modelo socialmente dominante. Mas, por outro lado, André refere-se à sua mãe como uma pessoa que não deveria lhe rejeitar, seja pelo “mito” da maternidade que André demonstra acatar, seja pela pequena distância etária entre eles. Diz ele que a mãe tem de ser sua melhor amiga e uma rejeição por parte dela o remeteria, ainda mais, ao sentimento de marginalidade, de desvio, *etc.*

Fofocas pela vizinhança anteciparam o enfrentamento desta questão com sua mãe. Esse acontecimento vem na esteira de um movimento ou transformação nos padrões de comportamento que incentiva os indivíduos a se “assumir”, isto é, reconhecer-se publicamente, ou aos grupos mais próximos, sua sexualidade. Cada vez mais as pessoas são incentivadas a assumir suas opções sexuais e lutar contra a discriminação, principalmente depois que a questão da homossexualidade foi banida dos códigos penais e de doenças. Esses argumentos vêm sendo veiculados pelas *media* e parecem ser herdeiras da neutralidade e da cientificidade que envolve as ciências humanas, tal qual foi analisada por Foucault na sua trilogia da história da sexualidade.

Nesse sentido, André busca a compreensão de sua mãe ao mesmo tempo em que teme a repressão por parte do pai, mesmo o sabendo longe dele, espacial e afetivamente. André manifesta um gesticular e formas de comportamento impressos em ícones e signos pelo corpo que o remetem ao estereótipo do homossexual “afeminado”. Ele tem, gosta e consome itens do guarda-roupa feminino, muito embora, no seu dia-a-dia tente se manter mais discreto, o que não impede, nem evita ser identificado como “gay”, tanto no curso quanto no trabalho, assim como em outros espaços por onde circula.

Para Giddens (1993), a revolução sexual iniciada nos anos 60 do século XX, representou um avanço na permissividade sexual. As lutas pela autonomia feminina e o florescimento da questão homossexual. Ambos estão relacionados ao livre-arbítrio preconizado pela consolidação dos direitos humanos, e que apostam numa abertura do campo sexual que vai além do sexualmente “ortodoxo” (Giddens, 1993:38).

Segundo o autor, a ordenação da sexualidade como um processo relacionado diretamente com o “poder-conhecimento”, hipótese defendida por Foucault, já não são suficientes para analisar as mudanças recentes, profundas e irreversíveis acerca da sexualidade.

A tese defendida pelo autor, da refletividade institucional apreende com maior abrangência, a área da sexualidade. Os relatórios e pesquisas sociais acerca da sexualidade passaram a ser de domínio público, atingindo até mesmo o público leigo e favoreceram a neutralização das inquietações morais acerca das práticas sexuais habituais e cotidianas. O questionamento que homens e mulheres passam a fazer –

quem sou eu? – é expressão desse projeto reflexivo defendido por Giddens, sobre a contemporaneidade.

É na esteira deste fenômeno de auto-reflexividade que os indivíduos se questionam sobre sua sexualidade, o prazer e as formas pelas quais a sua sexualidade pode se realizar de forma a minimizar os constrangimentos sociais, dirigidos, em especial, àqueles que optam pela condição homossexual.

Veja como André descreve esse momento, ao mesmo tempo tenso e lenitivo, quando aconteceu, pela primeira vez, um diálogo, segundo ele, mais aberto com sua mãe sobre sua sexualidade:

“Aí eu resolvi chegar pra ela [a mãe] e contar. Aí eu contei, ‘mãe, eu sou assim... Não gostaria de mentir... Eu sei que mãe é mãe, que você não vai aceitar, mas eu vou contar como é que eu sou’. Eu contei com 15 anos, e estou com 17 anos. Abri o jogo porque não gosto de mentir pra minha mãe, também não gosto de mentir pra ninguém. As vezes, meu avô, minha avó, não gostam, soltavam aquelas piadinhas pequenas, aquelas indiretas, quando eu ficava em casa dançando c/ minha irmã. Eles não gostavam e quando eu saía, tinha aqueles acessórios, perucas, maquiagem,, que ainda hoje eu tenho, para poder usar no teatro, essas coisas ele não gostava, mas eu guardo tudo em casa, hoje eles já esqueceram mais, mas antes eles não gostavam não. Aí eu falei pra minha mãe, a gente conversou...”

O momento dessa “conversa aberta” com a mãe não foi planejado por André. Ocorre que dias antes, enquanto sua mãe estava viajando para visitar o companheiro, André participou de uma quadrilha junina no bairro e assumiu uma personagem feminina. Aparecer para a vizinhança vestido de mulher, utilizar-se de ações performáticas, no sentido de estabelecer uma comunicação simbólica é não apenas uma forma de afirmar uma ação, mas comprometer-se diante dela (Austin, 1990). Mesclando a masculinidade com vestimentas femininas, André vai informando em suas ações e reconfigurando sua identidade entre conflitos e dilemas. Examinando melhor essa atitude de André, penso que ele provoca uma dramatização do seu cotidiano, e tal qual a eficácia dos rituais, em especial o carnaval, analisado por Da Matta (1997), André vai significando a necessidade de transformar um momento extraordinário, como os festejos juninos, em uma ação rotineira.

A festa junina, da qual participou no papel de mulher foi, para ele, uma oportunidade de mostrar publicamente seus valores e seu estatuto social. André estava bem cuidado, segundo ele diz, com todos os adereços femininos, dentre o amplo

repertório de signos peculiares aos atributos femininos, em especial quando se trata de uma *performance* pública. Isso foi motivo de admiração por parte da vizinhança, que também não poupou comentários maliciosos e fofocas que chegaram ao ouvido de sua mãe logo que ela retornou da viagem. Continua André:

“Ela tava viajando e ela disse quando chegou: ‘André, eu fiquei sabendo de tal coisa, de comentários...’, aí eu fiquei com medo, né, o que será que ela quer conversar comigo? Aí eu saí com ela, fui lá pra lanchonete que é da minha tia, irmã do meu pai, ela [a mãe] disse: ‘vamos, eu vou com você até lá’ Eu disse, ‘venho já’, fui lá dentro, passei perfume e saí. Aí sentamos numa mesa e começamos a conversar... Ela disse que minha tia, irmã dela, ficou sabendo de umas coisas e contou pra ela. No começo eu neguei com medo da reação dela [com relação ao acontecimento e não à sua condição sexual], neguei, neguei... Ela disse: ‘Meu filho, você é novo, agora que tem 15 anos...’ Eu tava negando, mas estava com aquela angústia dentro de mim, de estar mentindo pra ela. Eu disse: ‘Mãe, vou te dizer uma coisa, não adianta negar, foi, aconteceu isso, mas não foi em local aberto, não foi com todo mundo vendo, foi num local fechado, foi na casa da Carol, tava eu, ela, umas amigas nossas lá, a gente tava assistindo um filme, ele pediu pr’eu sair, a gente saiu, ficou num local calmo, ninguém viu, pelo menos eu acho que ninguém viu para ter esses comentários assim... Aí ela começou a chorar, eu não agüentei e comecei a chorar também, pedi desculpa, perdão. Ela falou que ia contar pro pai e pra mãe [avô e avó], aí foi que eu pedi pra ela: ‘Mãe, não conte nada não, por favor!’ Aí eu comecei a me desesperar porque por eu ser filho dela e ela viver debaixo do teto deles, eles podiam fazer qualquer coisa comigo, me botar pra fora de casa, e aí, o que seria de mim? Ela disse: ‘vou contar pro seu pai também’ eu disse: ‘Mãe, veja o que você vai contar pro pai, ele não aparece, não dá conta de nada, nunca fez nada por mim, Qual era a necessidade?’”.

Em um artigo sobre homossexuais jovens, Rose Richardson (1983) destaca as principais dificuldades com que se deparam os homossexuais acerca de questões de orientação sexual, que têm início na adolescência. Diz a autora que a maior parte da educação sexual nas escolas é voltada para os aspectos clínicos e mecânicos do sexo, com ênfase na procriação. As questões acerca da diversidade sexual e das reações emocionais das pessoas em relação ao outro são pouco exploradas apesar dos indícios de que, em todos os ambientes escolares existem pessoas desenvolvendo orientações homossexuais.

A negligência, o véu que tenta encobrir o outro no tocante à sua sexualidade é uma forma de manifestar preconceitos que remetem àqueles que são

homossexuais sensações de alienação, marginalidade assim com de ser alvo privilegiado de fofocas e insinuações maldosas, atualmente denominadas de *bullying*⁸.

Richardson afirma que os modelos de papéis disponíveis são aqueles vinculados às *media*, e, em geral, reforçam estereótipos sobre o comportamento de homossexuais, nem sempre abrangentes de sua maioria, uma vez que entre os homossexuais existem diversidades de papéis, modelos e atitudes de ser homossexual. A auto-identificação homossexual passa muitas vezes por uma massificação que não corresponde à auto-identidade destes indivíduos. Diz Richardson:

“As pessoas jovens freqüentemente descrevem uma sensação de desconforto a respeito de si mesmas, uma consciência de serem diferentes, mas uma incapacidade de definir ou dar nome à essa diferença. Amiúde se sentem alienadas e isoladas de seus grupos de pares. Nesse estágio, talvez não se identifiquem como homossexuais, embora suas fantasias, durante a masturbação, centrem-se no mesmo sexo” (Richardson, 1983:228).

Não havendo padrões ou normas com que esses jovens possam se identificar, eles vão crescendo em meio a um conflito a respeito de sua sexualidade. À medida que vão entrando em contato com outros grupos para além da família e da escola, isto é, diversificando suas redes de sociabilidade, esse processo de auto-identificação vai se tornando mais claro para eles. Esse fato não descarta os riscos de serem rejeitados ou vítimas de preconceitos. No caso de André, todos da família, vizinhos, colegas de escola, perceberam nele uma diferença em relação ao padrão de gênero masculino. Isso não é suficiente para que ele se sinta acolhido pelo que é. Richardson fala do impacto que tem para a família a descoberta de um filho homossexual:

“Os pais que tomam conhecimento da orientação homossexual de seus filhos não contam com nenhuma dessas válvulas de escape. O compartilhamento das confidências, a aprendizagem de como as outras famílias enfrentam as situações, os modos normais de tornar um problema suportável e possivelmente compreensível são negados aos pais do jovem homossexual. Eles temem e exposição, a ridicularização e o preconceito, por seus filhos e por si próprios” (Richardson, 1983:231).

O temor dos pais pode ser amenizado quando o filho segue uma atividade que lhe traga fama e dinheiro: artistas consagrados são bem mais aceitos do que um

⁸ *Bullying*: Ato de maltratar, intimidar, oprimir, amedrontar (Dicionário Inglês-Português Webster's, Antonio Houaiss, Record, 1982).

jovem que ocupa a posição de caixa de um supermercado, por exemplo. Nesse sentido, o problema, se é que há, reside no fato de não haver instâncias abertas para esse tipo de discussão tanto para o jovem que despertou para sua sexualidade quanto para a família. É preciso fortalecer os valores e os significados desta orientação sexual num mundo que é predominantemente declarado como heterossexual.

André tomou iniciativa de conversar com sua mãe “abertamente” depois de alguns acontecimentos lá no seu bairro, envolvendo ele e outro jovem e, antes que sua mãe ficasse sabendo por outros que tinham tomado conhecimento, André resolveu “abrir o jogo”. No entanto, foi sua mãe quem tomou a iniciativa para uma conversa logo que foi informada deste acontecimento, quando de sua chegada em Fortaleza. Ela havia passado alguns dias com a filha pequena na cidade de seu namorado. Essas viagens da mãe de André ocorrem rotineiramente e sempre que ela chega de viagem existe algum comentário sobre André. Veja o que ele diz:

“Ela chegou e disse que queria conversar comigo, aí, eu disse ‘tudo bem’. Se ela não tivesse sabido naquele momento, eu ia conversar com ela em outra ocasião... Quando eu vi que nessa situação, por ser minha mãe, eu tinha que tornar minha mãe minha amiga, por que seu eu não tornasse ela minha amiga, nenhuma outra pessoa podia ser. Então, ‘mãe é mãe’, em todo caso né? Aí eu saí com ela, fui lá pra lanchonete que é da minha tia, irmã do meu pai, ela que disse ‘vamos, eu vou com você até lá’. Eu disse ‘venho já’ e fui lá dentro, passei perfume e saí. Aí sentamos numa mesa e começamos a conversar... ela disse que minha tia, a irmã dela, ficou sabendo de umas coisas e contou para ela. No começo eu neguei com medo da reação dela, neguei, neguei... Ela disse ‘meu filho, você é novo, agora que tem quinze anos...’ eu estava negando, mas estava com aquela angústia dentro de mim de estar mentindo para ela. Eu disse ‘mãe, vou te dizer uma coisa, não adianta negar, foi, aconteceu isso, mas não foi em local aberto com todo mundo vendo, foi num local fechado, foi na casa da Carol, tava eu, ela e uns amigos nossos lá, a gente estava assistindo um filme, ele pediu para eu sair, a gente saiu, ficou num local calmo, ninguém viu, pelo menos eu acho que ninguém viu para ter esses comentários assim...’. Aí, coisa de mãe, começou a se desesperar, começou a chorar, eu também sou muito apegado a ela, mas não sou muito de conversar com minha avó e com meu avô, nem com minha prima, mas eu gosto de conversar com minha irmã e com minha mãe. Aí ela começou a chorar, eu não agüentei e eu comecei a chorar também, pedi desculpa, perdão. Ela falou que ia contar pro pai e pra mãe [avô e avó] aí foi que eu pedi para ela: ‘mãe, por favor, não conte nada não, por favor’ aí eu comecei a me desesperar por que por eu ser filho dela e ela viver debaixo do teto deles, eles podiam fazer qualquer coisa comigo, me botar para fora de casa e aí, o que seria de mim? Sem trabalhar, com quinze anos? Ela disse. ‘vou contar pro seu pai também’, ‘mãe veja o que você vai contar pro pai, o pai não aparece, não dá conta de nada, nunca fez nada por mim, qual a necessidade?’ Aí eu comecei a me desesperar, aí a gente foi pra casa, eu cheguei em casa e fui dormir. No outro dia de manhã, quando me levantei para ir pro colégio eu estava me sentindo a ovelha negra da família, que ninguém gostava de você. Todo mundo olhava pra mim como se eu fosse a pior pessoa do mundo... Eu ficava assim tão triste... E eu comigo: ‘será que o que eu fiz foi assim tão grave?’. Eu passava o dia no colégio, procurava alguma coisa para fazer para

não me lembrar do que estava acontecendo. Só ia para casa a noite, trocava de roupa e ia dormir. Foi assim durante quase um mês...”.

Tomando por base de análise a experiência cotidiana compartilhada pelos indivíduos, posso perceber o mundo vivido de André a partir do modo como ele interpreta as situações vividas no seu dia-a-dia. Schutz (1979) chama esse mundo de “realidade social ingenuamente vivida” e cabe ao analista questionar as atitudes ingênuas e naturalizadas (o chamado senso comum) assim como refletir sobre esses sentidos que se tornam públicos, já que não há significação que seja individual (Teixeira, 2000:17).

André falou que toda sua família, assim como os vizinhos, tinha conhecimento de sua orientação sexual, mas precisou existir um fato concreto que pusesse em questionamento a honra familiar e da comunidade para que o assunto fosse finalmente discutido.

Pelo que André conta, a iniciativa de contar para sua mãe que é gay foi sendo postergada até o limite de uma fofoca que poderia confundir a todos e torná-lo vulnerável até mesmo a uma expulsão de casa. O medo de ser rejeitado e posto para “fora de casa” se constitui num ato de extrema violência uma vez que retira do indivíduo todo o simbolismo de que se reveste a casa como espaço acolhedor. Da Matta fala dessa violência que priva o indivíduo “de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘consideração’” (Da Matta, 1997:54).

É preciso ter bem claro que todos já supunham a conduta sexual de André, mas no limite dos adereços e gestos. A partir do momento em que há um envolvimento sexual explícito, segundo a interpretação da família, faz-se necessário “tomar providências” para preservar a honra daqueles que não estão de acordo com as atitudes de André, já que entram em choque com as normas tradicionais de conduta. A fofoca, como diz Elias (2000:121) não é um fenômeno independente e está relacionada ao conjunto de normas e crenças coletivas e das relações comunitárias.

Elias ressalta que a fofoca não se limita à difusão de informações depreciativas sobre outras pessoas. Mais que isso, a fofoca depreciativa está vinculada à

exaltação positiva daqueles que a propagam, numa tentativa de destacar suas boas condutas em detrimento do “outro”, do “diferente de nós.” Diz Elias:

“A fofoca, no entanto, sempre tem dois pólos: aqueles que a circulam e aqueles sobre quem ela é circulada. Nos casos em que o sujeito e o objeto de fofoca pertencem a grupos diferentes, o quadro de referência não é apenas o grupo de mexeriqueiros, mas a situação e a estruturação dos dois grupos e a relação que eles narram entre eles” (Elias, 2000:130).

Assim, a fofoca serve para humilhar, para acusar, ao mesmo tempo em que assegura para aqueles que a difundem, uma ascendência sobre o outro, mesmo que seja em termos da moralidade da conduta e, no caso de André, para classificar sua orientação sexual.

André diz que sempre procurou respeitar seus avós, sua família e mesmo suas brincadeiras de se maquiar, travestir-se, sempre ocorriam em outros espaços que não o da sua comunidade de vizinhos. Ele se admirou, portanto que a fofoca (de seu encontro com o rapaz) tenha se espalhado quando ele havia tomado precauções para evitar serem vistos.

Um aspecto que chama atenção na fala de André é o caráter ritual que ele estabeleceu para conversar com sua mãe: passar um perfume e sair para a lanchonete, um local “neutro”, ou pelo menos público para tratar de um assunto particular e conflituoso. Perfumar-se, colocar um salto-alto, exagerar na maquiagem ou na roupa significa, na linguagem gay, tornar-se “poderosa”, segundo o léxico utilizado por esse segmento, para indicar uma posição afirmativa no mundo. André realizou este ritual todo como uma forma de se fortalecer para enfrentar um assunto tão delicado e que ainda estava situado como um tabu.

O ritual instituído por André não se configurava no âmbito de um ritual tradicional, ainda assim foi uma forma que ele escolheu para marcar uma passagem: a confirmação de sua orientação sexual e a entrada na vida sexual ativa. Assim, André utilizou elementos que contém uma forte carga simbólica para inscrever sua passagem para a vida sexualmente ativa, mesmo que esta não seja aprovada pela família.

A desaprovação da família e da sociedade pode ser vista pelo desencadeamento da fofoca em torno do encontro de André com outro rapaz. A forma que André buscou para assegurar sua aceitação da mãe foi uma expressão que ele utiliza

por diversas vezes na sua narrativa: “mãe é mãe”. Por vezes essa expressão justifica socialmente a aflição da mãe por ter um filho homossexual quando a expectativa é de se reproduzir filhos que assumam os papéis tradicionalmente prescritos e dominantes, conforme o gênero. Outras vezes, a expressão parece querer justificar a “naturalização” da condição materna, de aceitação da prole, independente dos limites e das transgressões que venham a apresentar. Acolhimento, em todas as situações, é uma expectativa que foi aos poucos sendo naturalizada, mas que é fruto, segundo Bourdieu (2003) de um verdadeiro trabalho de instituição. Mãe é para compreender e aceitar, ser amiga. Essas são expectativas geradas em torno do mito da maternidade, mesmo que se observem na prática cotidiana formas de contradizer esse mito. Isso não elimina, de maneira alguma, o ideal da maternidade construído culturalmente como um compromisso com a proteção, pois segundo Giddens, “A invenção social da maternidade pressagiu e deu forma concreta à idéia de que a mãe deveria desenvolver um relacionamento afetivo com o filho, relacionamento este que confere um peso específico às necessidades da criança” (Giddens, 1993:111).

Sensibilidade e compreensão são duas atitudes, segundo Giddens, que devem movimentar a relação pais – filhos. A ênfase na intimidade vem substituir o caráter autoritário e distante que preconizava, até então a base do relacionamento entre pais e filhos. André sentiu-se ameaçado pela mãe quando ela manifestou intenções de contar aos avós e ao seu pai, com relação aos primeiros devido à dependência financeira e em relação ao pai pela ausência de afetividade e compromissos por parte dele, o que não justificaria acompanhar os eventos familiares, em especial os mais delicados, segundo a visão de André.

Outro aspecto apreendido na narrativa de André trata da associação entre autoridade e responsabilidades no plano financeiro. André diz temer os avós porque são eles que sustentam a família, O companheiro da mãe de André não ascendeu ao papel de padrasto porque, segundo André, não contribui nas despesas familiares. E, referindo-se ao pai, este está ausente e, portanto, não deveria, na sua concepção, adentrar em questões de foro íntimo, quais sejam, os dramas familiares cotidianos.

Sarti (1996:49) chama atenção para as categorias de pai e mãe no âmbito das famílias pobres, tema de sua investigação. Pai e mãe, segundo a autora, podem estar desvinculados da origem biológica quando sobressaem os vínculos da criação. A

existência das categorias de sangue e de criação é parte do sistema de parentesco dos pobres e esse fato não exclui os conflitos e rivalidades decorrentes da posição que cada um ocupa no grupo familiar. Embora a autora considere como parte da cultura do pobre, a percepção da paternidade e da maternidade está associada à criação em diferentes grupos sociais. Diz Sarti: “São particularmente marcantes os casos de avós que criam os filhos de suas filhas solteiras, em que o sangue se sobrepõe à criação, conferindo à avó um poder de manipulação singular, porque se inscreve na relação hierárquica entre mãe e filha” (Sarti, 1996:50).

André não nega que tenha pai, apenas não o autoriza a partilhar dos dramas familiares devido à sua ausência do cotidiano deles, e a estranheza que o pai representa para André causa-lhe desconforto.

A dependência da mãe em relação aos avós e a orientação sexual de André são fatos que precisaram ser redimensionados por ele e o momento de nossa conversa foi especialmente propício para que ele reafirmasse sua visão dos fatos vividos. Ele colocou em relação a cada membro familiar, sobre o que cada um representa para ele, em especial no tocante à aceitação ou não de sua condição sexual.

O acontecimento que gerou a fofoca já não tinha sido o impacto de se apresentar travestido de mulher aos olhos dos seus vizinhos, mas o episódio que representa seu ingresso no mundo sexual. Se antes os comentários em casa tratavam do seu “jeito” afeminado, agora a família e o jovem têm pela frente uma negociação a ser instaurada em relação ao jovem que está em uma fase de atividade, inclusive na definição do aspecto afetivo que foge aos padrões aceitáveis pelo grupo. Diz Richardson:

“As pessoas jovens freqüentemente se portam em público segundo o que é socialmente visto como um modo visivelmente *gay*, ao passo que se fecham ferrenhamente nas discussões privadas, caso sintam que a pessoa com quem estão tratando é incapaz de compreender o que estão enfrentando” (Richardson, 1983:235).

Esse momento de confissão e “abertura do jogo” com a mãe foi, para André, crucial, um divisor de águas para a sua trajetória de vida. Ele conta o desespero que sentiu ao ser ameaçado pela mãe em ter sua vida devassada para os avós e o pai. Ainda que eles percebessem sinais de homossexualidade ainda não havia um fato que comprovasse. Não haveria como velar esses fatos. Diz André do seu desespero:

“Aí ela começou a chorar, eu não agüentei e comecei a chorar também, pedi desculpa, perdão, aí foi que eu pedi pra ela: 'mãe, não conte não, por favor!' Aí eu comecei a me desesperar porque eu sou filho dela, e ele viver debaixo do teto deles, eles podiam fazer qualquer coisa comigo, me botar pra fora de casa, e aí, o que seria de mim? Sem trabalhar, com 15 anos. Eu estudava...”.

Esse episódio na vida de André marca bem o fio tênue que separa os afetos das normas e regras sociais às quais o grupo familiar está submetido. De repente André se vê na iminência de perder seu chão, o apoio que a família lhe proporciona, mesmo que conflitante, é ainda uma referência pela qual ele traça suas trajetórias e repensa seus projetos.

Questiono, no entanto, porque só ele levantou essa questão da sexualidade de forma tão associada aos eventos de outras esferas de sua vida, como trabalho e estudos, por exemplo. Penso que o fato de sua sexualidade ser problemática diante dos códigos morais, tenha sido fator de incômodo e questionamentos. O mesmo não aconteceu com os demais jovens que estão vivendo a sexualidade dentro dos padrões e tudo que emerge de seus questionamentos passa a ser encarado como “fatos naturais”. Até mesmo a virgindade, a passagem para uma vida sexual ativa, não tiveram uma dimensão problemática nas narrativas aqui trabalhadas.

Assim, os tabus da virgindade, do aborto, do adultério, do divórcio, da homossexualidade, dentre outros são construções sociais que informam o controle do corpo e as permissões quanto ao prazer. Ao longo do processo civilizador, algumas regras vão sendo afrouxadas, outras nem tanto. A virgindade é o exemplo de que existe uma maior permissividade com relação a este tabu, enquanto a homossexualidade ainda está sob o manto da proibição e do pecado, em especial pela influência das religiões cristãs nas prescrições dos comportamentos idealmente aceitáveis. Essa problemática é herdeira do embate entre o que é moralmente reprovado e o que existe de racionalmente justificado. Diz Chauí que a repressão sexual opera entre a criação de obstáculos para os atos transgressores e, de outro lado, pela exaltação, no âmbito do racional, sobre o que seria um comportamento fincado em virtudes como sendo virtudes que devem ser perseguidas pelos indivíduos (Chauí, 1984:119).

Se a sexualidade vem sendo pauta de diversos movimentos e repertórios discursivos, isso não deixa de ter uma preocupação prática no tocante às sexualidades juvenis. A gravidez precoce, as doenças sexualmente transmissíveis são eventos que

têm exercido forte impacto sobre a vida sexual dos adolescentes, principalmente no tocante às políticas públicas para este segmento populacional.

5.2 As descobertas e os encontros: sair para a vida

André diz ter ficado e ainda está constrangido com tudo que aconteceu em casa. Sentia que os olhares para ele eram diferentes, e conta que até mesmo pararam de lhe dar dinheiro, uma forma de reprovação que está muito associada ao comportamento desejado por parte da família. No curso de supermercado e na escola, André diz que não se sente à vontade e passa a maior parte do tempo sem interagir com outros jovens. Seus contatos ainda são os professores, de quem ele diz esperar o respeito para com ele. Diz André:

“Depois que pararam de jogar a culpa em mim, começaram a me tratar, não como antes, mas assim mais leve... ‘Faça isso’ ‘Pegue isso’... Eu tinha de atender né, debaixo do teto deles tinha que fazer as coisas para eles. Eles pediam para eu ir comprar isso... Eles não tinham mania de pedir para eu fazer essas coisas... Sempre me davam as coisas, pararam de me dar. Eu tive de começar a fazer alguma coisa, aí eu tenho amigos que moram na Vila Manoela Sátiro, sabe? Fazem teatro, trabalhavam com cabeleireiro, maquiagem, aí eles me dão a maquiagem, aí, daí então eu fui comprando coisas pequenas, do dinheiro que eles iam me dando pro colégio, que eu juntava, aí comecei a comprar coisas e, alguém ia sair, eu maquiava, ganhava um dinheirinho que era pra eu ir comprando mais coisa, pra não ta pedindo a eles, comprava coisas pra mim, roupas, essas coisas, pra eu poder sair e não ta pedindo a eles, ia juntando, juntando...”.

Essa foi a primeira tentativa de André de buscar autonomia financeira. Logo depois ele fez inscrição para o P. S. e foi chamado para aprendizagem em auxiliar de caixa em supermercado. Ele, primeiramente, diz estar achando ótimo trabalhar porque não precisa mais ficar pedindo dinheiro aos avós e pode comprar suas roupas, não só do dia a dia, mas as roupas que ele usa para sair à noite, travestido, para os bares e *dancings* com seus amigos.

O teatro, os grupos de dança e os “bicos” de maquiador são os meios que André utiliza para comprar suas perucas e os demais itens do guarda-roupa feminino. Mesmo que ele não saia travestido, vai à casa dos amigos para maquiá-los e ganhar

algum dinheiro. Ele nunca sai de casa “montado”⁹, André leva suas coisas numa mochila para vestir-se na casa de amigos e um deles, em especial, porque tem uma mãe que aceita e vibra com o resultado final de ver todos bem bonitos em suas roupas femininas. Era esse tipo de apoio que André gostaria de receber de sua mãe para não ter que se sentir errado, escondendo suas *performances*.

André diz que seu rendimento escolar caiu muito desde os 15 anos, porque não conseguia se concentrar nos estudos, e os problemas familiares passaram a ter prioridade no seu pensamento. O trabalho, nesse sentido, está “sendo fundamental”, segundo palavras de André, exatamente por lhe proporcionar certa segurança financeira, além de possibilitar se ausentar de casa por mais tempo. Diz André:

“Eu acho que o trabalho para mim está sendo fundamental, mas que ele está atrapalhando muito porque eu não to tendo tempo de estudar. To com nota baixa, eu não tinha nota baixa. Tá com 3 anos seguidos que estou com nota baixa, devido aos problemas em casa, esse tipo de coisa. Eu penso no meu trabalho, no meu estudo,, porque eles não vão me sustentar pro resto da minha vida. Porque meu estudo é tudo que eu tenho... E eu não to podendo me dedicar da maneira que eu deveria, por causa do ‘São Luis’[supermercado], aí eu penso em sair, desistir, daqui do curso também...”.

André, como os demais jovens aqui investigados têm consciência da importância dos estudos para definir suas trajetórias e realizar projetos de vida que incluam um trabalho e uma remuneração que proporcione sua independência, não só financeira, mas nos demais aspectos da vida cotidiana.

O dilema enfrentado por André entre o não cumprimento dos estudos conforme planejado por ele pela ausência de tempo livre para dedicar-se a eles também é compartilhado pelos demais jovens aqui investigados. Alguns manifestam esse dilema como algo conflituoso, outros, reconhecem nele uma realidade da qual não podem escapar e tentam se conformar com isso. Vejamos agora, algumas outras narrativas que confirmam essas análises similares.

Leonardo, depois de passar meses frequentando o P. S. em busca de um estágio, conseguiu finalmente sua vaga no curso de hotelaria. O estágio no hotel e seu tempo e rotina sofreram alterações que o fizeram questionar “será que vale a pena?”. Veja o que Leonardo diz a respeito:

⁹ Montado: sair para lugares públicos utilizando as vestimentas femininas

“Hoje eu to fazendo o curso de hotelaria, no começo achava um pouco de dificuldade porque eu estudava de manhã, e quem estudava de manhã tinha de passar pra noite porque o trabalho ia ser de manhã, o curso ia ser de tarde e estudar à noite. Aí eu fiquei um pouco pensativo, se eu mudava ou não, mas isso ia servir para mim mesmo, pro meu futuro, ia aumentar o meu currículo, a hotelaria é um ramo que está crescendo muito...”.

O futuro é a aposta desses jovens contra as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia extenuante. Diz Isabel, que é “vivendo hoje, pensando no amanhã” que ela sustenta sua rotina:

“Eu acho que você não consegue nada sem esforço, sem dificuldade. Com tudo que eu já passei, eu aprendi. Você vai passando por tanta dificuldade... Eu sou muito religiosa, né. Jesus ou Deus, como quer que você chame, Ele coloca dificuldades, coloca os problemas, mas para que você tire proveito daquilo, para o seu crescimento...”.

O *ethos* religioso está presente aqui, na visão de Isabel sempre remetendo à associação entre trabalho e sacrifício, esforço e sofrimento como condição para aprovação, aqui na terra, dos desígnios divinos. Essa orientação tem servido de base para as demais justificativas dos jovens quando se referem aos conflitos com o tempo, com as escolhas, ou melhor, com as oportunidades com que se defrontam e muitas vezes têm de escolher ao mesmo tempo em que adormecem sonhos e desejos.

Observei nas narrativas de muitos jovens, dentre os quais Isabel, Vitória, Rita, e Daniel, a indignação frente aqueles indivíduos, em especial os jovens, que querem ter “vida fácil”. O sentido, por eles atribuídos, de desaprovação pelas atitudes de fuga aos imperativos do trabalho faz emergir o valor do trabalho como uma prática a ser adotada para se alcançar os objetivos, nem que por isso seja preciso adiar a satisfação de alguns valores particularmente importantes para o imaginário da juventude.

Vitória, avaliando as atitudes de seus irmãos frente ao trabalho, em geral de descrença e lassidão, diz que elas são decorrentes de irresponsabilidade, pela falta de esforço para conquistar melhores condições de vida. Tanto que, Vitória se ressentida da falta de solidariedades dos irmãos em relação às dificuldades familiares. Diz ela sobre um de seus irmãos:

“Se ele quisesse ia atrás porque ele tem competência, e estudou sempre em colégio particular e tem cursos e sabe fazer as coisas. Inclusive, a última vez que ele foi lá em casa eu disse que ele só voltasse lá quando começasse a trabalhar. Porque ele sempre ia lá em casa pra comer, pra dormir, pra ficar numa boa. Aí eu disse pra ele começar a trabalhar para ter dinheiro pra comprar suas coisas. Porque ele sempre ia lá pra casa pra comer, pra dormir,

pra ficar numa boa. Aí eu disse pra ele começar a trabalhar pra ter dinheiro pra comprar suas coisas. Porque ele tinha mania de quere pegar as coisas dos outros pra usar, quer usar as roupas do meu irmão. Ele gosta de vida fácil e eu disse: ‘Vá trabalhar!’”.

Para Weber (2001) os ensinamentos religiosos decorrentes de Reforma Protestante no Século XVI, conferiram um novo sentido ao sofrimento imputado pelo trabalho. O trabalho passa a ser um mote para expiar os pecados e cumprir a determinação divina. A única garantia que o indivíduo teria para sua aceitação dos desígnios divinos seria a transformação de sua atitude perante o trabalho. O conformismo e o orgulho pela sua devoção ao trabalho seria a forma de responder à sua vocação e buscar, assim, o êxito na atividade profissional. Diz Weber:

“Na verdade, essa idéia tão peculiar do dever do indivíduo em relação à carreira, que nos é tão familiar atualmente, mas na verdade tão pouco óbvia, é o que há de mais característico na ética social da cultura capitalista e, em certo sentido, constitui sua base fundamental. É a obrigação que se supõe que o indivíduo sinta, e de fato sente, em relação ao conteúdo de sua atividade profissional, não importa qual seja, particularmente se ela se manifesta como uma utilização de suas capacidades pessoais ou apenas de suas posses materiais (capital)” (Weber, 2001:48).

Glória sabe dos desafios que tem pela frente e saber desenrascar-se agora se configura como uma preparação para o mercado de trabalho. Ela diz:

“É preciso muita responsabilidade, né, trabalhar, ter experiência, procurar trabalho com alguém que a gente conhece, né, fazer o melhor pra conseguir arranjar um emprego, né. Ser pontual, responsável... Eu gostaria mesmo era de arranjar um emprego bom, que tenha aquele dinheiro certo, todo mês”.

Paulo chegou a conciliar dois turnos com trabalho e o terceiro com a escola. Ele parecia não se contentar com pouco. Um trabalho e uma bolsa de quase R\$200,00 ainda eram pouco para suas ambições, dentre elas a compra de um carro pra realizar sua veia aventureira. Assim, ele tentou conciliar, o quanto pode os dois trabalhos. Ele diz:

“Ano passado eu estudava à noite porque estava trabalhando no hipermercantil pela manhã, mas acabou o meu contrato lá e como eu achava que era muito puxado para mim à noite, passei para de manhã”. Lá no hiper eu era empacotador, repositor, fazia tudo lá. Trabalhava lá e aqui. Aqui eu comecei em 20 de agosto de 2002.e vai fazer 2 anos agora em agosto de 2004.. Antes de ficar aqui no P. S., eu passei 6 meses na Marinha, no convênio daqui.

Eu não gosto de ir pra escola. Quero terminar logo, prá eu ficar só no trabalho ou freqüentar uma faculdade. Mas essa rotina de ir direto pra escola à noite, foi isso que me cansou. Logo que eu tava só aqui e no colégio, tava tudo bem, mas depois que eu entrei no mercantil foi uma correria. Cheguei a ter problemas no colégio”.

Essa estratégia de conciliar escola e estágio ou mesmo, no caso dos aprendizes, escola, curso e trabalho, não é fácil para estes jovens, ainda mais porque isso implica em vários deslocamentos e um tempo grande é consumido nesses trajetos. Somado a isso, muitos deles têm deficiência de ingestão de nutrientes essenciais para repor o desgaste físico. Alguns têm direito a alimentação no trabalho, mas outros têm dieta restrita. Até mesmo o lanche, que o P. S. oferecia para os alunos dos cursos e estagiários, foi cancelado. Durante o intervalo é comum se ver os jovens fazendo cotas para dividir um refrigerante com biscoitos comprados ali pela vizinhança.

O trabalho mudou radicalmente a rotina de Daniel. Antes, ele tinha como compromisso apenas a escola e ainda assim diz que não cumpria todas as tarefas. Agora, com os horários mais preenchidos ele passou a valorizar os estudos como algo que vai lhe proporcionar um futuro melhor. Ele diz:

“[a vinda para o P. S.] mudou bastante. É como eu tava dizendo, falando com minha mãe, porque quando dava quatro horas, eu já tinha feito as minhas obrigações, já tinha estudado, né, aí eu tomava banho, vestia uma bermuda, uma camisa, minha chinela havaiana, eu gosto de chinela havaiana, e tal... Tomava banho, e ia pra casa dos meus amigos, conversar, trocar idéias, bastante coisa, jogava com bola em grupo. Agora não. Agora não acontece mais nada disso... Acho bom e ruim. É bom porque sei que o que estou fazendo é mais admirável, né. Agora é um pouco ruim porque às vezes a gente tem saudade do que fazia. Admirável porque eu sei que estou aprendendo, vai servir para a minha vida toda. E lá não, estar só com os amigos é uma coisa mais efêmera, era só pelo momento, né. Quem não sabe aproveitar o momento, né, é como se a pessoa vivesse só as emoções do momento, procurando definir uma permanência de dizer ‘isso sou eu’, né? Quer dizer que nem toda emoção ajuda uma pessoa. Isso quer dizer que se você viver só daquilo, você vai acabar sendo só aquilo. Mas se você disser ‘não, não quero isto’, aí você vai acabar sendo outra coisa. Eu entendo assim também”.

A falta de tempo fez com que Daniel reduzisse o “desbravamento” por outras esferas da sua vida. Até mesmo o violão, presente de sua mãe por ocasião de seu décimo quarto aniversário foi temporariamente colocado de lado. A empolgação de tocar, que acompanhou os primeiros meses desta nova aquisição, está adormecida em função de seu mais recente “mimo”: o envolvimento com o trabalho e o curso de turismo no PS. Esse curso despertou em Daniel o interesse por esta carreira e pelo aprendizado da língua inglesa, pré-requisito para certa desenvoltura numa área que, segundo ele, está em expansão no Ceará. Assim, o desejo de cursar Direito ou Administração está, temporariamente, suspenso:

“Eu estava fazendo o curso de hotelaria no *Yes*. Eu tinha feito seis meses de inglês, aí, ia fazer seis meses de turismo, quando veio essa proposta daqui [PS]. É um curso que tem no centro da cidade, é pago, meu pai é que estava pagando. Era uma área que me interessava. Todo mundo falava “turismo dá dinheiro” [lembrando que Daniel afirmou desinteresse por dinheiro...] “turismo é interessante...”. Eu sempre gosto de conhecer minha região [aqui afirma mais uma vez seu caráter desbravador]. Eu gosto de viajar pelo Brasil, eu viajo bastante, né?... e mesmo porque, antes eu odiava inglês. E no primeiro dia de aula, a professora disse que ia fazer a gente sentir o gostinho na veia de aprender inglês, tá entendendo? Aí, quando eu saí de lá, já fiquei com o gostinho de aprender inglês. Agora eu vou voltar para o *Yes* para fazer o curso de inglês. Esse já é um curso um pouco mais caro. Agora virou uma questão de honra eu aprender a falar inglês. Ou eu morro, ou eu aprendo a falar inglês, tá entendendo? É uma coisa que eu botei na cabeça e eu vou ter que fazer. Antes, na aula de inglês, eu não gostava e ficava desenhando... Porque eu não gosto de nada que me ponha prá baixo. Quando eu vejo uma coisa em que eu não sou bom, aí, eu vou e tento fazer. Eu não sou bom em tudo que faço, nem sou o melhor, mas eu sei um pouco, tá entendendo? O que me amedrontava era eu estar com medo de mim mesmo, de querer conhecer outra língua, mas quando eu fui pro curso, aí já fui entendendo, já fui me interessando, já estava estudando em casa, pegava o dicionário e lia esse tipo de coisa...”.

A falta de tempo livre para estar com os amigos está sempre em conflito com o tempo ocupado com escola, cursos e trabalho. Daniel diz que sente falta dos prazeres que provinham de estar com os amigos ao mesmo tempo em que tenta se convencer que são as práticas, aquilo que se faz que moldam as pessoas e determinam, em parte, seu futuro. A protelação de alguns prazeres, como acampar, mergulhar, lançar-se em aventuras, tocar violão ou passear está sendo colocado de lado para priorizar a preparação para o trabalho.

Estar em acordo com as prescrições dos códigos socialmente valorizados pelo mundo adulto contribui para a formação da auto-imagem ou a identidade individual, segundo Elias (2000). Em sua obra *Os estabelecidos e os outsiders*, o autor descreve a formação de uma identidade social construída no tripé tradição, autoridade e influência. Os estabelecidos são capazes de se perceber como detentores destas que são as virtudes afirmativas de certo estatuto que os diferencia dos demais, enquanto aqueles que não correspondem aos valores socialmente eleitos pelo grupo vão se constituindo em *outsiders*, por reunirem diversos traços de comportamento que os remetem para indícios de anomia, de ausência de regras sociais no sentido moral atribuído por Durkheim (2003).

Para Elias (2000), os jovens que conseguem seguir um modelo de conduta estável e socialmente aprovável costumam extrair benefícios como estabilidade e

segurança por parte de sua comunidade e, portanto, estão mais aptos a traçar um projeto de vida que possa dar continuidade ou superar o *status* familiar. Neste sentido, a visão que os jovens vão construindo sobre si e sobre suas práticas estão indissoluvelmente baseadas nos códigos e preceitos sociais. Diz Elias: “O palco dos conflitos e tensões psicológicas individuais era ligado aos dos conflitos e tensões sociais”, referindo-se às diferenças entre as juventudes do grupo de estabelecidos e àquelas do grupo de *outsiders* (Elias, 2000:149).

Sarti (1996) afirma que a construção da auto-imagem e de uma identidade positiva passa não apenas pelo grupo familiar, mas também pela rede social. Assim, Sarti e Elias têm idéias confluentes ao reconhecerem não apenas a família, mas o bairro, o grupo social e o seu *status* como tendo primazia na formação do caráter. Os jovens submetidos a uma disciplina de controle externo são um excelente reforço para o autocontrole dos indivíduos, em especial dos jovens.

Contemporaneamente, a diversidade de grupos de interesse seja por afinidades materiais, seja por afinidades simbólicas vem sendo referenciais para a construção de identidade e afirmação das diferentes culturas, em especial as juvenis. Para pensar o caso de André, inserido num contexto desfavorável à sua aceitação social, a busca de trabalho e amigos no âmbito de suas afinidades estéticas pode ser uma decisão adequada para ser aceito socialmente. Os conflitos vividos por André podem ser amenizados à medida que ele vai descobrindo formas apropriadas de revelar seus talentos e vocações.

Neste sentido a discussão teórica sobre que definição estaria apropriada para pensar a categoria juventude passa a ser de particular importância quando se descobrem as diversidades de modos de vida e contextos sociais em que os jovens estão inseridos socialmente.

O tempo, ou a falta de tempo livre para viver a fase de transitoriedade e indefinições próprias desta fase da vida conflita com os dispositivos de disciplina que pretendem assegurar a formação de adultos aptos para o convívio social.

Isabel conta que o trabalho proporcionou maior autonomia e confiança por parte da família. Poder decidir sobre um desejo, seja a compra de um celular, ou a ida a um cinema, são as vantagens proporcionadas pelo trabalho. Ela diz:

“Eu lá tenho tempo pra fazer nada! Quando eu fui comprar meu celular, eu deixei de ir pro meu grupo de oração e saí com minha prima. Porque sempre que eu vou sair eu chamo ela, ela é quase da idade da minha mãe, tem duas filhas, uma de 15 anos. Ela mora perto lá de casa, eu gosto de sair com ela porque ela me ajuda a comprar. Quando eu saio com minha mãe e pergunto ‘mamãe, isso aqui é bonito?’ Ela diz ‘não sei, você gostou? Leva...’ ‘Não sei, mãe, eu tou perguntando...’ Eu sou muito indecisa...”.

Leonardo depois de muita insistência conseguiu sua vaga no P. S. e agora sabe da rotina que lhe é exigida. Diz ele:

“De manhã eu trabalho quatro horas no hotel, almoço é grátis, lá na própria empresa, lá tem banheiro, a gente toma banho e venho direto pro SOMAR. Isso só 2ª 3ª e 6ª feira, a cada 15 dias. A gente vem pra cá. Fica até 17 h, vou pra casa, troco de roupa e vou pro colégio. Essa vai ser minha rotina até o final do ano que vem [2005]”.

Paulo tem uma rotina semanal extensa, mas nada comparado ao ano anterior quando ele conciliou dois tipos de trabalho além da escola. Ainda assim, ele organiza sua agenda diária para ter tempo de assistir jornal na TV, enquanto almoça caminhar no calçadão da Avenida Beira-mar e, aos finais de semana ele passeia com amigos e a namorada, seja no seu carro, seja em passeios por praias do litoral do Estado. Ele representa o tipo do jovem que aproveita todo seu tempo disponível em atividades. Descansar para ele é estar em companhia dos amigos e da namorada, nada de ficar em casa repousando. Diz ele:

“Cheguei a comprar um *buggy*, eu tava andando por aqui mesmo, onde eu moro. [Paulo mora próximo ao P. S.] Foi uma aventura minha. Vou procurar comprar outro porque eu gosto muito de sair. Aventura é comigo mesmo. Eu sempre saio com os amigos. Eu comprei o meu pra quando eu quisesse sair com todo mundo, com a turma toda. Já fui pro Cumbuco, pro Icaraí,, meus amigos que têm carteira é que levava o carro. De manhã eu tou indo pro colégio,, que é aqui perto. Meio-dia tomo banho, almoço e assisto o jornal, o Globo Esporte e venho pra cá. Saio daqui às 18 h e agora estou indo caminhar na Beira-Mar, tou sem fazer nada mesmo... E quando eu volto vou namorar.

Quando chega o fim de semana, a gente combina de sair com os amigos. De 2ª à 5ª estou sempre na casa dela. Mas no fim de semana eu procuro sair, vou numa praia. Quando vai a namorada de algum amigo, ala também vai. Quando vai só os amigos ela não vai não, eu não levo não. É que quando vai só os amigos ela não gosta de ir não. Fim de semana eu gosto de praia, clube, festa, eu tando com dinheiro eu vou sair pro que der... Eu bebo o que vier, qualquer bebida...”.

O gosto pela aventura e o prazer de estar em grupo é também valorizado por Daniel. Ele frequenta a Igreja Adventista desde criança e sua socialização decorre, prioritariamente, dos grupos de amigos por lá formados. Aos oito anos Daniel começou a participar de um grupo de crianças e jovens de sua igreja, denominado “desbravadores”. Esse grupo promovia reuniões, atividades esportivas e retiros (acampamentos), sempre com o objetivo de repassar os ensinamentos bíblicos de maneira lúdica. A adesão de crianças e jovens se dava principalmente por atividades que reuniam o gosto pela aventura, descoberta e associativismo, atitudes que têm um forte apelo a essas faixas etárias. Aos 15 anos, Daniel ascendeu ao posto de líder de grupo, segundo ele ocupado precocemente devido à sua disposição e domínio dos ensinamentos do grupo.

O processo de socialização de Daniel é marcadamente influenciado pelo pai. Segundo ele conta, o pai o incentivava a andar de mobilete, moto e carro, motivo para desentendimentos entre os seus pais, já que a mãe não está de acordo. Observei em Daniel o gosto pela aventura, não somente pelas ‘máquinas’ mas também pela prática de mergulho e o *camping*. Daniel costumava viajar pelo litoral do Ceará para praticar mergulho, tendo inclusive comprado todo o equipamento básico para tal prática. Ele fala dessas atividades com entusiasmo, mas afirma estar deixando de lado porque exigia investimento financeiro e de tempo que ele já não dispõe atualmente. O grupo de “desbravadores” funciona nos moldes do escotismo¹⁰ havendo uma hierarquia a ser conquistada conforme os méritos físicos e morais, no caso, a concordância com os ensinamentos bíblicos. Diz Daniel:

“Eu parei de participar devido ao tempo. Eu não tinha mais tempo. Os desbravadores funcionam aos finais de semana, mas durante a semana tinha de deixar a semana toda preenchida, porque tinha as atividades durante a semana que é preparar pro fim de semana, que é pra pessoa não ficar aleatória no grupo, ta entendendo? Era um grupo juvenil, de 10 a 15 anos, lá tem várias fases. Cada idade a pessoa vai fazendo uma coisa, ta entendendo? Dez anos é a classe de amigos, onze anos, companheiros, e assim sucessivamente. Eu fui guia, quando chega aos 15 anos. Aí, com 16 anos, já é pra ser líder, ta entendendo? Aí eu já saía com aquele monte de menino para ir acampar. Eu com a responsabilidade de levar todos. Minha mãe brigava, todo mundo brigava, mas no final, graças a Deus, não teve problema nenhum. [...] E agora com 16 anos, como eu tenho agora, comecei a fazer a classe de líder, como era pra ser feita. Porque antes eu não podia, porque tinha 15 anos. Mas o pessoal sempre confiava em mim, porque via que eu sou capaz, né. Deve ser

¹⁰ Escotismo: organização mundial criada por Baden Powell em 1909, que tem por fim o aperfeiçoamento físico e moral dos jovens, (moças e rapazes). (Fonte: Grande Enciclopédia Larousse Cultural, volume 9, 2176p.).

por isso que desde pequeno eu já estou mais acostumado a conviver com as pessoas. Porque acampamento deixa as pessoas muito unidas, porque você não pode acampar sozinho, porque você não leva uma escova. O outro leva, você ta sem colchão, o outro vai e dorme com você no mesmo colchão... Teve uma vez que tava tão frio que ficaram três pessoas debaixo do mesmo cobertor, ta entendendo? É chato, é chato, mas no final sempre dava tudo certo. Deve ser por isso que mesmo que uma pessoa me um faça mal, eu não quero fazer o mal a ela, só amor mesmo, porque isso não vai influenciar nem contribuir pra nada”.

Neste trecho da fala de Daniel observa-se o destaque que ele dá para o caráter solidário que a participação em grupo fomenta. Dividir com o outro, abrigar-se e ser acolhido, são ensinamentos morais que são repassados nas práticas e permite uma assimilação por parte dos jovens, formando uma espécie de *habitus*, no sentido de Bourdieu. Diz o autor:

“O *habitus* está no princípio de encadeamento das ‘ações’ que são objetivamente organizadas como estratégias sem ser de modo algum o produto de uma verdadeira intenção estratégica (o que suporia, por exemplo, que elas fossem apreendidas como uma estratégia entre outras possíveis)” (Bourdieu, 2003:54).

Assim, as práticas são manifestações que parecem acompanhar um cálculo estratégico, e, portanto consciente das ações, mas que na realidade são produtos da inculcação do arbitrário, resultado de um processo de incorporação de regras que se sustentam porque existe a possibilidade de se encontrar indivíduos [agentes] capazes de as perceberem como razoáveis.

A falta de tempo tem sido uma queixa recorrente dos jovens pesquisados e que fui percebendo por ocasião de conversas informais que mantive com outros estagiários e aprendizes. Ocupar o tempo para não ficar ocioso em casa concorre com o dilema de ter de adiar alguns prazeres em detrimento da preparação para o mundo do trabalho, conforme vão sugerindo as narrativas.

Daniel, que diz gostar de aventuras como acampar, mergulhar e dirigir veículos automotores tem um perfil de desbravador, mas vem deixando de lado essas atividades para investir na vida profissional. Ele demonstra encarar esse desafio com a mesma energia com que dispensa para suas atividades de lazer. Por outro lado, verifiquei ao longo do período de pesquisa que Daniel se sentia cansado e desestimulado para frequentar com a mesma assiduidade o curso de turismo. Até mesmo sua participação em grupos de debates era feita de forma polêmica, irritava-se por não ser compreendido pelo grupo o que provocava sua decisão de solicitar dispensa

da aula para ir pra casa, alegando dor de cabeça. Conversando com ele, percebi que ele se sentia cansado desse ritmo diário e sempre que possível tentava burlar as aulas. Essa insatisfação está relacionada com esse novo momento em que o seu tempo livre foi se reduzindo em função de um tempo de rotinas e obrigações. Ele diz:

“Eu penso em comprar de novo meu equipamento de mergulho, pois o que eu tinha vendi para participar de um encontro nacional de desbravadores em Curitiba. Só que eu penso em comprar, mas, ao mesmo tempo, assim, né, de que adianta se eu não tenho tempo, só o final de semana e final de semana eu gosto mesmo é de ficar em casa pra descansar... Porque mergulhar é bom, mas cansa... Aí, eu penso assim, né...”.

Paulo chegou ao P. S. sem que tivesse muita dúvida de sua trajetória. Era como se ela fosse uma decorrência natural desde que seu irmão entrou para o P. S. e, em seguida ao seu desligamento, seria a sua vez de participar. Ele diz que sua mãe sempre o incentivava a trabalhar para ter experiência. Veja como ele analisa os resultados, ainda que parciais, de seus investimentos no trabalho:

“Eu me acho um vencedor, por até um tempo atrás eu ter dois empregos, por eu ser jovem e ter dois empregos. Me acho vencedor por estar atrás e conseguir, né. E eu ainda estou aqui, prestes a ser contratado, me acho vencedor, pelo meu esforço. Tô feliz entre aspas né, porque agora minha mãe tá desempregada. Eu só não tô feliz por causa disso”.

Para Glória, como também seus pais e familiares dos demais jovens deste universo pesquisado, o tempo ocupado com trabalho e outras atividades, configura-se como uma proteção contra o risco de amizades prejudiciais à moral vigente no grupo. A preocupação do pai de Glória pode ser uma preocupação que perpassa outros grupos familiares e tem por base uma valoração moral do trabalho como aquele que favorece bons hábitos e evita os riscos associados a esta fase da vida, em especial as drogas e a gravidez para as meninas. O trabalho, que inicialmente seria de supor que traria a autonomia requerida pelos jovens pobres, seja em relação às prescrições de conduta em relação aos pais ou até mesmo pelo acesso ao consumo desejado, não está necessariamente condicionado pelo ingresso do jovem no campo do trabalho. Veja o que diz Glória:

“Então minha família é assim, né, tem a hora boa e a hora ruim, né. Meu pai se preocupa com a gente, até mesmo com meu irmão que é casado, só que às vezes já é demais, né. Antes a gente não saía porque não tinha dinheiro, né, mas agora a gente tem, não que a gente tenha dinheiro... [aqui ela relativiza o seu poder aquisitivo] Mas pode se divertir, né, e ele não quer, quer que a gente fique só em casa. Porque ele diz que senão a gente vai fazer igual às meninas lá da rua, que estão tudo grávida, só que não é assim, né. Aí ele

pensa que eu vou fazer o mesmo, né. Mas eu já me afastei delas, né. Também porque eu trabalho e aí não tem tempo pra amizade, a gente se vê só no colégio...”

Sarti (1996) destaca a importância que o trabalho assume para as famílias pobres de âmbito moral. Diz Sarti:

“A associação do trabalho com o mundo da ordem, tornando-o fonte de superioridade moral, leva também à valorização do trabalho dos filhos. [...] Do ponto de vista dos pais, o trabalho dos filhos tem também o sentido de uma proteção contra os riscos e os descaminhos do mundo da rua, onde se sofre a *influência de gente ruim e se anda em má companhia*, suscitando os fantasmas da droga e da criminalidade” (Sarti, 1996:80).

O trabalho é do mundo da ordem e o desemprego e a ociosidade são relacionados com a criminalidade e a transgressão. A entrada de mais um membro da família no mercado de trabalho confere uma nova organização na família enquanto unidade de consumo.

Sarti (1996) afirma que o trabalho é um divisor de águas entre quem é do mundo da ordem e aqueles que estão fora desse modelo. O valor moral do trabalho, conforme análise de Sarti toma uma nova dimensão nas famílias pobres, que sempre precisaram trabalhar para ter acesso ao consumo. Quanto maior o número de membros trabalhando maior será a garantia de acesso ao consumo mais diversificado, conferindo também um *status* que valoriza moralmente esta família.

Daniel tenta se convencer da importância do trabalho pelo seu valor moral em decorrência do aprendizado de bons hábitos e virtudes. Ele diz que “o trabalho é uma coisa assim, de eu ir criando responsabilidade para numa coisa futura eu já ir vendo como a vida vai funcionando, tá entendendo?” Embora o trabalho seja representado como uma experiência e como oportunidade de aprendizado, aqui Daniel, deixa transparecer certa frouxidão permitida nos códigos de conduta uma vez que essa experiência ainda se constitui como preparação e não está definitivamente determinado sua trajetória nem projeto de vida. Tudo ainda por se constituir...

Estar sem tempo ao mesmo tempo em que afirmam que a decisão de trabalhar foi de sua própria vontade, reforçam as avaliações sobre as juventudes como um período transitório, e, por isso marcado por ambigüidades. Daniel, diz ter chegado ao P. S. por intermédio de uma amiga de igreja da sua mãe. Essa amiga, após ter seu

filho inscrito e encaminhado ao P. S. sugeriu à mãe de Daniel que o “pusesse” lá também.

A procura por trabalho mobiliza não só os jovens, mas também seus pais e familiares. Ainda que o vínculo com o P. S. seja apenas um estágio, configurando-se mais num processo de aprendizagem e capacitação para o mundo do trabalho, ele é visto pela clientela como uma forma de ter acesso a algum rendimento através de uma atividade, por isso é considerado um trabalho ainda que na relação com os atributos requeridos para a condição de trabalhador ainda se percebe o reclame de certa flexibilidade e frouxidão nas condutas.

Sarti lembra que o trabalho do jovem é mais formalizado e entra no circuito de obrigações familiares. O trabalho do jovem, segundo a autora, é próximo do trabalho dos adultos quando referido ao circuito das obrigações e se aproxima do papel compartilhado pela mãe, no sentido de ser secundário ao provedor principal sem, entretanto, deixar de ser parte fundamental das obrigações familiares. A última década tem demonstrado que os lares, em especial de famílias pobres, estão cada vez mais sendo chefiados por mulheres, o que implica numa atualização da tese defendida por Sarti.

Os dados do Censo 2000 provaram com números uma realidade que o brasileiro já percebe na prática: o crescimento do número de mulheres chefe de família. Entre 1991 e 2000, foi registrado um incremento de cerca de 38% na proporção de domicílios cujo responsável é do sexo feminino. Em 1991, 18,1% das residências eram chefiadas por mulheres. Em 2000, já eram 24,9%. A tendência foi nacional, mas a região Norte foi a que registrou o maior aumento desta proporção: em 1991, 15,5% das casas daquela região eram sustentadas por mulheres. Em 2000, o índice passou para 22,9%.

Segundo a pesquisa do IBGE, as regiões Nordeste e Sudeste são as que apresentam as maiores proporções de residências chefiadas por brasileiros do sexo feminino, 25,9% e 25,6%, respectivamente. No Nordeste, explica o IBGE, este quadro pode ter sido determinado pela grande migração masculina ocorrida nas últimas décadas, além dos fatores culturais.

Zaluar (1982), por outro lado, comenta que existe uma pressão por parte das famílias pobres para que seus filhos se engajem em trabalhos, seja no setor formal, seja no informal. Diz Zaluar:

“A pressão exercida sobre os filhos menores para que se empreguem não é a mesma em famílias chefiadas por homens famílias chefiadas por mulheres. Nestas, o investimento na busca de um emprego para o jovem é bem maior e existe a clara tendência a torná-lo o chefe da casa, isto é, aquele que faz as compras mensais ou semanais no supermercado e ‘bota comida dentro de casa’. Essa passagem garante ao rapaz um novo *status* na família e possibilita à mãe a posição de trabalhadora intermitente e móvel” (Zaluar, 1982:167).

O papel de chefe de família aconteceu parcialmente para Miguel e Leonardo, namorado de Vitória. Em outros casos, o trabalho do jovem ficou como papel secundário na hierarquia familiar, principalmente nas casas onde ainda permanece a autoridade da figura masculina, como por exemplo, as famílias de Glória e Daniel. Pensando as famílias de André, Gilda, Leonardo e Marcelo, o trabalho do jovem vem para fortalecer o orçamento doméstico e permitir que ele tenha relativa autonomia com os seus rendimentos.

Aqui vemos que as categorias família e jovem estão imbricados no contexto de um discurso que simboliza ao mesmo tempo um estatuto de pertença e um estatuto de individuação, de construção de identidades tão valiosas na modernidade pela noção de indivíduo. As diversas formas de enfrentar e viver situações da vida privada e da construção de um projeto de vida devem ser entendidas conforme o léxico e a gramática de cada grupo familiar assim como dos jovens aqui retratados. A intersubjetividade é, aqui, reflexo de amplas formas de traduzir o social conforme cada um vai percebendo o mundo vivido.

5.3 Projetos de vida: vocação e contingências

Compreender as formas como estão gestadas as relações sociais primárias pode iluminar a compreensão acerca das escolhas destes jovens em relação a seus projetos de vida.

Numa visão superficial e passageira em torno das histórias de vida desses jovens, poderiam indicar que a pobreza seria o mote principal para que eles recorram ao

P. S. Ocorre, porém, uma multiplicidade de motivações e justificativas elaboradas por estes jovens para justificar a adesão à proposta do P. S.

Glória diz que sua decisão pelo trabalho foi provocada pela situação financeira da família. Por muito tempo o pai tem sido o único provedor da família. O pai recebe 1 salário mínimo por mês além de vale-transporte e cesta básica. A irmã de Glória (27 anos) conseguiu, recentemente, um emprego em uma padaria, mas acumula em sua trajetória de trabalho a intermitência que vem caracterizando a classe trabalhadora, em especial as que exercem funções que exigem menor qualificação.

De julho a agosto/05, a população economicamente ativa – PEA sofreu uma redução de 29.930 trabalhadores, alcançando, neste último mês, 994.105 pessoas. Configura-se desse modo uma redução da PEA (-3,05%) e crescimento da população não - economicamente ativa – PNEA, (3,15%), ou seja, elevação da inatividade significando uma menor pressão sobre o mercado de trabalho¹¹.

¹¹ (Fonte: indicadores mensais do Mercado de trabalho de Fortaleza em agosto/2005. Pesquisa IDT, <http://www.idt.org.br/ultpesq.asp?id=1>)

Glória passou pela experiência de ser monitora de informática na sua escola, recebendo por este trabalho a quantia de R\$ 50,00. Informou ter permanecido pouco tempo porque logo em seguida foi chamada pelo P. S. para ingressar no curso da EAM (Marinha). Essa oportunidade já estava sendo aguardada por ela há alguns meses. Entre as vantagens, Glória cita o valor da bolsa (na época: R\$ 176,00) e a perspectiva de fazer um curso que lhe preparasse melhor para o mercado de trabalho.

Com o valor desta bolsa Glória diz ter comprado um aparelho de TV e outro de som para sua casa. Aos poucos ela e a irmã, que na época também trabalhava, puderam ir suprindo a casa de objetos que proporcionavam a todos um melhor conforto. A decisão do que comprar passa pela aprovação dos pais de Glória. Do dinheiro recebido fica com o suficiente para pagar transporte e o restante ela entrega à sua mãe para administrar, conforme as necessidades da casa.

Estar trabalhando, agora aos 18 anos, não confere à Glória autonomia para decidir sobre sua vida. Ela diz que seu pai controla até mesmo sua irmã de 27 anos. Morar sob o mesmo teto dos pais faz com que Glória se submeta à austeridade da disciplina paterna. As regras são definidas por seu pai.

A “necessidade transformada em virtude” (Bourdieu, 2003) fez com que a experiência de trabalho de Miguel começasse bem cedo. As condições financeiras da família foram traduzidas por ele como desejo de trabalhar. Aos 13 anos ele trabalhava numa fábrica de casquinha de sorvete:

“Foi escolha minha... Não foi minha mãe que mandou. Aí ela mandou eu trabalhar, aí eu encontrei este. Ela mandou eu trabalhar: ‘vamos, tá na hora’. Eu sempre gostei, eu sempre tive essa coisa desde criança de que eu preciso [num tom bem enfático], então eu comecei, gostei, tá, tá, tá, e fiquei ainda um ano nessa fábrica. Era sem carteira, sem nada! Tudo errado! Eu trabalhava quatro horas, né, normalzinho, direitinho. E era muito legal, meu patrão era muito legal. Ele só queria mesmo... porque era muito perigoso, devido às máquinas, era trifásica, essas coisas... Comecei a trabalhar com 13 anos. Quando saí de lá eu comecei a trabalhar como feirante, nessas feiras... Genibaú, Lagoinha, Parangaba... Consegui com um amigo meu. Amigo do meu tio. Só que não estava dando para eu assimilar as coisas: estudo, trabalho... A feira tomava mais tempo e o rendimento não tava dando, não. No mês eu tirava R\$60,00 a R\$70,00. Para trabalhar na feira eu tive que estudar à noite. Fiquei à noite nem dois meses e tive que sair logo. Só trabalhei na feira uns dois meses, só, não deu não. Depois eu comecei... Eu tive uns bicos trabalhando para escola pública com *software* de matrícula, só preenchendo formulário de matrícula pro governo do Estado. Era um projeto do governo prá trabalhar só 17 dias. Era R\$150,00, só e pronto, fechado, tipo contrato. Consegui no colégio que eu estudava. Aí, depois disso, uma amiga da minha mãe, do AADOC [instituição vinculada à Secretaria de Ação

Social] comentou que eu teria que ter 16 anos fechados. Eu estava com 15 anos na época. Aí, quando eu completei 16, tirei toda a documentação e vim prá cá. E como eu já tinha muitos certificados de muitas coisas, aí eu juntei tudo e vim prá cá”.

A trajetória de Miguel é marcada por experiência de trabalho precário, impelido pela mãe, que demarcou o tempo para seu ingresso na vida ativa. Neste trecho, mais uma vez, Miguel apresenta um discurso ambíguo. Ao mesmo tempo em que afirma ter escolhido trabalhar e que desde cedo tinha essa vontade, afirma também que sua mãe foi quem decidiu sobre sua entrada no mercado de trabalho.

Casos como o de Miguel, em que os jovens são chamados para compor a renda familiar, comprometem suas chances de conquista de posições mais favoráveis nos postos de trabalho. Os jovens que conseguem postergar a entrada na vida ativa têm mais chances de acumular capital cultural e escolar e, dessa forma, maiores vantagens para ocuparem cargos e funções melhor remuneradas.

A inserção do jovem no mercado de trabalho dá-se de forma distinta segundo a condição socioeconômica da sua família. Para as camadas com menor rendimento, o percentual de jovens que efetivamente participam da PEA, seja como ocupados ou desempregados, é sempre inferior ao registrado para os jovens pertencentes às famílias com maior poder aquisitivo. Esta elevada proporção de inativos entre os jovens mais pobres está relacionada às crescentes dificuldades de entrada no mercado de trabalho, marcadas pelo crescimento do desemprego. Quando são consideradas as informações por faixa de renda esta situação pode ser observada, por exemplo, na Região Metropolitana de São Paulo, onde 79,2% dos jovens pertencentes às famílias do quarto quartil (ou seja, 25% das famílias de maior poder aquisitivo) estão no mercado de trabalho como ocupados ou desempregados, enquanto este percentual reduz-se para 68,0%, entre os jovens mais pobres.

A limitada incorporação dos jovens no mercado de trabalho formal acaba por redefinir o padrão de inserção desta camada da população, em que parte dos jovens se dirige para a inatividade (muitas vezes fora da escola), e parte insiste na procura de emprego sem sucesso (desempregados). Esta situação é especialmente dramática para

aos segmentos mais vulneráveis da PEA juvenil, em especial aqueles com baixa escolaridade e/ou pertencentes a famílias de baixa renda¹².

As dificuldades para inserção no mercado de trabalho entre jovens de núcleos familiares de menor poder aquisitivo resultam em maior desemprego para este segmento populacional. Como consequência, há a retroalimentação da pobreza desse segmento familiar. Isso se confirma quando se verifica que, entre os jovens mais pobres, o percentual de desempregados é sempre mais que o dobro do apurado entre os jovens mais ricos, exceção feita a Região Metropolitana de Salvador.

A taxa de desemprego para os esta população de baixa renda situava-se entre 67,1%, na Grande Salvador e 58,5%, na Região Metropolitana de São Paulo, em 2004. Já entre os jovens das famílias com maior poder aquisitivo, as taxas de desemprego são muito inferiores: 18,8%, em Porto Alegre; 22,1%, em São Paulo; 26,5%, em Belo Horizonte; 31,1%, em Recife e a maior (34,4%) também em Salvador. Não estão disponíveis estes dados para o Distrito Federal.

Em outras palavras, as taxas de desemprego dos jovens diminuem à medida que se passa das famílias mais pobres (25% com menor rendimento) às de renda mais elevada (25% com maior rendimento). Isso demonstra que níveis de renda familiar mais altos favorecem melhor condição de acesso ao mercado de trabalho, na medida em que os jovens pertencentes a estas famílias podem se preparar mais para disputar as vagas oferecidas, o que aumenta as chances de uma busca por trabalho bem sucedida. Mas, mesmo nessa situação mais privilegiada, as dificuldades enfrentadas pelos jovens no mercado de trabalho ainda permanecem maiores do que as identificadas para a média da população adulta.

Assim, Miguel assume a entrada na vida ativa de modo precário. A experiência na sorveteria é vista por Miguel como um trabalho de risco e desamparo legal, ao mesmo tempo em que diz ter trabalhado apenas as quatro horas permitidas pela legislação que protege o trabalho jovem. Miguel fala de seu chefe como uma pessoa legal, cujo aspecto positivo é o de ter lhe acolhido para trabalhar, mesmo que irregularmente. Penso aqui no caráter carismático que assumem determinadas formas de

¹² Fonte: http://www.dieese.org.br/esp/estpesq11_jovens.pdf (em 7 nov 2005).

liderança e que exercem uma espécie de véu que encobrem as chances de serem criticados ou revelados (Weber, 2001).

Rita também fala de seu ex-patrão, o dono da fábrica de cintos em que ela trabalhou por alguns anos e teve de sair por ter acentuado seus problemas de saúde, inclusive a asma. Este empresário, diz Rita, tem uma pequena fábrica e a finalização de alguns produtos é realizada nas casas dos vizinhos, a quem ele paga conforme a produção. Rita conta da habilidade da prática adquirida na finalização destes cintos e que lhe conferia uma boa renda. Crianças, jovens e mulheres faziam parte deste esquema de sub-contratação. A necessidade de Rita para obter algum rendimento foi reconhecida pelo empresário que a indicou para o trabalho a ser feito na residência de uma de suas colaboradoras.

A ênfase que Miguel coloca sobre o seu desejo – e necessidade- precoce de trabalhar confirma sua adesão a um projeto de vida que envolve o trabalho como um passaporte para a inclusão no mundo social (seja como consumidor, cidadão ou mesmo para atender a uma vocação – no sentido weberiano de *beruf*, chamado). A experiência no P. S. tem sido, segundo ele diz um aspecto positivo na sua trajetória, já que as experiências anteriores foram por demais desgastantes, precárias e desarticuladas a qualquer possibilidade de definir uma profissionalização, tal qual ele diz estar acontecendo agora pela sua inclusão no P. S. A oportunidade de obter uma remuneração parece ser relevante, quando se fala em trabalho para jovens, mas essa experiência deve ser vista também pelo aspecto da segurança social e legal, assim como pela construção das subjetividades e identidades juvenis.

A amplitude de relações sociais estruturadas a partir do trabalho, faz com que estes jovens possam compartilhar com outras visões de mundo e regras sociais que servirão de referência para a construção das identidades jovens. Quanto mais ampla as redes de relações sociais, mais chances estes jovens vão ter de participarem do processo civilizador (Elias, 1994). O trabalho no supermercado, longe de se constituir num pólo oposto ao da arte, é visto por Miguel como esferas conciliáveis.

O trabalho em supermercado não constitui um desvio às suas afinidades eletivas. Miguel comunga com a máxima dos discursos neoliberalizantes que valorizam a capacidade do indivíduo em estar sempre pronto para aprender mais e mais, como

condição para a empregabilidade. Estar trabalhando como auxiliar de caixa não constitui, para ele, numa barreira para continuar sua vida artística. Miguel já demonstrou sua habilidade com os pincéis e está sempre sendo chamado pelo gerente para confeccionar cartazes, *etc.* Ele diz que ser chamado pela gerência para fazer uma atividade diferente daquela rotina de empacotador o deixa orgulhoso:

“Sempre que precisa de alguma coisa ‘chama o Miguel lá embaixo’ [ele reproduz o chamado] ‘Miguel, por favor, compareça ao CPD’. Ih! De novo, o pessoal diz... Era para preparar o cenário que ele ia fazer um videokê, enquanto o pessoal lá embaixo se matando, suando, sem ganhar um tostão, [refere-se aos momentos de pouco movimento no supermercado] e eu lá em cima, só cortando papel, pintando... Porque eu sempre gosto de ficar aliando as duas coisas” [trabalho e arte, ele quis significar como atividades opostas].

A renda familiar, em populações pobres, conclama os membros do grupo a participar na composição inclusive crianças e agregados. Na recente pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” realizada pela Fundação Perseu Abramo em 2004, dá indicações de que 36% das famílias nordestinas têm renda mensal de até um salário mínimo e 26% têm renda até dois salários mínimos. Esses dados podem ser uma contribuição para se pensar as várias dimensões que afetam a condição juvenil, seja no tocante às formas de inserção no campo do trabalho, seja na vivência juvenil. O trabalho de Miguel foi sendo requerido pela mãe quando ele estava, então, com 13 anos. Ela lhe disse, à época: “Vamos, tá na hora!” Essa chamada “à ordem” reforça a análise de Bourdieu (2003) sobre a família como um campo privilegiado de reprodução social.

Bourdieu (2003) mostrou em seu estudo sobre a Argélia, como a generalização das trocas monetárias pode corroer o espírito da unidade familiar. Se antes a ocupação tinha um fim em si mesmo, a relação baseada no trabalho assalariado tende a impor a cada indivíduo a perseguição de formas de reprodução da unidade familiar. Observa-se nesse movimento uma contradição entre o espírito de coesão necessário à reprodução da unidade familiar, mas também a introdução de conflitos e de fissuras na ‘ficção bem fundamentada’ do que seja família para cada um dos indivíduos.

“De fato, nas sociedades diferenciadas, o espírito de cálculo e a lógica do mercado corroem o espírito de solidariedade e tendem a substituir as decisões coletivas da unidade doméstica ou do chefe da casa pelas decisões individuais do indivíduo isolado, privilegiando o desenvolvimento de mercados separados de acordo com as diferentes categorias de idade ou de sexo (os *teen-agers*) constitutivas das unidades domésticas” (Bourdieu, 2003:176).

A bolsa que recebe pelo seu trabalho no supermercado é entregue integralmente à mãe, cerca de meio salário-mínimo. As gorjetas que recebe diariamente dos clientes e o dinheiro arrecadado com a venda de quadros ou projetos de decoração são utilizados por Miguel para pagar algumas despesas pessoais, como, por exemplo, a compra de material de pintura. Miguel está satisfeito em poder investir em materiais para a sua arte.

Outra conquista realizada por Miguel foi a de ter a posse de um cartão de crédito. Assim, sua mãe pode fazer as compras no supermercado que Miguel que, apesar da distância de sua moradia, oferece entrega domiciliar. Miguel conseguiu o acesso ao papel de consumidor e cliente no mesmo espaço em que realiza seu trabalho. A garra para trabalhar e a vontade de ter acesso a um maior número de bens Miguel atribui ao pai. Diz Miguel sobre a herança transmitida pelo pai, evocando os aspectos positivos de suas práticas:

“Apesar de ter os erros dele, ele tem o seu grãozinho de bondade. Ele sempre gostou de me ver na linha. Mudou em mim só em relação ao menino que ele deixou. Do menino que ele queria que vivesse a linha dele. Ele queria que eu andasse na linha, mas era na linha dele. Porque, apesar de tudo, ele não tinha envolvimento com o crime mais sujo, mortes e tal e tal ele nunca gostou, mas eu queria que ele visse a diferença desse menino que ele deixou. Cresceu [o menino], não só de tamanho, mas também nas escolhas que ele dizia que era para fazer. Diferente do que eu vivi. De passar fome, como eu passei, no Pará, sofrer na mão de madrastra, empregadas, me cagava de medo...”

Aqui Miguel confirma a construção de um *habitus* resultante da convivência com o pai. A inculcação de valores transmitidos pelo pai é traduzida por Miguel pelos aspectos positivos. “Andar na linha” é uma herança que Miguel entende por positiva mesmo porque ele procura atenuar os atos transgressores do pai remetendo-o a uma personalidade boa, portador de um “grãozinho” de bondade que visava protegê-lo de uma continuação da sua trajetória errática. Tanto é que Miguel evidencia vontade de mostrar ao pai que ele conseguiu “se manter na linha” tal como lhe foi ensinado.

A vocação para a pintura surgiu, segundo ele, pela necessidade de exteriorizar o sofrimento durante a sua infância, marcada pela ausência do pai. O trabalho no supermercado, longe de se constituir num pólo oposto ao da arte, é bem conciliado por Miguel. A participação em um festival de artes para alunos de escolas da rede pública conferiu-lhe um prêmio assim como o convite para estudar no Colégio

Liceu do Ceará e, tal como uma bola de neve, Miguel vem ampliando sua rede de relações, que se dá marcadamente em torno das artes.

“Aí, quando o Liceu soube que eu tinha ganhado, era uma escola bem vizinha, pediu prá me chamar, aí eu fui, falei com o pessoal do grupo de arte de lá e pediu prá eu ir estudar lá. E aí quando eu anunciei, foi guerra! No colégio... Aí quando minha mãe soube... Agora eu sou o chefe da monitoria do grupo de arte. Sou simplesmente voluntário. É por amor à arte. Sábado é por amor à arte. Já participei também dos concursos da Oboé, Salão de Abril, aí teve a exposição do Chico Anísio, aí já tinha meu nome lá. Quando eu vi já tava envolvido... Tive contato com um cara que eu pensei que era uma coisa e era um cara altamente fino, o Chico Anísio. Ele é pintor e eu vou te confessar que eu não sabia. O quadro dele é um pós-moderno, altamente sentimental. Ele não quer mostrar os detalhes. Ele não quer mostrar que uma fotografia mostra, mas o que ele gostaria que fosse a foto. É bem interessante. Um cara bem legal. Bati foto com ele. Super legal. Então eu me sinto importante com relação a isso. E no colégio, quando os alunos passam e perguntam: Professor tem aula sábado? Uns marmanjões de 18, 19 anos... são todos super interessados. Temos várias exposições prá este ano e tá todo mundo aí... A minha equipe tem 163 alunos”.

A pintura é uma atividade que confere a Miguel um espaço de inclusão social. O prazer em expor, em conhecer pessoas famosas, em estar em ambientes que valorizam a arte é, para Miguel, uma realização que ele não encontra em casa. Apesar de ser a família o grupo responsável pela acumulação, conservação e de reprodução de diferentes tipos de capital (Bourdieu, 2003:177), Miguel vai interagindo com outras instâncias sociais que vão ampliando seu capital cultural. Perpetuação e ruptura são movimentos que acompanham a construção da realidade social e a percepção que cada indivíduo vai empreendendo ao longo de sua trajetória.

Essa necessidade de ser reconhecido é fundamental para a construção das identidades jovens, no sentido que Melucci aponta, de que a identidade se define a partir de um conjunto de relações sociais (Melucci, 2003:125). A ausência de reconhecimento de suas habilidades e potencialidades, por parte da mãe, fez com que Miguel retirasse todos os seus cerca de 50 quadros das paredes de sua casa, porque, segundo ele, não eram valorizados pela mãe. As tardes de sábado, passadas no ateliê da escola, eram vistas pela mãe como perda de tempo já que era um tempo dispensado, segundo o entendimento de sua mãe, como algo sem retorno financeiro:

“A minha vida artística eu não largo, não tem perigo! Tanto que minha mãe diz: ‘isso não dá em nada! Todo sábado tu tá lá, e eu quero ver tu ganhar um tostão...’. E quando ela me vê com dinheiro a mais ela pergunta: ‘onde é que tu conseguiu isso?’ E eu respondo: ‘não, mãe, é quando eu passo uma tarde inteira numa porra de rua...’ Ela joga na cara. O meu material eu não deixo mais lá em casa. Eu deixo tudo no ateliê do Liceu. Todo meu arsenal de

quadros, lá em casa eu tinha muitos quadros, eu tirei todos. Tirei por ela. Porque é o seguinte: eu vejo a minha arte como uma imagem que eu quero que guardem. É uma janela que eu quero que passe sensações para várias pessoas. Meus quadros, os tons, os traços, as técnicas que eu quero que passe várias sensações, que deixe a pessoa tranqüila. Quando o quadro recebe uma carga de uma pessoa que não tem sentimentos com realmente aquilo, eu não gosto. Assim antes deeu começar a namorar ela perguntava: ‘Miguel, tu tens namorada?’ Eu respondia: ‘tenho não’. E ela: ‘ porque tu não arruma namorada?’ . E eu: ‘sim, e aí? Oh, mãe, eu tenho uma esposa..., eu sou casado’; ‘casado?’ , perguntou ela. E eu: ‘tenho mais de 50 filhos, eu sou casado com a arte, meus filhos são meus quadros’. Só que às vezes... Eu ainda trago quadro prá casa, deixo uma semana, duas, aí eu levo de volta. Ela gosta [dos quadros]. Na verdade ela gosta, só que ela é meio de lua... Aí eu levo os quadros de volta pro ateliê e ficam guardados pra alguma exposição. Eu tenho uma agora no *Del Paseo*, vou botar uns quadros lá. Nós estamos juntando duas técnicas novas que apareceram, e eu tô fazendo isso com a minha coordenadora”. “Se eu paro de estudar na minha arte, eu me acabo. Eu tenho que estar trabalhando, estudando e evoluindo na minha arte, porque ela vai sempre evoluir. No trabalho também tem que ser assim. Muda a gerência, você tem que se adaptar à nova gerência, como aconteceu agora. O gerente não era tão ligado a mim. Esse outro já é. Sempre que precisa de uma coisa... ‘chama o Miguel lá em baixo!’ ‘Miguel, por favor, compareça ao CPD’ [reproduz Miguel a chamada pelo sistema de som da loja]. ‘Ih, de novo!’ O pessoal diz... Era para preparar o cenário, que ele ia fazer um *videokê*, enquanto o pessoal se matando lá embaixo, suando, sem ganhar um tostão, e eu lá em cima, só cortando papel, pintando... porque eu sempre gosto de ficar aliando as duas coisas, trabalho e arte. Eu sei fazer? Deixa eu ver, deixa eu tentar... então todo mundo me conhece dentro da loja, por mais que eu passe quatro horas, quando eu folgo, quando minha folga é sexta-feira, ave Maria, quando eu chego na segunda-feira, todo mundo ‘rapaz, o que aconteceu? Onde você estava?’ ”.

Como se pode ver a partir desse longo relato, para Miguel, as estratégias para construir seu projeto de vida não envolvem seus pais: O projeto, entendido como uma antecipação de possibilidades contidas no presente, mas também como um resgate da memória permite que o jovem possa ser capaz de vislumbrar estratégias para a sua vida cotidiana. À medida que Miguel afirma valorizar sua carreira artística e perseguir uma carreira na Marinha, estão aí desenhadas novas significações que apontam para uma não-indiferença aos fatos de sua vida:

“Eu pinto principalmente impressionismo e a solidão principalmente no paisagismo. Todo mundo já percebeu. Sempre, meu quadro, ele é só, ele é individualista. É um individualista que gosta de chamar a atenção de muitas pessoas. Tem bosques, mas não com várias pessoas, mas com uma pessoa só, indo prá casa, uma casa, várias árvores, mas uma árvore chama atenção. A árvore sempre na frente do homem. O homem já passou pela árvore, isso mostra que eu já passei. A casa é algo que eu ainda estou prá ver, eu nunca chego nessa casa. Cinquenta quadros e o cara ainda não chega nessa casa. Mas está cada vez mais perto. E esse cara sou eu. É uma casa muito simples, como uma casinha do interior, bem pai-d’égua mesmo. Não é tanto a casa como material, mas um canto meu, prá eu poder curtir sossegado. E eu não vejo mais ninguém. Isso é o mais interessante. Ainda não, mas daqui a uns vinte anos, quando eu estiver com trinta, ainda estou estudando, trabalhando. Eu quero ficar bem estabilizado a ponto de eu poder dizer ‘ ah, tá faltando

alguma coisa, ah, é casar, lembrei, era isso que eu tinha esquecido, casar. Eu me vejo assim. O dia de hoje não é igual a outro. Estou aprendendo”.

Nesse relato Miguel pode estar indicando o quanto tem de individualidade no seu projeto de vida. A relativa ausência de coesão e solidariedade com a mãe o faz projetar um futuro em que ele se vislumbra por si só. O sentimento de desamparo e apoio pode ser traduzido, nesta sua fala, pelo que indicam seus quadros. O indivíduo só, a caminhar rumo a uma casa, que seria seu abrigo, conforme descrito na sua imagem pictórica é decorrente dessa labuta em construir espaços seus, de se fazer reconhecido pelas suas habilidades e visão de mundo. Projetos individuais são resultantes, ainda que não diretos, de uma estória de vida marcada pelas formas de sobrevivência individualizadas.

A inscrição de Leonardo no P. S. já estava sendo aguardada por ele e sua família, desde que seus primos, um pouco antes já haviam passado pelo mesmo projeto. Ele precisava contribuir no orçamento doméstico já que apenas sua avó obtinha renda pela lavagem de roupas. Coincidentemente, eu já havia visitado a pequena vila de casas de sua família, localizada no centro de uma quadra próxima ao P. S., denominada de Campo do América. O contato com moradores da vizinhança indicara-me a tia de Leonardo como costureira. Passei a frequentar a pequena vila e fui conhecendo o cotidiano dessas pessoas, simples ao mesmo tempo buscando meios de sobrevivência e, sempre comprometidos com algum tipo de trabalho.

Conheci a avó de Leonardo: uma mulher franzina, pequena e magra, sempre diante do tanque lavando roupas, em geral bem pesadas, torcendo-as e colocando-as para secar no seu pequeno jardim que contava inclusive com um canteiro de plantas para chás. Leonardo conta que sua família é pequena, composta por sua avó e sua mãe: “minha Avó tem a lavanderia particular dela. Ela recebe as roupas das pessoas e lava lá. E minha mãe ta desempregada. Ela já trabalhou”.

Leonardo descreve as várias atividades que a mãe já exerceu. Ela já foi professora, agente de cidadania pela prefeitura, coordenadora de creche comunitária e recepcionista numa clínica. As atividades que a mãe desenvolveu foram em sua maioria contratos temporários ou informais, isto é, sem registros na CTPS.

A precariedade de formas de trabalho experimentadas pela mãe, avó e outros membros da família de Leonardo o induziu a recorrer ao P. S. e buscar um estágio. As famílias pobres, que experimentam formas de trabalho precário, parecem apostar no P. S. como uma experiência que poderá proporcionar formas de ascensão social assim como meios de trabalho que assegurem certa estabilidade e garantia de direitos. Essa trajetória estágio/trabalho, que já foi lograda por dois de seus primos que passaram pelo P. S., serve de incentivo para que Leonardo rompa com a trajetória precária da qual sua mãe é um exemplo. Encontrar um emprego que assegure estabilidade vem sendo manifestado pelos jovens como uma estratégia de superação das condições objetivas. Para realizar esse caminho Leonardo teve de deixar de lado, adormecido seu sonho de locutor e cantor de um grupo musical da igreja.

O tempo entre a inscrição e o chamado para o estágio levou alguns meses custando a Leonardo várias idas ao P. S. pra acompanhar seu encaminhamento. Ele diz:

“Aí eu vim, achei muito bom, fiquei até mais aliviado agora, bem melhor, eu vou até ajudar minha mãe, aí, se for preciso... No começo eu achava um pouco de dificuldade porque eu estudava de manhã, e quem estudava de manhã tinha de passar para a noite, porque o trabalho ia ser pela manhã, o curso à tarde e estudar à noite. Aí eu fiquei um pouco pensativo, se eu mudava ou não, mas isso ia servir pro meu futuro, ia aumentar o meu currículo. A hotelaria é um ramo que está crescendo muito...”

Essa “chamada à realidade” que a situação financeira opera no imaginário destes jovens engendra uma reestruturação nos seus modos de pensar e agir. Pensar no futuro e no acúmulo de experiências para constar no currículo realiza uma inversão de valores que, para acontecer, exige uma avaliação dos fatos e, muitas vezes sentimentos de dúvidas.

A “precariedade como destino” (Castel, 1999:529) parece estar rondando um grande contingente dos jovens pobres. Castel (1999) remete a um termo cunhado por Michel Pialoux em 1975 para designar essa trajetória errática que atinge principalmente os jovens e que são feitas de alternâncias entre emprego e não-emprego. A população jovem que recorre ao P. S. é relativamente empregável, uma vez que se encontra no Ensino Médio, parcela minoritária se comparada àqueles que abandonam a escola ainda nos Ensino Básico. A expressão de Pialoux é: “realismo do desespero” essas estratégias que obrigam algumas categorias de jovens a “escolherem” dentre outras possíveis. Diz Castel:

“Estágios, bicos, empregos tem nesses jovens a marca de um projeto de futuro, de sair da situação de ‘interino’ para tornar-se um permanente. [...] A precarização do emprego e o aumento do desemprego são, sem dúvida, a manifestação de um *déficit de lugares* ocupados na estrutura social, entendendo por lugares posições às quais estão associados uma utilidade social e um reconhecimento público” (Castel, 1999:529).

O ataque ao desemprego passa, segundo o discurso das políticas governamentais, pela minimização do contingente portador de baixa qualificação. Castel afirma que esse tipo de exigência pode provocar mais do que uma redução do desemprego, numa elevação do nível de qualificação dos desempregados. Diz ele que é “ilusório deduzir daí que os não-empregados possam encontrar um emprego pelo simples fato de uma elevação do nível de escolaridade” (Castel, 1999:521).

Pochman (2004) comenta a complexa transição da adolescência para a fase adulta e destaca que a dependência econômica por parte dos jovens cujo fator importante é a constituição de famílias monoparentais. Essa disfunção entre a autonomia antecipada da função reprodutiva de parte da juventude, em especial os jovens pobres, é a condição cada vez mais postergada da independência econômica deste jovem pelo trabalho, quer seja uma ocupação, o subemprego ou o desemprego recorrente (Pochman, 2004:223). Esse fenômeno vem comprometendo a mobilidade social, espécie de “charme histórico do capitalismo no Brasil” e condenando os jovens que, mesmo obtendo um maior nível de escolaridade e formação técnica não conseguem condições de vida, proporcionadas pelo trabalho, melhores que seus pais. Diz Pochman:

“Assim”, jovens em condições de inserção no mercado de trabalho superiores aos dos seus pais, em termos de escolaridade e formação profissional, encontra-se diante da frustração do desemprego recorrente ou da desolação da ocupação de baixa remuneração, responsável pela incapacidade de alcançar a independência econômica. Aos pais resta, muitas vezes, o ceticismo de certo fracasso associado à educação ofertada aos filhos, que tende a ser vista como inadequada para viabilizar o sucesso no mercado de trabalho (Pochman, 2004:223).

Castel (1999) e Pochman (1999), ao discutirem os entraves do campo do trabalho com reduzidas chances de ascensão social, iluminam a figura do mito de Sísifo como representativa do comportamento e das representações de grande parte dos jovens aqui pesquisados. O esforço de levar até o fim qualquer forma de empreendimento resulta sempre numa tarefa árdua e frustrante. Se não existem lugares para ocupar no campo do trabalho, como é possível vislumbrar que estes jovens realizem seus projetos e desse modo possam conferir sentidos a experiências de trabalho?

A decisão de trabalhar foi para Daniel uma escolha pensada em termos de preparação para o mundo do trabalho, e, para ele, significa decorrência natural do seu processo de amadurecimento. A questão financeira, ou melhor, a falta de dinheiro não se configurava como motivação inicial para Daniel. Ele pensa em construir sua vida profissional independente da herança paterna, seja na posse de bens, seja na seqüência da profissão de marceneiro do pai.

A mãe de Daniel que por todo o tempo de casada permaneceu em casa cuidando dos filhos agora também decidiu se lançar no mercado de trabalho. Apesar de sua mãe ter completado o Ensino Médio, o longo tempo que ela ficou afastada de atividades fora do lar não lhe conferiram uma habilidade para ocupar cargos mais especializados. A função de ajudante em uma creche está, pois, colocada como um desdobramento das atividades que ela vinha desempenhando na esfera doméstica, configurando-se, desta forma, numa colocação no mercado de trabalho em funções de caráter, acentuadamente, feminino.

Por outro lado, a profissão do pai, marceneiro, é, por diversas vezes, referida por Daniel como êxito. O fato de ter sua oficina na mesma área de sua residência, permitiu que o pai desse mais atenção em casa e fosse fazendo constantes melhorias na residência. Daniel diz que sua casa é muito confortável, com diversos compartimentos e bem equipada com eletrodomésticos.

Desde pequeno, Daniel acompanhava o pai à Igreja Adventista. A mãe foi a última da família a aderir à religião praticada, inicialmente, apenas pelo pai de Daniel. Agora, todos da casa freqüentam a igreja com regularidade. A sociabilidade de Daniel é, em certa medida, fortemente estruturada a partir desta instituição. A rede de relações sociais de Daniel, seus melhores amigos, suas namoradas, assim como a participação em uma associação juvenil que lhe proporcionou inclusive viagens para outras regiões do país, é, em grande parte, decorrente de sua adesão às atividades da igreja. Daniel estudou por vários anos na escola adventista (rede privada) e, só recentemente transferiu-se para uma escola pública, como condição para o seu ingresso no P. S.

Daniel se diz muito orgulhoso com as condições de vida que o pai proporciona à família. Os rendimentos do pai proporcionaram a compra de um carro, moto, mobilete aparelho de som, violão e rádio-relógio, estes três últimos compõem a

mobília do quarto de Daniel. Dessa forma, o ingresso de Daniel no P. S. não corresponde aos pré-requisitos estabelecidos pelo programa para a inscrição de jovens. Daniel não está enquadrado no perfil definido pelo programa para o atendimento prioritário a jovem em situação de risco social e econômico. De qualquer forma, a decisão de trabalhar, por intermédio do P. S., foi tomada por Daniel, que via uma oportunidade de ter acesso a um trabalho mais qualificado.

Por intermédio do P. S., Daniel teria a chance de trabalhar em uma empresa de maior visibilidade, no caso dele, em um hotel de nível internacional, oportunidade que lhe renderia um *status* diferenciado e diferenciador e que, dificilmente ele teria acesso se ficasse trabalhando com o pai. Está implícito nesta estratégia de Daniel o interesse em adquirir um capital social diferenciado, nos termos que Bourdieu aponta. Daniel sinaliza aspirações a um modo de vida que supere a sua condição social atual.

Daniel representa um modelo daquilo que Bourdieu define, com relação às sociedades diferenciadas, como um novo modo de administrar a ordem das sucessões nas relações familiares. Diz Bourdieu que nas sociedades urbanas ocidentais o filho tende a perpetuar a herança paterna e a posição social de tal forma que consiga distinguir-se e ultrapassar as condições de vida do pai e que, em última instância, aponta para um ato transgressor da geração mais nova, sendo, ao mesmo tempo e em certa medida, esperado pelas gerações mais velhas (Bourdieu, 2001:587).

A transferência para uma escola pública foi uma decisão de Daniel para adequar os seus projetos:

“Meu pai nunca reclamava que o colégio era caro. Eu até tirava nota baixa e ele não reclamava, só dizia: ‘Daniel, isto não está certo, e tal...’ Foi escolha própria, minha mesmo. Aí, eu fui pro colégio do Estado, vi como é que era, passei a estudar mais, minhas notas melhoraram, fui aprendendo a ver como era a vida, né?”.

Daniel realizou o caminho inverso daqueles que pretendem o êxito no vestibular. Geralmente, alunos de escolas públicas acreditam que as maiores chances de sucesso no vestibular são de alunos de escolas

particulares. Muitos destes alunos, de escolas públicas, passam a trabalhar para poder financiar um curso particular de forma a ter mais chances de êxito num vestibular. Embora Daniel afirme interesse em fazer uma faculdade de administração, ele demonstra apostar suas energias prioritariamente para o campo do mercado de trabalho, já que os módulos teóricos e práticos vêm lhe tomando cerca de oito horas por dia, ficando pouco tempo para investir na preparação para o vestibular.

A decisão de Daniel foi respeitada pelo pai que, segundo ele, costuma orientá-lo sobre diversos assuntos, mas sempre o deixa com a responsabilidade de decidir sobre os rumos que deve tomar. Nesse sentido, mesmo tendo tido a oportunidade de desenvolver o mesmo ofício do pai, porquanto costumava ajudá-lo na oficina, Daniel decidiu que deveria seguir uma trajetória profissional própria, apesar de demonstrar orgulho pela profissão do pai:

“Eu acompanhava ele [o pai] quando ele ia trabalhar. Eu ficava ali, vendo e tal, mas eu nunca gostei, assim... Não, eu ficava ali, e quando eu via que ele tava precisando, eu ajudava. Agora, modéstia à parte, meu pai é um excelente marceneiro. Já fez até os móveis de um apartamento que teve até fotos para uma revista. Ele pedia assim: ‘Daniel, me ajude aqui e tal...’ mas ele fazia questão que eu não pegasse no pesado, esse tipo de coisa assim...”

Daniel, de certa forma, está orientado para perseguir profissões que não exijam dispêndio físico classificadas que são estas profissões, por conferir, principalmente, um *status* degradante, mesmo que à custa de um bom rendimento, como é o caso do pai de Daniel. O investimento da família em financiar os estudos dos filhos em escolas particulares revela o envolvimento do grupo em garantir projetos de ascensão social que em parte também dependem dos veredictos escolares, capazes de conferir reconhecimentos que subscrevem uma trajetória profissional. A escola, por

funcionar como princípio de realidade poderoso e brutal, contribui, sobremaneira, para ampliar o leque de opções de carreiras e suscitar desejos em jovens de determinados grupos sociais, particularmente os que ocupam posições dominadas no campo do mercado de trabalho, segundo a análise de Bourdieu:

“A escola interrompe o ciclo ‘natural’ da reprodução operária baseado na adaptação antecipada às posições dominada e leva-os a recusar o trabalho braçal, sobretudo na fábrica, e a condição operária; leva-os a recusar o único futuro que lhes é acessível sem dar qualquer garantia em relação a esse futuro que ela parece prometer, ao mesmo tempo em que os ensina a renunciar a ele, definitivamente, pelo *efeito de destino* de seus veredictos” (Bourdieu, 2001:220).

Apesar do pessimismo demonstrado pelo autor, observa-se a não-correspondência entre os desejos individuais, suscitados pela democracia, e os limites impostos pela república que reclama uma adesão ao caráter de sacrifício a toda a população quando na verdade o bem-comum encobre profundas desigualdades sociais. Existe uma tendência por parte dos jovens que ingressam no campo do trabalho, a romper com as determinações que suas circunstâncias os colocam. Parece sempre haver uma esperança em romper com o ciclo de precariedade e pobreza atestadas em suas trajetórias. Muito embora eles digam se sujeitar a qualquer tipo de tarefa, justificadas pelo valor moral do trabalho, são imputadas a eles, seja pela família, seja pela escola, seja por outras instâncias sociais, um ideal que tenha a propensão de superar o instante vivido. Os vários agenciamentos socializadores acabam por engendrar contradições típicas da modernidade: o conflito entre o desejo e a contingência. Esse tema é assim analisado por Ribeiro:

“Assim, podemos dizer que o desejo, que aparece como uma pulsão aquisitiva se explica, sobretudo a partir dos que não possuem nada, ou somente pouco. Mas esgotam-se o desejo no anseio por adquirir coisas, bens? Certamente que não. Através da matéria e da mercadoria se mira outra coisa, o reconhecimento como ser humano, ou até algo menos nomeável, cuja densidade apenas podemos imaginar. Mais interessante do que reduzir a complexidade do desejo ao anseio pela igualdade reconhecida (outro modo de domesticar nossas pulsões em algo racional), pode ser preservar seu caráter questionador, numa palavra, sua dimensão de aventura. De todo modo, desejantes são os que não têm, moderados são os que têm. Ao insistir no caráter desejante da democracia, estou negando todo propósito de racionalizá-la às pressas. Ao apontar a virtude da república como regime de auto-contenção, estou afirmando a necessidade de que os desejos, para realizarem uma democracia ampliada, aprendam a educar-se segundo hábitos que são inicialmente aristocráticos” (Ribeiro, 2000:23-4).

O trabalho de Daniel na oficina do pai configurava-se como uma “ajuda”, algo sem muito investimento porque, segundo ele, não necessitava cumprir horário e

não tinha uma tarefa definida para cumprir. Daniel diz que costumava ficar conversando com os tios, irmãos de seu pai que eram chamados por ocasião de uma encomenda maior. Esse ensaio de profissão não foi suficiente para seduzir Daniel pela profissão do pai e por isso a decisão de trabalhar em outras áreas.

Anteriormente ao ingresso no P. S., Daniel ensaiou uma incursão, via sistema de emprego, numa empresa privada, na função de vendedor de planos de saúde. Por meio do *telemarketing*, Daniel contactava os potenciais clientes que se comprometiam a retornar a ligação para efetuar o contrato. Ocorria que, por diversas vezes, durante sua ausência ou não, colegas de trabalho informavam que estavam autorizados por Daniel para efetuar os contratos. Resultava que, por diversas ocasiões, Daniel via seu trabalho sem resultados até que se defrontou com a competitividade entre seus pares, fato que o fez decepcionar-se, segundo conta, por esse tipo de trabalho, daí optou pela demissão do emprego.

A ausência de regras claras que configura o tipo de trabalho informal abre-se um campo de oportunidades para que atitudes antiéticas ocorram. A falta de ética que permeia em determinados grupos de trabalho pode ser pensada pela pressão da competitividade, situação que leva a um individualismo extremo onde o colega, o próximo, enfim, o outro chega a ser desconsiderado. Esses mecanismos para ocuparem os espaços são muitas vezes sentidos como uma guerra suja, não sujeita a regras e, da qual alguns indivíduos se recusam a participar, outros, porém podem entender como a lógica pela qual devem se conformar e conquistar os meios necessários para lutar em igualdade de condições.

“‘Quem precisa de mim?’ É uma questão de caráter que sofre um desafio radical no capitalismo moderno. O sistema irradia indiferença. Faz isso em termos dos resultados do esforço humano, como nos mercados em que o vencedor leva tudo, onde há pouca relação entre risco e recompensa. Irradia indiferença na organização da falta de confiança, onde não há motivo para se ser necessário. E também na reengenharia das instituições, em que as pessoas são tratadas como descartáveis. Essas práticas óbvia e brutalmente reduzem o senso de que contamos como pessoa, de que somos necessários aos outros” (Sennet, 2003:174).

A informalidade e a insegurança decorrentes da ausência de vínculos foi o motor para que Daniel procurasse outras alternativas de trabalho. Coincidentemente, logo depois desse episódio ele, que já estava inscrito no P. S., foi chamado para participar do curso de turismo como aprendiz. A proposta foi sedutora porque, segundo

Daniel ele aprenderia uma profissão ao mesmo tempo em que teria uma proteção/amparo legal. Para Daniel, uma empresa de grande porte, tal qual esta em que ele se encontra como aprendiz, pode lhe proporcionar uma trajetória de ascensão social dentro da própria empresa. A experiência e a responsabilidade que vem adquirindo no hotel não seriam as que ele experimentaria caso se espelhasse no ofício do pai.

Esse fato na vida de Daniel pode ser pensado, mais uma vez, a partir das análises de Bourdieu, em *A Miséria do Mundo* (2001). Diz Bourdieu, acerca da “ordem das sucessões”, nas sociedades diferenciadas. A perpetuação da linhagem, tendo em vista a ascensão social, ocorre em dois níveis; primeiramente, o filho, para dar continuidade à linhagem do pai, deve se colocar numa missão dilacerante: é preciso se distinguir dele [do pai], ultrapassá-lo e, posteriormente, até mesmo negá-lo. Esse rito que envolve o filho na sua passagem para a vida adulta, isto é, para a conquista da autonomia, é vivenciado tanto pelo pai quanto pelo filho como uma forma de transgressão socialmente esperada do tipo *noblesse oblige*, isto é, obrigações contraditórias, que combinam sofrimento e consagração social (Bourdieu, 2001:591). Neste sentido, a escola contribui para confirmar ou contrariar projetos que estão inscritos no grupo familiar:

“Até a partilha pela simples palavra do pai ou da mãe, depositários da vontade e da autoridade de todo o grupo familiar, a instituição de herdeiro e o efeito de destinos que ela exerce hoje cabe também à escola, cujos juízos e sanções podem confirmar os da família, mas também contrariá-los ou se opor a eles, e contribuem de maneira totalmente decisiva para a construção da identidade” (Bourdieu, 2001:587).

A afirmação de Bourdieu, sobre o papel decisivo das instâncias familiar e escolar na construção das identidades jovens, pode, a meu ver, ser relativizada. Acredito que, em sociedades diferenciadas (Bourdieu, 2001), ou complexas (Velho, 1999), os indivíduos transitam por diferentes *províncias de significado* (noção desenvolvida por Schutz e retomada por Velho) que lhes conferem um repertório de papéis a serem desempenhados ao longo de sua experiência sócio-cultural e que pode servir de potencializador para o desempenho metamorfoseado que configuraria a categoria de jovens, mas não exclusivamente (Velho, 1999:29).

Neste sentido, o processo de socialização de Daniel abriga também influências decorrentes de sua frequência à igreja. A participação no grupo de “desbravadores” da igreja contribuiu para que Daniel desenvolvesse o gosto pela

aventura, ao mesmo tempo em que a submissão às regras que orientam em especial este grupo. Segundo Daniel, o ingresso no grupo de “desbravadores” se dá por volta dos oito anos, idade em que ele se iniciou nesta “sociedade particular”. Ela é feita exclusivamente para meninos e consiste, pela prática de *camping*, em um aprendizado gradual dos ensinamentos bíblicos e dos dogmas de sua igreja. Os “desbravadores” são estruturados sob uma rígida hierarquia que confere, segundo a faixa etária e o bom aproveitamento do conhecimento, graus de liderança tal quais patentes militares. Daniel chegou ao último escalão do grupo de desbravadores, faltando-lhe tão somente, realizar a última prova para a sua consagração maior. Ele chegou a conduzir, sob sua responsabilidade e com o consentimento da cúpula da igreja, por várias vezes, pequenos grupos de adolescentes, para acampamentos em cidades próximas à Fortaleza:

“Eu levava os meninos de ônibus rodoviário. Aí, no que é que eu me prevenia? Levava *kit* de primeiros socorros, colete salva-vidas, né, porque eles sempre dão valor brincar na água, lagoa... nunca gostei de levar eles pro mar porque é mais perigoso, dá mais "dor-de-cabeça". Fazia o seguro de vida deles, que é bastante importante, porque se acontecesse alguma coisa, chamava um táxi, porque o seguro cobria, né. E agora, com 16 anos, como eu tenho agora, comecei a fazer a classe de líder, como era prá ser feita. Porque antes eu não podia, porque tinha 15 anos. Mas o pessoal sempre confiava em mim, porque via que eu sou capaz, né. Deve ser por isso que, desde pequeno, eu já tou mais acostumado a conviver com as pessoas. Porque acampamento deixa as pessoas muito unidas, porque você não pode acampar sozinho, porque você não leva uma escova, o outro leva, você tá sem colchão, o outro vai e dorme com você no mesmo colchão. Teve uma vez que tava tão frio que ficaram 3 pessoas debaixo do mesmo cobertor, tá entendendo? É chato? É chato, mas no final, sempre dava tudo certo. Deve ser por isso que mesmo que uma me faça mal, eu não quero fazer o mal a ela, só mesmo amor, porque isso não vai influenciar nem contribuir para nada. Então, eu fiz o curso de líder, terminei, só que eu tenho que fazer uma prova. Eu tou com o livro lá em casa, já comecei a ler mas só que, são muitas datas, sobre quando começou, quem foi o fundador, qual foi o ano que criaram o hino, porque lá a hierarquia é muito grande; como a igreja adventista é muito grande, o clube dos desbravadores também é, porque toda igreja é prá ter um clube. Então, de quatro em quatro anos, tem o acampamento da União, no caso da nossa igreja, é do Nordeste. Aí, este ano, vai ter o acampamento da divisão, que no caso, é América do Sul. Vai ser no Paraná, melhor, vai ser no ano que vem. Eu tou pensando em ir só que sai muito caro...”.

Daniel aponta para os limites que a questão financeira imputa para a ampliação do “serviço” da igreja, de modo a estender a participação aos eventos para a população mais pobre. Daniel se regozija ao referir-se à sua experiência de desbravadores e também das demais práticas de lazer, como o mergulho, que teve de ser deixado de lado por falta de tempo, pela necessidade de maiores investimentos em equipamentos próprios, *etc.* Certa vez, por ocasião de um encontro regional, Daniel vendeu seu equipamento de mergulho para financiar sua viagem, num encontro em

Sergipe, que reuniu cerca de sete mil “desbravadores”. Mergulhar também faz parte do *mix* de práticas esportivas e culturais que Daniel se envolve. Ele ainda tem vontade de adquirir novo equipamento de mergulho, mas “de que adianta eu comprar, se eu não tenho tempo, só o final de semana e, final de semana eu gosto mesmo é de ficar em casa, para descansar. Porque mergulhar é bom, mas cansa...”. A falta de tempo parece ser recorrente nos discursos destes jovens. Conciliar trabalho, escola e cursos deixam pouco tempo para investir no que se designa de ócio criativo e, até no consumo de bens materiais e culturais, mesmo que as escolhas partam do próprio jovem.

A sociabilidade de Daniel, referida nesse depoimento aponta para o valor que ele atribui à solidariedade existente entre os desbravadores. Daí o seu mal estar quando se deparou com aqueles colegas de trabalho que o enganaram.

Outro aspecto que Daniel destaca é a confiança adquirida por parte dos membros da igreja que lhe autorizam inclusive a condução de grupos para acampar. Este aspecto da confiança contribui para desenvolver no jovem certa segurança para enfrentar o mundo e que Daniel traduz na sua fala quando diz que não deseja mal a ninguém.

As amigas de Daniel são, segundo ele, estáveis e duradouras. Muitos de seus amigos são pessoas que ele conheceu quando criança, mas não impede que ele se depare com surpresas com as pessoas em que ele confiava, quando de repente mostram-se “materialistas”, característica que lhe causa repugnância. Ocorreu um fato recente, referido por Daniel, que o deixou decepcionado com a namorada em decorrência de algumas práticas que indicavam ser ela pessoa “interesseira”, conforme avaliação dele, e, por isso ele resolveu romper o namoro. O episódio que o deixou enfurecido está relatado a seguir:

“Depois eu fui ver que ela era interesseira, eu odeio isso numa pessoa! Teve uma vez que eu tive vontade de bater na cara dela., vontade, vontade porque eu não bato em ninguém. Uma vez, eu tava trabalhando com meu pai e ela sabe que eu nunca gostei de dinheiro, nunca fui homem de dinheiro. Então, a gente foi dar uma volta, a gente foi na casa de uma amiga dela, aí, tinha um pó de guaraná lá. Eu não sabia nem quanto eu tinha na carteira, ela chegou e disse: “Daniel, vamos tomar um pó de guaraná?” Eu olhei assim prá cara dela... ela não vai querer que eu pague não, né? Aí, ela foi lá, pediu, aí o cara deu e ela foi embora...aí, eu olhei assim prá ela, fiquei pensando... tudo rápido, né. Aí, abri a carteira e paguei o cara. Quanto é que eu tinha? Aí, eu paguei o cara e contei... eu tinha 75 centavos, certinho, era o dinheiro da minha passagem... eu fiquei pensando, e, se eu não tivesse? Eu fui falar com

ela, ela veio com aquele queixo todo: “não... como é que tu trabalha e não tem dinheiro e tal.. Tu não me leva prá passear, não me dá presente...” Eu disse; “Ei, minha filha, eu não tou lhe obrigando a ficar comigo não...”.

Esse episódio ilustra uma típica situação de desencontros, afetivos e materiais, e Daniel avaliou-a como carregado de interesses e decidiu-se pelo rompimento do namoro. Segundo Daniel, sua família lhe dá suporte para que ele não se envolva em situações constrangedoras, que segundo o seu léxico refere-se a situações que possam macular sua boa imagem. Nesse caso específico Daniel referia-se ao risco de não ter dinheiro para pagar uma dívida contraída pela namorada, quando da compra de um lanche sem que antes houvesse combinado com ele sobre quem seria responsável pelo pagamento:

“Eu sempre soube conciliar namorada e diversão, sabe como é que é”? Ela [a namorada] reclamava, dizia “você não gosta de mim não, porque deixa de ficar comigo para viajar, jogar bola...” Eu, já tenho um amigo, que a mulher dele diz “não vá não, fique deitado aqui...”.

O gosto por esporte também inclui jogos de futebol com um time de amigos, em sua maioria freqüentadora da igreja. O gosto pela aventura inclui passeios de moto, mobilete e até mesmo carro, sob a permissão não-declarada do pai. Certa vez, Daniel colidiu contra um muro quando dirigia o carro de um

amigo. Segundo ele conta, seu pai pagou apenas parte do concerto e deixou a outra parte para ser paga pelo amigo por ele ter entregado a direção do carro a um menor de idade.

A falta de tempo fez com que Daniel reduzisse o “desbravamento” por outras esferas da sua vida. Até mesmo o violão, presente de sua mãe por ocasião de seu décimo quarto aniversário foi temporariamente colocado de lado. A empolgação de tocar, que acompanhou os primeiros meses desta nova aquisição, está adormecida em função de seu mais recente “mimo”: o envolvimento com o trabalho e o curso de turismo no P. S. Esse curso despertou em Daniel o interesse por esta carreira e pelo aprendizado da língua inglesa, pré-requisito para certa desenvoltura numa área que, segundo ele, está em expansão no Ceará. Assim, o desejo de cursar Direito ou Administração está, temporariamente, suspenso:

“Eu estava fazendo o curso de hotelaria no *Yes*. Eu tinha feito seis meses de inglês, aí, ia fazer seis meses de turismo, quando veio essa proposta daqui [PS]. É um curso que tem no centro da cidade, é pago, meu pai é que estava pagando. Era uma área que me interessava. Todo mundo falava “turismo dá dinheiro” [lembrando que Daniel afirmou desinteresse por dinheiro...] “turismo é interessante...”. Eu sempre gosto de conhecer minha região [aqui afirma mais uma vez seu caráter desbravador]. Eu gosto de viajar pelo Brasil, eu viajo bastante, né?... e mesmo porque, antes eu odiava inglês. E no primeiro dia de aula, a professora disse que ia fazer a gente sentir o gostinho na veia de aprender inglês, tá entendendo? Aí, quando eu saí de lá, já fiquei com o gostinho de aprender inglês. Agora eu vou voltar para o *Yes* para fazer o curso de inglês. Esse já é um curso um pouco mais caro. Agora virou uma questão de honra eu aprender a falar inglês. Ou eu morro, ou eu aprendo a falar inglês, tá entendendo? É uma coisa que eu botei na cabeça e eu vou ter que fazer. Antes, na aula de inglês, eu não gostava e ficava desenhando... Porque eu não gosto de nada que me ponha prá baixo. Quando eu vejo uma coisa em que eu não sou bom, aí, eu vou e tento fazer. Eu não sou bom em tudo que faço, nem sou o melhor, mas eu sei um pouco, tá entendendo? O que me amedrontava era eu estar com medo de mim mesmo, de querer conhecer outra língua, mas quando eu fui pro curso, aí já fui entendendo, já fui me interessando, já estava estudando em casa, pegava o dicionário e lia, esse tipo de coisa...”.

Neste trecho, o caráter de desbravador de Daniel fica bem explícito. Ele gosta de se lançar em desafios, de superar seus limites, para conquistar novos espaços, sempre mais altos, pois ele desafia as situações que o ponham “para baixo”, segundo suas palavras. Ele traz consigo características que são bem-vindas ao que se chamam

hoje de trabalhador “moderno”. Flexibilidade, afinidade de lançar-se em desafios, aptidão para trabalhar em equipe, dentre outros traços, são encontrados em Daniel como aspectos que poderiam favorecer sua empregabilidade.

Neste sentido, Daniel se coloca para além dos valores que tradicionalmente permearam a ética do trabalho, fundamentada nos princípios religiosos, em especial o protestante e se aproximaria, talvez, do que Maffesoli designa como o sentimento trágico, isto é, uma postura de confrontação com o estabelecido. Assim, o indivíduo aproveita ao máximo as oportunidades que estão postas. A intensidade trágica que pode ser expressão de uma afirmação da vida e do destino aponta que a monotonia cotidiana também comporta abertura para a valorização de prazeres que, em última instância reafirmam o *carpem diem*:

“O afrontamento do destino localizável nas numerosas práticas juvenis, a busca de uma existência de qualidade, no cuidado do presente, na sensibilidade ecológica, é, simplesmente, uma maneira de viver com intensidade o que se apresenta, o que acontece; em poucas palavras, o que é anterior ao que deveria ou poderia ser. Ética do instante, eu disse, a qual pretende, de uma maneira obstinada, viver ‘apesar de tudo’ esta existência tolhida de vicissitudes, mas que segue sendo atrativa, apesar ou por causa disso” (Maffesoli, 2003:41).

Essa postura diante da vida faz com que Daniel não goste de passar muito tempo em jogos de computador, preferindo atividades que sejam mais dinâmicas e exijam mais de seu corpo. Por outro lado, os filmes que ele aluga no final de semana, são aqueles classificados como aventura ou ação: “Meu pai nem sempre concorda com os filmes que eu alugo, não. Porque eu dou valor a filme de velocidade, que não tem muita história, mas dá aquela adrenalina...”.

A produção de adrenalina, verificada em várias das atividades da vida cotidiana de Daniel corre em paralelo a este novo projeto de vida em que está envolvido: o trabalho. Foi por intermédio de uma colega de sua mãe, da igreja, que Daniel tomou conhecimento do P. S. Esta amiga trabalha em uma secretaria do estado que tem convênio com o P. S. Ao observar os jovens trabalhando, a mãe se interessou em colocar seu filho e posteriormente indicou para que sua amiga fizesse o mesmo com o filho, no caso o Daniel. O dinheiro não foi a “mola” que motivou Daniel para o trabalho. Ele disse não ter muito interesse em dinheiro e que, quando trabalhava com o pai, não pedia um salário, apenas queria ter dinheiro para fazer suas viagens:

“Eu vim prá cá porque eu ia ter mais responsabilidade... eu ajudava meu pai, mas sabe com é ajudar pai, né? Você vai se quiser, almoça na hora que quiser. É tanto que, quando meu pai tem muito serviço, ele chama os irmãos para ajudar, aí, eu ficava brincando com eles, ficava fazendo hora, parava o serviço, ficava trocando idéias com eles, né: ‘Hei, cara, continua trabalhando, não pode parar não, só eu, né...’ Ficava nesse tipo de coisa assim. Aí, o trabalho é uma forma de eu criar responsabilidade, para numa coisa mais futura eu já ir vendo como a vida vai funcionando, tá entendendo? Porque só a partir desse trabalho é que eu fui ver que eu preciso estudar mais ainda. O que eu estudava tava bom, mas comparado com o que eu tô trabalhando agora, eu tô vendo que o que eu estudo não é nada, tá entendendo? Tem vezes que a pessoa te faz uma pergunta, e você ‘ah, sei não...’ Tem vezes que a gente tem dificuldades de se expressar numa ocasião, que nem a gente tá nervos, assim... A gente tá nervoso, mas a gente lê, e as palavras saem mais naturalmente, tá entendendo? Uma coisa que eu pude perceber também é que eu estou mais educado do que quando eu comecei a trabalhar. Porque lá é ‘senhor, senhora... O que a senhora deseja? Posso ajudar?’ Teve uma vez que eu fui pagar uma conta e uma mulher tava dando o cartão prá outra e ele não tava nem prestando atenção. E, eu: ‘senhora, com licença, seu cartão..’ Aí, eu parei assim, e... vixe, eu falei isso? Esse tipo de coisa assim. Com certeza vai ser muito construtivo prá mim. Tô aprendendo a conversar com mais facilidade, assim... porque antes eu só conversava com meus amigos, assim: ‘diz, o que tu quer?’ Eu sabia o certo, né, mas não tinha a necessidade de usar. Agora, quando há necessidade, isso sai de forma mecânica, mas não mecânica no sentido do fingimento, tá entendendo? Uma coisa involuntária, uma coisa involuntária...”

Essa “coisa involuntária” referida por Daniel é resultado da amplitude de relações sociais que vão sendo possibilitadas através do trabalho de forma a apreender diferentes códigos sociais e de linguagem, que até então estavam recolhidos aos livros didáticos sem uma conexão no âmbito das práticas sociais. O trabalho na oficina do pai não era considerado por Daniel como um trabalho porque lá não lhe era exigido uma *performance*, no sentido de Goffman (2002), enquanto uma manipulação do caráter espontâneo de seu comportamento. O trabalho no hotel exige de Daniel a observância de regras claras para o convívio social, em especial àquelas que devem acompanhar os indivíduos numa relação de relativo distanciamento que as hierarquias pressupõem.

Estas regras de convívio social foram, em certa medida, incorporadas por Daniel, que passou a sentir que certas formas de falar e de se portar se tornaram “tão naturais” como são as disposições que se tornam *habitus*, no sentido de internalização das exterioridades. Diz Bourdieu:

“As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existências características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas de *disposições* duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e

‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expreso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente” (Bourdieu, 2003:54).

Assim, paulatinamente, Daniel vai conduzindo seu projeto de vida que em certo sentido leva em consideração todo o corpo de conhecimento e práticas que ele vem adquirindo nas esferas do trabalho, da escola e de suas experiências cotidianas. Para orientar seus planos, Daniel define estratégias a partir de um campo de possibilidades, que estão dados objetivamente, mas só acessíveis àqueles que são capazes de percebê-los porque já realizaram a “inculcação do arbitrário” nas suas ações (Bourdieu, 2003:54).

Daniel estava fazendo um curso de hotelaria em um instituto particular quando recebeu o chamado do P. S. para freqüentar o mesmo curso. Ele aguardava de fato a vinda para o P. S. e foi por essa escolha que ele tomou a decisão de sair de uma escola particular para estudar numa escola pública. O curso de turismo foi uma escolha de Daniel porque ele vinha se informando sobre mercado de trabalho formal e essa era uma área, diziam, muito promissora. Ele diz:

“[turismo] era uma área que me interessava, todo mundo falava ‘turismo dá dinheiro’ ‘turismo é interessante...’ Eu sempre gosto de conhecer a minha região. Eu gosto de viajar pelo Brasil, eu viajo bastante, né. É, vai dar certo... E mesmo porque antes eu odiava inglês. E no primeiro dia de aula a professora disse que ia fazer a gente sentir o gostinho na veia de aprender inglês, ta entendendo?? Aí, quando eu saí de lá, já fiquei com o gostinho de aprender inglês. Esse já é um curso um pouco mais caro. Agora virou uma questão de honra eu aprender a falar inglês. É uma coisa que eu botei na cabeça, e eu vou ter que fazer. Antes, na aula de inglês, eu não gostava e ficava desenhando”.

Assim Daniel vai expondo seus projetos de vida que oscilam entre a descoberta de uma vocação para áreas bem distintas, como direito e hotelaria, mas sempre pensado em termos de seguir carreira promissora incluindo aí a possibilidade de uma boa remuneração. Os planos de Daniel são de formar uma família e poder conseguir certa estabilidade e *status* superior ao de sua família de origem. Então, as narrativas dos jovens seguem no sentido de conciliar o prazer de exercer uma profissão que seja socialmente reconhecida, mas que seja capaz de favorecer uma vida estável e confortável.

Isabel afirma que sua predisposição para o trabalho e a direção de seu projeto de vida está vinculada à influência de seu pai que sempre a incentivou para os estudos e a poupava de se dedicar às tarefas domésticas. Ela faz menção à sua “vida de princesa” nesse sentido. Isabel quer significar que a domesticidade não foi prioridade em sua educação, mas os estudos e uma profissionalização sim. Seria pelo trabalho o meio pelo qual Isabel alcançaria estabilidade e conforto e, num certo sentido, revalidaria o codinome de “princesa”, dado associado a uma vida estável proporcionada pelo pai. Daí que a domesticidade se for uma decorrência das fases de vida, não chega a ser um fim em si mesmo. Trabalho e estudos são aqui prioridades e patrocinadores de um ideal a ser perseguido nos projetos de vida destes jovens aqui destacados.

Glória, premida pelas dificuldades financeiras de sua família ingressou no P. S. por intermédio de um vizinho e amigo de seu irmão, ex-bolsista do Programa. Glória sabe da importância de uma rede de amizades para o ingresso no campo do trabalho formal. Ela diz sobre os desafios do campo do mercado de trabalho formal:

“O que eu gostaria mesmo era arranjar um emprego. O que vier ta bom. Porque eu preciso ajudar minha família. Porque por enquanto eu não quero casar não, só curtir. Não to preparada ainda não. Quero fazer o cursinho, faculdade, cursos para adquirir mais experiência para trabalhar. É preciso muita responsabilidade, né, trabalhar, ter experiência, procurar trabalho com alguém que a gente conhece, né, fazer o melhor para conseguir arranjar um emprego, né. Ser pontual, responsável”.

Aqui Glória reforça a visão do senso comum de que a juventude é um momento de espera, de preparação. A transitoriedade que marca essa fase, lembrada por Bourdieu, opera para Glória um chamado à ordem, no sentido de que esteja munida dos requisitos principais para o ingresso no mercado de trabalho, dentre estes, a formação de uma boa rede de amizades. Glória foi percebendo que um amigo pode indicar outro para uma vaga no seu local de trabalho, e essa é uma referência bastante valorizada quando os indivíduos estão cada vez mais anônimos.

Glória acredita na preparação para o ingresso na vida ativa como um caminho linear composto de várias etapas sucessivas: primeiramente a trajetória escolar e paralelamente os cursos profissionalizantes e as experiências de trabalho que vão garantir sua experiência como requisito para o emprego, no sentido apontado por Sennett (2003). Sennett está se referindo às conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo e aponta para a noção de carreira como uma trajetória linear e ascendente

que por algum tempo, carreira no sentido da abertura de uma estrada bem feita e que se opõe ao que na gíria moderna se diz de “arranjar um quebra galho”, isto é qualquer trabalho e por qualquer tempo que posso ir empurrando para o futuro a sensação de “inúteis para o mundo”, aqui uma expressão de Castel (1999) para reforçar o sentimento trágico que a contemporaneidade das novas formas de organização imputa aos trabalhadores. Sennett cita dois autores que partilham de semelhanças em torno da noção de carreira. Lippman e Max Weber. Enquanto o primeiro define carreira como o investimento de longo prazo no comportamento para construir a vida profissional, Weber se ampara no conceito de *Beruf* para reforçar a noção de carreira como uma luta de desenvolvimento interior pela qual o homem pauta sua conduta e constrói uma narrativa de si (Sennett, 2003:144). Diz Sennett que o presente flexível e fragmentado opera como um estorvo para a construção de um projeto de vida linear e ascendente (Sennett, 2003:161).

Se for possível verificar representações que estão relacionadas a uma construção linear das trajetórias pessoais, os jovens sabem bem que muitas vezes é preciso abdicar de alguns projetos para se agarrar a outros que prometem maior efetividade. Assim aconteceu com Leonardo, que antes de iniciar o curso de aprendizagem no P. S. tinha um sonho. Além de seu porte atlético, Leonardo chama atenção pela sua voz, grave e bem entoada. Ele discorre sobre si como se estivesse ao microfone de uma rádio falando para ouvintes. Elogiei sua voz e ele revelou seu desejo de ser locutor e cantor em uma banda. A experiência de cantor ele já vinha experimentando na igreja que freqüenta. Ele e um grupo de amigos formaram uma banda, ensaiavam durante a semana e por ocasião dos cultos direcionados para a juventude apresentavam músicas, inclusive de composição do grupo. O sonho de músico e a carreira de locutor de rádio ficaram adormecidos para que Leonardo investisse seu tempo e energia para o trabalho no P. S. Ele diz sobre seu sonho:

“Trabalhar com rádio, música. Eu crio músicas, músicas de produção própria, minha mesmo. Tenho uma banda que está um pouco parada por falta de instrumentos, mas a gente vai buscar patrocinadores para ver se eles pagam os instrumentos da banda pra gente. É uma banda de rock, é mais uma mistura de *hardcore* – que é rock voltado pros *skatistas*, pr’os esportes radicais e para o amor, tipo um *hardcore* melódico, voltado para as emoções”.

Leonardo narra com orgulho o seu sonho e enfatiza sua capacidade criativa quando diz “crio músicas, de produção própria, minha mesmo”. Aqui ele se revela um

artista que, como tantos outros, tem de lutar para construir sua banda e se firmar no cenário de músicas religiosas. O público para o qual Leonardo se dirige é de jovens *skatistas*, surfistas, público que tem despertado particular interesse por parte das igrejas evangelizadoras.

A música funciona, segundo as intenções da igreja e de seus membros com um fator de coalizão para um segmento da juventude que se identifica com esse estilo musical. O *hardcore* melódico, ao qual Leonardo se refere, é uma mistura de agressividade, predominantemente rítmico com o estilo melódico que remete ao tom dos cânticos e pregações evangélicas. Pais (1993) reconhece a música como um signo juvenil geracional que, juntamente com outros signos como vestuário, escolhas de locais de lazer, *etc.* acabam por revelar uma identificação de grupos juvenis que dão “suporte a certa ‘moral de convivência’ por convivência de gostos” (Pais, 1993:104).

A estratégia utilizada por diversas igrejas para atrair determinados segmentos de público consiste na hipótese de trazer para a “casa de Deus um rebanho supostamente perdido”. Essa prática tem sido recorrente em diversas igrejas cristãs que direcionam cultos para juventude como um meio de reunir a palavra bíblica com os signos que seduzem essa geração. Carrano (2002:89) em sua etnografia dos espaços educativos da cidade de Angra dos Reis comenta que a ação evangelizadora direcionada aos jovens quando estas instituições apelam para um sincretismo em que o conteúdo deve ser submetido a uma forma adequada e capaz de sensibilizar segmentos específicos.

Vitória, Isabel, Leonardo, Daniel e Rita são jovens que creditam à religião muito do que hoje são. Vitória diz que a religião a aproximou dos pais para um diálogo mais franco: “Depois que eu me converti eu comecei a ver os ideais das coisas. Antes disso nunca teve diálogo”. Observei, na maioria das narrativas, uma adesão ao *ethos* do trabalho, seja pela valorização do esforço para se conquistar os objetivos traçados, seja pelo caráter de honra que ele se reveste para aqueles que o perseguem. Ambas as adesões reforçam o caráter cultural, isto um, o trabalho e a escolha de inserção social pelo trabalho são construções sociais. Dubar (1997), referindo-se à realidade francesa, aponta um dado que podemos transpor, em certa medida, para o caso brasileiro. Diz ele:

“O ‘dever de inserir-se’, na tentativa de encontrar um trabalho, uma vez finda a escola ou a universidade, não é de modo algum um “dado” natural que

tenha sempre existido. Ao contrário, é uma exigência relativamente recente, na França como alhures. Mesmo a palavra “inserção” (tanto quanto “transição”, empregada em outras realidades) é utilizada nesse sentido há pouco tempo, o mesmo acontecendo com a questão da “inserção dos jovens” que só se tornou um “problema social” e um objeto de políticas públicas, na França, há não mais que um quarto de século aproximadamente” (Dubar, 1997:112).

No caso dos jovens brasileiros, em especial os pobres, a passagem para o trabalho não se dá após a conclusão do ensino básico ou médio, e poucas são as chances de ingressar na universidade, assim como permanecer nela sem que tenha um trabalho para garantir o financiamento dos estudos. Aqui, o que eu gostaria de enfatizar é o sentido de inserção social e de dever moral de que se reveste o trabalho para estes jovens.

O trabalho tem um peso relativo para estes jovens aqui analisados também porque, através da inserção social, se torna possível o acesso a outras esferas da vida social, em especial o consumo, seja de bens materiais, seja de bens culturais e/ou simbólicos.

Podemos ver como Daniel e outros jovens procuram conciliar a experiência de trabalho com uma estratégia para alcançar objetivos de inserção social, entre elas as afinidades no campo do lazer e das vivências juvenis. Escolheu trabalhar porque o trabalho é um valor reconhecido em seu grupo social, assim como a escola. Essa escolha reflete um processo de racionalização que Daniel pretende sobrepôr às emoções que são para ele do campo do efêmero e, portanto, foge ao utilitarismo que a esfera do trabalho anuncia. Daniel está tentando se convencer de que aquilo que é admirável aos olhos dos outros deve ser incorporado por ele como um hábito:

“Minha vida mudou bastante. Antes, terminava minhas obrigações, já tinha estudado ajudado meu pai, aí, tomava banho, vestia uma bermuda, uma camisa, minha chinela havaiana, eu gosto de chinela havaiana e tal, tomava banho e ia prá casa dos meus amigos, conversar, trocar idéias, geralmente a gente ia pr’uma sorveteria, tomar um sorvete legal, trocava idéias, bastante coisa, jogava bola em grupo... agora não. Agora não acontece mais nada disso. Acho bom e ruim. É bom porque eu sei que o que eu estou fazendo é mais admirável, né. Agora é um pouco ruim porque, às vezes, a gente tem saudade do que fazia. Admirável porque eu sei que estou aprendendo, vai servir para a minha vida toda. E lá não [estar com os amigos], é uma coisa mais efêmera, era só pelo momento, né? Quem não sabe aproveitar o momento, né, é como se a pessoa vivesse as emoções do momento, procurando definir uma permanência de dizer ‘isso sou eu’, né? Quer dizer que nem toda emoção ajuda uma pessoa...”

Daniel diz não ter sonhos de uma profissão específica, mas tem em mente o propósito de ascender socialmente:

“Eu não sou dessas pessoas que diz assim: “eu vou conseguir aquilo” e vou atrás, e briga, e luta, e consigo... não, eu sou do estilo “come quieto”, estilo mineiro, tá entendendo? Não boto nada na cabeça “eu tenho que fazer...” Eu vou vendo aqui e, se eu vejo que dá prá mim, eu encaro, mas não que eu tenha aquela idéia. Eu quero ter uma casa, que eu viva bem, que eu possa ajudar meus pais e não tenha aquela ânsia de ser rico não. Eu vivendo bem, prá mim tá bom demais. E eu vou conseguir isto através do trabalho, do estudo. Agora, eu acho que uma pessoa só vale pelo que sabe, não pelo que tem. Por exemplo, uma pessoa olha prá você e não dê nada por você.. Mas, você tendo o conhecimento de alguma coisa, prá mim já é o bastante. Até que eu sempre fui uma mente fria, tá entendendo? Eu aprendo as coisas rapidamente. Antes, eu ia prá escola porque minha mãe obrigava. Agora, eu já vou prá escola porque eu quero ter uma família, num futuro muito distante, mas eu quero que essa família seja estruturada. Eu quero dar mais que o que os meus pais me dão. Não reclamando o que os meus pais me dão, muito pelo contrário, eu os elogio, mas eu quero dar uma vida muito melhor do que a que os meus pais têm”.

Aqui, mais uma vez, podemos ver o caráter reprodutivo que um modo e estilo de vida operam sobre os filhos quando este modelo é reconhecido por eles como positivo. A família estruturada, filhos ajudando os pais quando de sua aposentadoria e um velho sonho de tentar superar as condições de vida, no sentido de uma ascensão social. Esses elementos, encontrados nas narrativas de Daniel, mas também nas narrativas dos demais jovens, podem indicar certa adesão ao *ethos* do trabalho que exige do indivíduo em certo esforço e adiamento do prazer para obter resultados satisfatórios. Por outro lado, o adiamento dos prazeres é sentido por Daniel como ausência de espaço para exercer seu desejo de estar em grupo, de ter tempo livre diferente do tempo racional que mede as rotinas de trabalho. O estilo “come quieto” pode estar indicando não apenas um desejo de projeto, mas também seu senso de perceber as situações que lhe são colocadas para delas tirar o maior proveito possível, no sentido que Maffesoli denomina *carpem diem*.

É por isso também que outra das entrevistadas, Isabel aposta no trabalho como passaporte para sua independência e reconstrução de um lar que possa abrigar seu estilo de vida. Isabel gostaria de receber os amigos, o namorado, ouvir música, ter tempo para estudar em silêncio, enfim, atividades que não são possíveis morando na casa dos “outros” como ela diz ao referir-se às casas dos parentes por onde já passou. A queixa de Isabel recai sobre sua infância fase em que segundo ela, “levava uma vida de princesa, tinha tudo o que queria” e após a separação dos pais, a vida vivida na casa dos

outros, a dependência financeira, tudo isso faz com que Isabel aposte no trabalho como meio de realizar suas expectativas.

Além de trabalhar como estagiária no Programa SOMAR no período vespertino, Isabel dá aulas particulares à noite para crianças que moram próximas. São cinco alunos pagando R\$15,00 por mês, totalizando R\$65,00 que somados aos R\$179,00 da bolsa do Programa compõem sua renda mensal de R\$244,00. Isabel retira desse total o dinheiro da passagem para ir ao trabalho, paga algumas coisas, como o telefone celular comprado recentemente, e o restante ela guarda na poupança. Isabel também contribui com a despesa familiar, mas só depois que o dinheiro dos avós se acaba:

“Eu comprei um celular, foi um presente que eu dei para mim mesma no dia do meu aniversário. Peraí, eu mereço, né, aí comprei, foi com o dinheiro que eu tinha botado no banco, que eu venho juntando...”.

Este ato de presentear a si mesma se inscreve num espaço em que atividades, antes referidas a um contexto coletivo, passam a ser expressão do indivíduo consigo mesmo. Diz Segalen (2002:34) que “a intencionalidade do sujeito tende a substituir a eficácia do rito” a propósito da disjunção dos ritos, em sociedades como as nossas, onde o quadro espaço-temporal já não é tão propício aos acontecimentos rituais.

É, pois, neste contexto, que Isabel decide, por meio de um presente dado a si mesma, reconhecer o merecimento por ter demonstrado sua capacidade de submeter-se às regras prescritas pela sociedade do trabalho. Sociedade esta na qual ela aposta suas fichas, isto é, investe seu tempo e sua energia.

O trabalho no Programa SOMAR e como professora particular confere a Isabel certo grau de independência em relação aos avós e à mãe. Independência principalmente em relação a dinheiro, uma vez que Isabel não precisa mais da autorização deles para uma compra ou um passeio. Essa independência é bastante valorizada por Isabel quando avalia a situação de dependência de suas amigas, que não trabalham:

“Por exemplo, algumas colegas minhas, que são mais jovens, que não trabalham, às vezes a gente combina de ir para o cinema, é vamos e tal... aí elas viram para mim e dizem ‘é, você pode... você pode...’ nem sempre, né, mas elas dizem que tem primeiro que ver o ‘banco’, dar uma ‘facada’ na mãe, ver se ela deixa e tudo. A diferença é essa, você pode ir a lugares, você

compra o que você quer, e, no caso de quem não trabalha, depende dos pais, né?”.

O dinheiro, no caso de Isabel, significa dar acesso ao lazer, realizar desejos de consumo. Isabel já comprou com seus rendimentos, óculos, *microsystem*, celular, roupas e sapatos. Segundo ela, não são muitos os seus desejos, já que ela não se considera consumista, preferindo poupar para conquistas futuras, como mudar de casa com a mãe. Uma casa para viver com sua mãe consistiria na realização do rito de passagem para a vida adulta. Isabel está tentando reunir as condições necessárias para realizar esse projeto:

“Meus planos é, vivendo hoje, pensando no amanhã. Eu estou aqui [no PS], mas estou colocando meu currículo em outros lugares, porque não é sempre que eu vou ter isso aqui, né. Eu acho que você não consegue nada sem trabalho, sem esforço, sem dificuldade. Com tudo o que eu já passei, eu aprendi. Você vai passando por tanta dificuldade... eu sou muito religiosa, né. Jesus ou Deus, como quer que você chame, Ele coloca as dificuldades, coloca os problemas, mas para que você tire proveito daquilo, para o seu crescimento”.

Neste trecho da fala de Isabel pode-se ver a adesão a uma concepção de vida que exalta o trabalho como uma tarefa árdua, tal qual proclamava o *ethos* protestante nos primórdios no capitalismo, ao orientar o indivíduo a dar provas ao divino de seu merecimento por todas as conquistas, mostrando sua capacidade de se desvencilhar das dificuldades: “o cumprimento dos deveres mundanos é, em todas as circunstâncias, o único modo de vida aceitável por Deus” (Weber, 2001:65).

A adoção dessa perspectiva de vida contribuiu para que Isabel passasse a ser mais respeitada pela mãe, que agora confia na filha permitindo que ela saia para passear, namorar ou mesmo decidir por uma compra. O trabalho garantiu a Isabel não só autonomia, mas respeito perante a família. As amigas, mesmo reconhecendo a autonomia de Isabel, também fazem críticas ao seu empenho em dedicar-se ao trabalho em tempo integral:

“Elas [as amigas] dizem que quando eu me casar – eu nem sei nem se vou casar... – o que eu vou dizer para os meus filhos? Que eu ia para a escola, depois para o estágio e depois para casa, isso a semana inteira, aí quando é final de semana, sábado à tarde em casa, à noite na igreja, aí pronto. Aí, domingo a mesma coisa, o dia em casa, à noite na missa. Você vai contar isso pros teus filhos?”.

Esse desacordo das amigas de Isabel quanto ao seu modo de vida revela um conflito que perpassa a juventude como modelo cultural. O gosto pela aventura, pela

vida de riscos, significaria ter estórias para narrar mais tarde, isto é, consistiria uma “experiência”. O sentido desta experiência aponta para as vivências juvenis como momentos de risco, desafios, autoconhecimento, experiências nos diversos campos, inclusive sexual e afetivo. O modo de vida de Isabel, baseado em uma rotina de trabalho, significaria, pela ótica de suas colegas, não ter acumulado nada de importante que pudesse ser resgatado por ocasião de uma retrospectiva de sua vida para contar aos filhos e netos.

Nesta polarização de opiniões observam-se jovens com tendências a uma vivência mais hedonista e outra tendência em que os jovens optam por uma trajetória linear com ênfase nos estudos e no trabalho como estratégia para uma mobilidade social ascendente. Isabel revela certa “maturidade” nas suas escolhas, no sentido de ter incorporado valores reconhecidos, tradicionalmente, para os que já adentraram na fase adulta e que impõem um adiantamento ao desfrute, ao gozo no mais amplo sentido da palavra.

Isabel reconhece não ter muito tempo para lazer, nem mesmo para consumir. Recentemente, para comprar seu celular, teve de faltar à reunião do seu grupo de jovens na igreja que frequenta no seu bairro. A tendência ao associativismo, presente em algumas análises sobre juventude, está presente no cotidiano de Isabel. A igreja foi sua escolha e, foi ali que ela formou seu grupo de amigos mais próximos e também seu namorado. É com este grupo que Isabel aproveita o pouco tempo livre que tem. Passeios na Beira-mar, ver o pôr-do-sol na Ponte dos Ingleses ou mesmo passear no *North Shopping* ou Iguatemi são suas opções preferidas. Isabel diz se deliciar com as livrarias dos shoppings enquanto suas amigas preferem olhar as lojas de roupas ou parar nos jogos eletrônicos.

A falta de tempo foi novamente justificada também para a pouca leitura de livros ou filmes assistidos. Assim, o consumo de bens culturais também é reduzido em função do pouco tempo livre. Até mesmo o seu namorado vem sofrendo turbulências: o namorado reclama de certo esfriamento na relação por causa do pouco tempo que têm para namorar e dos desencontros causados por interesses irreconciliáveis.

Por outro lado, Isabel diz não se descuidar com relação aos estudos e ao trabalho. Essa disposição ela diz ter herdado do pai que desde criança a incentivava a

investir nos estudos, enquanto sua mãe a chamava para ajudar nas tarefas domésticas, o que nunca foi concordado pelo pai: “Nunca fiz tarefa de casa. Nunca aprendi a fazer nada. Minha mãe briga comigo, mas a culpa é do meu pai. Quando minha mãe mandava eu fazer as coisas, aí meu pai falava: ‘não, não é para ela fazer nada, só estudar! A tua mãe faz, a tua mãe faz!’. Então, até hoje ela briga comigo”.

Esse tipo de justificativa para a inaptidão aos afazeres domésticos em detrimento do investimento exclusivo para os estudos e a preparação para o mercado de trabalho é marca de um modelo cultural que demarca uma oposição rígida entre a casa e a rua, para usar as categorias de Da Matta (1997). Este modelo, em princípio demarcado em função do sexo, conferia às mulheres o espaço exclusivo da casa e, aos homens, a esfera pública, parece acompanhar, ainda hoje, o imaginário e as práticas sociais. A conciliação destas duas esferas, labor (reprodução biológica e afetiva) e trabalho (reprodução social) enquanto parte integrante dos indivíduos pode ser pensada nos dias de hoje para estes segmentos da juventude?

Em uma pesquisa realizada em 2003, pela Fundação Perseu Abramo, denominada “Perfil da Juventude Brasileira”, foram entrevistados 3.501 jovens residentes em 198 municípios de diferentes segmentos sociais distribuídos por todas as localizações geográficas (capital e interior, zonas rural e urbana), e lhes foi perguntado que valores seriam mais importantes para estes jovens, em se tratando de uma sociedade ideal. A dedicação ao trabalho ficou em sexto lugar, ficando abaixo de valores como solidariedade, respeito às diferenças, igualdade de oportunidade, temor a Deus e justiça social. Questões que tradicionalmente representariam a juventude, como liberdade individual e prazer sexual ficaram bem abaixo do valor atribuído ao trabalho. Essa mudança é representativa, portanto, de uma preocupação pelo trabalho quando este está em vias de perder sua centralidade, como afirma Offe (1989). Diz Guimarães ao analisar os resultados desta pesquisa:

“Finalmente, uma última consideração vem corroborar esse leque de evidências sobre a centralidade do trabalho (ou de sua falta) como necessidade: quando percebido seja como uma necessidade para o curso da própria vida, seja como uma urgência para ‘o Brasil’, isto é, para um ‘outro generalizado’ (parafrazeando Mead), o desemprego aparece na dianteira das expectativas dos nossos jovens. Quando indagados sobre este outro genérico, é ainda mais evidente a centralidade do trabalho como necessidade nacional: nenhum outro problema o supera (30% das respostas), nem mesmo a segurança (com 24%). Ademais, assim registrado, o problema é percebido por todos, não importando a situação ocupacional, a sugerir que o

desemprego não é o fado apenas dos desempregados, sendo vivido como um 'real' problema por todos os jovens brasileiros, estejam eles ocupados, desempregados ou inativos. E, mais uma vez, os 'temas juvenis', como sexo e drogas, se esvaecem a ponto de perderem significação estatística" (Guimarães, 2005:162-3).

O fantasma do desemprego e da não inserção via trabalho formal vem perseguindo o imaginário juvenil. A irresponsabilidade provisória de que fala Bourdieu (1983) dá lugar a uma árdua preparação para o mercado de trabalho. Cursos, experiências profissionais, currículos que apresentem uma história de formação, preparação e vivência tendo o trabalho formal como referência, passam a ser a preocupação nas vidas dos jovens pesquisados. Isso não implica que seja uma escolha difícil, abrir mão de experiências as mais diversas para concentrar as energias no foco da empregabilidade tem sido um conflito que acompanha os jovens.

Ressalto, porém, que esta antecipação aos fantasmas do emprego e desemprego é vivido de diferentes maneiras, segundo o contexto familiar, suas expectativas e projetos, *etc.* Enquanto para jovens que podem adiar seu ingresso no campo formal de trabalho, o fenômeno do desemprego seja algo a se defrontar numa etapa mais à frente de suas trajetórias, a pesquisa da Fundação Perseu Abramo constatou que o fantasma do desemprego ronda o imaginário e as atitudes dos jovens, ressaltando apenas as particularidades de vivenciá-las conforme as contingências.

As explicações de caráter estrutural sobre os fenômenos do emprego e desemprego, vêm colocando a ênfase no aspecto individualista, isto é, conseguir emprego passa a ser uma questão de esforço e competência pessoais. Assim, os jovens do P. S. se detêm diante do dilema entre o ingresso na vida ativa, como trabalhadores, e o adiamento desta decisão. Ao decidirem ou serem impelidos para o ingresso antecipado no campo do mercado de trabalho, os jovens deverão abrir mão, ainda que parcialmente, de experiências as mais diversas para concentrar as energias no foco da empregabilidade. O conflito entre tempo livre e dedicado à formação em outras esferas da vida social foi emergindo nas narrativas dos jovens do P. S.

Daniel abriu mão de seu tempo livre, antes dedicado a encontrar os amigos, se divertir e jogar bola, *etc* para investir na vida profissional. Ele justifica essa alteração no seu curso de vida como parte de seu projeto de vida. Diz ele:

“Eu quero dar mais que o que meus pais me dão. Não reclamando o que meus pais me dão, muito pelo contrário, eu os elogio, mas eu quero dar uma vida muito melhor do que a que meus pais têm. Eu quero dar uma vida melhor ainda para eles, tá entendendo? E a única perspectiva de eu chegar até este ponto é o colégio. Eu tenho dúvidas entre fazer administração ou direito. Se eu for fazer direito eu queria ser promotor. Eu não sou dessas pessoas que diz assim ‘eu vou conseguir aquilo’ e vou atrás, e briga, e luta e consigo... Não, eu sou do estilo “come quieto”, estilo mineiro, tá entendendo? Não boto na cabeça ‘eu tenho que fazer...’ Eu vou vendo aqui e se eu vejo que dá pra mim eu encaro, mas não que eu tenha aquela idéia... O que é que eu quero pra mim? Eu quero ter uma casa, que eu viva bem, que eu possa ajudar meus pais e não tenho aquela ânsia de ser rico não. Eu, vivendo bem, pra mim já tá bom demais. E eu vou conseguir isso através do trabalho e do estudo. Agora eu acho que a pessoa só vale o que sabe, não o que tem. Só o que sabe, tá entendendo? Por exemplo, uma pessoa olha pra você e não dê nada por você, mas você tendo o conhecimento de alguma coisa pra mim já é o bastante”.

Aqui Daniel ressalta os valores da escola e do trabalho como formadores de uma base que lhe proporcionará uma ascensão social. Se o dinheiro não é uma meta a ser priorizada, mas sim o conhecimento, Daniel atribui aqui um maior valor ao conhecimento do que a simples aparência que o dinheiro é capaz de proporcionar. Não estando eliminada de seu projeto a colocação em um posto que lhe confira *status* e conforto material. Superar as circunstâncias atuais é uma meta que Daniel vai descobrindo à medida que experimenta novas possibilidades e vivências.

É significativo nas falas de alguns jovens o dilema vivido entre os sonhos e a necessidade. Entre a vontade de ter e acontecer, nos sentido de estarem preparados para a vida ativa e serem reconhecidos socialmente como pessoas bem sucedidas e as contingências às quais estão colocados parece haver um fosso ainda não conciliável. Por exemplo, aqui na fala de Leonardo, quando ele afirma que antes de vir ao P. S. tinha um grande sonho e este teve de ser redimensionado pela necessidade de conseguir alguma renda que lhe proporcionasse melhores condições de vida. A necessidade parece ser para alguns destes jovens um impedimento para a aquisição de instrumentos capazes de favorecer melhor colocação no campo do trabalho.

As trajetórias destes jovens rumo ao trabalho quando tomado como projeto de vida representam a plasticidade e a flexibilidade com que dirigem suas energias para práticas sociais conforme vão sendo eleitas as prioridades e as necessidades. São estas que fazem uma “chamada à realidade”, nos termos de Bourdieu (2003).

Leonardo conta com muito entusiasmo sua experiência no hotel. O treinamento que antecede o estágio consistia em explicar as técnicas de manutenção do

hotel. As tarefas de Leonardo e de outros colegas do mesmo setor consistem em realizar algumas rotinas de inspeção, tais como, a validade dos extintores de incêndio, verificar se as instalações hidráulicas e elétricas dos apartamentos e demais ambientes do hotel estão em bom funcionamento, *etc.* O uso de uma planilha para o controle de suas inspeções assim como os procedimentos administrativos para encaminhar as soluções tem despertado particular interesse em Leonardo. Ele sente-se feliz, assim tem demonstrado, com o seu trabalho. A responsabilidade que lhe é atribuída o faz sentir-se feliz e pode ser constatada no brilho de seus olhos ao narrar suas atividades. Ele diz sobre o seu setor: “A manutenção toma conta de tudo isso que faz com que o hotel seja um hotel com padrão cinco estrelas”.

Este trabalho realizado por Leonardo é, segundo ele, um trabalho invisível, mas, ao mesmo tempo, responsável pelo conforto que o hotel proporciona aos hóspedes e que confere uma avaliação positiva por parte dos órgãos de turismo. Sua função o deixa feliz; ele não questiona em nenhum momento que a função que exerce seja uma estratégia encontrada pela classe empresarial para baratear os custos com a mão de obra. Seu trabalho consiste em registrar os pontos que estão irregulares e repassar para a equipe de manutenção. Leonardo espera dessa função que ela o capacite para assumir outros postos no hotel, principalmente após o término do estágio e do Ensino Médio. Essa expectativa vem povoando a mente da maior parte dos jovens integrantes do P. S.

A expectativa em ascender a postos de trabalho, via contratação, vem povoando a mente da maior parte dos jovens integrantes do P. S. muito embora não esteja de todo garantido, uma vez que suas funções passaram a serem ocupadas, ciclicamente por outros estagiários do P. S. Ocorre, entretanto, que o surgimento de uma vaga ociosa pode vir a ser ocupada por eles por intermédio de indicação de algum chefe da equipe em decorrência de seu bom desempenho como estagiário.

Trabalho invisível, precário e não-especializado, é passível de ser substituído sem nenhum atropelo ao processo produtivo, seja no setor industrial, seja no setor de bens e serviços. Essa ótica que permeia o ponto de vista dos empregadores é a forma por estes encontradas de fazer cumprir a legislação trabalhista que reza a inclusão de aprendizes no quadro de funcionários.

Os jovens aprendizes e estagiários, no entanto, apostam nessa experiência de trabalho como capaz de lhes proporcionar a entrada no mercado de trabalho. O empenho de vários destes jovens está focado na perspectiva de uma contratação formal conferida pela capacidade de conquistarem visibilidade através do método adotado pelo P. S. denominado de “aprender fazendo”.

Leonardo é uma expressão do público que é seduzido pelo discurso veiculado principalmente pelos órgãos públicos que atribuem o desemprego, em especial o juvenil, pela ausência de capacitação. Quando Leonardo diz que procura aprender o máximo das tarefas que lhe são designadas, ele e outros jovens apostam no desempenho individual como passaporte para o ingresso no mercado de trabalho formal.

A competitividade posta pela crise do trabalho, em especial do emprego formal serve como um chamado à ordem, no sentido do enfrentamento da questão do emprego justificada pela ausência de qualificação. Por outro lado, são divulgadas ações que prescrevem a redução dos custos das empresas, em especial através do corte de empregos. Metáforas como “cortar gorduras”, são ilustrações da realidade contemporânea. O empenho do setor empresarial no anúncio de vagas para o primeiro emprego, assim como para contratações temporárias de jovens passa a ser motivo de questionamentos para diversos pensadores sociais. Coloca-se em cheque o caráter solidário destas iniciativas quando se está diante de um quadro pessimista frente ao trabalho formal. Forrester (1997) lembra que os impulsos altruístas são, geralmente, impulsionados por organizações mundiais. Diz ela:

“Os empregadores (os quais, na verdade, não têm a função de ser ‘sociais’) só concordam em fazer alguns esforços preguiçosos para contratar ou para não demitir trabalhadores se estes estiverem em condições de aceitar qualquer coisa. O que, aliás, não é tão difícil: dado o estado em que já se encontram, e o estado ao qual estão ameaçados, eles não estão em condições de ‘banciar os enjoados’” (Forrester, 1997:93-4).

Não é incomum perceber nos discursos dos servidores do P. S., alusões à falta de reconhecimento e gratidão por parte dos jovens que não conseguem se adequar às disciplinas da empresa. O número alarmante de jovens aguardando uma vaga para estágio é muitas vezes argumento para apontar a ausência de compromisso e maturidade destes que fogem às expectativas socializadoras pelo trabalho, que é a perspectiva do P. S.

Frente ao desemprego endêmico e permanente, estes jovens que recorrem ao P. S. são estimulados a percorrer insistentemente por institutos de contratação de estágios e empregos temporários. Essas são as possibilidades moralmente aceitas para que eles escapem, ainda que temporária e precariamente, de uma situação de risco social e material em que se encontram, juntamente com suas famílias.

Existe uma rede disposta por todas as instituições no sentido de alertar esses jovens para se prepararem frente à concorrência do mercado de trabalho. A escolaridade representa de modo particularmente eficaz, uma meta a ser perseguida por aqueles que pleiteiam uma ascensão social por meio do trabalho. Forrester mais uma vez acrescenta de modo corrosivo, os riscos das sociedades baseadas no trabalho assalariado e os horrores econômicos a elas associados. Diz Forrester: “Inculcar em garotos os rudimentos de uma vida que já é proibida, que lhes é de antemão confiscada (e que, aliás, já não é mais viável), não poderia ser considerado uma brincadeira de mau gosto, um afronta suplementar?” (Forrester, 1997:76).

Nesse sentido, é preciso pensar em programas sociais que não mascarem a exclusão. É fundamental que sejam reconhecidas as desigualdades produzidas pelo sistema econômico e político com a expulsão de um enorme contingente de jovens ao acesso aos meios de reprodução dignos. O papel de párias que lhes é reservado como seres descartáveis e indesejáveis, resulta em cisões sociais que podem engendrar diversos tipos de anomias, conforme os termos de Durkheim (1981).

O papel da escola é, assim, de fundamental importância pela sua missão de construir elementos simbólicos capazes de alimentar e fomentar novas perspectivas de vida, que ultrapassam a busca do mero emprego, precário e urgente. Diz Forrester:

“Já que o caminho dos empregos se fecha, o ensino poderia pelo menos adotar como meta oferecer a essas gerações marginais uma cultura que desse sentido à sua presença no mundo, à simples presença humana, permitindo-lhe adquirir uma visão geral das possibilidades reservadas aos seres humanos, uma abertura sobre os campos de seus conhecimentos. E, a partir daí, razões de viver, caminhos a abrir, um sentido para o seu dinamismo presente” (Forrester, 1997:80).

A escola, ou a crença na escolaridade mínima, funciona como um antídoto às angústias destes jovens que acreditam que a capacitação será capaz de abrir trilhas para o mercado de trabalho. Em vez de serem abatidos pela derrota quando do fim de

seu desligamento, os jovens pesquisados demonstram uma crença em suas trajetórias, seja profissional, seja escolar, capazes de os tornarem aptos a enfrentar o mercado de trabalho.

A instabilidade e a precariedade que ameaçam as trajetórias juvenis poderiam ser redimensionadas por meio de disciplinas e currículos que os preparassem no sentido de alargar os horizontes culturais. Assim, seguindo a proposta de Forrester (1997), seria uma atitude mais justa à medida que os jovens se permitam experimentar novos sonhos e traçar novas trajetórias, que não exclusivamente as que apontam o trabalho como um valor imediato.

Observo algumas contradições na perspectiva do trabalho direcionado aos jovens, quando, no momento em que a crise do trabalho formal se acentua ele passa a ser exaltado como valor preponderante, relegando outras esferas da vida social para um espaço sem muito destaque. Por que não se apostar em formas de associativismo juvenil, ou mesmo em estratégias que favoreçam aos jovens o acesso aos bens simbólicos produzidos até aqui e que são, tão eficientes quanto o trabalho para se pensar enquanto coletividade.

Os bicos, estágios e trabalhos temporários que são oferecidos aos jovens são, segundo Forrester, propostas de baixa qualidade (Forrester, 2001:82). Diz a autora:

“Todas elas, mal pagas, que usurpam o tempo tão precioso nessa idade, mas às quais os ‘jovens’, privados de outras soluções, se voltam, continuando diante do vazio do futuro, da instabilidade de um salário precário e irrisório, de uma vida que beira a miséria e proíbe a autonomia” (Forrester, 2001:82).

O ponto de vista de Forrester, embora pareça pessimista, assinala para uma questão importante ao se dirigir os discursos e as ações para as diferentes juventudes. São aos jovens pobres que se oferecem, logo cedo, e ainda durante sua formação escolar, as oportunidades de empregos e estágios. Aos jovens situados em estrato mais alto, permite-se, e até incentiva-se que permaneçam em período de formação, acrescentando, para além do currículo escolar, cursos que favoreçam uma posterior e superior colocação no mercado de trabalho. Já não bastassem as carências que a população pobre enfrenta, as oportunidades que lhes são ofertadas os condenam à precariedade.

Foi possível observar na maior parte das narrativas dos jovens pesquisados uma ambivalência em relação ao trabalho. O aspecto positivo era sempre destacado pela aquisição de renda e experiência, mas, por outro lado, eles afirmavam que a autonomia conquistada era relativamente abortada já que pouco aproveita desse momento presente. A falta de tempo para consumo, os limites do consumo, o imperativo das condições materiais da família, as regras familiares, o cansaço, dentre outros motivos, são fatos que vêm colocar limites aos seus sonhos e suas aspirações.

Lefebvre (1991), em sua obra *A vida cotidiana no mundo moderno*, põe em relevo os tempos que devem ser negociados pelo homem na modernidade e que são obnubilados pelos empregadores e gestores públicos. O tempo moderno, segundo o autor, deve ser capaz de contemplar o tempo despendido com o trabalho que ele chama de tempo obrigatório, o tempo para o lazer e a criação, denominado de tempo do ócio e tempo forçado, este se referindo ao tempo gasto com deslocamento e outras obrigações/compromissos.

A separação do tempo pelas diferentes naturezas, é própria da vida cotidiana. O tempo de trabalho reforça a necessidade de dispor um tempo para a família, para o lazer e outras formas de associativismo. Se o lazer dos jovens pesquisados é reprimido por força das questões sócio-econômicas, o cansaço do corpo vem somar aos demais impedimentos para que estes jovens tenham sua sociabilidade restringida. De certa forma, o ritmo de vida destes jovens reproduz uma nova forma de exclusão, que é o da sociabilidade entre os pares. Lefebvre (1991) acentua a importância do lazer conquanto seja uma ruptura com as necessidades da esfera familiar e do trabalho. O lazer deveria ser o momento/espço do divertimento e da despreocupação.

Assim, vou observando e registrando nas diversas narrativas e práticas, a adesão ao imperativo do trabalho e as formas de justificá-lo. Leonardo, Vitória, Gilda, Daniel, Miguel, Glória, dentre outros, vêm perseguindo trilhas que os identifiquem como trabalhadores capacitados. Os cursos que vão fazendo, as descobertas de pontes que os façam atravessar o “caminho do ouro”, as amizades, são elementos valorizados por estes jovens, mesmo que à custa de uma suspensão nos seus tempos de “irresponsabilidade provisória”, como disse Bourdieu (1983).

Glória cita o caso de seus dois irmãos que conseguiram emprego por intermédio de amigos. A indicação é um item valorizado por aqueles que pretendem firmar-se no campo do trabalho formal. Cursos de informática estão entre os mais perseguidos pelos jovens do P. S., mas outros cursos e estratégias são eleitos de modo a assegurar sua inserção no campo do mercado de trabalho. Vitória, que pretende cursar a faculdade de artes cênicas tentou um abatimento num curso de teatro, aprendeu a fazer bijuterias, bolos, sempre na intenção de abrir possibilidades de ganhos e renda extra. Os diferentes meios buscados pelos jovens desta pesquisa para enfrentar os riscos de ausência de inscrição no campo do trabalho, os impulsionam a buscar referentes e signos capazes de lhes servir de orientação para suas trajetórias. Diz Castel acerca da ameaça que cerca estes jovens:

“O que eu chamei de desfiliação poderia ser trabalhado para mostrar que não equivale necessariamente a uma ausência completa de vínculos, mas também à ausência de inscrição do sujeito em estruturas portadoras de um sentido” (Castel, 1999:536).

Os jovens pertencentes ao universo pesquisado são expressões de formas variadas de projetos de vida elaborados a partir do trabalho. Se, uma parcela da população jovem tende a desprezar o trabalho como fundamento para uma sociabilidade, os jovens do P. S. constroem projetos de vida através dos quais suas vidas ganham sentido. Os jovens desta pesquisas tentam anular ou minimizar os riscos de terem suas vidas suspensas por um fio, como analisou Bourdieu (2001:425-7) acerca dos jovens filhos de imigrantes na França.

No caso brasileiro, as formas de sociabilidade são diferentes do caso francês, este tendo que lidar com a questão da migração internacional, enquanto os jovens aqui pesquisados se caracterizam pela migração interna. As raízes culturais são predominantemente rurais e a migração para as cidades pelas gerações que os antecedem se deparam com a reconstrução de novas redes de sociabilidade e pertencimento, e dentre estas a vizinhança alcança um estatuto privilegiado. A partir dessas redes de pertencimento os indivíduos vão tendo acesso às mais diversas formas de inserção social, como por exemplo, as indicações para um trabalho ou emprego. Ocorre que, à medida que se acentuam a precariedade e o desemprego, as possibilidades de indicação por parte de um amigo vão ficando comprometidas e a competitividade entre estes se acentua.

Observei em algumas narrativas, que foi a indicação de um colega ou vizinho o meio pelo qual estes jovens chegaram ao P. S. Geralmente o amigo ou vizinho indica após ter sua vaga assegurada pelo Programa, outras vezes, os jovens e seus parentes vêm juntos e, assim, somam forças para alcançar seus propósitos.

Em todo o caso, a degradação das condições de vida – econômica e social – desencadeia uma vulnerabilidade que reclama com urgência diferentes formas de assistência por parte do Estado para atenuar os riscos de ameaça à coesão social (Castel, 1999:534).

É nesse contexto de ameaça e riscos de degradação das condições de vida da população pobre que o P. S. emite seu discurso e sua ação. A competitividade no campo do trabalho e a redução das chances destes jovens inscritos no Programa são temas correntes entre o discurso oficial e as narrativas dos jovens.

Leonardo narra sua vinda ao P. S. e o encaminhamento ao hotel onde deverá realizar seu estágio. Ele fala do processo seletivo com todos os candidatos ao estágio. Antes dessa seleção Leonardo já havia sido eliminado na seleção de outro hotel, falha que ele atribuiu à redação que fez nesse processo seletivo. Essa eliminação o deixou frustrado e angustiado pela possibilidade de uma nova derrota. Após receber a notícia de sua aprovação, Leonardo passou por um período de treinamento na empresa onde realizará o estágio. Ele diz: “então a gente fez uma entrevista, ficamos esperando o resultado, demorou um pouquinho para sair... a gente tava muito preocupado”.

A competitividade por vagas no mercado de trabalho reflete no âmbito do Programa SOMAR. A proposta do Programa esbarra no reduzido número de vagas ofertadas pelas empresas, no número de empresas conveniadas e na questão estrutural de uma crise do emprego e do campo do mercado de trabalho. Assim, a perspectiva do P. S. tem sido comprometida, implicando numa restrição ao contingente inscrito que demanda uma vaga de estágio.

Os discursos correntes sobre empregabilidade e competitividade corroboram no sentido de fustigar o imaginário destes jovens na busca por uma posição no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que tentam conciliar alguns empreendimentos eleitos como seus projetos de vida. Essa negociação com a realidade envolve também os pais,

seja para chamá-los de volta às exigências da vida prática, seja para abrir caminhos para a realização de suas demandas pessoais.

O que move essas famílias em busca de um bem-estar e uma sobrevivência digna pode ultrapassar a “razão prática” de ocupação do espaço do mercado de trabalho posto que envolve também diversos elementos simbólicos que justificam os fins (Sahlins, 2003).

É assim que Gilda ajusta seu tempo ordinário ao tempo de sonhar e projetar-se num futuro no qual seus planos sejam efetivados. Gilda pensa em fazer vestibular de artes cênicas, e é esse projeto que a instiga para participar de cursos de modelo, teatro, *etc.* O tempo para Gilda parece ser todo o tempo de que dispõe e tudo parece concorrer para que seus projetos se realizem. Pensando em relação à percepção de tempo dos adultos, o tempo dos jovens parece marcar uma distância em relação à concepção de tempo dos adultos.

Outeiral (2001), ao falar dos jovens como geração *fast* (atribuição dada em decorrência do fenômeno das lanchonetes *fast foods*) afirma que eles são expressão da condição pós-moderna, onde tudo se transforma rapidamente ocasionando mudanças nos valores éticos e morais, na estética e na produção cultural, nas estruturas e na dinâmica das organizações sociais (Outeiral, 2001). O autor em questão reproduz um trecho de Maurice Knobel, para ilustrar o conflito vivido pelos jovens entre um tempo interno, de elaboração das experiências e o tempo cronológico marcado pela física e transformado em convenção que ordena as rotinas sociais:

“Desde o ponto de vista da conduta observável é possível dizer que o adolescente vive certa desconexão temporal: converte o tempo presente e ativo como uma maneira de manejá-lo. No tocante à sua expressão de conduta o adolescente parece viver em processo primário com respeito ao temporal. As urgências [são enormes e, por vezes, as postergações são aparentemente irracionais].” (Outeiral, 2001:27).

Esse contraste entre o tempo cronológico, socialmente determinado e o tempo interno dos jovens pode suscitar dificuldades para negociar a postergação do futuro ou mesmo certa intolerância com o tempo de espera. O tempo dos indivíduos, em especial dos jovens, mesmo quando descritos em torno de uma trajetória delineada entre o tempo passado, presente e futuro, são difíceis de ser tolerados numa sociedade em que o tempo é associado ao lucro, à corrida por uma colocação no espaço social. A

velocidade dos acontecimentos é particularmente referida como justificativa para a perseguição dos objetivos definidos em seus projetos de vida. As narrativas dos jovens não são necessariamente lineares, pois que emergem à medida dos eventos que lhes atribuem relevância. Por outro lado, existe uma preocupação em expor fatos que configurem uma temporalidade causal, onde passado, presente e futuro estão intrinsecamente relacionados.

Pais (2003) fala nos tempos cíclicos (frios) e nos tempos lineares (quentes) como modo de representar e pensar passado, presente e futuro. O tempo linear atribuído às sociedades ocidentais, caracteriza-se por uma orientação para o futuro e prevê uma série de sucessões para as histórias de vida dos indivíduos. Os jovens estudados pelo autor, engajados em diversos modos precários de trabalho, têm suas trajetórias lineares.

O tempo linear estabelece uma relação com o tempo cíclico, tempo que o autor denomina de mágico porque é do domínio das ilusões, de que tudo pode ser realizável a partir dos desejos. São os sonhos que acompanham esta fase de juventude e que por vezes podem realizar-se e outras vezes redundar em fracassos, principalmente quando ocorre uma distância entre o desejado e as condições concretas para realizá-los.

O cotidiano juvenil comporta essa negociação com o tempo que se caracteriza, principalmente, pela plasticidade virtual (Pais, 2003:78). O autor questiona: por que os jovens investem tanto no cotidiano, no tempo presente?

“Desde logo, porque entre os jovens, os tempos do presente, que são do cotidiano – ganham ascendência sobre os tempos que lhes são adjacente, os do passado e do futuro. É como se os jovens tivessem perdido o sentido de ‘continuidade histórica’ e vivessem o presente só em função do presente” (Pais, 2003:78).

Os jovens sujeitos de minha pesquisa, realmente procuram dar conta do tempo presente investindo suas energias para os eventos disponíveis para eles, e a experiência de trabalho ora iniciada representa um marco zero a partir do qual suas trajetórias são redefinidas. Desvios e turbulências? Inevitável, porém, a atitude de confiança que eles demonstram viver frente ao trabalho e seu projeto de vida deixa transparecer o comprometimento com o presente ao mesmo tempo em que apostam no futuro. O passado, evocado em suas narrativas, significa um referencial pelo qual justificam uma ruptura ou uma superação das condições objetivas de vida, em especial referidas às condições materiais.

As trajetórias e os itinerários dos jovens do P. S. parecem estar impregnados pela vontade e desejo de novas descobertas capazes de lhes oferecer a demarcação de uma nova territorialidade e também temporalidade. Mudança de vida, superação dos obstáculos, preparação para o futuro, são elementos que emergem destas narrativas. Os jovens aqui focados apostam no presente utilizando-se de todas as ferramentas disponíveis para agarrar as oportunidades, mas também elaboram sonhos e desejos. São jovens que parecem estar impregnados de vontades e desejos em descobrir novos caminhos que assegurem uma ruptura ou superação das contingências e por isso, demonstram uma aposta no futuro, em uma nova temporalidade. A aposta no cotidiano, marcado pela vivência no tempo presente é ao mesmo tempo marcada por uma perspectiva temporal que se projeta para um futuro sempre positivo, marcado pela ilusão de um “tempo mítico”, como diz Pais (2003:83), pelo qual suas experiências vão sendo edificadas pelas ações e experiências do presente.

A multiplicidade de tempos que os jovens vivem, própria da modernidade, opera diferentes formas de apreensão do tempo vivido no cotidiano. É assim que Gilda organiza seus planos de trabalhar, mudar-se de cidade, fazer o curso superior, *etc.* O presente enquanto um tempo interior, de vivência das experiências, das afeições e emoções parece estar desarticulada com o tempo exterior marcado pelo relógio e pelo calendário, ritmos esses demarcados pelas esferas de pertencimento de cada indivíduo, segundo apreciação de Melucci (1997). Os tempos interno e externo não são obrigatoriamente integrados e organizados sincronicamente. As experiências subjetivas e os tempos sociais podem ser até mesmo opostos, e passam a pôr em cheque o tempo como uma unidade e uma orientação linear, marcado por sucessões de acontecimentos. Diz Melucci:

“A definição de tempo torna-se uma questão social, um tempo cultural e conflitivo no qual está em jogo o próprio significado da experiência temporal. Como medir o tempo? Quando será encontrado o significado ‘certo’ para o tempo individual e o coletivo? Como podemos preservar nosso passado e preparar nosso futuro em sociedades complexas?” (Melucci, 1997:8).

A definição de tempo para o jovem vai depender de aspectos marcados pelas experiências e os valores a elas atribuídos. Enquanto Gilda parece fascinada pelas possibilidades de um futuro plausível, ela confere ao tempo um limite para as realizações. É assim que Gilda afirma quando pensa nos pais. A mãe de Gilda que se dispõe a viver o presente, posto que o futuro seja incerto, e o pai de Gilda que, segundo

sua avaliação, estaria velho demais, aos 54 anos, para aprender a ler ou iniciar um novo modo de vida. O pai de Gilda, por ser analfabeto, estaria numa posição marginal, impedido de alçar vôos que lhes proporcionasse uma vida profissional estável. A mãe de Gilda, engajada no trabalho de modo precário, apesar de sua boa remuneração, não tem estabilidade.

O tempo, como sucessão de acontecimentos, passa a ser sentido pela mãe de Gilda, e segundo ela, a obsessão por cremes e tratamentos de beleza, seria uma forma de minimizar seus efeitos. A perseguição pela aparência jovial é, nesse sentido, uma tentativa de parar o tempo e apostar num retardamento do processo de envelhecimento. Segundo Gilda, a idade da mãe e sua preocupação com o rejuvenescimento estariam ligadas ao medo de perder seu espaço no campo do mercado de trabalho e, nesse sentido, a juvenilidade passa a ser avaliada por outros critérios, para além da condição biológica e que Melucci define como sendo de caráter “simbólico” (Melucci, 1997:13). Esse trecho da narrativa de Gilda aponta para a distância temporal existente entre ela e seus pais reforçando assim uma representação da fase da juventude como um tempo determinado e passageiro, indo de encontro à febre de juvenilização que vem atingindo as demais faixas etárias pelo seu sentido simbólico:

“A minha mãe, se disser que ela tem 52 anos, ela fica com raiva. Ela diz pra todo mundo que tem 30 anos. Ela se cuida muito, você olha pra ela e dá no máximo 40 anos, ela se cuida com cremes da Avon, ela tem creme pra tudo, pra olheira, pro nariz... Tanto ela como meu pai, você olha pra ele, você dá no máximo 40 anos. Assim, né.. Ele tem aquele bucho de cerveja, né, mas ele é magro, assim, meu tipo é parecido com o dele, alto e magro como meu pai, e o rosto eu puxo à minha mãe. Meu irmão puxou ainda mais o meu pai, porque ele é mais alto ainda. O pessoal olha pra mim e diz que eu tenho 1,70m, mas eu me meço lá em casa e dá 1,64m.”.

Para Melucci (1997), a vida social hoje é composta de múltiplas zonas de experiência, cada qual com suas formas específicas de linguagem, relacionamento e regras. Tudo parece ser provisório. Ser jovem é experimentar e estar aberto às múltiplas possibilidades oferecidas pelo presente, mas também conforme o espaço e a cultura de cada um (Melucci, 1997:9).

As múltiplas possibilidades que a fase da juventude vivencia reforçam uma orientação para o futuro com ênfase no desejo de auto-realização, do sentimento de ser capaz de romper com as resistências impostas socialmente e, dessa forma, buscar a realização de projetos de vida. Não está descartado o risco de ocorrerem variações e

intempéries nas trajetórias juvenis que são, em regra, marcadas pela reversibilidade. Melucci fala da adolescência/juventude como uma fase que começa a coincidir com a suspensão de um compromisso estável e aproxima-se cada vez mais de um nomadismo em relação ao tempo e ao espaço (Melucci, 1997:9).

Gilda representa bem este modelo de jovem que busca a realização em variadas experiências e estas assumem um sentido coerente para o seu projeto de vida. Cursos de modelo e teatro, concursos de TV, e as demais formas de trabalhar “as caras e bocas” de que Gilda se refere são formas de perseguir um projeto de vida em torno do desejo de ser atriz. Para tanto, Gilda fez um álbum de fotografias, denominado no meio de *book*, material necessário para apresentá-la ao meio e obter seus contatos e contratos. Assim, a constante negociação para definir um projeto de vida reclama daquele que se propõe realizar algo, um investimento de tempo, dinheiro e atividades ligadas ao meio. Dessa forma Gilda ensaia o que ela chama de “caras e bocas” que o meio teatral proporciona e expressa em parte a plasticidade da condição juvenil. Diz Gilda acerca dessa sua disposição ao teatro:

“Eu fiz curso de modelo porque ajuda muito na parte de expressão corporal, porque modelo tem que ser um pouco atriz... Quando eu vou fazer o desfile de uma *griffe* e ela é no estilo selva, quer dizer, a gente tem de fazer lá caras e bocas e isso ajuda muito. Então foi pensando no teatro...”.

Foi pensando no teatro que desde cedo Gilda diz gostar de *playing and acts*, atividades que foram tomando seu foco de atenção e desligando-a paulatinamente das brincadeiras na rua com a vizinhança.

As trajetórias pensadas em função do trabalho e da sobrevivência se fundamentam na ótica produtivista, de influência do pensamento marxista, e privilegia a reprodução da força de trabalho e as estratégias de sobrevivência material. Quando Leonardo descreve seu trabalho no hotel percebo os diversos elementos simbólicos contidos na sua fala e que remetem às representações que são construídas sobre o lugar que o indivíduo ocupa na produção social.

Leonardo fala com orgulho do seu trabalho, das tarefas que lhe são confiadas e da responsabilidade para com elas. Outro aspecto destacado por Leonardo é o valor da bolsa, cerca de R\$ 260, 00, e sua disponibilidade em contribuir com o orçamento doméstico. De certa forma, o trabalho destes jovens libera em parte, algum

membro da família de trabalhar, em condições mais adversas e por um salário semelhante. Diz Leonardo acerca de sua família e o trabalho:

“Minha avó dividia o dinheiro dela com a gente [Leonardo e a mãe], mas agora que eu estou trabalhando, vou dar a metade do meu salário para minha avó para ela usar pro sustento da gente. E a minha mãe tá deixando o currículo dela por aí e, se Deus quiser, o mais breve possível ele volta a trabalhar. Porque o sonho dela é trabalhar por conta própria, tá entendendo? Montar um pequeno negócio, um restaurante ou 1 escritório de digitação e *xérox*. Porque ele não quer mais trabalhar para patrão. Por enquanto ela está só aguardando o resultado, esperando o que vem. Ela já deixou o currículo na CAGECE, e a pessoa que ficou encarregada de olhar o currículo dela ficou de telefonar”.

Nesse trecho da fala de Leonardo, observei que a categoria trabalho se opõe à figura de patrão, expressando representações do senso comum. A mãe de Leonardo quer ser autônoma porque, para ela, na condição de pobre, trabalhar significa ser explorada, é se ver na condição de impedimento a uma mobilidade social ascendente. Zaluar (2000) diz que o trabalho pode ser visto “como uma escravidão e o trabalhador como um otário” (Zaluar, 2000:90).

Para o trabalhador submetido a uma rotina extenuante e precária, inclusive pelos baixos salários, o emprego pode não ser uma via preferida. Zaluar (1995) destaca a condição de trabalhador como uma categoria relacional. Isso implica em dizer que, ser trabalhador contém um valor moral superior ao do malandro, quando a autora refere-se ao universo pesquisado, as favelas do Rio de Janeiro.

O aspecto negativo que o trabalho assume para os jovens da periferia, na pesquisa realizada por Diógenes (1998), justifica-se pela introdução nestes grupos juvenis, de outros elementos simbólicos pelos quais eles gostariam de ser identificados, que ultrapassam o valor tradicional do trabalho e do trabalhador. Aqui a questão posta em relevo pela autora é a eleição de símbolos associados ao risco e à denúncia social, o que não parece ser o caso dos jovens do P. S. Diz Diógenes:

“O trabalho aparece para os jovens da periferia como um ponto vazio de definição, seja em relação ao futuro, seja como terreno mobilizador de referentes de estética juvenil, seja como fomentador de redes associativistas no campo da juventude. O tempo do trabalho passa a ser vivido como ausente de significantes no universo juvenil de bairros da periferia” (Diógenes, 1998:43).

Já Castel (1999) acrescenta uma visão diferente da colocada por Diógenes. Segundo o autor, a grande recusa não é pelo trabalho e sim por formas de emprego

precárias que usurpam dos indivíduos o estabelecimento de uma trajetória ordenada em projetos palpáveis e estimulantes. Diz Castel:

“O que se recusa é menos um trabalho do que um tipo de emprego descontínuo e literalmente insignificante que não pode servir de base à projeção de um futuro controlável. Essa maneira de habitar o mundo social impõe estratégias de sobrevivência fundadas no presente” (Castel, 1999: 529).

Leonardo, assim como os demais jovens entrevistados, são pessoas que constroem sonhos e aspirações, desejos de habitar o mundo social conforme uma variada gama de possibilidades que vão sendo definidas à medida que as chances de realizá-las vão sendo retiradas de cena. É nesse jogo entre as chances objetivas e um futuro projetado que estes jovens vão repensando seus valores e introduzindo novas justificativas para traçar suas trajetórias. Bourdieu (2003) fala da construção social da realidade, operação pela qual os indivíduos são socializados de forma a incorporar uma estrutura mental, que ele denomina de *habitus*, que é ao mesmo tempo uma elaboração de cunho pessoal e coletivo. Acerca do trabalho podemos pensar como vão sendo construídos estes esquemas mentais que expressam a visão de mundo de cada indivíduo em particular ao mesmo tempo em que traduz uma visão de senso comum de grupos específicos. Bourdieu afirma que o princípio de construção da realidade se propaga de tal forma que passa a ser uma lei tácita que fundamenta o princípio da realidade (Bourdieu, 2003:126).

A dimensão individual decorrente desta construção social realiza-se, no caso, em cada um dos jovens sujeitos desta pesquisa, no sentido de buscarem significados que sejam socialmente valorizados para justificar e incorporar em suas trajetórias e projetos de vida. O sentido de oportunidade com que eles se deparam os faz remeter seus sonhos para o espaço mais propício segundo suas motivações. Eles parecem agir como pescadores que pacientemente observam a maré propícia para lançarem suas redes em busca do melhor cardume, sem que necessariamente abdicuem de seus sonhos para trazer à terra o maior e mais belo peixe.

As expectativas alimentadas por estes jovens com relação aos seus projetos de vida, dentre os quais o trabalho e os empregos tomam uma dimensão privilegiada, não estão asseguradas. Algumas de suas expectativas poderão se realizar assim como outras poderão ser frustradas e/ou redirecionadas em função das circunstâncias. O

desejo parece ser um elemento fundamental para traçar suas trajetórias ao mesmo tempo em que podem tomar novos rumos segundo as conveniências e as circunstâncias.

Sennett (2003) comenta o valor ético do trabalho retomando o pensamento de Santo Agostinho. Para este, o cristão deveria imitar a vida e o exemplo de Jesus. A conduta cristã, segundo esse pensador, exige autodisciplina e imitação de vidas exemplares. Assim Sennett interpreta os valores de Santo Agostinho: “Qualquer criação puramente pessoal será necessariamente inferior. É uma virtude disciplinar o uso do nosso tempo, mas um pecado projetar nossa própria experiência” (Sennett, 2003:122).

Nesse sentido, o trabalho sempre é revestido de um caráter educativo, pois postula, através da disciplina, moldar o homem segundo o rigor de uma vida organizada e sacrificada em função de um bem maior que é o valor moral do trabalho. Segundo os princípios cristãos impor uma forma à nossa experiência e traçar um projeto de vida é conceber o homem como um criador que age prescindindo dos desígnios de um ser superior. Há de se ter humildade para reconhecer os limites e do homem, segundo essa visão cristã.

Sennett comenta que o ensaio de Max Weber, sobre a ética protestante, procura dar conta destas duas éticas que se contrapõem, ao mesmo tempo em que estão articuladas: a autodisciplina e a auto-modelação. Diz Sennett:

“O que devemos adiar é o nosso desejo de satisfação e realização; temos de moldar a história de nossa vida de modo a que no fim tenhamos conseguido alguma coisa; então, e só então, nesse tempo futuro, estaremos realizados. Quanto ao presente, devemos agir como o camponês de Virgílio, combatendo a preguiça e as forças do caos interior, com uma distribuição rígida e implacável do nosso tempo” (Sennett, 2003:122).

O *ethos* do trabalho exige daquele que o adere, uma disciplina do tempo e do corpo, assim como das idéias, segundo os preceitos do rigor e da auto-modelação. Essa ética do trabalho que exige o adiamento da satisfação e a insegurança diante da salvação divina, conforme o protestantismo é criticada por Sennett. Segundo o autor, Weber desvendou a fraude contida nessa visão porque “o adiamento é interminável, a autonegação do presente inexorável; as recompensas prometidas jamais chegam” (Sennett, 2003:122-3).

A busca da dignidade pelo trabalho, fundamento da ética protestante, ainda é observado nos discursos e práticas do senso comum, muito embora estejam havendo, na contemporaneidade, práticas que tentam anular essa visão de mundo. O trabalho árduo como forma de orientar as ações dos indivíduos está sendo cada vez mais contestado. Ao mesmo tempo em que a vocação é vista como um desígnio divino mostra-se também bastante penoso para aqueles que vendem sua força de trabalho por salários e relações precárias. Em pesquisa recente, intitulada Perfil do Trabalhador Formal Brasileiro, realizada pelo Serviço Social da Indústria (SESI), baseada nas informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2003, do Ministério do Trabalho, apontam que, do total de 825.062 cearenses empregados no setor formal, a grande maioria ganha até três salários mínimos. Pelo menos 65,3% da população com carteira assinada tem remuneração mensal entre um e três mínimos e outros 14% não chegam a receber R\$ 300,00 — atual valor do salário mínimo. Ou seja, 79,4% dos trabalhadores formais do Estado ganham até R\$ 900,00 por mês. O nordeste é a região onde o trabalhador recebe as piores remunerações e isso reflete na motivação para o trabalho. A condição juvenil representada pela valorização do tempo livre e pelo desejo de liberdade e lazer, vê-se diante desta realidade em conflito frente o imperativo do trabalho e o dispêndio do tempo livre.

Quando Isabel fala “meus planos é vivendo hoje pensando no amanhã”, ela representa uma parcela da população jovem que incorporou o discurso ético do trabalho. Sacrifício, poupança, disciplina do tempo, são elementos que os jovens ensaiam adotar tendo em vista uma ascensão social.

O estágio de Isabel está previsto para terminar em março de 2005. E, embora faltando quase um ano, ela já está deixando currículos em algumas empresas. Ela diz que o estágio está sendo maravilhoso, mas não dá para pensar “que dure a vida inteira”. Ela reconhece que adquiriu experiência, mas tem dúvidas de que ele seja relevante por ocasião de um processo seletivo numa empresa:

“Aqui [no PS] é como se fosse uma experiência, né? Por outro lado, não, porque não tem na carteira. Aqui só vai um carimbo dizendo que você estagiou e pronto. Isso aqui, mais tarde, não vai servir de nada para mim”.

Nesta fala, Isabel está se referindo ao não aproveitamento do tempo de estágio por ocasião da aposentadoria. Isabel, que começou sua experiência de trabalho

aos 17 anos. A trilha que Isabel deverá percorrer configura-se num longo e árduo caminho até que a sua idade de aposentadoria coincida com o tempo mínimo de contribuição à Previdência, para, só assim então, ela poder usufruir desse benefício. As mudanças nas regras de aposentadoria assim como ao amparo ao trabalhador vêm sendo realizadas tendo em vista o ajuste do orçamento público. A tendência é o afrouxamento dos vínculos e a destituição dos direitos trabalhistas conquistados pelos trabalhadores quando inspirados no Estado de Bem Estar Social. Essa é uma preocupação que vem atingindo a classe trabalhadora frente à desestabilização dos direitos trabalhistas.

Por ocasião do estágio, Isabel conseguiu realizar um rodízio pelos setores do P. S., fato que não ocorre com todos os estagiários apesar de constar na proposta pedagógica do Programa. Em geral o rodízio ocorre quando existe incompatibilidade entre um servidor e o estagiário ou mesmo pelo baixo desempenho do estagiário, já que um setor que consegue obter um bom rendimento com o desempenho do estagiário, dificilmente o libera para outro setor.

Ocorre também que um estagiário que seja considerado competente, isto é, que realiza suas tarefas com relativa independência é, em geral, colocado no setor da coordenação do P. S., não pelo privilégio da coordenação, mas por ser um setor que não pode dispensar muito tempo para preparar o estagiário. Isabel não está inserida em nenhum destes casos. Seu rodízio ocorreu por desfalques em setores, provocado por questões burocráticas que impediram a renovação do quadro de estagiários do P. S.. O rodízio foi muito proveitoso para Isabel, porque, segundo ela, teve oportunidade de conhecer o funcionamento geral do P. S. e de conhecer todos os servidores o que lhe facultou a oportunidade de desenvolver habilidades para lidar com variados tipos de pessoas e chefias.

Isabel fala que essa experiência do estágio despertou sua vocação para a área administrativa, área na qual ela pretende ingressar no mercado de trabalho. Uma preocupação que destaca, porém, é a de ter “uma pessoa o tempo todo em cima de mim.” Esse aspecto deverá ser re-elaborado por Isabel, já que é parte do caráter das organizações a disposição dos servidores em hierarquias (Weber, 1999). No caso do estágio no P. S., o caráter educativo e assistencial faz com que essas regras sejam mais frouxas. O cumprimento das tarefas não obedece à lógica da produtividade, antes prevalecendo o aspecto socializador, isto é, a aquisição de bons hábitos (Elias, 1994).

Leonardo está se esforçando na escola para evitar uma reprovação e por isso estar impedido temporariamente de assumir um trabalho em tempo integral que exija a certificação do Ensino Médio. Por outro lado, ele não descarta seus sonhos e se diz interessado em seguir carreira de Publicidade: “como toda pessoa que gosta de ter sonhos, eu sonho em fazer faculdade de Publicidade e Informática. São as que eu simpatizo mais... Posso até fazer para Turismo [área do seu estágio], mas eu tenho de pensar mais”.

As palavras *sonho* e *desejo* são recorrentes na narrativa de Leonardo. Isso demonstra o seu compromisso em seguir uma trajetória que lhe seja prazerosa. Acolher as circunstâncias significa, para ele, tomar um rumo não planejado e, portanto, vai lhe exigir repensar os sonhos e aceitar as novas regras em um jogo que já estava em andamento. A escolha do curso de Turismo, tanto no P. S., como para a carreira universitária são eventos que não estavam incluídos em seus projetos. Leonardo, no entanto, descobriu possibilidades antes não vislumbradas, mas que implicarão numa mudança de olhar, de perspectiva. Ele tem se interessado pelo trabalho no hotel, mas ainda não o suficiente para que anule seu desejo de criar logomarcas, de ser publicitário ou comunicólogo.

Marcelo vem desde os 14 anos, fazendo cursos na área de mecânica, pois esta tem sido a sua escolha, ao mesmo tempo em que se prepara para outras oportunidades no mercado de trabalho, no sentido de atender às exigências cotidianas de sobrevivência. Veja como ele narra seus desejos, sua vocação e o imperativo do trabalho como realidade da qual não pode desprezar, ao mesmo tempo em que persegue seus sonhos:

“Eu fiz os cursos para ter mais conhecimento, principalmente os cursos na área de mecânica, no caso que eu estou procurando me formar nessa área já. E fiz computação porque sempre no mercado estão precisando de gente para computador, tanto manutenção quanto pra... Também inglês e espanhol porque são as línguas mais cogitadas. O jornalismo foi assim um acidente meio arriscado, fui no curso para obter um conhecimento a mais. O meu objetivo é de concluir mais cursos após o P.S., no meu caso, se eu não ficar, [refere-se à contratação posterior ao estágio, a grande expectativa que envolve e motiva os jovens], que não é meu interesse, eu vou correr para cima dos cursos de mecânica. Eu tenho interesse em ser contratado pelo hotel, eu vou fazer de tudo, mas não é a decisão, e, caso eu não fique, eu vou correr atrás de mecânica, porque sempre foi meu sonho ser mecânico. Tem um curso lá no SESI, você faz a prova, agora no próximo ano vai ter e eu vou fazer. O outro curso que eu fiz foi de engenharia mecânica, esse agora é para mecânica de carro e de moto. O outro eu também fiz a prova e passei, só que

não fui chamado, depois eu vou fazer esse curso que vai aparecer. O outro curso dava estágio, só que não era para todo mundo. Eram 30 alunos e só 14 recebiam uma bolsa. Durante 6 meses eu recebi uma bolsa de meio salário-mínimo”.

“Vou correr atrás do meu sonho,” essa é a motivação de Marcelo ao mesmo tempo em que ele não descarta a oportunidade de vir a ser contratado pelo hotel após seu estágio. Marcelo parece consciente de que seu desejo, querer algo, não é suficiente para que tal ocorra. Vontade, neste caso, deve ser confrontada com o contexto em que está inserido. As oportunidades são forças que podem reafirmar os desejos, mas também mudar sua direção. Sonhos e circunstâncias estão assim relacionados.

Marcelo sabe da valorização do mercado, ou o discurso empregado por este, por certificados e cursos. Assim, Marcelo não descuida de perseguir os caminhos da certificação como estratégia para acumular um capital cultural, nos termos usados por Bourdieu (2003). Marcelo procura estar atento ao que está sendo requisitado pelo mercado e assim vai ampliando sua rede de relações sociais e as chances de um emprego ou ofício.

Marcelo, em sua busca por empregabilidade corre o risco de perder a conexão com seus sonhos, uma vez que a premência de sua sobrevivência se destaca. Assim, a vida prática requer certas disponibilidades que podem obnubilar seus sonhos. A forma com que Marcelo vai pensando sua trajetória e expondo seus projetos evidencia uma forma linear e ascendente de se pensar as trajetórias, típicas das representações do senso comum. Diz Marcelo:

“Eu tinha interesse em começar com mecânica. Eu sabia que pra chegar a este estágio eu tinha de começar de uma coisa menor. Porque tudo que a gente quer não vem ao nosso alcance primeiramente. Sempre a gente ganha menos do que a gente quer. Só que eu me interessei em trabalhar com mecânica, que é concorrida nesta área, tanto no vestibular quanto na faculdade, eu tenho de fazer dois pra eu ter garantia, no caso de trabalho, mas também por uma questão de família também, porque eu quero ser independente da minha mãe. Por interesse meu, desde os catorze anos que eu tenho este interesse mesmo, eu nunca tive um maior prazer, porque ficava chato chegar pra minha mãe e pedir dinheiro pra ir ao cinema, pra comprar alguma coisa pra mim. Então, eu queria uma coisa assim, minha, e mesmo para aliviar minha mãe porque minha trabalha e o lucro dela não é enorme...”.

“Nunca tive um maior prazer”, é assim que Marcelo avalia os limites de sua situação familiar e financeira. A meta para alcançar sua independência financeira está vinculada à possibilidade de vir a ter prazeres que até então têm sido adiados. O

sacrifício de se preparar para o mercado de trabalho é aqui colocado com relativa resignação: “não se tem tudo de primeira...”. É pelo trabalho e pelo esforço que Marcelo espera um dia ter seus desejos e prazeres realizados. Começar de baixo, acumular certificados, agarrar as oportunidades, demonstrar competências, são elementos do discurso de Marcelo assim como de outros jovens deste universo pesquisado.

Chamo a atenção também para o sentimento que Marcelo expressa ao afirmar sua preocupação em não se tornar um peso para sua mãe. Esse sentimento é recorrente naqueles que justificam a busca de um trabalho ou emprego. Marcelo sabe das dificuldades de sua família, mas não descarta a possibilidade de vir a ter uma melhoria nas suas condições de vida, e por isso vem buscando os cursos profissionalizantes e os estágios.

Aqui cabem novamente as análises de Zaluar (2000) e Sarti (1996) acerca do alívio para as famílias pobres quando seus filhos passam a ser integrante do campo do mercado de trabalho. Sarti (1996) destaca a valorização moral do trabalho dos filhos como parte do compromisso no sistema de ajuda e troca no âmbito da família. Se, para os pais, os trabalhos dos filhos é uma proteção contra os riscos de uma má conduta, este não deixa de implicar também na conquista da individualidade do filho jovem, no mínimo ao referir-se ao acesso ao mercado na condição de consumidor.

Zaluar (2000) também faz menção à categoria trabalho quando vista sob a ótica do bandido, universo de sua pesquisa em uma favela do Estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido, o bandido entende o trabalho pelo seu aspecto negativo, associado que está à categoria do escravo, daquele que se submete às regras sem obter satisfações ou liberdade. A oposição destacada por Zaluar coloca um véu que encobre os diversos agrupamentos sociais conquanto dotados de regras e hierarquias, qualquer que seja sua natureza e finalidade.

Marcelo, reconhecendo as dificuldades financeiras da sua família decidiu-se pela procura de um trabalho ainda aos 14 anos. Sua decisão pode não ter sido influenciada diretamente pela família, mas a escolha passa por um valor social e moralmente aprovado. Ciente das dificuldades de sua mãe para tocar seu próprio negócio, um salão de beleza, Marcelo tomou a iniciativa de evitar a postergação de um antigo sonho de sua mãe e desse modo, passou a procurar cursos e trabalhos. Assim, o

trabalho para Marcelo é, em parte, uma imposição “velada”, surge das circunstâncias em que está inserido sem que necessariamente lhe seja verbalizadas as intenções e expectativas familiares.

Outro aspecto a ser destacado nesta estória narrada por Marcelo refere-se ao processo socializador do trabalho que vai sendo repassado pelas gerações, em especial das famílias trabalhadoras, para que seus filhos adotem práticas semelhantes. A reprodução da categoria de indivíduos que disponibilizam sua força de trabalho para o mercado vai sendo assim reposta e resignificada, conforme vão sendo incorporadas. Vale ressaltar que o acesso ao consumo para determinados estratos sociais só é viável a partir do trabalho e, nestes termos, o trabalho já não confere o sentido de imposição, mas “uma fonte importante de normatividade e uma experiência central de socialização” (Melucci, 1997:79).

O trabalho tem, pois, uma função instrumental, como meio de reprodução e, por isso se constitui num elemento privilegiado para instaurar o processo de socialização pelo qual os jovens vão assegurando os valores e normas que constituem o *habitus*, elemento social que se reconhece como parte integrante da natureza dos indivíduos. Trabalhar, fazer cursos, adotar regras de comportamento para a eficácia das interações sociais, são elementos do *habitus* socialmente adquirido.

Ter o tempo preenchido pela rotina dos compromissos, o empenho em assumir responsabilidades, a abdicação de alguns signos juvenis e a adoção de outros tantos signos são indícios do apelo que o trabalho e o consumo, o outro lado da moeda, exercem sobre as práticas juvenis. O acesso aos bens de consumo, valorizados pelos jovens representativos de seu pertencimento a determinados grupos, transportam significados que definem estilos de vida e de identidades juvenis. Diz Sahlins (2003) sobre a relação entre cultura e consumo:

“A qualidade decisiva da cultura não [é] o fato de essa cultura poder conformar-se a pressões materiais, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível. Por isso é a cultura que constitui a utilidade” (Sahlins: 2003, 7-8).

Assim, o que caracterizaria a humanidade, segundo Sahlins, não é o mundo material, mas o esquema significativo da produção material que a torna definidora de modos de vida. O trabalho toma assim outros significados daqueles que fundamentaram

a sociedade salarial, de que fala Castel (1999) isto é, como parte de um projeto coletivo de participação social. Trabalhar passa a ter um significado auto-referido, uma busca de realização de projetos individuais.

O trabalho pode estar associado assim, à satisfação de necessidades que são não apenas materiais, mas simbólicas. A compra do sistema de som, o aparelho celular, roupas e outros ícones de identificações juvenis são também expressões do caráter simbólico atribuídos pelos jovens. Desde quando o celular foi um item indispensável? As ondas que determinam necessidades são elas construções sociais e têm nos discursos suas justificativas. Vejamos o que diz Marcelo acerca da compra de seu celular:

“É, eu tenho vontade de comprar minhas coisas. Por exemplo, o celular, que eu acabei de comprar, faz duas semanas e só parcelei em duas vezes, sabe? Porque eu gosto de pagar a coisa assim, de uma vez. Não gosto de ficar parcelando porque depois eu acho que vou precisar futuramente. Porque agora, o meu objetivo é juntar dinheiro. Já para quando acabar aqui, abrir uma poupança pra mim, lá no meu banco, uma conta que a empresa abriu e o meu objetivo é guardar esse dinheiro que mais tarde eu possa fazer um curso que eu queira. Minha questão de comprar as coisas não é no alvoroço, esse objetivo de comprar o celular é só uma precisão, porque eu preciso, não fico muito tempo em casa e no mais, é juntar um dinheiro para eu mais tarde fazer o que eu quero”.

Marcelo, assim como Gilda, Leonardo e Anderson trabalham em áreas com as quais não têm afinidade, que estão para além dos seus desejos e expectativas. Esse fato informa que nem sempre são as escolhas que definem os trajetos, mas outras circunstâncias são as propulsoras destas decisões. Até o momento em que realizei a pesquisa de campo, o conflito entre o desejo e circunstâncias estava sendo repensado pelos jovens. Diz Marcelo a respeito de suas experiências e projetos:

“Eu vou fazer vestibular pras duas áreas, que eu to trabalhando, que eu to gostando, no caso, que é o turismo, mas eu não desisto da idéia de fazer mecânica. A gente, às vezes nunca tem o que quer, sempre tem uma coisa a menos do que estava na sua vontade, então eu fiquei aberto, o que aparecesse eu agarraria primeiramente. Se desse pra eu escolher eu escolheria, no caso, o que eu queria”.

Os projetos destes jovens estão sendo confrontados cotidianamente com as circunstâncias tais como se colocam para eles. Posso pensar que suas trajetórias têm forma de zigzagues, onde a repetição de alguns padrões de comportamento não lhes garante necessariamente êxito. Ora eles tentam seguir determinada direção, ora repensam suas decisões e as remeterem a outros percursos. As formas de conduzir suas vidas não tendem para um fluxo ininterrupto em consequência de suas ações. São

práticas improvisadas que se combinam a práticas planejadas e reflexivas, no sentido de cada ação e tomada de decisão que os impele a repensar seus tempos passados e futuros.

Lahire (2002) acrescenta à concepção da teoria da prática postulada por Bourdieu, segundo a qual as ações dos agentes são calculadas e previstas, outra perspectiva de ação que prevê um tempo de pausa, de repensar as ações, de voltar-se às ações e a si, para ser possível escolher novas formas de dar continuidade às trajetórias e aos projetos, entendidos como antecipação do futuro. Assim, a “segunda natureza” do *habitus*, de que fala Bourdieu, cede lugar a uma pluralidade de lógicas de ação que dispensam muitas vezes a improvisação e impele os atores a visar os fins de suas ações antecipando-se às múltiplas possibilidades de resultados a que suas práticas podem apontar. Diz Lahire:

“Em suma, porque as situações evocadas estão pensadas exclusivamente ao nível das trajetórias e dos campos, com sua lógica de lutas, de relações de forças, de reprodução, *etc.*, pode-se sublinhar – justa e freqüentemente – o aspecto não intencional das práticas. Certamente, a pessoa não pode conduzir toda a sua vida dentro do cálculo racional ou da intenção, mas numa vida (ou no contexto de uma trajetória individual) nunca inteiramente controlável, previsível, planificável, *etc.*, os atores podem às vezes, desenvolver intenções, planos, projetos, estratégias, cálculos mais ou menos racionais, em tal ou tal domínio, por ocasião desta ou daquela prática. Portanto, as observações críticas sobre a intencionalidade e o cálculo consciente valem para um tipo particular de ação, numa escala particular de construção de contextos de ação, mas não de maneira universal” (Lahire, 2002:153-4).

As narrativas de alguns jovens apontam para um descompasso entre a realidade e as suas aspirações. Marcelo deixa claro o que deseja, mas também sua flexibilidade em aceitar as circunstâncias tal qual se apresentam. Marcelo busca sua auto-realização no curso de mecânica ao mesmo tempo em que aceita jogar conforme as regras impostas pelo jogo, no caso, as circunstâncias.

A participação em grupos de interesses, o encontro com amigos para o lazer, são práticas valorizadas pelos jovens e representam uma atenuação da realidade conforme ela vai se delineando para eles. São descobertas e fugas, encontros e desencontros que vão traçando as trajetórias destes jovens e confrontando seus projetos de vida. Recorrendo a Pais (1993), aqui se reforça um signo juvenil apoiado numa “moral de convivência” que informa uma “convivência de gostos” (Pais, 1993:104).

Observo pelas narrativas de alguns destes jovens, a incorporação da ética do trabalho como uma atitude que exige sacrifícios, temperança e paciência. Marcelo

incorporou a ética tradicional do trabalho. O “esforço” de correr atrás dos seus objetivos, a resignação frente aos limites impostos pelo cenário econômico e social que reduz as chances de promover a redução da miséria e de condição de vida degradadas.

Marcelo está consciente, assim como as narrativas de outros jovens investigados, de que se faz necessário esforço e parcimônia para alcançar as metas que traçaram para si. As narrativas de outros jovens, como Isabel, Glória, Leonardo e Marcelo corroboram com esta visão. A noção de mobilidade social ascendente também está inscrita nas práticas e discursos destes jovens. “Começar de baixo”, como diz Marcelo é pressupor uma linha de continuidade ascendente. Os jovens demonstram apostar em si próprios e no seu potencial para alcançarem um padrão de vida estável e uma remuneração compatível a um estilo de vida e consumo melhores do que as de sua família de origem.

A narrativa de Vitória informa o peso que ela atribui à dedicação e ao interesse que o trabalhador deve ter para conseguir melhores colocações no mercado de trabalho. Vitória fala de seu irmão, que estudou em escola particular e desde que terminou o Ensino Médio não tem conseguido estabilidade em nenhum emprego. Vitória reproduz uma visão corrente de associar a empregabilidade com competências. Essa visão reproduz o discurso segundo o qual as altas taxas de desemprego estariam associadas à falta de preparação da mão de obra para assumir os postos de trabalho que estão ficando cada vez mais exigentes. Diz ela, referindo-se ao irmão: “Se ele quisesse ia atrás, porque ele tem competência e estudou sempre em colégio particular e tem cursos, e sabe fazer as coisas, mas acho que ele não quer mesmo trabalhar”.

Competência assegurada pelos estudos em escola particular, cursos, e saber fazer são os argumentos de Vitória para demonstrar sua indignação pelo desinteresse do irmão em se solidarizar com as dificuldades da família. A atribuição pelo fracasso ou pela inatividade são, segundo a análise de Vitória, decorrentes do indivíduo e não estaria associada a uma questão estrutural. Vitória não reconhece a “multidão de humanos” que se torna precária porque suas vidas já não correspondem à lógica dominante e está cada vez mais dispendiosa, segundo afirma Forrester (1997):

“A tendência, entretanto, é exatamente essa. Uma quantidade importante de seres humanos já não é mais necessária ao pequeno número que molda a economia e detém o poder. Segundo a lógica reinante, uma multidão de seres

humanos encontra-se sem razão razoável para viver neste mundo, onde, entretanto, eles encontram a vida” (Forrester, 1997:27).

Outra avaliação de Vitória sobre o desemprego, agora em relação à demissão da tia da rede de supermercados em que Vitória faz o estágio. Lembrando apenas que a indicação pela tia para que Vitória fizesse o curso no instituto de formação desta rede resultou na indicação de Vitória para compor o quadro de estagiários que esta rede estava aderindo junto à DRT e SAS. Diz Vitória:

“Minha tia foi despedida. Acho que foi pelo tempo. Ela tinha 19 anos de trabalho. É que em supermercado, a questão é a seguinte: quanto mais velho eles tiram porque quem ta há muito mais tempo custa mais e eles preferem as pessoas que custam menos”.

Assim a avaliação de Vitória sobre o irmão é pensada em termos individuais ao mesmo tempo em que ao pensar a demissão da tia Vitória reconhece a descartabilidade existente no fluxo da ocupação nos postos de trabalho formal. Essa ambivalência poderia significar que para momentos diferentes da vida, juventude e maturidade, o olhar sobre as práticas acompanha códigos de apreciação diferenciados.

Estado e empresas são dois atores que atuam, ora em sentidos convergentes, quando se trata de questões relativas à maximização dos lucros e da produção de divisas, ora em sentidos opostos quando se trata das questões relativas ao emprego. O Estado tem uma posição ambígua frente às categorias de trabalhadores e empregadores haja vista que deve ser um propulsor para a produção de lucros e divisas ao mesmo tempo em que é requerido pelo seu papel de promoção da coesão social, por meio do incentivo aos empregos e benefícios sociais.

O modelo de Estado promotor do bem estar vem se esgotando frente aos novos paradigmas de Estado pautado nos imperativos do liberalismo econômico e político. Por outro lado, as empresas vêm substituindo o paradigma do emprego estável e homogêneo por diversas e precárias formas de emprego, o que reforça o risco de vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e a desfiliação, conforme argumentos expostos por Castel (1999:512-6).

Para ilustrar esse fenômeno de substituição de mão de obra estável por formas precárias de trabalho, recorro a um episódio constatado por ocasião do meu processo de investigação. Ao fazer compras numa loja de variedades com filiais em

grande parte do Brasil, deparei-me no caixa com um jovem, de aparência frágil, e suspeitei que tivesse idade inferior a 14 anos. Conversei com ele e resolvi perguntar sua idade. Ele afirmou ser aprendiz e fazer parte do Programa Somar (vi no seu crachá), lotado naquela empresa, na função de caixa, há cerca de 4 meses.

O Programa SOMAR, quando focado exclusivamente ao trabalho educativo, não validava a lotação de jovens em funções de risco e, por isso, vedava a lotação destes jovens em caixas de lojas, dentre outras funções. Na versão atual do P. S., orientado para encaminhar jovens na condição de aprendiz, vê seu campo de supervisão e controle das funções a serem exercidas pelos jovens diminuídas. O vínculo entre o aprendiz e a empresa está relativamente independente do controle do Programa e, a colocação destes jovens em função de risco é avaliada do ponto de vista estritamente legal.

Assim, o dever cívico e o contrato jurídico estabelecido entre empresa e os órgãos públicos para autorizar a prática do estágio não privilegiam o paradigma do emprego estável e homogêneo, antes, “uma concepção mais rude da condição de assalariado que consiste em alugar um indivíduo para executar uma tarefa pontual” (Castel, 1999:517), ainda que dentre as exigências do posto sejam levadas em conta outras habilidades e capacidades dos trabalhadores. Diz ainda Castel a respeito da hipocrisia das empresas e do Estado: “buscar a salvação por meio da empresa é enganar-se de registro” (Castel, 1999:523).

As novas exigências das empresas por trabalhadores flexíveis e hábeis consistem em ajustar este trabalhador às novas exigências do mercado de trabalho formal, que dentre seus aspectos favoráveis, está a disponibilidade de mão de obra abundante procurando por uma vaga de trabalho. A preocupação com o aspecto da aprendizagem deixa de ser efetivo e passa a ser pontual e restrito às exigências do posto de trabalho.

A prática corrente nas empresas, aderindo a formas de contratação temporária e estágios, são recursos atenuar os custos trabalhistas, cujos encargos no Brasil são motivos de queixas por parte da classe empregadora, é também analisada por Forrester (1997) no intuito de descerrar o véu que encobre argumentos para as demissões em massa. Diz Forrester que os planos de reestruturação das empresas têm sido responsável pela acentuação da degradação das condições de trabalho. Com o

objetivo de atenuar os escândalos provocados pela instabilidade dos trabalhadores em seus postos, as empresas se empenham em difundir acordos que as associem ao compromisso solidário, do tipo “empresa cidadã”. São ações cívicas que mascaram o real interesse com o lucro, mas que se reveste de um compromisso assumido com o trabalhador. Forrester diz que em geral, essas ações são apoiadas pelo governo que de uma forma irresponsável fecha os olhos para resolver a catástrofe do desemprego. Diz a autora:

“Repita-se: a vocação das empresas não é serem caridosas. A perversidade consiste em apresentá-las como aquelas “forças vivas” que seguiriam mais propriamente imperativos morais, sociais, abertos para o bem-estar geral, quando elas têm de seguir um dever, uma ética, não há dúvida, mas que lhe pedem para produzir lucros, o que em si é totalmente lícito, juridicamente sem mácula. Sim, mas em nossos dias, com ou sem razão, o emprego representa um fator negativo, de alto preço, inutilizável, nocivo ao lucro! Nefasto” (Forrester, 1997:85).

Vitória também chama a atenção, em sua narrativa, para um aspecto valorizado por aqueles que procuram trabalho. Trata-se do peso que exerce a rede de amizades para indicar colegas em postos vagos nas empresas. . Vitória foi ao encaixe de sua vaga no curso de inclusão digital, oferecido pelo instituto social de uma rede de supermercados a partir de uma informação da tia. O empenho de Vitória durante o curso e o encaminhamento a uma vaga de estágio foram seqüências facilitadas pela rede de amizades da tia de Vitória.

O curso de inclusão digital do qual Vitória participou teve um processo seletivo para o preenchimento de 500 vagas e concorreram, segundo ela diz, cerca de 1.500 candidatos. As competências de Vitória lhe deram a chance de ser aprovada no processo seletivo, do mesmo jeito que seu esforço durante o curso lhe beneficiou com uma indicação para o estágio via P. S. Diz Vitória:

“Quando minha tia disse eu fui porque queria fazer alguma coisa. Já queria começar a fazer alguma coisa, ter alguma formação, mas a gente não tinha idéia de que lá a gente ia arranjar emprego, porque lá deixavam bem claro “aqui não vai dar emprego, só vai dar capacitação profissional.” Aí, tudo bem, pelo menos já era um começo. Aí, fui, me interessava, o meu micro ficava perto do professor e eu e minha parceira, a gente queria saber cada vez mais, tanto que éramos as mais chatas, porque queria sempre estar se destacando”.

Vitória sabe que as oportunidades aparecem para poucos, e a competitividade impõe o uso de estratégia dentre as quais a de se destacar dos demais

companheiros do grupo. Fazer-se notar, redes de amigos e persistência na busca de uma colocação contribuem para o êxito daqueles que orientam suas condutas individuais para alcançar determinados objetivos. Os fatos narrados por Vitória, mas também por outros jovens que buscaram o estágio no P. S. indicam que suas ações não são necessariamente conscientes ou calculadas, mas que envolvem um corpo de sabedoria informal, princípios que são parte do saber do senso comum e que orientam as condutas para determinados fins. Diz Bourdieu:

“Porque os sujeitos não sabem, propriamente falando, o que fazem, e o que fazem tem mais sentido do que eles sabem. O *habitus* é a mediação universalizante que faz com que as práticas sem razão explícita e sem intenção significativa de um agente singular sejam, no entanto, ‘sensatas’, ‘razoáveis’ e objetivamente orquestradas” (Bourdieu, 2003:65).

Nesse sentido, Vitória agiu como produtora e reprodutora de um sentido que está colocado para o seu grupo social como se fosse algo natural, trata-se, pois de se dispor de ferramentas oportunas para atender às exigências do mercado de trabalho, trajetória auto-imposta para os que vêm no trabalho suas chances de sobrevivência. A temática da concorrência acionou a disposição de Vitória para que ela agisse de modo razoável. Suas intenções foram ultrapassadas pela “intenção objetiva” de que fala Bourdieu:

“Automáticas e impessoais, significantes sem intenção de significar, as condutas ordinárias da vida se prestam a uma decifração não menos automática e impessoal: a retomada da intenção objetiva que elas exprimem não exigindo de modo algum a ‘reativação’ da intenção ‘vívida’ daquele que as realiza” (Bourdieu, 2003:64).

Vitória, Miguel, Daniel, Isabel, são expressões de jovens que procuram se ajustar às regras do jogo para ir transformando suas trajetórias num projeto sem que necessariamente seja uma ação racional e calculada visando determinados fins. Estas ações estariam, na visão de Bourdieu (2003), incorporadas de tal forma que dispensaria um cálculo estratégico isto é, são ações que tornam improvável a intenção daquele agente que age visando determinados fins. Os jovens aqui referidos incorporam práticas e um sentido para elas de tal forma que sugerem uma adesão antecipada a um modo de vida que requer destes jovens o enfrentamento dos desafios sociais que vão sendo colocados em diferentes ocasiões de suas vidas. Isso não quer significar que suas trajetórias seguirão um curso linear e ascendente, haja vista que ao longo do caminho

outros eventos vão se confrontar com os objetivos previamente definidos e poderão mudar o curso dos projetos definidos por esses jovens.

De qualquer maneira, as práticas destes jovens, pensadas em relação à aquisição de elementos que os coloquem aptos a ingressar no campo do mercado de trabalho fazem parte de uma “segunda natureza”, segundo Bourdieu, que dispensa o cálculo racional e antecipado, ao mesmo tempo em que são levados pelo fluxo dos acontecimentos. Diz Bourdieu:

“As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente” (Bourdieu, 2003:54).

As disposições destes jovens são, portanto, produto de uma condição particular de existência e a condição de trabalhador funciona para eles como um gerador de posturas e atitudes para fazer frente às exigências do campo do mercado de trabalho sem que, necessariamente, seja decorrente de uma intencionalidade que visa determinados fins. Por outro lado, suas trajetórias não se apresentam para eles, em geral, como inquestionáveis, já que, à medida que vão tecendo suas redes sociais e seus espaços nos diversos campos da vida social, estes jovens repensam seu tempo, passado e futuro, assim como os acontecimentos. É nesse movimento que eles vão tentando estabelecer uma ligação entre suas ações e as circunstâncias que lhes estão colocadas.

Castel (1999) afirma que a identidade pelo trabalho está perdida e aponta novas formas de fundar identidades coletivas, como por exemplo, a partir do espaço de moradia ou mesmo por similaridades decorrentes de um capital cultural e simbólico, quais sejam os modos/estilos de vida, *etc.* Ocorre, porém, ressalva feita por Castel, que nas sociedades contemporâneas, sobretudo para as classes populares, o trabalho continua sendo o “grande integrador”, no sentido de ser por este meio que se articulam e se abrem possibilidades de inserção social. Diz Castel:

“Talvez até estejamos a ponto de sair da “civilização do trabalho” que, desde o século XVIII, colocou a economia no posto de comando, e a produção na

base do desenvolvimento social. Seria, então, demonstrar um apego fora de moda ao passado, subestimar as inovações que se fazem e as alternativas que se buscam para ultrapassar a concepção clássica do trabalho. Tanto mais que o que funda a dignidade social de um indivíduo não é necessariamente o emprego assalariado, mas sua utilidade social, isto é, sua participação na produção da sociedade” (Castel, 1999:577).

A competitividade para ocupar uma vaga no campo do mercado de trabalho formal relega os jovens ao preenchimento de posições ocupacionais de baixa qualidade, caracterizando-se por vínculos precários e de menor remuneração e, não menos incomum, situados na camada inferior do setor informal. As exigências do mercado de trabalho formal por trabalhadores com maior qualificação ou experiência anterior de trabalho são reflexos de condições estruturais. As economias mundiais e a brasileira, em especial, não dão conta de gerar empregos na mesma proporção do contingente de novos trabalhadores que ingressam anualmente na chamada população economicamente ativa (PEA). Branco (2005:133) comenta que ao se manterem as taxas de expansão da PEA nacional conforme os dados informados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios nas últimas quatro pesquisas, a força de trabalho cresceu à razão de 2,07 milhões de pessoas ao ano e somente 1,5 milhão de empregos foram gerados. Nestes termos seria necessária a criação de pelo menos meio milhão de empregos ao ano para atender o estoque da população que engrossa anualmente os índices de trabalhadores em busca de empregos.

Diante de um quadro excludente, o mercado de trabalho passa a exigir maiores qualificações que não estão diretamente associadas às inovações tecnológicas, mas à abundante demanda por parte da população em busca de empregos. Os trabalhadores adultos desempregados passam a preencher vagas disponíveis que, em uma conjuntura favorável de criação de empregos, seria inicialmente ocupada por jovens sem experiência anterior.

O contexto de enrijecimento da economia na criação de novos empregos cria obstáculos ao acesso dos jovens por vagas de trabalho que poderiam contribuir na redução do ciclo de pobreza que comumente impele o jovem à busca de um emprego. Esse quadro provoca uma perda de motivação nos jovens no tocante à construção de projetos de vida que incluam o trabalho como trajetória a ser perseguida. O acesso à mobilidade social e os obstáculos no tocante à dimensão subjetiva do trabalho, como espaço privilegiado de desenvolvimento de habilidades, novas formas de sociabilidade,

realização pessoal e vivência da condição juvenil proporcionadas pelo trabalho estão entre as dificuldades com que os jovens se deparam quando chegam à idade de trabalhar.

Não se deve esquecer que entre a população pobre, se condicionou um ideário de trabalho ainda muito cedo, e os jovens quando alcançam a idade dos 12 anos, muitas vezes é impelido e se reconhece no direito e dever de trabalhar. Branco (2005: 136) comenta os dados da pesquisa quantitativa realizada pelo Projeto Juventude, no ano de 2003, quando os jovens afirmam que, dentre as vantagens de ser jovem estão sendo manifestas a condição de potenciais trabalhadores e a obtenção da independência financeira. Esse quadro informa tendências e representações sobre juventude e trabalho que não devem ser desprezadas na condução das políticas públicas.

O ingresso no mercado formal de trabalho, e principalmente em empresas privadas, realizará uma fase do rito de passagem destes jovens para a vida adulta. O período do estágio ou do curso de aprendizagem, conforme a colocação do jovem, consistiria num período liminar, conforme as fases definidas por Turner (*apud* Segalen, 2002:49). Esta etapa se refere à transição entre o período anterior, a infância, e o período posterior de re-agregação à sociedade, desta vez sob um novo estatuto, o de adulto.

Para Vitória, a inscrição no curso de inclusão digital operou um rito de passagem para ela. Esse foi o momento que ela demarca como sua saída da família como referência preponderante e passou a perceber outras formas de convivência, em especial aquelas que exigem dela um comportamento formal e voltado a regras diferentes daquelas estabelecidas em família. Interessante observar que outros jovens apontam a frequência ao curso ou estágio como momento de socialização, de desafio ao retraimento que acompanha essa fase da vida. Timidez, refinamento e auto-observação de gestos e falas são referidos como aprendizados adquiridos no novo meio social que passam a adentrar. O acesso a computadores, o convívio com outros jovens e adultos são referidos também como aquisições desta experiência. Vitória iniciou o curso de inclusão digital no dia seguinte ao seu aniversário de 17 anos o que ela considerou um presente, pois passou a ficar mais estimulada em sua criatividade, segundo sua narração:

“Eu lembro que o que foi mais forte para todos os alunos foi que a gente fez uma peça e em cima dessa peça, o professor gostou tanto, e ele era professor

da UFC, ele gostou tanto que passou isso pro computador e transformou em estória em quadrinhos e depois foi publicado no jornal da instituição que promovia o curso. Esse jornal vai pelo Brasil todo, São Paulo, Rio. Foi bem legal, aprender um pouco e eu sempre tive dificuldade em português. É uma matéria que eu não gosto, não gosto de jeito nenhum, e lá foi bom porque eu vi minhas limitações e eu vi o que eu tinha de aprender. Lá eu aprendi a fazer textos, redação...”.

Essa experiência de Vitória reforça o quanto é significativo para os jovens serem reconhecidos e terem espaços para desenvolver novos meios de expressão. Para Vitória, atividades propositivas e afirmativas funcionam como mediadoras para novas formas de sociabilidade. A ausência sentida e ressentida por muitos jovens da ausência de oportunidades para inserção em novos agrupamentos posto que, estando circunscritos em seu próprio meio, se vêm excluídos de produzir e consumir artefatos culturais (capital cultural mais amplo, do que fala Bourdieu). Assim, ficam visíveis outros modos de viver a juventude para além dos sinais comumente apontados por estudiosos e pelo senso comum, que definem a juventude como uma fase de contestação e radicalização. Convém destacar então, outras formas de afirmar essa fase da vida tendo como referência o mundo social como espelho.

Daniel refere-se à experiência de trabalho como propiciadora para o aprendizado de novos códigos sociais e linguagens, que até então estavam circunscritos à escola e à leitura de alguns livros. O trabalho que ele realizou na oficina do pai não alcançou o estatuto de trabalho no sentido atribuído por ele. Do que fui percebendo na fala de Daniel, o trabalho com o pai não consistia num trabalho propriamente falando porque não exigia dele uma *performance*, no sentido de Goffman (2002), isto é, ações que exigem do ator uma manipulação do caráter espontâneo de seu comportamento. O trabalho no hotel exige de Daniel a observância de regras claras para o convívio social, em especial àquelas que devem acompanhar os indivíduos numa relação de relativo distanciamento que as hierarquias pressupõem.

Estas regras de convívio social foram, em certa medida, incorporadas por Daniel, que passou a sentir que certas formas de falar e de se portar se tornaram “tão naturais” como são as disposições que se tornam *habitus*, no sentido de internalização das exterioridades. Diz Bourdieu:

“As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existências características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas

de *disposições* duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente” (Bourdieu, 2003:54).

Assim, paulatinamente, Daniel vai conduzindo seu projeto de vida que em certo sentido leva em consideração todo o corpo de conhecimento e práticas que ele vem adquirindo nas esferas do trabalho, da escola e de suas experiências cotidianas. Para orientar seus planos, Daniel define estratégias a partir de um campo de possibilidades, que estão dados objetivamente, mas só acessíveis àqueles que são capazes de percebê-los porque já realizaram a “inculcação do arbitrário” nas suas ações (Bourdieu, 2003:54).

Daniel está fazendo de sua experiência de trabalho uma estratégia para alcançar seus objetivos. Escolheu trabalhar porque o trabalho é um valor reconhecido em seu grupo social, assim como a escola. Essa escolha reflete um processo de racionalização que Daniel pretende sobrepor às emoções, que são, para ele, do campo do efêmero e, portanto, foge ao utilitarismo que a esfera do trabalho anuncia. Daniel está tentando se convencer de que aquilo que é admirável aos olhos dos outros deve ser incorporado por ele como um *habitus*:

“Minha vida mudou bastante. Antes, terminava minhas obrigações, já tinha estudado ajudado meu pai, aí, tomava banho, vestia uma bermuda, uma camisa, minha chinela havaiana, eu gosto de chinela havaiana e tal, tomava banho e ia prá casa dos meus amigos, conversar, trocar idéias, geralmente a gente ia pr’uma sorveteria, tomar um sorvete legal, trocava idéias, bastante coisa, jogava bola em grupo... agora não. Agora não acontece mais nada disso. Acho bom e ruim. É bom porque eu sei que o que eu estou fazendo é mais admirável, né. Agora é um pouco ruim porque, às vezes, a gente tem saudade do que fazia. Admirável porque eu sei que estou aprendendo, vai servir para a minha vida toda. E lá não [estar com os amigos], é uma coisa mais efêmera, era só pelo momento, né? Quem não sabe aproveitar o momento, né, é como se a pessoa vivesse as emoções do momento, procurando definir uma permanência de dizer ‘isso sou eu’, né? Quer dizer que nem toda emoção ajuda uma pessoa...”.

Segundo Diógenes (1994), a juventude é uma fase marcada pela transitoriedade e por isso associada, por alguns estudiosos, como uma fase crítica e vulnerável. A juventude, pelo seu caráter inovador, estaria associada a diversos movimentos culturais e políticos, marcadamente a partir dos anos 1950. Para Morin

(2002), a juventude é emblemática por instaurar um novo estilo de vida a partir dos elementos difundidos pela cultura de massas.

É evidente que os jovens e as crianças têm se tornado atores importantes e, por isso, vêm ocupando os *mass media*. Os jovens, em geral, têm sido focados sempre associados à criminalidade e à violência, em especial os jovens pobres. Nascimento (2000) afirma que a vitória sobre a exclusão social da população juvenil deve levar em conta a superação de quatro desafios principais, que seriam a inserção no mundo do trabalho, a integração familiar, a participação política e social e o enfrentamento da marginalidade e da violência. Nascimento critica a ênfase dos discursos políticos e acadêmicos que apontam os jovens pobres como produtores da violência, mas que não alcançam a dimensão da complexidade desse fenômeno. Diz o autor:

“A violência assume configurações múltiplas – desde a agressão física com morte até as agressões verbais cotidianas no âmbito familiar ou profissional. Ocupa espaços diversificados – apanágio dos grupos de jovens da periferia, o assalto a lojas comerciais por parte de jovens de classe média ganha notoriedade mediática nas grandes cidades. [...] De toda forma, os números neste campo são chocantes. Em 1997, 72,2% dos jovens entre 15 e 19 anos que morreram foram mortos por causas externas (principalmente homicídio, trânsito, e suicídio), enquanto este mesmo percentual para toda a população encontrava-se em torno de 16%. Em 1998, o percentual de jovens mortos por causas violentas cresceu 77%. No caso de homicídios, a diferença de gênero é gritante: 83% foram homens. Em particular, neste caso, a maioria dos seus atores – vítimas e algozes – são jovens, pardos e pobres, normalmente habitantes das periferias urbanas” (Nascimento, 2000:132).

Os jovens do universo desta pesquisa buscam oportunidades para ultrapassar as contingências, para superar o estabelecido e determinado e então, poder lançar-se em novos projetos, como forma de explorar as múltiplas possibilidades que o tempo presente os coloca à disposição (Maffesoli, 2003). À rotina familiar e escolar são acrescentadas outras sociabilidades que conferem a possibilidade de se viver a juventude de um modo diversificado. É fato que a escassez de oferta de equipamentos públicos vem atingindo especialmente a população pobre que depende de ações governamentais para a sua reprodução cotidiana. O usufruto de espaços de sociabilidade dos quais estão incluídos os equipamentos urbanos são de fundamental importância para a aquisição de capital simbólico por viabilizarem as sociabilidades. A juventude, identificada com o conflito e a violência tem seus espaços de sociabilidades limitados e circunscritos ao ambiente de origem e moradia e se vê impedida modelos de

identificação positivos, no tocante aos aspectos lúdicos, espaços privilegiados para emergência das múltiplas identidades.

O tempo livre, vivido por estes jovens, é consagrado aos encontros com os amigos, práticas de esportes, participação em grupos de interesse, como os religiosos, e entretenimentos como cinema, festas e *shows*. Gilda, seguindo sua identificação com as *performances* diz gostar de assistir filmes, mas ressalta que eles devem ter “uma história”. Essa seria a condição de tornar plausível a realidade, buscando identificações na tela com o seu mundo vivido. Como seria isso? Ela responde:

“Que seja interessante. Se for só ação, se eu for assistir um filme de história concreta... Eu gosto de filme que tenha uma história, que tenha pé e cabeça, que tenha sentido. 'Pearl Harbor', eu gostei muito, porque foi um filme que explica como começou a Segunda Guerra Mundial. 'Homem Aranha' eu gostei porque tem uma continuação. 'Cazuza' eu assisti agora, com meu primo. E agora posso ir sem ter que chegar cedo, posso chegar tarde, às 23hs, porque minha mãe confia em mim, minhas coisas eu conto pra ela, ela sabe que eu não faço besteira, ela confia na educação que me deu...”.

Aqui a narrativa de Gilda coincide com a de Daniel, Isabel e Rita, por exemplo. Eles sentem a necessidade de encontrar um enredo coerente, linear e “racional” nos filmes que assistem, como se fosse uma reprodução fiel da realidade, esta pensada como algo apreensível e coerente. O sentido do filme, ou de qualquer outra expressão artística, deve ser capaz de conferir uma explicação sobre os eventos cotidianos, isto é o que Gilda quer significar quando diz que o filme deve ter um enredo e for capaz de informar sobre algo ou, até mesmo quando se refere ao filme “Homem-Aranha”, por este ter uma continuidade, uma seqüência, esta como uma metáfora sobre a linha de continuidade e causalidade pressuposta por estes jovens sobre o que seria a vida.

Penso ser um recurso utilizado por eles para aplacar a insegurança que estórias e histórias venham a ter por conta da descontinuidade própria à vida na modernidade (Giddens, 1991:12). Giddens aponta para o fim da *grand narrative*, o enredo pelo qual a vida social é pensada como uma linha de continuidade entre um passado definitivo e um futuro predizível. A experiência do tempo, agora fragmentada e flexível, corrói o sentido da linearidade para se pensar as estórias de vida. É um fenômeno visível o fato de as gerações mais jovens aprenderem a lidar com o tempo desvinculando causas e conseqüências e, portanto, tomarem para si projetos de vida em longo prazo.

Melucci (1997) fala do tempo múltiplo como o tempo da descontinuidade, do tempo “construído”, tempo desconectado dos ciclos naturais. Esse fenômeno do tempo torna-se conflitivo e os jovens aqui pesquisados, apesar de abertos às experiências nos seus diversos campos de possibilidades, buscam também, e por outro lado, assegurar uma trajetória linear onde passado, presente e futuro estejam ordenados casualmente. Diz o autor:

“A diferenciação do tempo produz alguns problemas novos. Aumenta, em primeiro lugar, a dificuldade em reduzir tempos diferentes para a homogeneidade de uma medida geral. Mas existe também uma acentuação da necessidade de integrar essas diferenças, tanto em nível positivo, quanto acima de tudo, dentro da unidade de uma biografia individual e de um ‘sujeito’ da ação dotado de identidade” (Melucci, 1997: 8).

Daniel, diz que de sua primeira bolsa de trabalho como estagiário do P. S., retirou dinheiro para o aluguel de filmes, por exemplo, alegando gostar de filmes que contenham ação, mas que “*no final tenha um contexto*”. E foi referida ao contexto que Rita encaminha seus projetos de vida. Antes pensava exclusivamente em seguir a carreira de médica, e especializar-se na área de sua doença porque, segundo diz, já está acostumada com os nomes e com os tipos de tratamento. Agora, depois que descobriu mais uma via profissionalizante, Rita pensa em investir com determinação nessa carreira; planos para o futuro Rita os têm como os demais jovens aqui destacados. A peculiaridade de Rita é, porém, a fragilidade e o risco que sua doença poderia vir a exercer sobre seu comportamento, mas nem isso retira dela projetar-se para o futuro. Diz ela:

“A partir de amanhã eu vou no CEFET ver se consigo isenção para fazer o curso de Hotelaria, se Deus quiser eu vou conseguir a minha isenção, ver se consigo continuar na hotelaria. Eu gostei muito dessa área, apesar de ser muito fechado eu gostei. Você pode escolher, ou você faz a faculdade ou você faz o curso técnico, só que para mim, que estudo à noite, se eu for fazer o curso, não vai dar pra eu ir vir aqui pro Somar, para eu estar trabalhando. Eu tenho que estar aqui no Somar,, eu tenho que estar trabalhando, como é que eu vou terminar o meu 3º ano, ir pro curso, pro trabalho e vir aqui pro Somar? Eu quero fazer o 3º ano lá no CEFET, aí, quando eu terminar o 3º ano dá pra fazer o técnico e depois tentar a faculdade. E agora eu vou fazer hotelaria. É o meu destino... Eu penso assim, acho que vou viver muito, dá tempo de eu investir também em Medicina, pelo menos um técnico, assim, na área... Eu quero construir minha vida pra frente”.

É nesse sentido que **Gilda**, Rita, Daniel, Marcelo, Miguel e outros jovens aqui referidos fazem uma demarcação em suas trajetórias de vida, conferindo uma conexão temporal entre um passado e um presente marcados pelo ingresso no P. S. Superação da timidez e outras limitações são apontadas pelos jovens como desafios

vencidos e a serem vencidos pela aquisição de novos hábitos a partir de novas convivências e relações sociais. O trabalho, os cursos, a participação em associações, grupos religiosos, *etc.* vão promovendo a ampliação “regulada” de novas formas de sociabilidade. Assim, o trabalho não deve se constituir na única alternativa ou ser priorizado em detrimento de outros aspectos da vida social. É necessário promover a participação em outros coletivos para que novos sentidos sejam percebidos pelos jovens.

Takeuti (2002) questiona sobre o que ocorre no imaginário dos jovens em uma sociedade “pós-moderna” caracterizada pelo esvaziamento de projetos coletivos de significação mais ampla para a sociedade como um todo. A decomposição das referências básicas e tradicionais como família, trabalho, religião, classe de pertença, essenciais para a estruturação das identidades, produz o que a autora chama de dessimbolização da lei. Este termo refere-se a um processo pelo qual as leis sociais encontram-se sem sustentação real e efetiva em práticas consistentes que confirmam sentidos para a vida em sociedade e concorre, portanto, para a fragilização e a neurotização das relações. O enfoque psicológico desta autora vai de encontro à hipótese de que existe baixo associativismo juvenil na contemporaneidade, **com reflexos** sobre a dimensão subjetiva. Diz Takeuti:

“Alguns analistas sociais chamam a atenção para o fato de a sociedade contemporânea estar empobrecida na sua possibilidade de oferecer meios simbólicos apropriados para a canalização das energias e das virtuais potencialidades dos jovens. O simbólico existente estaria empobrecido demais para possibilitar a emergência do imaginário radical (Castoriadis)” (Takeuti, 2002:22).

Os dados da pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo junto à população jovem em todo o Brasil apontam que a baixa adesão a entidades tradicionais, como os sindicatos, por parte da juventude, segue o mesmo padrão do associativismo dos adultos. Por outro lado, cerca de 15% dos jovens brasileiros (cerca de 5 milhões) dizem fazer parte de algum tipo de grupo, seja ligado à igreja, ou atividades culturais como música (3%), dança (2%), teatro (2%), dentre outras (Venturi e Bokany, 2005:357).

As experiências que os jovens vivenciam no local de trabalho e em outros espaços de sociabilidade são, portanto, produtora de sentidos positivos para suas vidas, conforme vão indicando suas narrativas. As atividades que incluem teatralização e

debates, nos cursos de aprendizagem realizadas no P. S. são pequenas amostras do que representam para estes jovens atividades que reclamem maior participação e interação com os seus pares. São momentos em que eles refletem e negociam elementos simbólicos imprescindíveis para a construção de suas identidades e identificações

Quando as aulas são expositivas, observo os jovens em posturas e gestos que indicam pouco interesse e entusiasmo, e passam a ficar encolhido, cochilando, roendo unhas, mexendo insistentemente as pernas, conversando com amigos ou rabiscando nos seus cadernos. Estes momentos de aula teórica, embora importantes para a “formação” e “capacitação” não seduzem os jovens o suficiente para que se mantenham interessados. A quietude e a passividade muitas vezes são valores por demais incômodos. Sempre surge alguém para quebrar a monotonia, com alguma estória jocosa ou alguma intervenção ao discurso do instrutor (a).

Isso demonstra quanto são valorizados pelos jovens os momentos e espaços de negociação, conflitos, improvisos, criatividade que requerem a canalização e extroversão das energias próprias de quem está no auge da vitalidade. A formação de pequenos grupos para desenvolver alguma atividade promove a reunião de colegas sem que tenham afinidade anterior. Mesmo assim eles demonstram interesse em colaborar e cooperar na consecução destas atividades que sempre apresentam alguma faceta graciosa conclamando a adesão de todo o grupo para os risos que são produzidos em conjunto.

Aqui se pode perceber que aqueles jovens que não faziam parte do grupo por serem “diferentes” não sofrem discriminação e participam juntos de uma tarefa qualquer. Assim, as aulas dos cursos de capacitação que assisti dão indicação de que os jovens estão abertos às sociabilidades e convivência desde que sejam devidamente assistidos e orientados. Esse fato assenta uma interrogação sobre o alcance de conservadorismo e hermetismo que são atribuídos aos jovens, em geral classificados socialmente como “tribos”¹³. São nas “brechas institucionais” que os jovens vão driblando a rigidez e a formalidade a que estão submetidos cotidianamente (Pais, 1983:

¹³ Os estudiosos de juventude, dentre os quais destaco Pais (1993) e Costa (2000), ressaltam as culturas juvenis como as diversidades de práticas pelas quais os jovens vão constituindo identificações e posicionamentos, e que contemporaneamente vem sendo denominado de tribos juvenis.

241). A convivência com seus pares e com os demais pode ser a forma encontrada de aliviar as tensões cotidianas.

O fim do estágio é um momento que também está no rol de suas expectativas com relação ao futuro. O desligamento do estágio e a possibilidade de vir compor as estatísticas dos jovens com ocupação formal constituirão numa nova ritualidade em que deverão ser apreendidos novos códigos sociais. A contratação pela empresa que trabalham ou se lançar ao campo do mercado de trabalho são os dilemas vividos, certas vezes com muita antecipação. Essa pré-ocupação com o futuro imediato pode ser entendida pelos compromissos que vão fazendo em compras parceladas, mas também pode indicar o medo de um vazio ou um corte abrupto nas trajetórias juvenis.

Daí que, para Isabel, além do estágio, ela vê como requisito para o ingresso no mercado de trabalho formal o acúmulo dos certificados de cursos que atestarão sua empregabilidade. Os cursos, assim como a escolaridade, são partes do que Bourdieu (2002:50) denomina de ritos de instituição. Estes têm o poder de legitimar e classificar aqueles que estão autorizados a ingressar no mercado de trabalho formal daqueles que não passarão jamais por esta trajetória:

“Eu tenho muitos, muitos cursos. Eu tenho curso de recepcionista, auxiliar de escritório, secretariado, *telemarketing*, informática. O primeiro que eu fiz foi de informática, aqui no Labomar, que não era pago, aí eu me inscrevi; o de *telemarketing*, o último que eu fiz, foi minha irmã que pagou; eu fiz lá no Centro. Os outros, foi minha irmã que pagou, lá no Benfica”.

Isabel realizou um pequeno circuito, nos termos de Magnani (1999:68), pelas instituições que oferecem cursos, no intuito de estar “armada” para a competição do mercado de trabalho. Magnani define a categoria circuito como o uso do espaço e de equipamentos urbanos que favorecem o exercício da sociabilidade. Aqui, o uso do termo faz referência à totalidade dos espaços que os jovens recorrem para preparar-se à entrada no campo do mercado de trabalho: são cursos, certificados e experiência comprovada que **vai compor** a estória de cada um destes jovens.

O sentido de construção de um currículo remete novamente ao debate da linearidade nas trajetórias juvenis. Currículo tendo referência a um ato contínuo, atestado e comprovado, e que demonstra a “evolução” no campo da experiência profissional. Estratégias como buscar cursos gratuitos ou ter alguém que os pague são recursos utilizados pelos jovens e suas famílias para alcançar os seus objetivos, mesmo

que estes certificados não tenham a mesma validade de cursos realizados em instituições de renome na cidade. Acumular é imperativo a despeito do aspecto qualitativo.

Ocorre com frequência de os jovens pedirem ajuda aos servidores do P. S. para preparar seus currículos. Às vezes retornam ao P. S. para solicitar uma indicação para trabalho. Enfim, o vínculo com o P. S. ultrapassa o tempo do estágio porque muitas vezes esses jovens passam tempo para achar um emprego. Outros são os que desistem temporariamente de procurar emprego e vão vivendo de pequenos biscates. Mulheres podem também desaparecer temporariamente da pressão por uma ocupação pelo fato da maternidade.

Marcelo entrou para o curso de mecânica, Gilda realizou o circuito em torno de sua vocação para as artes cênicas, Leonardo ensaiou novos acordes para perseguir seu sonho de músico, publicitário ou locutor, Miguel pincela diversos matizes para se afirmar como artista plástico. Paulo descobriu sua realização no serviço burocrático e espera sua contratação imediatamente após o término do estágio. Rita decidiu-se pela carreira de hotelaria, mas não descarta seu sonho pela carreira na área de saúde. Leonardo suspendeu provisoriamente seu sonho de músico e publicitário, Isabel poupa-se de uma vivência mais descomprometida para investir no “amanhã”. Glória e Vitória seguem em busca de sua sobrevivência e autonomia. Daniel continua desbravando o mundo em busca de aventuras, que se não estão no campo da fruição do lazer ele os transfere para o campo do trabalho, em busca de oportunidades para ascender socialmente. André sente-se frustrado por não poder conduzir sua sensibilidade para o campo da moda e da estética, enfim são ensaios que os jovens vêm praticando para adequar seus sonhos ao imperativo do trabalho uma vez que este se constitui para eles num chamamento urgente e, muitas vezes, indispensável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu compreender as circunstâncias pelas quais os jovens vinculados ao Programa SOMAR constroem seus projetos de vida. Busquei lançar um olhar sobre as trajetórias traçadas por estes jovens que têm como especificidade o trabalho e a capacitação profissional como elementos estruturantes, embora não exclusivos, na determinação de seus projetos de vida e que vão compondo suas identidades e identificações. O trabalho foi aqui representado pelos jovens como uma via pela qual eles estariam viabilizando sua autonomia em relação à família, preparando-se para uma melhoria nas condições materiais da vida, mas também definindo um modo de vida específico.

Assim, expus algumas das discussões correntes das categorias juventude e trabalho para pensar um segmento específico de jovens, estes vinculados ao Programa Somar, no âmbito dos programas de políticas públicas de capacitação para o trabalho.

Parti do princípio de que o trabalho constitui-se num elemento singular e distintivo para a construção das identidades juvenis. A eleição do trabalho decorrente das circunstâncias às quais estão socialmente inseridos se reveste de um elemento estruturante no cotidiano dos jovens pesquisados e se configura como um eixo pelo qual se vão formando o *habitus* e as visões de mundo.

A iniciação dos jovens aqui pesquisados no campo do mercado de trabalho não se deu necessariamente a partir do ingresso no P. S., outras vias são trilhadas, em especial quando ainda é criança e o vínculo institucional parece ser um abrandamento, ainda que provisório, de suas trajetórias precárias, e muitas vezes, ziguezagueantes.

A experiência no campo permitiu que eu verificasse alguns aspectos convergentes nas trajetórias de vida destes jovens. A adesão a um projeto de vida que tem o trabalho como um mapa de orientação para as suas trilhas, implica na adoção de hábitos e atitudes que contribuem para construir uma imagem identificada com o trabalho e com as exigências de um mercado de trabalho que estão sendo colocadas para aqueles que fazem parte da população economicamente ativa (PEA). Capacitação,

qualificação, esforço, dedicação, responsabilidades, são alguns dos elementos que compõem suas narrativas e suas práticas.

Por outro lado, a construção das identidades juvenis e o pertencimento a uma cultura juvenil específica sinalizam que outros espaços sociais e instituições também concorrem para tal. O conceito de configuração em Elias (1995) permite entender que nenhum espaço está independente no campo das relações sociais. Assim, as instituições e grupos sociais não são estruturas reificadas ou metafísicas que estariam acima dos indivíduos, mas são todas capazes de suscitar escolhas ou determinações que vão compor os estilos de vida e as visões de mundo dos indivíduos. Aqui, escola, família, trabalho, igreja, grupos de amigos e associações as mais diversas são parte do mundo vivido dos jovens e tem cada uma sua parcela de contribuição para a formação das identidades destes jovens. Nenhuma destas instâncias, no entanto, são isentas de serem resignificadas pelos jovens conforme suas subjetividades. Desejos, experiências e contexto são múltiplos e interdependentes. Cada qual vai traduzindo, conforme o vasto repertório de suas subjetividades, o que vai se configurando como parte de seus perfis e histórias de vida.

A falta de tempo foi uma variável encontrada na maioria das narrativas dos jovens. Esse período de trabalho (para os estagiários) e de trabalho/curso (para os aprendizes) era ressaltado como uma justificativa para o baixo rendimento escolar e as constantes ausências à escola. Na impossibilidade de faltar ao trabalho ou curso, sob pena de ter o valor de sua bolsa reduzido, parte dos jovens optava por faltar à escola. Esse fato é indicativo de uma postergação ou eliminação de um projeto que inclui o possível fracasso no vestibular.

Nesse sentido, muitos pensam em adiar este projeto, seja para frequentar um cursinho preparatório, seja para dar continuidade ao papel de trabalhador. Assim, a universidade, que no início de nossas conversas, aparecia como uma prioridade passa para um segundo plano quando os jovens começam a refletir sobre suas práticas. E para reforçar este argumento, muitos jovens, chegam a pensar que um emprego, após o estágio, seria uma opção mais viável. A expectativa em ser contratado pela empresa em que estagiou está fortemente arraigada em suas narrativas. Estes jovens parecem ir confirmando uma disposição (*habitus*, no sentido de Bourdieu) para ser trabalhadores e

a escola aparece, muitas vezes, como um meio de realizar esta “profecia”, conforme análises empreendidas por Bourdieu (2001) e Castel (1999).

O trabalho, para os jovens pesquisados, se reveste de diversos significados. É uma oportunidade para ter acesso a bens de consumo, contribuir com a renda familiar, conquistar autonomia e reconhecimento assim como ser um meio para obter mobilidade social ascendente.

As trajetórias e os projetos de vida foram sendo narrados pelos jovens sempre num jogo entre as dimensões objetivas e subjetivas. O contexto familiar ficou demarcado como um referencial através do qual os jovens vão resignificando seus valores, suas expectativas para dessa forma construir um discurso de si. As histórias familiares vão sendo apontadas como o espaço de referência simbólica fundamental para os traçados das trajetórias destes jovens. Espaço dos afetos, a família se apresenta também como espaço dos conflitos e nessa relação dialética, de confrontação entre o espaço privado da família e os novos referenciais que vão construindo ao longo de suas trajetórias os jovens vão se constituindo enquanto indivíduos e *personas*.

Os jovens vão definindo e organizando seus lugares, espacial e simbolicamente à medida que as referências familiares são relativizadas e eles incorporam outros valores, de acordo com os recursos simbólicos e materiais disponíveis. É no trânsito entre estes dois espaços que eles realizam o processo de individualização e autonomia, estes que são indicadores da passagem para o mundo adulto, mas também de reafirmação de sua condição social.

A escolha das narrativas de vida como recurso metodológico permitiu que os jovens revelassem uma imagem de si mesmos a partir das experiências vividas, conferindo um sentido não apenas para si, mas também para os outros. Narrar suas histórias de vida e transmitir suas experiências é também uma forma de fixar o discurso social pelo qual ensaiei as possíveis interpretações. Aqui, a noção de projeto de vida de Velho (1999) foi referência, no sentido de ser a história narrada uma elaboração consciente passível de ser comunicada para dar uma coerência à experiência fragmentada dos indivíduos nas sociedades contemporâneas.

A juventude, como categoria social, é ao mesmo tempo uma condição social, posto que circunscrita num espaço-tempo determinado, mas também uma representação social, produto das diversidades de modo de se vivê-la e de se desejá-la. Para alguns jovens, a fase da juventude seria uma fase de preparação para a vida adulta. Investimentos em cursos e no trabalho seria parte de uma trajetória de vida linear, na qual a sucessão de experiências seria cumulativa para a entrada na vida adulta, esta pensada como uma instância de completa autonomia em relação às instituições e os espaços da família de origem.

Em nenhuma das histórias aqui apresentadas foi possível perceber a realização da autonomia como critério para assegurar a passagem para um novo estatuto social. O vínculo escolar, a condição de estagiário ou mesmo a necessidade de compor a renda familiar são indicadores de que os jovens ainda têm suspensa sua condição juvenil. Os depoimentos apontam sempre para um futuro próximo o que está no campo dos desejos e projetos de vida destes jovens. Boas colocações no campo do mercado de trabalho, ingresso na universidade, definição de uma trajetória ocupacional adequada à demanda do mercado ou à vocação, constituição de uma família, saída da casa dos pais, são itens do repertório destes jovens que ainda não estão realizados. Estas referências seriam do campo do desejo ou da vontade?

Renato Janine Ribeiro (2000) distingue os termos desejo e vontade, que no campo da filosofia têm sentidos opostos. O desejo estaria, segundo o autor, no campo do instintivo, ao passo que a vontade de revela como um termo no campo da racionalidade e, portanto, exige de têmpera para conter os impulsos que estão no campo do desejo. O desejo vem na esteira dos movimentos sociais que estabeleceram historicamente os direitos dos indivíduos. As instituições contemporâneas devem ser capazes de atender aos “carecimentos” básicos dos indivíduos (Heller, 1970), mas também proporcionar condições pra que os desejos sejam ativados.

As experiências dos jovens no Programa Somar têm a particularidade de serem fomentadoras de projetos de vida e desejos que sejam viáveis. A conclusão da escolaridade, a escolha de uma profissão ou mesmo a inserção no campo do trabalho são algumas das derivações destas vivências no campo institucional. A vontade estaria colocada a estes jovens quando são estimulados a fazerem escolhas de acordo com os imperativos das circunstâncias às quais se vêm enredados. É na confrontação entre o

que está dado e o que se torna possível que se vão criando as expectativas, a possibilidade que nem sempre acompanham as circunstâncias. Quero com isso dizer que alguns aspectos que se encontram na dimensão do desejo vão sendo incompatíveis com as diferentes determinações do campo social. Assim, as orientações para traçar os projetos de vida destes jovens vão sendo repensadas, algumas vezes de forma consciente, outras, nem tanto, são ações que revelam um *habitus* incorporado e que se trata de manifestações de valores já incorporados por eles.

Os projetos de vida dos jovens pesquisados vão sendo delineados numa dinâmica que acata ora o conteúdo desejante, ora o conteúdo da razão prática. Vontade de ser e vontade de acontecer são expressões das narrativas que foram sendo fixadas nos discursos dos jovens. É bem nítido que os jovens que recorrem ao Programa Somar apostam na superação das atuais condições de vida e nesta busca de novos modos de viver eles apontam a necessidade de se fazerem reconhecidos socialmente. A pobreza, e os estigmas decorrentes desta circunstância vivida servem como referência para o estabelecimento de um novo estatuto social, mas também de construção de identidades e identificações conforme o elenco de escolhas e valores sociais subjetivamente eleitos por eles. A aposta no Programa Somar revela ainda um resquício daqueles que se pretendem assegurados no campo do mercado de trabalho via emprego, ainda que em setores de maior possibilidade de contratação.

As circunstâncias que compõem a dimensão objetiva, tais como a atual crise da sociedade salarial, as novas exigências do campo do mercado de trabalho o desemprego e a precarização das relações de trabalho e emprego sugerem, no meu entender, que os jovens estão adentrando em caminhos que os farão repetir o mito de Sísifo, mito sempre recorrente pelos analistas das questões sociais¹⁴. A condenação de Sísifo é a condenação àqueles que têm de realizar um trabalho sem sentido. Rolar a pedra acima, dependeria da obstinação e da vontade de Sísifo em alcançar um objetivo. A rolagem da pedra cume abaixo, está no campo das leis da natureza e, contra qual Sísifo, e nós humanos pouco temos a interferir no curso. Assim, o trabalho sem sentido de Sísifo, ao mesmo tempo em que está relacionado a uma condenação à qual somos submetidos (aqui trabalho e exploração têm sentidos aproximados) quando se vive

¹⁴ Conta a mitologia grega que Sísifo, herói humano, teria sido condenado por ter revelado aos humanos os segredos dos deuses. Seu castigo consistiu na tarefa de rolar uma grande pedra até o cume de uma montanha. Ocorre que o trabalho de Sísifo tornava-se sem sentido à medida a pedra rolava abaixo novamente e todo o seu trabalho deveria ser refeito.

numa sociedade em que a produção e o consumo se sobrepõem às demais dimensões da vida social. O trabalho de Sísifo se reveste também de um significado heróico que é a crença em traçar um determinado objetivo de vida que, mesmo sendo repetitivo, revela a obstinação de o ser humano em transformar a rotina diária numa arte a ser executada e que seja capaz de lhe conferir sentidos para avançar nas trajetórias de vida. Acredito também que a arte e o ser humano nunca são os mesmos: as transformações e a dinâmica da vida social significam que embora o trabalho seja aparentemente repetitivo e monótono, o ser humano é capaz de lhe atribuir sentidos que amenizam essa condenação.

Assim, as trajetórias de vida, se constroem como um desenho zigzagueante das tentativas e descobertas que os jovens experimentam. A vida, como um ciclo com sua ritualidade e etapas repetitivas se confronta aqui com as trajetórias nem tão lineares e nem tão ascendentes conforme as estórias de vida dos jovens vão apontando. A vontade de ver realizado um projeto de vida instiga os jovens a se deterem no tempo presente ao mesmo tempo em que vislumbram um futuro diferente e melhor para si. As trajetórias e os projetos de vida dos jovens são, portanto, metáforas de experiências que misturam, a um tempo, a linearidade sugerida pelo curso natural da vida e por outro, o tempo cíclico da repetição e do cansaço, este sempre abafado pela crença positiva numa vida melhor.

A vida cotidiana dos jovens pesquisados pode sugerir uma aproximação com a figura geométrica do círculo, à medida que suas rotinas são repetitivas. Por outro lado, a capacidade de conferir significados para suas trajetórias e renovar objetivos se dão na dinâmica da inúmera rede de relações sociais que vão tecendo nessa rotina. Assim, o que poderia ser um trabalho árduo se reveste de sentidos outros que vão sendo alimentados para assim serem fomentadores de novos projetos de vida.

E é desta esperança e da vontade de se tornarem humanos, demasiado humanos que acredito estarem ancorados os projetos de vida destes jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994. 172p.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7.ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP.: Ed. da Universidade de Campinas, 2000. 200p.

ARAÚJO, M. A. Crise do trabalho e inserção ocupacional juvenil. In: ARAÚJO, M^a. N. de O.; RODRIGUES, L. C. (Orgs.). **Transformações no mundo do trabalho:** realidade e utopias. Fortaleza: Editora UFC, 2005. p.109-121. Série Percursos.

ARENDT, H. **A condição humana.** Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 352p.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família.** Trad. Dora Flakman. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981. 279p.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer:** palavras e ação. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 136p. Série Discurso Psicanalítico.

BAJOIT, G.; FRANSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. In: PERALVA, A. T.; SPÓSITO, M. P. (Orgs.). Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação** n.6. ANPED: 1997. p.76-95.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** Trad. Tamás Szmrecsányi e José Vicente Tavares dos Santos. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 178p.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 23.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 248p.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1995. 484p.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In:_____. **Questões de sociologia.** Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.112-121.

_____. **A miséria do mundo.** Trad. Vários tradutores. 4.ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2001. 747p.

_____. **Coisas ditas.** Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234p.

_____. **O Poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 311p.

_____. **Questões de sociologia.** Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208p.

_____. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. 4.ed. São Paulo: Papyrus, 2003. 224p.

_____. Trabalhos e projetos. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água, 2003. p.32-38.

_____. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água, 2003. p.39-72.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água, 2003. p.73-111.

BRANCO, P. P. M. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005. p.129-148.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: **Lei Federal n.º 8.069/90**. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 1990.

CARDOSO, R. C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: _____. **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.95-105.

CARRANO, P. C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ.: Vozes. 2003. 180 p.

_____. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. 233p.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1999. 611p.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 231p.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p.87-121.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o estado: pesquisas de antropologia política**. 5.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. 152p.

COLANGE, C. **Defina uma família**. Trad. Mario Fadelli. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 186p.

COULON, A. **A escola de Chicago**. Trad. Tomás R. Bueno. Campinas, SP: Papyrus, 1995. 135p.

DA MATTA, R. da. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 163p.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 350p.

_____. **Relativizando:** uma introdução à antropologia social. 2.ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1981. 248p.

DAVIS, A. A socialização e a personalidade infantil. In: BRITTO, S. de. **Sociologia da juventude II:** para uma sociologia diferencial. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p.29-52.

DE CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano II:** morar, cozinhar. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2002. 372p.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência:** gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume, 1998. 246p.

DUBAR, C. **A socialização:** construção das identidades sociais e profissionais. Trad. Annette Pierette R. Botelho e Estela Pinto Ribeiro Lamas. Porto: Porto Editora, 1997. Série Ciências da Educação, n.24. 240p.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 245p. Coleção Os Pensadores.

_____. Divisão do trabalho e suicídio. In: RODRIGUES, J. A. (Org.). Trad. Laura Natal Rodrigues. **Èmile Durkheim.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1981. Coleção Grandes Cientistas Sociais. p.73-143.

_____. **As formas elementares de vida religiosa.** Trad. Joaquim Pereira Neto. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1989. 535p.

_____. **As regras do método sociológico.** Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002. 157p.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 201p.

_____. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.2. 277p.

_____. **Mozart:** sociologia de um gênio. Trad. Sérgio Góes de Paula. Org. Michael Schröter. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. 150p.

_____. **Sobre o tempo.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 165p.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 224p.

ENGUITA, M. F. O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In: GENTILI, P.A. A.; SILVA, T.T. da. **Neoliberalismo, qualidade total e educação:** visões críticas. Trad. Tomás Tadeu da Silva. 5.ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1997. p.95-110.

FLITTNER, A. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre juventude. In: BRITTO, S. de. **Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p.37-68.

Forrester, V. **O Horror Econômico**. Trad. Álvaro Lorencine. São Paulo: Unesp, 1997. 154p.

_____. **Uma estranha ditadura**. Trad. Vladimir Safatler. São Paulo: Unesp, 2001. 187p.

FOCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. M^a Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 152p.

_____. **A história da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad. M^a Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 232p.

_____. **A história da sexualidade III: o cuidado de si**. Trad. M^a Tereza da Costa Albuquerque. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 246p.

_____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 18.ed. São Paulo: Graal, 2003. 295p.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 27.ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2003. 262p.

FORTUNA, C. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, da ANPOCS. n. 33, fev., p.127-141, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 213p.

_____. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p.3-21.

_____. “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad, Vera Mello Joscelyne. 6.ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2003. p.85-107.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. 6.ed. São Paulo: UNESP, 1991. 177p.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UESP, 1993. 228p.

_____. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 233p.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. M^a Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2002. 233p.

GORZ, A. **As metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica. São Paulo: Annablume, 2003. 246p.

GUIMARÃES, N. A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005. p.149-174.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 7.ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2000. 224p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8.ed. São Paulo: DP&A, 2003. 102p.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970. V. 2. 121p. Série Interpretações da História do Homem.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho educação cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p.89-114.

LAHIRE, B. **Homem plural**: os determinantes da ação. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2002. 231p.

LAPOUJADE, D. O corpo que não agüenta mais. In: LINS, D.; GADELHA, S. (Orgs.). **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. p.81-90. Coleção Outros Diálogos.

LAUREL, A. C. Avançando em direção ao passado: a política social do neoliberalismo. In: _____ (Org.). **Estado e políticas sociais no neoliberalismo**. Trad. Rodrigo Leon Contrera. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997. p.151-178.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP.: Papyrus, 2003. 240p.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991. 216p. v.24. Série Temas.

LEITE, M. P. Modernização tecnológica e relações de trabalho. In: FERRETI *et al.* **Tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. 2.ed. Petrópolis, R.J.:Vozes, 1994. p.36-53.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 167-182p.

LINS, D. ; GADELHA, S. (Orgs.). **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 290p.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Trad. Alípio de Sousa Filho. Natal: Argos, 2001. 229p.

_____. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Trad. Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003. 199p.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade. In: MAGNANI, J. C. C.; TORRES, L. de L. (Orgs.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 2000. p.15-53.

_____. **Mystica urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999. 143p. Coleção Cidade Aberta.

MALINOWSKI, B. **Malinowski**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 424p. Coleção Os Pensadores.

MANDEL, E. **A crise do capital**: os fatos e sua interpretação marxista. Trad. Juarez Magalhães e João Machado Borges. Campinas, S.P.: Unicamp/Ensaio, 1990. 329p.

MANNHEIM, K. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, S. de (Org.). **Sociologia da juventude I**: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p.69-94.

MATZA, D. As tradições ocultas da juventude. In: BRITTO, S. de. **Sociologia da juventude III**: a vida coletiva juvenil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p.81-106.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974. v.2. 239p.

MAYOL, P. ; DE CERTEAU, M.; GIARD, L. **A invenção do cotidiano II**: morar, cozinhar. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2002. 372p.

MELUCCI, A . Juventude, tempo e movimentos sociais. In: PERALVA, A. T.; SPÓSITO, M. P. (Orgs.). Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, ANPED, n.6, p.5-14, 1997.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: necrose. Trad. Agenor Soares Santos. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. 206p.

_____. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 204p.

NASCIMENTO, E. P. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In: BURSZTYN, M. (Org.) **No meio da rua**: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p.56-83.

OFFE, C. Trabalho: uma categoria-chave da sociologia? In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, da ANPOCS v.4, n.10, jun., p.5-20, 1989.

OLIVEIRA, A. A. O processo de qualificação – desqualificante da força de trabalho: elementos de uma transição para além do capital. In: ARAÚJO, M.N. de O.; RODRIGUES, L. C. (Orgs.). **Transformações no mundo do trabalho: realidade e utopias**. Fortaleza: UFC, 2005. p. 161-198.

OUTEIRAL, J. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. In: WEINBERG, C. (Org.). **Geração delivery: adolescer no mundo atual**. 2.ed. São Paulo: Sá, 2001. p.13-28.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da moeda, 1993. 352p.

_____. **Ganchos, tachos e biscates**. Porto: Âmbar, 2003a. 437p.

_____. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003b. 271p.

PAIVA, V. Qualificação, crise do trabalho assalariado e exclusão social. In: FRIGOTTO, G.; GENTILI, P.(Orgs.). **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**.2.ed. São Paulo: Cortez; Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2001. p.49-64.

PAUGAN, S. **A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza**. Trad. Camila Giorgetti e Tereza Lourenço. São Paulo: Cortez; EDUC, 2003. 331p.

PEREIRA-PEREIRA, P. A. Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar. In: SALES, M. A.; MATOS, M. C.; LEAL, C. L. (Orgs.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. São Paulo: Cortez, 2004. p.25-42.

PERALVA, A . T. O jovem como modelo cultural. In: PERALVA, A. T.; SPÓSITO, M. P. (Orgs.). Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, n.6. ANPED, p.15-24, 1997.

POCHMAN, M. **A inserção ocupacional e o emprego dos jovens**. São Paulo: ABET, 1998. 105p.

_____. **O trabalho sobre fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século**. São Paulo: Contexto, 1999. 205p.

_____. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho educação cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2004. p.217-241.

QUADROS, R.Q. Capacitação tecnológica, revalorização do trabalho e educação. In: FERRETI *et al.* **Tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. 2.ed. Petrópolis, R.J.:Vozes, 1994. p.93-123.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992. 275p.

RIBEIRO, R. J. Democracia versus república: a questão do desejo nas lutas sociais. In: BIGNOTTO, N. (Org.). **Pensar a república**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000. p.13-25.

_____. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs). **Juventude e sociedade: trabalho educação cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p.19-34.

RICHARDSON, D. Homossexuais jovens. In: RICHARDSON, D.; HART, J. **Teoria e prática da homossexualidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p.227-235.

RIVIERE, C. **Os ritos profanos**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1996. 326p.

RODRIGUES, L. C. **Universidade e Passagem**. Campinas, S.P.: Mimeo, 43p., 1991.

_____. **Rituais na Universidade**. Campinas, S.P.: CMU, 1997. 266p.

SAHLINS, H. **Cultura e razão prática**. Trad. Sérgio Tadeu Niemayer Lamarão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 230p.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 1996. 128p.

SCHUTZ, A. Fenomenologia e relações sociais. In: WAGNER, H. (Org.). **Fenomenologia das relações sociais**. Trad. Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 319p.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Trad. M^a de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 164p.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Trad. Marcos Santarrita. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 204p.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.11-25.

TAKEUTI, M.N. **No outro lado do espelho: a fratura social e as pulsões juvenis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal: UFRN, 2002. 345p.

TEIXEIRA, C. C. Introdução. In: TEIXEIRA, C. C. (Org.). **Em busca da experiência mundana e seus significados - George Simmel, Alfred Schutz e a antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p.9-33.

TOLEDO, E. de la G. Neoliberalismo e Estado. In: LAUREL, A. C. (Org.). **Estado e políticas sociais no neoliberalismo**. Trad. Rodrigo Leon Contrera. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997. p.71-89.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1978. 161p.

VALITUTTI, S. Uma revolução juvenil. In: BRITTO, S. de (Org.). **Sociologia da juventude III: a vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. 146p.

VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 150p.

_____. Observando o familiar. In: NUNES, E. (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.36-46.

_____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 137p.

VENTURI, G.; BOKANY, V. Maiorias adaptadas, minorias progressistas. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005. p.351-368.

WATT, I. P. **Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe**. Trad, Mario Prates. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 316p.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001. 224p.

_____. **Sociologia**. Trad. Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 3.ed. São Paulo: Ática, 1986. 167p.

ZALUAR, A. **A máquina e a Revolta**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. 265p.

_____. **Cidadãos não vão ao Paraíso**. Campinas: Unicamp, 1994. 208p.

_____. **Desvendando Máscaras Sociais**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. 263p.

_____. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, R. C. L (Org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.107-125.